

GERALDINE BROOKS

NOVE PARTES DO DESEJO

O MUNDO SECRETO DAS
MULHERES ISLÂMICAS



3ª EDIÇÃO



GRYPHUS



Sinopse

Nove Partes do Desejo: o Mundo Secreto das Mulheres Islâmicas é a história da intrépida jornada de Brooks visando ao entendimento das mulheres por detrás dos véus, e das muitas vezes contraditórias forças políticas, culturais e religiosas que moldam suas vidas.

No Irã fundamentalista, Brooks aceita um convite para tomar chá com a viúva do aiatolá – e descobre que a Sra. Khomeini pinta os cabelos. Na Arábia Saudita, ela dribla a rigorosa segregação dos sexos e assiste a uma bacanal, desmascarando a hipocrisia dessa sociedade dominada por homens. Na Etiópia em guerra, ela observa enquanto uma ginecologista trata de mulheres que sofreram mutilação genital, justificada por uma interpretação distorcida do Islã.

Em vilarejos e grandes cidades no Oriente Médio, ela revela o feminismo que surgiu por detrás da proteção do xador e faz outras descobertas surpreendentes que desafiam os estereótipos do mundo muçulmano.

Nove Partes do Desejo é muito mais do que um trabalho cativante de reportagem: é também uma análise perspicaz da religião de maior crescimento no mundo, demonstrando como os textos sagrados do Islã foram mal usados de forma a justificar a repressão das mulheres. Afinal, foi o líder xiita Ali que proclamou: “Deus criou o desejo sexual em dez partes: então ele deu nove partes às mulheres”.

Geraldine Brooks

NOVE PARTES DO DESEJO:

O MUNDO SECRETO DAS MULHERES ISLÂMICAS

Título original: Nine parts of desire

Tradução: Luis Leiria

Editora Griphus, 2002

Este e-book:

Scan: jbatista

Edição: SCS

SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[1. O Véu Sagrado](#)

[2. Aquela Que Nenhum Homem Terá Deflorado Antes](#)

[3. Lá Vêm as Noivas](#)

[4. As Mulheres do Profeta](#)

[5. Conversões](#)

[6. A "Jihad" Também é para as Mulheres](#)

[7. Uma Rainha](#)

[8. A Aquisição de Sabedoria](#)

[9. Negócio Arriscado](#)

[10. Política, Com e Sem Eleição](#)

[11. Os Jogos Muçulmanos Femininos](#)

[12. Um Tamborileiro Diferente](#)

[13. Conclusão: Cuidado com o Dogma](#)

[Glossário](#)

[Bibliografia Seleccionada](#)

PRÓLOGO

"Dize: Amparo-me no Senhor da Alvorada;
do mal de quem por Ele foi criado."

Alcorão
Surata da Alvorada

O recepcionista do hotel pegou o cartão de reserva.

"Mr. Geraldine Brooks", leu. "Mas a senhora é uma mulher."

Sim, concordei, era isso mesmo.

"Lamento, mas o funcionário que fez a reserva cometeu um erro."

"Tudo bem", disse. "É só acrescentar um s, e fica 'Mrs.'"

"Não", ele disse. "A senhora não entendeu. Não posso dar-lhe um quarto. É contra a lei sobre as mulheres."

Olhei de relance o iluminado saguão do hotel. "E elas?", disse, apontando com a cabeça para duas mulheres sauditas de manto preto que se encaminhavam para o elevador.

"Elas estão com os maridos", explicou o recepcionista. "Na Arábia Saudita, uma mulher não viaja sozinha. Não há razão para isso. A menos que seja uma prostituta."

Houve uma época — um, dois anos antes — em que eu teria perdido a paciência. Naquele dia, porém, apenas suspirei e me afastei do balcão da recepção. Eram 11 horas da noite. Não conhecia ninguém na cidade de Dahrán. Podia tomar um táxi de volta para o aeroporto e esperar pela manhã numa de suas cadeiras de plástico. Mas não havia táxis na entrada do hotel. Os sofás do saguão deserto do hotel pareciam convidativos demais. Acomodei-me atrás de um vaso de plantas e tirei meu xador preto da mala para usar como cobertor. Estava fechando os olhos quando o recepcionista tossiu atrás de mim. "A senhora não pode ficar aqui."

Com tranquilidade, fiz-lhe ver que não tinha para onde ir.

"Então", ele disse, "vou ter que chamar a polícia."

A delegacia de polícia de Dahrán tinha bancos duros e luzes fortes, iguais a

qualquer outra delegacia. A única diferença era que os detetives vestiam *thobes* longos e brancos. Já tinha estado várias vezes em delegacias, mas sempre para apresentar uma queixa. Esta era minha primeira visita como criminosa.

Atrás de uma mesa, um jovem policial remexia nos meus documentos de identidade. Eu tinha credenciais da Austrália, Inglaterra, Egito, Iraque, Jordânia, Estados Unidos e Iêmen. Tinha passes para reuniões de cúpula árabes e palácios presidenciais. Tinha até um crachá de imprensa do próprio Ministério da Informação Saudita. O policial olhou-os todos com atenção. Primeiro, alinhou-os verticalmente, depois horizontalmente. Depois empilhou-os cuidadosamente, como se fosse avaliá-los pela altura. Finalmente olhou para cima, pousando a vista num trecho da parede bem acima da minha cabeça. Como muitos muçulmanos rigorosos, ele não queria correr o risco de se corromper olhando para uma mulher estranha. Quando falou, dirigiu-se a mim na terceira pessoa. "Creio que a senhora não esteve muito tempo na Arábia Saudita. Ela não conhece nossos costumes." Retomando seu monótono estudo de meus documentos, retirou um dos passes da pilha e balançou-o entre o indicador e o polegar. "Este", disse, esboçando um sorriso triunfante, "perdeu a validade ontem."

Mais tarde, nas primeiras horas da manhã, o policial devolveu-me os documentos, juntando-lhes uma permissão para passar as próximas horas num hotel. De trás do balcão, o recepcionista chamou um mensageiro filipino para me mostrar o quarto. Ficava num andar completamente vazio. Um guarda armado fazia a ronda perto do elevador.

"Eles devem pensar que eu sou perigosa", murmurei. O mensageiro não sorriu.

"Eles acham que todas as mulheres são perigosas", respondeu, deixando minha mala junto à entrada do quarto e batendo retirada sob o olhar vigilante do guarda.

Estendi-me sobre a cama, olhando para o plástico colado ao espelho, com uma seta mostrando aos muçulmanos para onde deveriam se voltar quando fizessem suas orações. Quase todos os quartos de hotel em que ficara nos últimos três anos tinham uma seta semelhante - afixada à penteadeira, pregada a uma cortina, presa ao teto. Faltavam apenas alguns minutos para a alvorada. Fui até a janela e esperei. Quando um pálido disco de luz insinuou-se sobre um horizonte azul e enevoado, o silêncio foi quebrado, como em todas as manhãs dos últimos 1.300 anos.

"Venham rezar!", lamuriaram os *muezzins* das centenas de mesquitas da

cidade. "É melhor orar que dormir!" À medida que o sol avançava lentamente para o oeste, um bilhão de muçulmanos faria o mesmo que os cidadãos de Dahrán naquele momento: levantar-se-iam da cama e se curvavam em direção a Meca, cerca de 700 milhas a oeste de meu quarto de hotel.

O motivo daquela minha noite insone estava naquela cidade deserta. Eu não podia me hospedar num hotel saudita em 1990, porque 1.300 anos antes um habitante de Meca chamado Maomé tivera problemas com suas mulheres.

O profeta do Islã adorava mulheres. Ele casou com sua primeira esposa quando tinha 25 anos. Analfabeto, órfão e pobre; nunca esperara receber um pedido de casamento de sua patroa, Khadija, uma rica negociante pelo menos 10 anos mais velha e que o contratara como gerente de sua empresa de comércio internacional. Apesar de não ser muito habitual as mulheres proporem casamento aos homens na cultura de Meca, Khadija estava entre as que tinham influência para fazê-lo. Ela deu-lhe dinheiro, *status* e quatro meninas — seus únicos filhos que sobreviveram à infância. O *ayatollah* Ruollah Khomeini, o rei Hussein da Jordânia e os milhares de *sheiks* e *mullahs* que hoje usam o turbante negro que indica a descendência do profeta, todos eles remontam sua linhagem a uma dessas filhas.

Foi para Khadija que Maomé se arrastou, tremendo, a primeira vez que ouviu a voz do arcanjo Gabriel pronunciando a palavra de Deus. Temendo por sua sanidade, Maomé surpreendeu-se repetindo as primeiras palavras do Alcorão — que significa apenas "A Recitação" ou "A Leitura". Depois engatinhou em direção à esposa e jogou-se no seu regaço. "Cubra-me! Cubra-me!", gritou, pedindo que o protegesse do anjo. Khadija garantiu-lhe que não perdera a razão, encorajou-o a confiar na visão e foi a primeira a se converter à nova religião cujo nome, Islã, significa "a submissão".

A mensagem do islã chegou à Arábia no século VII, um tempo em que as meninas recém-nascidas, de pouca valia para uma cultura de pastores rudes e nômades, eram abandonadas na areia para morrer. No mercado de escravos de Meca, soldados vendiam as mulheres cativas que haviam ganho como espólio de guerra. Mas algumas mulheres, como Khadija, tinham dinheiro e influência para escolher seus maridos e traçar o rumo de suas próprias vidas.

Durante 34 anos, Khadija foi a única mulher de Maomé. Só depois de sua morte, nove anos depois daquela primeira visão, é que ele começou a ter revelações divinas sobre o estatuto da mulher. Assim, Khadija, a primeira mulher

muçulmana, nunca teve de usar véu nem ficar confinada, e nunca viveu para ouvir a palavra de Deus proclamando que "os homens comandam as mulheres, porque Deus fez com que um prevaleça sobre o outro e porque eles gastam de sua propriedade [para sustentá-las]". Uma revelação como esta saindo dos lábios de Maomé teria parecido estranha se Khadija ainda estivesse viva e pagando as contas do marido.

Seis anos após sua morte, e depois de uma batalha entre os muçulmanos e a tribo dominante de Meca, que deixara viúvas cerca de 65 mulheres muçulmanas, Maomé teve a revelação que autorizava os homens a tomarem até quatro esposas: "Casa com a mulher que te pareça boa, duas ou três ou quatro, e se temeres não poder fazer justiça [a tantas] então casa com uma [apenas]". Precisando fazer alianças, através do casamento, com inimigos derrotados, ele teve posteriormente nova revelação isentando-se do limite de quatro mulheres. Cada vez que esposava uma nova mulher, um quarto para ela era acrescentado em sua casa perto da primeira mesquita do Islã. Os quartos aumentaram gradualmente até abrigarem oito ou nove mulheres.

Logo veio o ciúme, a intriga e o escândalo. Parentes de esposas de menor importância conspiravam para desacreditar as favoritas do profeta. Inimigos da nova religião assediavam as mulheres do profeta. Qualquer pequeno incidente era pretexto para mexericos. Uma esposa roçou a mão de um convidado homem quando lhe estendia um prato de comida; outra fez um comentário rude quando se dirigia, de noite, à latrina externa; uma terceira causou inúmeras controvérsias porque seu primeiro marido fora Zaid, um filho adotivo de Maomé.

Logo após esses incidentes, Deus enviou a seu profeta uma mensagem em que lhe ordenava que confinasse suas mulheres. Algumas das esposas haviam sido enfermeiras no campo de batalha; outras tinham pregado a nova fé na mesquita; agora, elas teriam de manter-se escondidas atrás das cortinas de seus quartos, apenas podendo sair encobertas da cabeça aos pés.

Gradualmente, as regras destinadas a salvaguardar o prestígio das esposas do profeta foram sendo aplicadas a outras mulheres muçulmanas. À medida que a mensagem islâmica se espalhava pela Arábia e terras vizinhas, a idéia do confinamento encontrou uma audiência fácil. Ao contrário dos árabes, os persas já há muito segregavam as mulheres: na antiga Assíria, as esposas dos nobres usavam véus como sinal de *status*, enquanto as mulheres das classes baixas eram obrigadas a andar descobertas. Uma escrava surpreendida usando véu podia ser castigada derramando um balde de piche sobre a sua cabeça. Estes costumes facilmente penetraram no coração do Islã árabe e aí perduraram. Na Arábia

Saudita, a maioria das mulheres ainda vive escondida do mundo. Uma mulher não pode hospedar-se num moderno hotel saudita porque, tal como as esposas do profeta, ela precisa ficar confinada em casa.

Mas a poucos quilômetros dali, através do deserto invisível, essas regras deixaram de ser aplicadas. No vizinho Estado dos Emirados Árabes Unidos, mulheres-soldado muçulmanas, com o cabelo preso sob véus islâmicos, pulam de helicópteros e empunham fuzis de assalto. Um pouco mais longe, do outro lado do Golfo Pérsico, os rígidos muçulmanos do Irã votam em mulheres para o Parlamento e enviam-nas para o exterior como diplomatas. O Paquistão foi o primeiro país islâmico a eleger uma mulher primeira-ministra, e em Bangladesh são mulheres tanto a primeira-ministra quanto a líder da oposição. Em vez de aderirem às regras destinadas às esposas do profeta, essas mulheres citam outras atribuições da história dos primórdios do Islã. As mulheres-soldado lembram Nusaybah, que ajudou a salvar a vida de Maomé numa batalha, mantendo-se firme ao seu lado quando os soldados homens fugiram. As políticas citam Fátima, a tímida filha de Maomé, que foi a ponta-de-lança de uma luta pelo poder depois da morte do profeta.

O Islã não precisava significar opressão da mulher. Então, por que havia tantas mulheres muçulmanas oprimidas?

Fui viver entre as mulheres do Islã numa quente noite de outono em 1987. Cheguei como uma jornalista ocidental, vivendo das notícias do dia-a-dia. Precisei de quase um ano para compreender que chegara num momento em que os acontecimentos do século VII tinham começado a ter muito mais importância para as pessoas com quem eu vivia que qualquer outra notícia dos jornais.

Foi uma mulher muçulmana, Sahar, que me deu a primeira pista.

Sahar já trabalhava há dois anos como assistente no escritório do Cairo do *The Wall Street Journal*, quando eu cheguei lá para ser a correspondente do Oriente Médio. Meu primeiro ano no Egito foi marcado pelo tamborilar sincopado de seus saltos altos, abrindo caminho nas calçadas esburacadas do Cairo. Ela tinha 25 anos, seis menos que eu, mas tinha pelo menos uma década de avanço em matéria de postura e sofisticação. Seu inglês era formal e preciso, assim como sua forma de se vestir. Qualquer que fosse a reportagem que estivéssemos fazendo — o desmoronamento de um edifício num bairro pobre, o vazamento de esgoto nas Pirâmides — Sahar parecia sempre estar vestida para uma *soirée*. Sua maquiagem era tão espessa que teria sido necessária uma

escavação arqueológica para determinar qual era sua real aparência. Seus penteados precisavam de andaimes. Quando caminhava ao lado dela, desajeitada nos meus tênis, eu me sentia como um pardal fazendo companhia a um pavão.

O pai de Sahar trabalhava para uma companhia americana no Cairo. Ela passara um ano nos Estados Unidos, num programa de intercâmbio universitário, e fora a melhor da classe ao formar-se na Universidade Americana do Cairo. Queria ir para Harvard. Sahar era ao mesmo tempo tranquilizadamente familiar e desanimadoramente pouco exótica. Eu imaginara o Oriente Médio diferente. Emires de roupas brancas. Persas de olhos amendoados. Camelos marcando o horizonte como arabescos da caligrafia árabe. Uma *yuppie* egípcia não fazia parte da cena.

Também no trabalho era difícil encontrar o Oriente Médio que imaginara. Descobri-me enredada nos mosqueiros do funcionalismo árabe, sentada nos salões dourados de assessores de segundos secretários de ministros da informação, bebericando finas taças de café aromatizado de cardamomo e ouvindo mentiras. Esses homens — urbanos, educados no exterior — não tinham problemas para falar com uma mulher ocidental. Mas nas ruas, entre as pessoas comuns, que mais me interessava conhecer, a maioria dos homens só fala com as mulheres com quem têm algum parentesco. Para eles, ser abordado por uma repórter solitária, ou criava embaraço, ou dava uma oportunidade para testar a conjectura amplamente aceita de que todas as mulheres ocidentais são prostitutas. Eu odiava o tipo de reportagem que estava sendo forçada a fazer: entrevistas com chefes de Estado, as empoladas opiniões sobre a política do Oriente Médio. Quisera ser correspondente no Oriente Médio em busca de risco e de aventura. Mas o maior risco que estava enfrentando era me aborrecer mortalmente.

Tony, meu marido, que largara seu trabalho em um jornal para me acompanhar trabalhando como *free-lancer*, não estava tendo esse problema. Poucas semanas depois de nossa chegada, olhei sobre o ombro de Sahar, que cortava meu último artigo — "Reconciliação entre Iraque e Síria Parece Frágil" — e o colocava numa pasta junto com o de Tony — "Corpo de Camelos do Egito Cruza o Deserto Perseguindo Contrabandistas". Tony conseguira acompanhar uma patrulha com o último corpo de camelos do Egito. O exército nunca aprovaria que uma mulher fosse numa missão como essa. Nas águas juncadas de minas do Golfo Pérsico, Tony viajou num barco de abastecimento e voltou cheio de histórias de Omani, o pescador de turbante, de embarcações ao estilo de Simbad e de contrabandistas de tapetes persas. Eu não podia acompanhá-lo: o agente de navegação nunca mandaria uma mulher para o mar.

Durante quase um ano, atormentei-me e rebele-me sem sucesso contra as portas fechadas do Oriente Médio. Até que, graças a Sahar, consegui ver a janela que estava aberta só para mim. Eu e Sahar trabalhávamos lado a lado num grande e iluminado quarto do meu apartamento perto do Nilo. Quando eu não estava viajando, sentávamos a mesas distantes poucos centímetros. Enquanto eu escrevia minhas matérias, Sahar traduzia passagens da imprensa árabe, agendava encontros ou cuidava de meus vistos. Depois de cerca de um ano de trabalho com ela, achava que já nos conhecíamos bem.

Até que, uma manhã, no início do Ramadã, o mês sagrado em que os muçulmanos jejuam do amanhecer ao anoitecer, abri a porta e me deparei com uma estranha. O sofisticado penteado desaparecera, envolto por um severo lenço azul. A maquiagem fora lavada e os vestidos de estilo substituídos por uma bata deselegante. Sahar adotara o uniforme de uma fundamentalista muçulmana. Era como olhar um filme sobre a natureza passando ao contrário: ela encolhera suas asas brilhantes e se recolhera a um feio casulo.

Seria impossível viver um ano no Oriente Médio sem ouvir o trovejar do ressurgimento religioso. Da Península Arábica ao Norte da África, cada vez mais mulheres cobriam o cabelo, mais homens deixavam as barbas crescer e procuravam as mesquitas. Eu já concluía que a virada para Islã era uma escolha desesperada do povo pobre procurando o consolo dos céus. Mas Sahar nem era pobre nem estava desesperada. Na sociedade egípcia meticulosamente disposta em camadas, ela pertencia a algum lugar perto da estratosfera.

Nessa manhã de Ramadã, fiquei parada na porta, fitando-a de olhos arregalados. As mulheres egípcias tinham sido as primeiras do Oriente Médio a *jogar fora* o véu. Em 1923, regressando de uma conferência de mulheres sufragistas em Roma, as pioneiras feministas árabes Huda Sharawi e Saiza Nabarawi arrancaram os véus na estação de trem do Cairo e muitas mulheres da multidão que viera recebê-las fizeram o mesmo. A mãe de Sahar, que crescera sob a influência de Sharawi e suas seguidoras, nunca usara um véu.

O vestido islâmico — o *hijab* — que Sahar tinha decidido vestir no sufocante calor do Egito significava a concordância com um código legal que estabelecia que seu testemunho valia metade do de um homem, que tinha um sistema de herança que lhe destinava metade do legado a seu irmão, com um futuro de vida doméstica em que o marido podia bater-lhe se ela lhe desobedecesse, podia dividir suas atenções com outras três mulheres, divorciar-se dela por capricho e obter a absoluta custódia dos filhos.

Durante essas semanas do Ramadã, passei horas conversando com Sahar

sobre sua decisão. Em resposta, ela declamava o *slogan* da Jihad Islâmica e da Irmandade Muçulmana: "O Islã é a resposta." A questão, sem dúvida, era muito clara: como podia seu terrivelmente pobre país continuar a alimentar, educar e dar emprego a uma população que aumentava um milhão a cada nove meses? Flertes com o capitalismo e o socialismo não tinham impedido o declínio econômico do Egito. O movimento islâmico queria abandonar essas ideologias recentemente importadas e seguir o sistema estabelecido há tanto tempo pelo Alcorão. Se Deus tinha-se dado ao trabalho de revelar um código completo de leis, ética e organização social, argumentava Sahar, por que não seguir esse código?

Ela tinha entrado num grupo de estudo de mulheres numa mesquita local e fora muito influenciada pela jovem instrutora. "Eu ia ficar ali sentada lendo no Alcorão sagrado que a mulher deve se cobrir, e depois sair para a rua com os braços nus", explicava. "Parecia-me que estava vestida daquela forma só porque era ocidental. Por que imitar tudo do Ocidente? Por que não tentar algo que é nosso?"

Esse "algo" tomou muitas formas. Extremistas atacaram a estrada das pirâmides, incendiando os clubes de turistas que serviam bebidas alcoólicas. No Egito rural, um sheik exigiu que fosse proibida a venda de abobrinhas e berinjelas, porque cozinhar os longos e carnudos vegetais podia trazer à mulher pensamentos libidinosos. No Cairo, um escritor que ridicularizou esse pronunciamento foi baleado e morto à porta de seu escritório. Mas quando um terremoto abalou a cidade, os fundamentalistas montaram barracas de campismo e cozinhas ao ar livre para auxiliar os flagelados com uma rapidez e piedade que superaram a ação do governo.

Com o passar das semanas, Sahar mergulhou mais profundamente na sua nova identidade. Comecei a ajustar minha vida secular para conciliá-la com a dela, abrindo mão do café nas manhãs do Ramadã para que o aroma não tornasse mais difícil o seu jejum; caminhava pé ante pé quando ela fazia as orações do meio-dia numa esteira estendida na nossa sala. Havia armadilhas por todos os lados. "O que é cereja em marasquino?", perguntava Sahar, olhando com suspeita a lista de ingredientes de uma caixa de chocolates. "Não posso comer nada que tenha álcool." Pouco a pouco familiarizei-me com os ritmos e tabus de sua nova vida. Os nomes que evocavam seus dias de festa abriram caminho no nosso calendário: a Noite do Poder; a Festa do Sacrifício, a *Hajj*.

Sahar parecia sentir-se bem com sua nova identidade. "Passei a maior parte da noite costurando", explicou, uma manhã em que chegou com olheiras. Agora

que ela adotara o *hijab*, tinha desistido da maioria de seus brilhantes vestidos. Mas não quisera abandonar todo o guarda-roupa. "Tudo tem alguma coisa errada — uma fenda atrás, um corpete apertado — dá realmente muito trabalho recuperar algumas roupas."

O *hijab*, explicou, dava-lhe segurança nas movimentadas ruas do Cairo. "Nunca se ouviu falar de garotas usando véu que fossem estupradas." De fato, era pouco comum ouvir falar sobre algum estupro no Cairo, onde os crimes violentos de todos os tipos eram raros para os padrões das cidades ocidentais. Mas mão-boba ou comentários indecentes eram um risco, principalmente nas quadras mais apinhadas, e especialmente para as mulheres usando roupas ocidentais.

Sahar descobriu que o *hijab* também lhe dava acesso a uma rede especial de mulheres. Conseguir autorizações e entrevistas nos departamentos do governo ficava mais fácil quando ela divisava mulheres com véu entre os burocratas que lá trabalhavam. Querendo ver uma irmã islâmica obter sucesso no seu emprego, elas davam a seus pedidos um impulso preferencial. Ao mesmo tempo, ela sentiu mais facilidade em tratar com os homens. "Eles têm de lidar com o meu pensamento, não com o meu corpo", disse.

A roupa era só o começo, explicou. Os elevadíssimos índices de criminalidade do Ocidente, as famílias de pais desquitados, a negligência para com os mais velhos eram para Sahar provas da falência de nossos costumes seculares. Na raiz de tudo isso estava, para ela, a insistência das feministas ocidentais na igualdade dos sexos que ignorava a natureza essencial da mulher. "O Islã não diz que a mulher é inferior ao homem; diz que é diferente", argumentou, tentando explicar a proibição de juízas em alguns tribunais islâmicos. "As mulheres são mais emocionais que os homens porque Deus as designou para tomar conta dos filhos. Por isso, no tribunal, uma mulher pode ser misericordiosa quando a lógica exige dureza."

Falar com Sahar me deu um sentimento de *déjà vu*. Um dia, quando estudava como interna na Escola Católica de Sidney, aos 14 anos, a madre superiora nos reuniu em assembléia e nos admoestou severamente. Algumas de nós tinham sido vistas na rua usando as blusas do uniforme sem o blazer. As blusas, disse a madre, eram indecentes, porque os rapazes conseguiam ver as formas de nossos seios. O uniforme escolar incluía um blazer, e se alguma de nós se aventurasse fora dos muros da escola sem ele, ela saberia que tipo de meninas nós éramos. A mesma madre insistia que usássemos chapéus na igreja. Citando São Paulo, ela disse que a mulher, como instrumento da expulsão do

homem do Paraíso, não devia aparecer descoberta na casa do Senhor.

Eu achava a madre um fóssil. Deixei de ir à igreja logo que compreendi como arruinava a vida das mulheres a proibição do controle da natalidade e do divórcio que o Catolicismo queria impor. Sahar, uma mulher da minha geração, fizera o caminho oposto. Algo estava acontecendo, e decidi tentar entender o que era.

Comecei pelo árabe, o idioma do Alcorão. Apenas um em cada cinco muçulmanos é árabe; mas o árabe é a língua que os mais de um bilhão de muçulmanos de todo o mundo — um quinto da população mundial — usam para falar com Deus.

O idioma árabe é tão tribal quanto a cultura do deserto que o criou. Cada palavra puxa uma hoste de outras subordinadas que têm o mesmo grupo de consoantes de três letras na raiz. Use quase qualquer palavra em árabe, e uma multidão de significados indesejados irrompe na conversa. Aprendi que uma das palavras usadas para mulher, *hormah*, tem a mesma raiz que "sagrado, sacrossanto", e "pecaminoso, proibido." A palavra que significa mãe, *umm*, é a raiz para as expressões "fonte, nação, misericórdia, primeiro princípio, colheita rica; estúpido, analfabeto, parasita, de fraco caráter, sem opinião." No início era o verbo, e o verbo, em árabe, era magnificamente ambíguo.

Essa natureza do idioma árabe significava que era impossível conseguir uma tradução precisa do Alcorão. Em pouco tempo, eu tinha como referência duas traduções inglesas bem diferentes — a de George Sale, mais sensível ao lado poético da obra, e a de Mohammed Marmaduke Pickthall, mais precisa em relação ao que o texto realmente diz sobre sexo e casamento, trabalho e guerra santa. Mas mesmo quando a linguagem estava clara, a mensagem parecia muitas vezes confusa. "Respeita as mulheres, que te deram à luz", diz o Alcorão. Mas se as esposas forem desobedientes, "repreende-as, manda-as para camas separadas, e flagela-as." Para tentar conciliar instruções tão conflitantes, fui a aulas nas novas escolas religiosas para mulheres que brotavam em toda a região e aprendi sobre dezenas de mulheres que moldaram a história antiga do Islã. Uma vez mais, ambivalência, Mulheres atrás das cortinas do isolamento; mulheres na vanguarda da guerra santa islâmica.

Enquanto isso, no Afeganistão, Argélia e Sudão, os fundamentalistas lutavam pelo poder. No Egito e na Jordânia, poderosas minorias empurravam os governos para a *sharia* —literalmente, a via para o poço, ou o estrito caminho da lei islâmica. Muçulmanos imigrantes do Ocidente também faziam exigências: proibam os livros ofensivos, deixem nossas filhas usar véus na escola, façam

separação de sexos nas salas de aula.

Seria possível invocar as mensagens positivas do Alcorão e da história islâmica, e imaginar algum tipo de feminismo muçulmano? Poderiam os fundamentalistas islâmicos conviver com liberais ocidentais, ou a tentativa de harmonizar os dois significaria obrigar ambos a abrir mão de seus princípios?

Para encontrar as respostas, eu fiz algo tão óbvio que nem podia acreditar que tivesse demorado um ano para pensar nisso: comecei a falar com as mulheres.

1. O VÉU SAGRADO

"Dize às mulheres crentes que recatem seus olhares,
conservem seus pudores e não mostrem seus
ornamentos, além dos que aparecem; que cubram o
peito com seus véus."

Alcorão

Surata da Luz

No ônibus lotado de mulheres que avançava cuidadosamente pelo trânsito de Teerã em direção à residência de Khomeini, eu era a única que não estava chorando. Lentamente, chegamos à parada numa alameda cheia de bandeiras negras. O som dos lamentos ganhou volume, como uma chaleira de água fervendo. No final da alameda ficava a casa de Khomeini e uma *husseinya* adjacente, onde ele orara e pregara até pouco antes da morte, cinco semanas antes. Encharcada de suor e tentando não tropeçar no meu xador, saí do ônibus e juntei-me à compacta multidão de preto que abria caminho pela alameda entoando cânticos de dor: "Oh! Khomeini! Oh! Imã!".

Na nossa frente, um grupo de homens entrou na *husseinya*. Eram operários fabris da cidade de Mashad, que esfregavam os rostos manchados de lágrimas com as mãos calejadas. A tribuna de onde Khomeini costumava falar fora apressadamente envidraçada depois de sua morte, porque os fiéis pulavam a grade para beijar e acariciar sua cadeira. Nosso grupo desviou-se da *husseinya* para uma entrada protegida por cortinas e flanqueada por guardas revolucionárias femininas. Sob seus xadores — grandes peças de tecido preto jogados sobre as cabeças e caindo até os tornozelos —, as guardas, tal como os colegas homens, vestiam o uniforme verde-oliva com o emblema de um rifle, o Alcorão e um punho cerrado. Atrás das cortinas, a viúva de Khomeini esperava-nos para servir o chá.

Num canto do velho pátio cimentado, ela sentou-se ladeada pela filha e a nora. Com os xadores apertados em torno de si, pareciam um trio de balizas esperando a bola de boliche. Khadija, a mulher de Khomeini, de 75 anos, tinha o rosto enrugado e amável de uma avó e me observava através de óculos de aros metálicos enquanto estendia a mão nodosa para cumprimentar-me. Quando tomou minha mão e a apertou gentilmente, o xador escorregou para trás revelando alguns centímetros de raízes brancas sob um emaranhado de caracóis cor de cenoura. Até a morte do marido, Khadija pintara os cabelos.

Por uma ou outra razão, eu nunca pensara que o *ayatollah* de rosto glacial tivesse uma esposa — e muito menos com cabelos pintados de vermelho. Também nunca o imaginara com os simpáticos bisnetos que irromperam, rindo, à nossa volta, pelo pátio coberto por tapetes. "Eu sei que ele parecia muito sério, mesmo zangado", disse Zahra Mostafavi, a filha de Khomeini, de 47 anos. "Mas não era assim conosco. Ele brincava muito com as crianças. Costumava até deixar-nos esconder sob suas vestes quando brincávamos de esconde-esconde."

Segundo Zahra, Khomeini fora um homem bastante sensível, da Nova Era, levantando-se de noite quando seus cinco filhos eram crianças, revezando-se com a mulher para lhes dar a mamadeira e nunca lhe pedindo para fazer nada para ele — "nem sequer trazer um simples copo de água." As fotos de família circulando mostravam o *ayatollah* rindo alegremente enquanto um garoto de mãos roliças mirava a boca do bisavô com uma colher cheia de comida.

Ficamos agachadas em volta dos familiares de Khomeini e em cima dos tapetes persas vermelhos espalhados sobre o cimento. "Os tapetes foram todos emprestados. A família não possui nada desta qualidade", explicou um dos guardas revolucionários que trabalhara como ajudante doméstico e guarda-costas de Khadija durante seis anos. Ela ofereceu-nos tâmaras e fatias de melancia, em pratos de plástico com desenhos de patos. "Desculpem-nos se as recebemos desta forma tão simples", disse Khadija. "Mas durante seus 87 anos de vida, meu marido insistiu na simplicidade."

Ruhollah, um pobre estudante de teologia da poeirenta cidade de Khomein, tinha 27 anos quando pediu a mão de Khadija Saqafi, de 15. O pai, um *ayatollah* importante (a palavra, que significa "reflexo de Deus", é aplicada aos mais eruditos membros do clero xiita), não tinha uma opinião favorável ao enlace. Mas Khadija pensava de outra maneira. Ela espiara seu pretendente quando, envolvida num xador, lhe trouxera uma xícara de chá. Convenceu o pai a concordar com o casamento depois de lhe contar um sonho em que os profetas proclamavam Ruhollah de Khomein como predestinado a ser um grande líder religioso.

Foi sua única mulher. A vida pública dela fora tão discreta que a maioria dos iranianos nem sabiam seu nome real. "Alguém uma vez se enganou e escreveu que ela se chamava Batul, que na realidade era o nome da empregada", explicou Zahra. "Minha mãe detesta ser chamada de Batul." Ainda assim, o nome acabou ficando porque o *ayatollah* não queria chamar a atenção sobre sua mulher pedindo uma correção. Mas apesar de seu anonimato, as pessoas mais próximas do círculo familiar sabiam que a influência de Khadija era importante. Maridos que queriam ser ouvidos por Khomeini, mesmo sobre assuntos de política de Estado, pediam às esposas que comentassem a questão com Khadija.

A casa simples de dois pisos de Khomeini fazia um forte contraste com o opulento palácio de mármore verde do antigo xá, onde funciona atualmente o Museu da Reconversão e Admoestação. Na casa de Khomeini, a tinta verde soltava-se das paredes e uma cortina rasgada balançava na janela. Num quarto quase vazio, as finas esteiras que serviam de camas estavam enroladas e

empilhadas num canto. Na cozinha, um fogão antiquado e um bule elétrico eram os únicos eletrodomésticos. "Uma vez, quando o imã viu que duas sementes de romã tinham caído na pia, chamou-me a atenção para não desperdiçar comida", disse o guarda revolucionário que estivera nos aguardando. "Ele sempre nos lembrava de apagar as luzes quando saíamos de um quarto."

Cada pequena reminiscência trazia nova enchente de lágrimas das outras convidadas. Uma das que mais alto chorava, militante do Hezbollah — o Partido de Deus — do Líbano, levantou-se e começou um discurso emocionado de agradecimento à viúva por nos receber nos recintos sagrados da residência do imã. "Oh! Deus, por favor, dai-nos resignação!", soluçou. "Viemos a este lugar onde o grande imã respirava. Reunimo-nos neste local sagrado para mostrar nossa lealdade a seu caminho."

De uma mesquita vizinha, soava o chamado para as orações do entardecer, mostrando-nos que a recepção terminara. Num canto, Khadija já se levantara e encaminhava-se para as abluções antes da oração. No ônibus, de volta ao trânsito, a mulher do Hezbollah ainda discursava: "Temos que dividir nossas vidas em duas partes — antes e depois da morte do imã", soluçava. "Ainda não tivemos tempo para compreender a perda que sofremos."

Eu era uma que ainda não tivera tempo de entender. Depois da ocupação da Embaixada dos Estados Unidos em 1979, o Irã estivera virtualmente fechado para os jornalistas da mídia americana. Os raros vistos concedidos não permitiam normalmente permanências superiores a 36 horas no país para relatar um acontecimento específico. Antes da morte de Khomeini, eu conseguira entrar no Irã uma única vez, em 1988, para cobrir os funerais de 290 civis iranianos mortos quando o cruzador *USS Vincennes* derrubou um *airbus* iraniano de um vôo comercial sobre o Golfo Pérsico.

Mas precisava compreender. O que estava acontecendo com as mulheres muçulmanas, da Argélia ao Afeganistão, tinha suas raízes aqui, na austera casa do Norte de Teerã. De alguma forma, Khomeini persuadira as mulheres de que o uso de um manto medieval era um ato revolucionário. Alguma coisa em sua mensagem trouxera milhares de mulheres às ruas para encarar o exército do xá e arriscar as vidas clamando pela volta de um código de leis que permite o casamento de crianças, a poligamia e o espancamento das esposas.

A voz de Khomeini extraiu sua autoridade dos primeiros dias do islã, Khomeini era um xiita, membro da ala minoritária que rompera com a corrente

principal nos anos que se seguiram à morte do profeta Maomé. A maioria dos primeiros muçulmanos pensava que seu líder devia ser nomeado pelo consenso dos mais velhos, seguindo a antiga tradição do deserto. Como a palavra árabe para "tradição" é *sunnah*, passaram a ser conhecidos como *muçulmanos sunitas*. Uma minoria, porém, achava que o sucessor de Maomé deveria vir de sua própria família, e escolheu seu genro e primo Ali. Eram os Shiat Ali, os Partidários de Ali, conhecidos hoje como *xiitas*. Devido a sua origem de dissidentes, os xiitas sentem a obrigação de questionar os que estão no poder, e revoltar-se contra eles se for necessário. E como as suas origens provêm da derrota de Ali e filhos, os xiitas têm uma identificação profunda com os vencidos e os pobres. Khomeini explorou todas essas profundas convicções ao desencadear a revolta contra o xá em 1978.

Quando Khomeini morreu, em junho de 1989, o Irã abriu as portas para todos os jornalistas que apareceram. Depois do frenético funeral, Hashemi Rafsanjani deu uma coletiva de imprensa para os repórteres estrangeiros, coisa que era muito rara. Compareci vestindo um xador preto. Já que eventos como esse eram sempre televisionados, sabia que os organizadores da coletiva não me deixariam ficar perto do microfone se meu cabelo estivesse à vista. Mas quando finalmente consegui fazer a minha pergunta sobre a forma que tomaria a estrutura de poder pós-Khomeini, Rafsanjani me fitou, insinuando um sorriso em seu rosto redondo. "Tenho uma pergunta para você", disse. "Por que trouxe esse véu pesado, quando um simples lenço bastaria?"

As grandes e antiquadas câmaras da televisão iraniana viraram-se na minha direção. Que poderia dizer? Que o xador era uma ótima camuflagem para entrar em lugares que não me eram permitidos? Que achava estas pregas enfundadas menos horivelmente quentes que a alternativa lenço-e-casaco? Que apenas um dia antes a mesma roupa tinha-se mostrado terrivelmente inadequada aos olhos de um funcionário do Ministério da Condução Islâmica? (Correra para embarcar num helicóptero que seguia para o túmulo de Khomeini, e o vento levantado pela hélice suspendeu momentaneamente o xador, revelando a calça e camisa que vestia por baixo. "Cubra-se!", gritou o oficial, o rosto cheio de ódio.)

A pergunta de Rafsanjani não era ingênua. Era preciso mais que um simples lenço para escapar da pena de 80 açoites com que os iranianos puniam as mulheres, mesmo as estrangeiras, que desrespeitavam o código que controlava a forma de se vestir. Além do cabelo, toda a pele, exceto o rosto e as mãos, e todos os contornos do corpo tinham que ser escondidos. Por um instante, pensei se deveria fazer como a jornalista italiana Oriana Fallaci, numa entrevista com Khomeini, e rasgar a peça de roupa que ela apelidara como um "obsceno trapo

medieval".

"Estou usando o xador", disse, "num espírito de respeito mútuo."

Rafsanjani olhou-me, surpreso. As duas outras repórteres ocidentais presentes à coletiva fizeram uma expressão de enfado. Mais tarde, arrependi-me de não ter me explicado mais claramente: que se eu estivesse preparada para respeitar as exigências da sociedade iraniana, o Irã também deveria respeitar as minhas. Mas, para os milhões de iranianos que assistiam à televisão em casa procurando um indício de como seriam suas vidas depois de Khomeini, o que eu dissesse não era importante. O que importava mesmo era que Rafsanjani tinha emitido um sinal de moderação. No *bazaar*, a cotação do *riyal* subiu em relação ao dólar, logo que se espalhou a informação de que Rafsanjani tinha dito a uma repórter que podia tirar o xador. Para os comerciantes, qualquer sinal de liberalismo era uma boa notícia para os negócios.

Para uma ou duas pessoas, o que eu tinha dito era *realmente* importante. Nessa noite, um membro da pequena comunidade cristã do Irã ligou para o hotel, repreendendo-me por ter perdido a oportunidade de falar contra o *hijab*, em nome das mulheres que odiavam ser forçadas a usá-lo. E, alguns dias depois, Zahra, a filha de Khomeini, convidou-me para uma conferência promovida pela Sociedade Feminina da República Islâmica do Irã com o tema: "Aspectos da Personalidade de Sua Alteza o Imã Khomeini". Estudei o tema, paralisada de espanto. Os únicos aspectos da personalidade de Sua Alteza o Imã Khomeini que conhecia eram sua inclinação para condenar escritores à morte, enviar jovens para o *front* da guerra como caça-minas humanos e permitir que meninas se casassem com nove anos de idade.

O teatro da conferência era o Hotel Revolução de Teerã. Um elevador de paredes de vidro da época pré-revolucionária, que permitia uma bela vista da piscina, fora empapelado durante a conferência para que as mulheres religiosas não se ofendessem com a visão de dorsos masculinos. Desde a revolução, apenas os homens tinham permissão para nadar em público.

Demorei cerca de cinco minutos no primeiro coquetel da noite — apenas sucos de frutas, nada de álcool antiislâmico — para me dar conta de que eu era uma mulher singular entre o *who's who* da exportada revolução iraniana. A delegação do Líbano incluía mulheres dos mais conhecidos líderes dos sequestros naquele país. Do contingente turco participava uma estudante que ficara famosa ao ser expulsa da escola de arquitetura por insistir em usar um lenço de cabeça islâmico na classe. Havia também militantes muçulmanas do Paquistão, Sudão, Guiné, Tanzânia, Índia e África do Sul. Era um grupo com

muitos inimigos, e o hotel estava cercado por um cordão de guardas revolucionários armados. Ninguém entrava ou saía sem permissão.

A moda dominante na festa era basicamente o preto — em camadas. Os xadores eram o único remate sobre longas calças, túnicas de couro e capas chamadas *magnehs* — um círculo de pano semelhante a uma touca de freira que caía da cabeça para os ombros, deixando apenas um buraco para o rosto. Com as figuras encobertas espalhadas à minha volta, comecei a sentir-me como se tivesse sido encerrada por engano numa espécie de convento do inferno. A conversa da festa deixou-me um pouco perdida. "Claro, o povo de Hong Kong recebe uma lavagem cerebral dos colonialistas-sionistas e não sente qualquer pesar pela morte do imã", disse uma miúda mulher chinesa que se chamava Khatima Ma, e que se apresentou como uma colega jornalista, que trabalhava para o *Muslim Herald* de Hong Kong. "Os inimigos do Islã, liderados pelos americanos, querem ver a nação iraniana sem um líder. Todo mundo esperava que houvesse tumulto aqui, mas, graças a Deus, não vimos nada disso. Apesar de a mídia de Hong Kong estar completamente sob controle dos sionistas, eles não conseguiram inventar histórias sobre desordens no Irã."

Perguntei à estudante de arquitetura turca, agora totalmente coberta, exceto os olhos e o nariz, por que um país muçulmano como a Turquia insistia tanto nas roupas seculares. "Você sabe, claro, que há dois tipos de Islã — o Islã americano e o Islã de Maomé — e, na Turquia, o que temos é o Islã americano. Nele, a religião é separada da política, porque se ajusta aos interesses da superpotência. Nosso governo tem muito medo da revolução islâmica, porque prefere se prostrar diante do Ocidente."

Tinham designado como minha intérprete para a conferência uma jovem alta e pálida que se chamava Hamideh Marefat. Quando elogiei seu excelente inglês, ela explicou que o tinha aperfeiçoado durante o tempo que passara "no ninho".

"Perdão?"

"No ninho. O ninho de espões — a embaixada dos Estados Unidos", explicou. Hamideh fizera parte da horda que ocupara a embaixada e mantivera seus funcionários cativos durante 444 dias. Sua função era traduzir o correio dos reféns. Perguntei se ela nunca tinha sentido simpatia por eles. "Às vezes", admitiu, quando lia as cartas das crianças das escolas, enviadas para encorajar os reféns. "Mas sabia que eram espões que tentaram arruinar o nosso país. Fiquei desapontada quando os libertaram. Pessoalmente, achava que deviam ser executados."

Uma estudante sul-africana da Universidade da Cidade do Cabo inclinou a cabeça, concordando pensativamente. Depois animou-se. "Pelo menos, vamos certamente executar o Rushdie." Ela ajudara a fundar uma mesquita na Cidade do Cabo dedicada a ensinar "a linha do imã". Mas houvera um retrocesso quando dois líderes da mesquita foram processados por traição.

A sul-africana ficava olhando de relance para sua irmã islâmica da Guiné. Esta alta e imponente mulher ter-se-ia destacado em qualquer multidão, mas nesta ela chamava particularmente a atenção. Em vez do vestido preto sem formas, ela usava uma peça de tecido lilás envolvendo apertadamente suas curvas sinuosas. Uma das pontas do tecido pendia solta sobre a cabeça, deixando à vista a maior parte de seu ombro liso e acobreado. Pés descalços despontavam sob a bainha do seu lindo vestido. Nos dias seguintes, eu iria notar uma ou outra das irmãs islâmicas, na ponta dos pés, tentando puxar o vestido sobre aquele ombro ou cobrir o cabelo da guineana. Iranianas e guineanas tinham claramente uma definição diferente do *hijab*.

A palavra "*hijab*" significa literalmente "cortina" e é usada no Alcorão como uma instrução para os crentes no pensamento de Maomé sobre como deveriam se relacionar com as mulheres do profeta: "Se pedires alguma coisa às suas mulheres, fala-lhes atrás de uma cortina. Isso é mais puro para o teu coração e o delas." A revelação sobre o *hijab* veio a Maomé numa de suas noites de núpcias, exatamente quando ia para a cama com Zeinab, a mais controversa de suas noivas. Os estudiosos do Islã concordam em geral que o casamento com Zeinab causou o mais sério dos vários escândalos que envolveram o número sempre crescente de mulheres do profeta. Ao visitar a casa de seu filho adotivo, Maomé divisou de relance a esposa do jovem apenas parcialmente vestida. A mulher era linda, e Maomé se afastou rapidamente, murmurando uma oração contra a tentação. Acreditando que Maomé desejava a sua mulher, o jovem divorciou-se dela. O subsequente casamento de Maomé com Zeinab provocou burburinho na comunidade, porque violava as regras já estabelecidas no Alcorão sobre o incesto. O rebuliço só amainou quando Maomé teve uma nova revelação proclamando todas as adoções inválidas e isentando-se assim da regra que impedia um pai de casar com a esposa de seu filho.

A revelação do *hijab* jogou as mulheres do profeta, incluindo Zeinab, no confinamento, onde ficariam a salvo dos escândalos. As instruções do Alcorão para as mulheres de fora do lar do profeta não eram tão severas: "Diz às mulheres crentes que recatem seus olhares, conservem seus pudores e não mostrem seus ornamentos, além dos que aparecem; que cubram o peito com seus véus."

No Cairo, quando Sahar começou a usar o *hijab*, desencavei essa citação e argumentei que ela não fazia qualquer referência a cobrir o cabelo. Minha interpretação era que as mulheres deveriam se vestir de acordo com normas conservadoras — o que corresponderia nos nossos dias a evitar blusas transparentes e minissaias. Mas Sahar respondeu que era preciso ir além da orientação do Alcorão nestes assuntos. Disse que o *sunnah*, o "caminho percorrido" de Maomé — as coisas que ele disse, fez ou permitiu que fossem feitas na sua presença —, deixava claro que "os adornos visíveis" significavam apenas o rosto e as mãos das mulheres. O resto dos "adornos" — incluindo tornozelos, pulsos, pescoço — deve ser escondido de todos os homens, exceto do marido e uma lista cuidadosamente elaborada de parentes masculinos com quem o Alcorão proíbe o casamento. Quer dizer, o pai, irmãos, sogro, sobrinhos, filhos e enteados. A mulher pode também se descobrir, diz o Alcorão, diante de meninos impúberes e de "serviçais a quem lhes falta o vigor", o que na era de Maomé provavelmente queria dizer eunucos ou escravos velhos.

Mas a interpretação de Sahar não era universal. Como eu, algumas mulheres muçulmanas acreditavam que a religião apenas lhes exigia que se vestissem com limites contemporâneos da modéstia. Outras insistiam em ir além da cabeça coberta e usavam luvas e velavam o rosto, argumentando que a corrupção do mundo moderno tornou necessárias medidas mais extremas que nos tempos do profeta.

No aeroporto do Cairo, a grande encruzilhada do mundo islâmico, podiam ser vistas quase todas as interpretações do trajar islâmico. Mulheres do Paquistão, a caminho de seus empregos no Golfo, flutuavam em seus deliciosamente confortáveis *salwar kameez* — túnicas de seda flutuando sobre calças esvoaçantes, com longos xales de tecido leve pendendo soltos sobre a cabeça. As mulheres sauditas seguiam cuidadosamente os maridos, espiando atrás do véu diáfano que lhes cobria o rosto e de mantos pretos de 360 graus que as faziam parecer, como Guy de Maupassant escreveu uma vez, "com a morte que saiu para passear". As mulheres afegãs também vestiam mantos de 360 graus, chamados *chadris* — capas onduladas e coloridas com um retângulo de treliça bordada sobre os olhos. As mulheres de Dubai usavam máscaras rígidas em forma de pássaro, pretas e douradas, com um bico sobre o nariz, mas que deixavam expostos os luminosos olhos cor de mel. Algumas palestinas e egípcias usavam casacões abotoados de tecido barato de cores opacas e lenços de cabeça brancos; outras vestiam saias de couro brilhantes que combinavam com lenços de cabeça presos com fitas de pequenas pérolas.

A interpretação mais estranha dos trajes islâmicos que encontrei foi nas

áridas extensões do Saara argelino, onde as tribos nômades conhecidas como *tuaregues* seguem a tradição de serem os homens a velar seus rostos depois da puberdade, enquanto as mulheres se mantêm descobertas. Logo que têm idade suficiente para se barbearem e observarem o jejum do Ramadã, os homens devem cobrir todo o rosto, exceto os olhos, com um véu feito por metros de pano cor de anil. "Nós, guerreiros, cobrimos nossos rostos para que o inimigo não perceba nossas intenções, de paz ou de guerra, mas as mulheres não têm nada a esconder", foi a explicação que um tuaregue deu para o costume. Os tuaregues são muçulmanos, mas sua interpretação da fé dá às mulheres uma liberdade sexual considerável antes do casamento e permite amizades platônicas com homens depois de se casarem. Um provérbio tuaregue diz: "A relação de homens e mulheres é para os olhos e para o coração, e não só para a cama." Os outros muçulmanos consideram que os costumes tuaregues estão perto da heresia. De fato, a palavra "tuaregue" vem do árabe "os abandonados por Deus".

Onde as mulheres usam o véu, há bons negócios para fazer com a moda islâmica. O Cairo tem o Shopping Center Salam para a Mulher Velada, um armazém de três andares que só vende corretos enxovais islâmicos. A maioria da loja está ocupada pelo que os gerentes consideram "*hijab* esportivo" — longas saias e lenços de cores combinadas, jaquetas compridas ornamentadas com imitações de diamantes e grandes enchimentos nos ombros — que cobre o mínimo islâmico. O ideal, explicou um gerente, é que as usuárias que começam usando essas roupas gradualmente fiquem mais esclarecidas e adiram às cores menos vivas e às roupas mais compridas e menos torneadas, acabando completamente embrulhadas em mantos pretos, luvas e véu no rosto. Mas estas roupas modestas, que custam cerca de 10 dólares, são difíceis de encontrar entre os expositores de mais lucrativos *hijabs* de "alta moda", onde um vestido de noite islamicamente correto pode custar três ou quatro vezes o salário mensal de uma funcionária pública.

Em Beirute, no subsolo da Mesquita do Grande Profeta, o Hezbollah abriu uma fábrica de moda islâmica para aproveitar a crescente demanda mundial por *hijabs*. "O meu Islã não é um punhado de combatentes. É uma revolução na cultura, nas idéias", entusiasmou-se a gerente da fábrica, uma mulher gorda que se apresentou como Hajjia Zahra. Folheando um catálogo alemão de costura, ela me mostrou como os últimos estilos em bolsos, zíperes e mangas podiam ser enxertados nos longos vestidos sem formas que a fábrica produzia às centenas. À nossa volta, peças de tecido subiam até o teto. Ela explicou que as peças brilhantes, os vermelhos e os amarelos, seriam usados para a linha de roupas infantis. Os marrons baços, cinzas e verde-musgo eram para a moda feminina.

"São cores calmas", explicou. "Parte da filosofia do traje islâmico é ajudar a mulher a projetar uma aura de calma e tranquilidade."

O *hijab* era o sinal mais evidente do ressurgimento islâmico que tomara conta de Sahar e de tantas outras jovens. Começou em 1967, depois da catastrófica derrota do Egito para Israel na Guerra dos Seis Dias. Para explicar a humilhação, os filósofos muçulmanos culpavam o secularismo do governo de Gamal Abdel Nasser, e apelaram a que os egípcios voltassem às leis islâmicas que tinham abandonado. Lentamente, o número de mulheres usando véu começou a aumentar.

Mas a verdadeira onda veio com a revolução teocrática iraniana, quando envergar um *hijab* se tornou um ato não só religioso como também político. Em 1935, o pai do xá banira o xador. Reza Xá queria que seu país parecesse moderno, o que nada tinha a ver com o velho manto preto. Mas as mulheres devotas, especialmente as mais velhas, não podiam fazer uma mudança tão drástica de um dia para o outro. Nas suas memórias, *Filha da Pérsia*, Sattareh Farman Farmaian escreve sobre a desolação de sua mãe. "Quando minha mãe soube que teria que abandonar o antigo recato de seu véu, ficou fora de si. Ela e todas as pessoas tradicionalistas consideraram a ordem de Reza como a pior coisa que ele já tinha feito — pior do que seu ataque aos direitos do clero; pior ainda que seus confiscos e assassinatos." Temendo o desagrado do xá, o marido ordenou-lhe que saísse a público descoberta. "No dia seguinte, chorando de raiva e humilhação, ela se trancou no quarto... Chorando, tentava inutilmente esconder seus lindos cabelos, que desciam até a cintura, na inadequada proteção de um pequeno chapéu francês.

Para outras, o chamado decreto de libertação se tornou numa forma de prisão. Os homens que recém tinham começado a permitir que as filhas fossem à escola revogaram a autorização porque significava que as meninas entrassem na sala de aula descobertas. As mulheres que desobedeciam às ordens do xá e se aventuravam nas ruas usando véu arriscavam-se a ter as roupas arrancadas e rasgadas por soldados. Mulheres usando xador foram proibidas de usar os transportes públicos e viram negada a entrada em muitas lojas. Muitas mulheres preferiram simplesmente ficar em casa para não se arriscarem a sofrer tamanha humilhação. Khadija, a mulher de Khomeini, foi uma das que nunca mais saiu de casa. Tal confinamento era particularmente duro num tempo em que muitas casas não tinham banheiros e as mulheres se juntavam para se banhar e

conversar nos horários dedicados às mulheres nas casas de banhos locais — as *hamams*. A proibição foi compulsória de 1935 a 1941, quando o cumprimento rigoroso da lei foi amenizado, mas o uso do véu continuou a ser desencorajado e as mulheres que queriam usá-lo eram ridicularizadas como atrasadas.

Com o crescimento da pressão revolucionária no final dos anos 70, vestir um xador passou a ser o símbolo do protesto contra o xá e seus aliados ocidentais. Alguns religiosos defenderam seu uso por razões previsíveis. Se todas as mulheres o usassem, raciocinava o clérigo iraniano Ibrahim Amini, as esposas "podiam ter a garantia de que seus maridos, quando estivessem fora de casa, não iriam encontrar uma mulher lasciva que lhes desviasse a atenção". Na Inglaterra, o erudito muçulmano Shabbir Akhtar surgiu com um raciocínio alternativo. O objetivo do véu, escreveu, "é criar uma verdadeira cultura erótica em que se prescinde da necessidade da excitação artificial da pornografia". Em qualquer dos casos, espera-se que a mulher sacrifique seu conforto e liberdade para servir aos requisitos da sexualidade masculina: ou para reprimir, ou para estimular as exigências sexuais masculinas.

Nenhum desses argumentos pesava muito para jovens intelectuais como a minha intérprete iraniana, Hamideh Marefat. Para ela, usar um xador era, antes que tudo, um ato político. Criada num lar de classe média, ela nunca pensara em usar véu até que começou a participar das palestras clandestinas de um jovem e carismático intelectual chamado Ali Shariati. Iraniano de nascimento e educado na Sorbonne, ele unia conhecimentos de marxismo com o seu próprio Islã xiita iraniano, e com as raízes da rebelião contra o *status quo* depois da morte de Maomé — e criou um credo revolucionário destinado a sublevar as massas e desafiar os déspotas. O trajar ocidental, dizia, era uma forma de imperialismo, transformando a beleza da mulher num produto capitalista para ser comprado e vendido, ao mesmo tempo que transformava as mulheres do Terceiro Mundo em consumidoras dependentes de modas que rapidamente ficavam obsoletas. A mulher muçulmana, dizia, deve afirmar sua liberdade adotando o traje islâmico. Para jovens como Hamideh Marefat, o xador tinha o mesmo objetivo que os macacões de *jeans* usados pela militante feminista americana Andréa Dworkin. Para Hamideh, o xador simbolizava a libertação. Passou a usá-lo um ano antes da revolução iraniana de 1978. E, quando ocupou a embaixada dos Estados Unidos, usou-o como uma bandeira.

Na época em que a conheci, 10 anos mais tarde, o frêmito revolucionário começara a ficar desgastado. Cada vez que ficávamos fora das vistas dos homens, ela teria retirado o grande pano preto com alívio. "Quem me dera nunca o ter posto", confidenciou-me um dia. "No início, era importante para provar a

visão revolucionária. Mas, agora, não precisamos provar mais nada. Você pode ser revolucionária usando apenas um lenço e um casaco."

Quando fui visitá-la em casa, Hamideh parecia uma colegial, com uma saia de pregas, uma blusa de seda e discretas jóias de ouro. Mas quando saiu à rua, vestiu o uniforme completo do Islã revolucionário. Para mim, era mais fácil lidar com Hamideh de xador. As coisas que ela dizia de certa forma pareciam menos chocantes vindo daquela escuridão anônima. Quando conversávamos na sala de visitas de sua família, mobiliada com bom gosto, sobre assuntos neutros como poesia persa ou as dificuldades de encontrar homens interessantes, era fácil começar a vê-la como apenas mais uma mulher inteligente da minha idade com quem eu tinha muito em comum. Mas, subitamente, ela passava a mão sobre seu cabelo castanho curto e soltava uma opinião devastadora no seu extremismo. "Israel tem que ser eliminado", dizia, erguendo a xícara de chá e sorvendo delicadamente um gole. "E pretendo participar na guerra pela sua destruição."

Enquanto os muçulmanos sunitas admitem uma relação direta entre os crentes e Deus, os xiitas acreditam na mediação de um clero altamente treinado. Normalmente, cada xiita escolhe um pensador do clero e segue as regras religiosas, ou *fatwa*, dessa pessoa. Hamideh tinha escolhido Khomeini, o que significava que ela organizava cada detalhe de sua vida de acordo com as opiniões que ele estabelecera nos seus 18 volumes de interpretação religiosa. "Alguns *ayatollahs* dizem que as mulheres devem usar luvas", explicou, "mas o Imã Khomeini diz que a parte inferior da mão pode ficar descoberta." Outros *ayatollahs* consideravam que a voz feminina é provocante e impediam as mulheres de falar em reuniões mistas, a menos que elas pusessem primeiro uma pedra na boca para distorcer o som. Khomeini, evocando as reuniões do profeta com grupos mistos de homens e mulheres, não tinha problemas com a voz feminina.

Perguntei a Hamideh se Khomeini não poderia alguma vez ter-se enganado nas suas regras religiosas. "Claro", respondeu. "Não acreditamos que qualquer ser humano possa ser infalível. Mas se eu seguir a sua *fatwa* e ela estiver errada — digamos que eu mato alguém seguindo suas ordens, e essa pessoa é inocente —, a pessoa que matei irá para o Paraíso, e o pecado de tê-la morto é de quem fez a *fatwa*, não meu."

Agora que Khomeini morrera, Hamideh achava que não podia abandonar o xador. Parar subitamente de usá-lo depois de sua morte poderia dar a entender que o compromisso com sua linha tinha enfraquecido. Artigos de jornais lembravam constantemente às mulheres que o xador era "uma trincheira contra

os valores ocidentais". E os homens que estavam no poder acreditavam nisso. Uma amiga fora a uma entrevista para conseguir um emprego público vestindo um impecável casaco e lenço islâmicos. "Você está nua", rosnou o entrevistador, e não a contratou.

No início, acreditei ingenuamente que o *hijab* pelo menos libertaria a mulher da tirania da indústria de beleza. Mas, na Conferência das Mulheres Iranianas, fechada dia e noite num hotel repleto de radicais islâmicas, logo me apercebi de que estava enganada.

Pedira a Hamideh para me conseguir uma entrevista com as mulheres do Hezbollah do Líbano. Os bastiões do grupo eram o Vale do Bekaa e os subúrbios do sul de Beirute — áreas interditadas aos jornalistas ocidentais desde o sequestro do chefe do escritório da Associated Press, Terry Anderson. Queria fazer perguntas sobre Anderson, que passava seus dias acorrentado num porão escuro de Beirute. Encontrar as mulheres que se dizia serem casadas com seus captores parecia ser a melhor oportunidade que jamais tivera de conseguir informações para sua desesperada família.

No final, não consegui descobrir nada sobre a situação de Terry, mas encontrar essas mulheres foi esclarecedor sob outro ponto de vista. Elas convidaram-me para tomar um chá, naquela tarde, em sua suíte, desde que promettesse não as citar em qualquer artigo que escrevesse. Quando a porta se abriu, pensei que tinha batido no quarto errado. A mulher à minha frente tinha longos cabelos louros oxigenados que pendiam até a cintura. Vestia um *négligée* de seda com um decote profundo. Na cama, deitada languidamente atrás dela, outra mulher vestia uma camisola de seda escarlate que lhe apertava o busto, e ostentava grandes fendas laterais. Através dos tecidos diáfanos, dava para ver que seus corpos eram completamente depilados, como bonecas Barbie. Era, explicaram, *sunnat*, ou islamicamente recomendado, que as mulheres casadas removessem todos os cabelos do corpo a cada 20 dias. O depilatório tradicional era uma massa de açúcar e limão que arrancava os pelos pelas raízes. Os homens muçulmanos, disseram, também deveriam se depilar. Para eles, o tempo recomendado para a depilação era de 40 dias.

Demorei uns cinco minutos para reconhecer na loura descorada a mesma mulher que fizera o panegírico emocionado na casa de Khomeini. Quando mencionei a minha surpresa em relação à aparência delas, riram. "É assim que ficamos em casa", disseram, fazendo poses sedutoras. "O Islã encoraja-nos a ficar lindas para nossos maridos." Subitamente entendi por que Khadija, a viúva de Khomeini, tinha tingido o cabelo de ruivo-cenoura e por que deixara crescer

alguns centímetros de cabelo grisalho desde a morte do marido.

Sua filha Zahra não parecia ser do tipo que usa cabelo ruivo nem *négligée* decotado. Sob o xador, ela vestia respeitáveis *twin set* e saia de *tweed* — roupas deselegantes para uma mulher deselegante que ensinava filosofia na Universidade de Teerã.

Demorei três anos e muitos encontros antes que ela se descontraísse o suficiente para me permitir vê-la com outras roupas que não fossem o xador. Mesmo numa sala cheia de mulheres, ela raramente deixava o xador deslizar da fita que o mantinha esticado abaixo das sobrancelhas e acima dos lábios. Esse estilo criou confusão nos jornais da Sociedade de Mulheres. A Sociedade gostava de promover as mulheres importantes — deputadas, artistas e escritoras. Mas, nas fotos, todas tinham exatamente a mesma aparência: um pequeno triângulo branco com o vértice para baixo, dentro de um grande triângulo preto com a ponta para cima.

Uma vez, durante a conferência de Teerã, Zahra deixou escorregar momentaneamente o xador, revelando parte dos lábios e do queixo. Um *flash* espocou nesse momento. Consternação. "A pessoa que tinha tirado a foto poderia, por favor, entregar o filme?" A Sociedade de Mulheres iria revelá-lo e devolver o resto das fotos já tiradas, junto com uma foto apropriada da Sra. Mostafavi. Todos os olhos na sala se viraram para mim. Como jornalista, eu era a primeira suspeita. Sacudindo meu xador para provar que não tinha nada escondido na manga, expliquei que não tinha comigo qualquer máquina fotográfica. Uma embaraçada Khatima Ma confessou ser a culpada. Ao entregar o filme, ela olhou um pouco abatida para o furo jornalístico que perdera para o *Muslim Herald* de Hong Kong.

Zahra Mostafavi era uma mulher grave, pálida e de maxilar saliente, com o mesmo perfil feroz e a mesma expressão intensa do pai. Austeros óculos de aros finos pendiam do nariz e um anel de ouro com um diamante incrustado brilhava na mão. Como chefe da Sociedade de Mulheres, era, das três filhas vivas de Khomeini, a mais ativa politicamente. Sedigheh, viúva, vivia calmamente com os sete filhos. Farideh, estudiosa de teologia, estava casada com um rico comerciante de Qum.

A posição de Zahra como professora de filosofia era uma grande façanha para uma mulher que nunca frequentara a escola. Como muitos religiosos antes da revolução, Khomeini recusava-se a mandar qualquer de seus filhos para o que ele considerava ser um sistema educativo estatal corrupto.

Khomeini, contava, era um pai condescendente na maior parte das vezes,

mas inflexível nas questões islâmicas. "Se eu queria brincar numa casa, e ele sabia que havia um rapaz lá, diria: 'Não vá, brinque em casa'", lembrava. "Você não podia dizer: 'Oh, pai! me deixe ir', porque o que ele dizia era baseado no Islã, não na sua própria opinião."

Quando Zahra acabou os estudos, Khomeini começou a procurar potenciais maridos. Zahra recusou três pretendentes que ele sugeriu, antes de aceitar o quarto. "Meu pai dizia: 'Achei um, não me parece mau, ele tem estas e estas características, mas você é quem decide.'" Todos eram homens que ela conhecera através da família. "Não era como se fossem estranhos. Eu sabia como eles eram; esperei por um que sabia que iria me agradar." Escolheu um acadêmico, que atualmente dirige um centro de estudos de educação. Como mulher casada, ela ficou no país quando o xá mandou seu pai para o exílio. Mas visitava-o todos os anos, voltando com panfletos revolucionários e fitas escondidas nas roupas. De volta a Teerã, saía de noite para distribuí-los. "Levava o meu filho, que trepava nas árvores e jogava panfletos sobre os muros das casas", lembrava.

Sua filha, que cresceu depois da revolução islâmica, não enfrentou as mesmas restrições que tinham mantido Zahra a maior parte do tempo em casa. Logo que os revolucionários ganharam o poder e depuraram instituições como as escolas, universidades, bancos e empresas, Khomeini deixou de fazer qualquer objeção à participação das mulheres (corretamente veladas) na política e na economia. Assim, sua neta estudou na faculdade de Direito, casou com um cirurgião cardíaco, e foi viver em Londres enquanto o marido completava sua formação.

No inverno de 1993, quando Khadija precisou de cuidados médicos especiais, Zahra não hesitou em levá-la a Londres. Na época, eu já me mudara do Cairo para Londres, e fui surpreendida por um telefonema me convidando para almoçar com ela no consulado iraniano. Era a semana do quarto aniversário da sentença de morte ditada por Khomeini contra Salman Rushdie, e, para marcar o desagrado britânico, o secretário do Exterior se encontrara com Rushdie. Os iranianos, ofendidos, imediatamente aumentaram o preço do visto necessário aos viajantes britânicos para absurdas 504 libras.

Mas Zahra afastou tudo isso com um gesto da mão roliça. Ela nunca fora uma pessoa fácil de conversar: cada diálogo que já tivera com ela começava com as palavras "*Bismillah al rahman al rahim* [Em nome de Deus, o compassivo, o misericordioso]" — o que sempre tirava o incentivo para uma conversa trivial. Além disso, o fato de ter sido educada na casa de um pregador e de trabalhar como professora universitária tinha-lhe deixado uma tendência para o monólogo.

Quando começava a falar, era difícil fazer-lhe uma pergunta, e muito menos manter qualquer coisa que parecesse uma conversa.

Mas, no almoço de Londres, ela parecia muito mais à vontade. Insistindo para que me servisse de mais arroz, mais galinha, mais *kebab*, e enchendo o seu próprio prato com generosas porções, falou alegremente sobre os prazeres de Londres: as árvores, as amplas avenidas, o povo educado. Eu sabia que Khomeini, quando se exilou na França, tinha desviado os olhos, no caminho do aeroporto até sua residência, para não ser contaminado pelo ambiente ocidental. Na casa dos arredores de Paris, ele mandara arrancar o vaso do banheiro e instalar um outro, mais humilde, que obrigava as pessoas a se acorarem. Zahra sorriu quando lhe perguntei se a atmosfera não-islâmica de Londres a incomodava. "Não tenho problemas aqui", disse. O único ligeiro dissabor acontecera quando um exilado iraniano que a reconheceu na rua gritou insultos contra o pai. "Claro que não gosto que alguém insulte o meu pai, mas ele sempre estava pronto a perdoar quem o atacasse pessoalmente. O que não perdoava era os ataques ao Islã."

Zahra passeava pelas ruas de Londres usando o xador. Muitas iranianas devotas não usavam seus xadores no Ocidente por essa razão. Um dos principais objetivos do *hijab* é fazer com que a mulher seja menos vistosa. Em Londres, o xador chamava mais a atenção que um lenço e um casaco. Mas, para Zahra, o xador era como uma segunda pele que não podia ser arrancada.

Uma das razões para o convite ao consulado era mostrar-me as mulheres diplomatas que trabalhavam lá. Uma cuidava do direito internacional, outra estudava o estatuto da mulher na Grã-Bretanha. A presença delas era uma espécie de vitória da Sociedade das Mulheres, que tinha exercido pressões para que mulheres fossem nomeadas em cargos no exterior.

Essas mulheres tinham uma origem completamente diferente da minoria de mulheres modernas, de classe média ou alta, que conseguiram sucesso no período de liberalizações do xá, muitas das quais destruídas pela revolução. Uma delas, Esfand Farrokhrou Parsa, a primeira mulher a participar do governo iraniano, fora enfiada num saco e metralhada pelos crimes de "corrupção na terra, expansão da prostituição e guerra contra Deus". Seu crime fora orientar as meninas das escolas a não usarem véu, e ordenar que os livros escolares fossem revisados para apresentarem uma visão mais moderna das mulheres. Centenas de mulheres foram presas por se recusarem a cumprir os ditames revolucionários; milhares foram para o exílio.

Mas outras, das famílias pobres, conservadoras e rurais, emergiram pela

primeira vez dos altos muros do *andarun* — as dependências femininas das casas tradicionais, onde a larga maioria das mulheres iranianas passavam todas suas vidas. Khomeini encorajou essas mulheres a saírem às ruas, onde nunca tinham sido bem recebidas, para se manifestarem a favor da revolução. Ele chegou mesmo a dizer que elas não precisavam da autorização de seus guardiães masculinos para sair de casa com este propósito. Suas opiniões sobre esse assunto não eram, dizia, *suas* opiniões, mas as leis literais do Islã. Se a *sunnah* de Maomé era que as mulheres podiam casar-se com nove anos, então era evidente que elas podiam casar-se com nove anos. Se ela dizia que as mulheres não podiam ser juízas, então é claro que elas seriam banidas dos tribunais. Mas se dizia que elas podiam fazer outras coisas — dirigir negócios, como fizera a primeira esposa do profeta, ou atender os doentes, ou mesmo participar de batalhas, como faziam as mulheres dos tempos do profeta —, então é claro que as mulheres iranianas tinham de ser autorizadas a fazer o mesmo. Subitamente, só porque o imã falara, pais conservadores, maridos e irmãos tinham de ouvir. Para as mulheres que haviam passado as vidas no confinamento, cobrir as cabeças era um preço pequeno para as novas liberdades.

Ainda assim, me intrigava que, enquanto as pressões públicas e as leis podiam forçar as mulheres a usarem o *hijab*, ninguém parecia prestar muita atenção ao código de trajar dos homens. O Alcorão exige dos homens, assim como das mulheres, que sejam modestos. A *sunnah* de Maomé era perfeitamente clara: assim como as mulheres têm de cobrir tudo menos as mãos e o rosto, os homens são obrigados a cobrir a área do corpo que vai do umbigo ao joelho. A cobertura deve ser opaca e ficar larga o suficiente para disfarçar o volume dos órgãos genitais masculinos.

Mas em todo o mundo islâmico os homens zombavam desse código. A moda entre os jovens do Golfo era usar calças vistosas e apertadas. Os jogadores de futebol — heróis nacionais — entravam em campo com calções apertados e curtos. Jogos de luta livre, de grande audiência na televisão, mostravam homens suados usando apenas tapa-sexos. No Mar Cáspio, onde as mulheres iranianas têm de entrar na água de xador, ninguém insistia para que os calções de banho dos homens cobrissem os umbigos.

A hipocrisia era especialmente visível nos jogos de futebol iranianos, onde as mulheres, mesmo usando xadores, não podiam levar os filhos ao estádio porque os jogadores não estavam vestidos de acordo com o código islâmico. Entretanto, os mesmos jogos passavam na televisão estatal, que se considerava a Voz e a Visão da República Islâmica. Uma vez que questionei os iranianos sobre isso, eles simplesmente riram ou encolheram os ombros. "Espera-se que as

mulheres saiam da sala se os maridos querem ver futebol", disse um amigo. "Até o governo sabe que há limites. Pode-se pedir ao país que faça muitos sacrifícios, mas esperar que os homens abram mão dos jogos de futebol seria levar as coisas longe demais."

A resposta, é claro, era muito mais profunda. Nas sociedades muçulmanas, diferente do corpo das mulheres, o dos homens não é visto como uma ameaça à estabilidade social. Obter a verdade sobre o *hijab* era um pouco como vesti-lo: uma questão de camadas a serem despidas, peça a peça. No final, sob todos os mecanismos de dissimulação — o xador, a *jalabiya* ou *abaya*, o *magneh*, *roosarie* ou *shayla* — estava o corpo. E por trás de todo o falatório sobre o *hijab* libertar a mulher da exploração comercial ou sexual, de toda a discussão sobre a potência do *hijab* como um símbolo revolucionário de personalidade, estava o corpo: o perigoso corpo feminino, que, de alguma forma, na sociedade muçulmana, fora feito para suportar o fardo encargo da honra masculina.

2. AQUELA QUE NENHUM HOMEM TERÁ DEFLORADO ANTES

"Quanto à adúltera e ao adúltero,
vergastai com cem vergastadas cada um;
que a vossa compaixão não vos demova
de cumprir a lei de Deus."

Alcorão

Surata da Luz

O teatro de operações era uma caverna caiada de branco, entalhada na encosta de uma colina da África. Sob a luz branca, a pele da paciente parecia massa de vidraceiro. Mergulhando as mãos numa incisão abdominal, a cirurgia apertava o útero escorregadio e brilhante como se fosse o inimigo.

A paciente, de uns 40 anos, já era uma velha para os parâmetros dessa província da Etiópia. Era uma sobrevivente da fome, da guerra e das antigas tradições de violência rotineira contra as mulheres. Com oito anos, ela fora agarrada e mantida presa enquanto seu clitóris era cortado com uma faca suja e a ferida selada com espinhos de acácia de pouco mais de dois centímetros. Na noite de núpcias, o marido tivera que usar sua adaga para abrir a cicatriz denteada em que se tinham transformado seus genitais. A dor que sentiu então foi apenas o prelúdio das repetidas agonias que sofreu quando deu à luz seus quatro filhos, através de um canal estrangulado pelo seu próprio tecido cicatrizado. Aqui, um em cada cinco nascimentos termina com a morte da mãe.

Esse risco, pelo menos, ia terminar em breve. Agarrando com mãos enluvadas o útero doente da mulher, a cirurgiã golpeou com força inesperada as últimas tiras de tecido que o mantinham no lugar, apoiando o pé contra a mesa de cirurgia enquanto puxava o órgão para fora. O cheiro do pequeno quarto de paredes de pedra era uma mistura acre de éter, desinfetante e carne fresca.

Manuseando grampos velhos e inadequados para uma cirurgia pélvica e agulhas de sutura tortas, a médica fazia uma pausa de tempos a tempos para espremer o sangue das mechas de algodão que vedavam o abdômen da paciente. "Temos falta de gaze", explicou.

Abrehet Gebrekidan estava habituada a que faltasse quase tudo, exceto pacientes. Em 1977, ela abandonara o emprego no Centro Médico de Syracuse, em Nova Iorque, para se juntar a um movimento secessionista plebeu que travava a mais longa guerra da África. Como obstetra e ginecologista, ela sabia que sua experiência profissional seria necessária nos esconderijos da montanha de onde seu povo, os eritreus, combatia a anexação etíope que durou de 1962 até a queda do governo central em 1991.

Quando a conheci, em 1989, a Dra. Abrehet trabalhava num hospital cujas "enfermarias" — abrigos de sapé com garrafas de soro pendendo dos ramos das árvores — se espalhavam por quase quatro quilômetros de um íngreme vale. Muito do seu trabalho não tinha nada que ver com a guerra. Tratava-se de salvar as mulheres das piores consequências da mutilação genital. Na Eritreia, as

meninas eram submetidas tanto à extirpação do clitóris quanto à infibulação — a extirpação dos lábios vaginais seguida da costura da ferida, que era feita de forma a deixar apenas uma pequena abertura para a urina e o fluxo menstrual.

Se as meninas desnutridas não sangrassem até a morte como decorrência da própria operação, morriam muitas vezes devido a infecções ou anemia. Outras vezes, as cicatrizes impediam a passagem da urina ou do fluxo menstrual, causando infecções pélvicas. Mulheres com vaginas apertadas pelas cicatrizes passam por partos perigosos e agonizantes. Às vezes a cabeça do bebê fica presa e provoca hemorragias fatais ou a ruptura da bexiga, causando vazamento da urina que faz as mulheres cheirarem como uma latrina e envenena os fetos seguintes.

Com equipamentos inadequados, cada operação durava muito mais tempo do que devia. A retirada do útero, que demora cerca de uma hora e meia no Centro Médico Syracuse, se prolongou noite adentro. Da primeira incisão até a sutura final, a Dra. Abrehet demorou quase cinco horas. Do lado de fora, a cliente seguinte esperava pacientemente por uma cirurgia que lhe reconstruísse as paredes vaginais. A moça, uma nômade muçulmana, casara-se aos 10 anos. As relações sexuais tinham sido demasiado brutais para seu corpo imaturo, rasgando os tecidos que dividem a vagina do reto. A moça fugira e se juntara aos guerrilheiros eritreus. Eles deram-lhe pela primeira vez a possibilidade de ir à escola e trouxeram-na à Dra. Abrehet.

Sob a máscara cirúrgica verde, a fronte suada da Dra. Abrehet ostentava uma cruz toscamente tatuada. A Eritréia, uma faixa de terra do tamanho da Inglaterra, ao longo da costa da Etiópia, tem 3,5 milhões de habitantes divididos quase equitativamente entre os cristãos das montanhas e os muçulmanos das planícies. Os pacientes da Dra. Abrehet vinham das duas comunidades. A prática de mutilar os genitais femininos na Eritréia é anterior à chegada das duas religiões, e por centenas de anos nenhuma das duas crenças a questionou. O movimento guerrilheiro eritreu está entre as poucas organizações africanas que tenta erradicá-la. A campanha é parte de uma agenda mais ampla para promover os direitos das mulheres, que inclui a reforma agrária que distribua terra também para as mulheres e a pressão para que haja representação feminina na política.

"Não podemos forçá-las, apenas podemos ensiná-las", disse Amina Nurhussein, uma das seis mulheres eleitas para a direção eritréia de 71 membros. A infibulação começara a declinar nas terras altas, onde a população predominantemente cristã via essa prática mais como um dever cultural que um mandamento religioso. Mas nas planícies muçulmanas, a questão continuava

extremamente delicada. Como muçulmana, Amina entendia os obstáculos. "Dizem às mulheres que está escrito no Alcorão que elas precisam fazer essas coisas", explicou. Ela podia dizer-lhes que não, mas, como forasteira e como mulher, sua palavra valia pouco contra a do *sheik da* aldeia.

Educar as mulheres para que lessem o Alcorão era uma das pedras angulares da paciente campanha dos eritreus contra a mutilação genital. Um ano antes de conhecê-la, Aset Ibrahim teria dito a quem lhe perguntasse que a extirpação do clitóris e a infibulação eram essenciais para a beleza e o bem-estar femininos. "Minha mãe, minha avó e minha bisavó, todas me disseram que estava certo, que sem isso a mulher não conseguiria se controlar, que acabaria como prostituta", contou Aset, uma linda mulher de 28 anos cujos genitais tinham sido mutilados aos sete anos de idade. "Aprendi a acreditar que assim era mais bonito. Crescemos recitando: 'Uma casa sem porta não é bonita.'"

Mas a infibulação não a salvara da prostituição. Devido à sua beleza, Aset fora forçada à servidão pelo exército etíope, obrigada a trabalhar como doméstica e por vezes prostituta nos alojamentos dos soldados. Quando a cidade caiu nas mãos dos eritreus, os guerrilheiros ofereceram a Aset uma oportunidade para fazer um treinamento de quatro meses como auxiliar de parteira, aprendendo nutrição, higiene, planejamento familiar e a fazer partos. Parte do curso abordava os perigos da mutilação genital, informação que Aset agora passava aos seus pacientes.

O trabalho de Aset não era fácil: precisava falar contra práticas ancestrais como pôr pesadas pedras sobre o corpo de mulheres parturientes para apressar o parto, ou disparar fuzis perto de seus ouvidos para "assustar" o bebê para fora do útero. Tradicionalmente, as mulheres infibuladas são recosturadas depois de cada nascimento, uma prática terrivelmente dolorosa que atrasa a recuperação e aumenta os riscos de infecção.

"Agora estou convencida de que essas práticas não servem para nada, e, tal como eu me convenci, espero convencer outras. Mas é um trabalho difícil", disse Aset. Por vezes as mulheres pediam que as costurasse porque temiam a rejeição dos maridos. Outras não acreditavam que a prática lhes fazia mal. Se uma mulher insistia, Aset infibulava-a de novo, esperando pelo menos que seus instrumentos esterilizados fizessem menos mal que os da parteira local, a quem quase certamente recorreriam se ela recusasse.

Como alguns cristãos e animistas também praticam a mutilação genital, muitos muçulmanos se ressentem com a forma como a prática é associada à sua fé. Mas uma em cada cinco garotas muçulmanas vive atualmente em

comunidades que, de alguma forma, sancionam as interferências em seus genitais.

A mutilação em larga escala parece ter origem na África central da Idade da Pedra, e viajou para o norte, pelo Nilo, até o antigo Egito. Mas só quando os Exércitos árabes-muçulmanos conquistaram o Egito no século VIII, a prática se espalhou pela África de forma sistemática, paralela à disseminação do Islã, atingindo locais longínquos como o Paquistão e a Indonésia. Retrocedeu depois para apenas alguns lugares da Península Arábica: no Oásis Buraimi, nos Emirados Árabes Unidos, era tradicional até a alguns anos remover cerca de um oitavo de polegada do clitóris das meninas de seis anos de idade. Perguntada sobre a razão dessa prática, a mulher de Buraimi não soube responder. Conhecedoras de sua religião, elas sabiam que o Alcorão não defende essa prática, e sabiam que muitas tribos vizinhas não a faziam. Mas esperavam com a operação resguardar a castidade de suas filhas, porque dela dependia a honra do pai e da mãe.

Enquanto alguns muçulmanos protestam contra que a mutilação seja ligada à sua fé, poucas figuras religiosas a condenam e muitos textos islâmicos ainda a defendem. Na Austrália, ouvi uma vez uma jovem muçulmana, educada e articulada, exprimir gratidão pela remoção de parte de seu clitóris: "Me faz lembrar que meu casamento tem coisas mais importantes que o prazer", dizia.

Em Londres, em 1992, Donu Kogbara, uma repórter investigativa do *Sunday Times*, não teve dificuldades para encontrar um médico que se prontificasse a remover o seu clitóris, apesar de a operação ter sido banida no Reino Unido desde a aprovação do Ato de Proibição da Circuncisão Feminina, em 1985. A repórter apenas disse ao doutor Farouk Siddique, com consultório em Harley Street, que o namorado insistia que ela fizesse a operação antes do casamento.

Na maioria dos países muçulmanos, as mulheres são reféns da honra de seus parentes masculinos. Se uma esposa comete adultério ou a filha faz sexo antes do casamento, ou até se é suspeita de tê-lo feito, desonra o pai, os irmãos e às vezes toda a família. Reduzir ou destruir o prazer sexual é reduzir a tentação; é um recurso para o caso de os mandamentos religiosos sobre o uso do véu e o confinamento não darem resultado.

E, no entanto, a redução do prazer sexual feminino contradiz diretamente os ensinamentos de Maomé.

Para os muçulmanos, cada palavra do Alcorão é sacrossanta. "Não existe a dúvida neste livro", diz o Alcorão, e cada muçulmano acredita que seus 6.000

versículos constituem instruções diretas de Deus. Mas *existem* debates sobre as segundas fontes de instrução religiosa do Islã: o corpo dos *hadith*, ou histórias tradicionais sobre a vida e os dizeres do profeta, compilados pelos primeiros muçulmanos num formidável esforço de pesquisa que durou os dois séculos que se seguiram à morte de Maomé. Como os muçulmanos têm como ideal serem iguais a Maomé, cada detalhe de seus hábitos, por mais que parecesse trivial, foi preservado pelos relatos de seus seguidores. O resultado é uma coleção de histórias, cada uma das quais tem uma genealogia que documenta a fonte e exatamente como e através de quem ela passou. Cada tradição é classificada como "verdadeira", "boa" ou "fraca". Assim, os eruditos muçulmanos podem determinar se a cadeia de transmissão é confiável.

Do estudo dos *hadith* emergiram várias escolas do pensamento islâmico e, dentro delas, alguns professores conseguiram muitos seguidores. Muitos estão de acordo sobre o que é *haram*, ou proibido, como comer carne de porco e beber álcool, e também sobre o que é *wajib*, ou obrigatório, como o conteúdo e o horário das cinco orações diárias. Um muçulmano tanto peca por praticar atos proibidos quanto por negligenciar obrigações. Mas entre essas duas categorias estão os *makruh*, ou atos inconvenientes que são desencorajados; e os atos *sunnat*, que são desejáveis, mas não obrigatórios.

Para a maioria dos homens muçulmanos, deixar crescer a barba é *sunnat* — um ato desejável que expressa humildade e copia o profeta. O homem será recompensado se o fizer. Não será punido se o negligenciar. Nas comunidades muçulmanas que praticam a mutilação genital, remover o clitóris é como deixar crescer a barba: um ato *sunnat*. Alguns muçulmanos acreditam que a *sunnah* de Maomé — a tradição ou o "caminho percorrido" — encorajava a remoção de um terço do clitóris das meninas. A maioria dos muçulmanos diz que não existe essa *sunnah*. As provas apóiam esta última visão, já que existe um imenso corpo de *hadith* em que Maomé e seus discípulos mais próximos exaltam a sexualidade feminina e seu direito ao prazer sexual.

Muitas *hadith* revelam que repugnava a Maomé o tipo de repressão sexual requerida pelas tradições monásticas cristãs. Uma noite, quando uma mulher veio à casa de Maomé para se queixar que o marido, Othman, estava muito ocupado com suas orações para fazer sexo, Maomé ficou tão irritado que sequer calçou os sapatos. Foi direto para a casa de Othman, sapatos na mão, e repreendeu-o: "Oh! Othman! Alá não me enviou para ser monástico, mas sim com uma lei simples e reta. Eu jejuo, oro e também tenho relações íntimas com a minha mulher." Comparem isto com São Paulo aos coríntios: "É bom para o homem não tocar na mulher... Mas se não consegue se controlar, que case:

porque é melhor casar que arder." Os muçulmanos vêem a revolução sexual do Ocidente como uma reação inevitável às igrejas que tentaram suprimir e tornar vergonhosas as necessidades sexuais dadas por Deus.

Para Maomé, o sexo dentro do casamento devia ser desfrutado tanto pelo marido quanto pela mulher. Ele encorajava especialmente os jogos sexuais preliminares: "Quando qualquer um de vós faz sexo com a esposa, não deve ir a ela como os pássaros; deve ser lento e demorado", disse. Uma vez, discutindo sobre crueldade, ele citou o sexo sem preliminares como uma forma de crueldade com as mulheres.

O Islã também não fixa limites para o tipo de sexo que os casais podem desfrutar. "Vossas esposas são vossa lavoura", diz o Alcorão. "Entra por isso na tua lavoura da maneira que quiseres." Para a maioria dos estudiosos do islamismo, isto quer dizer que todos os tipos de ato sexual, incluindo o sexo oral, são permitidos. Quanto às posições sexuais, os amantes entusiastas têm poucos tabus. Ê *makruh*, ou desencorajado, fazer amor de pé, ou com a cabeça ou o traseiro voltado para Meca. As poucas proibições inequívocas na vida marital islâmica — não fazer amor com a mulher depois da morte dela, por exemplo — revelam a disposição da religião de contemplar toda a gama de possibilidades sexuais.

O Islã é uma das poucas religiões que incluem o sexo entre as recompensas da vida depois da morte — apesar de estar reservado apenas aos crentes masculinos. Uma das muitas descrições que o Alcorão faz do Paraíso lembra uma brochura de propaganda de um prostíbulo divino. Num fértil jardim com sombra e água fresca, os crentes masculinos serão entretidos por deliciosos seres sobrenaturais com a "aparência de rubis e pérolas", cujos olhos serão incapazes de ver outro homem, e "que nenhum homem terá deflorado antes deles".

Se as mulheres muçulmanas não são citadas para compartilhar essa vida sexual depois da morte, pelo menos elas são satisfeitas na terra. Em muitos países muçulmanos, um dos poucos argumentos que uma mulher pode usar para iniciar um processo de divórcio é a incapacidade de o marido fazer sexo com ela pelo menos uma vez em quatro meses. A razão: uma mulher sexualmente frustrada é mais facilmente tentada a cometer adultério, o que leva ao *fitna*, ou caos social da guerra civil.

"Deus Todo-Poderoso criou o desejo sexual em 10 partes; então deu nove partes à mulher e uma ao homem", disse Ali, o marido de Fátima, a amada filha de Maomé, e fundador do Islã xiita. Na minha escola católica, ensinavam-nos o contrário: as meninas, o gênero sexual menos ativo, tinham que ser recatadas

porque os rapazes, enlouquecidos pela lascívia, não eram capazes de se controlar. Nas duas culturas, de alguma forma as mulheres sempre conseguem estar do lado errado. Elas carregam o estigma de provocar a desordem social nas tradições católicas porque *não* são consideradas sexualmente ativas, e na tradição muçulmana porque *são*. É esta noção da lascívia dificilmente controlável da mulher que frequentemente está por trás das justificações para práticas como a extirpação do clitóris, confinamento e uso de véu. "Você pensa que escondemos nossas mulheres porque temos vergonha do sexo?", questionou-me um dia um amigo saudita chamado Abdulaziz. "Pelo contrário. Escondemo-las porque *não* temos vergonha."

Mas eu continuava a não entender. Na Arábia Saudita, conheci um casal que se apaixonara pelo telefone. Ele editava uma revista; ela mandou um poema como colaboração. Ele ligou para discutir a publicação e os dois logo travaram uma longa e íntima discussão sobre poesia e política. Acertaram o casamento ainda antes de se conhecerem.

Como a maioria das casas sauditas, a deles tinha duas entradas — uma para os homens, a outra para as mulheres. Fui uma noite a uma festa na vivenda cercada por altos muros. Homens de roupa branca entravam pela porta da frente. Suas esposas, com véus negros e segurando crianças de roupas coloridas, entravam pela porta do lado.

Cada porta dava para uma sala de sofás alinhados, a das mulheres decorada com tecidos de algodão rosa e tapetes de pelúcia; a dos homens com decoração mais formal e austera. Os dois grupos não se misturavam. Mas havia um convidado em particular que eu queria encontrar: um acadêmico que fora preso devido a suas opiniões políticas que o colocavam em linha de choque com a monarquia saudita. Para falar com ele, eu precisava quebrar as convenções e sentar no lado dos homens. Quando voltei ao salão das mulheres, a esposa dele piscou para mim. "Você acabou de me fazer um grande favor", disse. "Meu marido *adora* falar de política. E falar de política com uma *mulher* certamente o deixou excitado. Não posso esperar para chegar em casa. Hoje vou ter uma grande noite de sexo." Corei. A mulher riu. "Vocês ocidentais são tão tímidas em questões de sexo", disse. "Aqui, falamos disso o tempo todo."

Apesar de as mulheres sauditas gostarem de famílias grandes, nenhuma delas entenderia o conceito católico de que o sexo se destina exclusivamente à procriação. O profeta Maomé teve filhos apenas no primeiro casamento, mas manteve relações sexuais com todas suas outras mulheres, algumas delas além da idade de terem filhos. Ele também autorizou o coito interrompido, o mais

habitual método de controle de natalidade da época.

A questão da contracepção surgiu quando os soldados muçulmanos começaram a ter grandes vitórias. As mulheres eram parte dos despojos da guerra, e o Alcorão deu aos homens direitos sexuais sobre as escravas capturadas na guerra. Mas Maomé introduziu novos limites para esses direitos. Primeiro, o Alcorão encorajava os muçulmanos a libertar suas escravas "se vissem algum bem nelas"; uma idéia nova e muito impopular numa economia que prosperava com o comércio de escravos. O Alcorão também recomendava que os muçulmanos não forçassem as escravas ao sexo, se elas quisessem preservar sua castidade.

A contracepção tornou-se importante porque qualquer escrava muçulmana que desse à luz um filho de seu dono não podia ser vendida e era automaticamente libertada quando ele morresse. O filho, enquanto isso, tornava-se herdeiro do dono. Para um soldado que não queria perder o valor de mercado de suas cativas, ou ver o seu patrimônio dispersado entre filhos de escravas, evitar a gravidez tornou-se essencial para preservar seu patrimônio. Maomé disse a um soldado para praticar o coito interrompido, porque se Deus queria realmente criar algo, nenhuma ação humana poderia evitá-lo.

A jurisprudência islâmica tenta manter-se em dia com os dilemas sexuais modernos aplicando raciocínios ancestrais a circunstâncias contemporâneas. Os eruditos islâmicos decidiram, por exemplo, que a inseminação artificial é permitida, mas apenas com o esperma do marido da própria mulher. Citando o preceito do Alcorão que diz que os crentes devem "esconder suas partes privadas exceto de suas esposas", a maioria dos muçulmanos rejeita o uso do esperma de um outro doador. Mas se o casal, desesperado para ter um filho, transgride essa lei e concebe um bebê através da inseminação do esperma de um doador? De quem é o filho, para efeito de custódia ou herança?

Quando pediram ao jurista xiita Mohamed Jawad al-Mughniyah para arbitrar um caso desses, ele referiu-se a uma briga de herança ancestral em que uma mulher fizera amor com o marido, e logo depois teve relações lésbicas com uma escrava. O sêmen do marido supostamente fluiu para a vagina da escrava, que ficou grávida.

Depois de expor a punição que as duas mulheres deveriam sofrer por fazerem sexo lésbico ilícito, os imãs decidiram que o filho da escrava era herdeiro do dono do sêmen. Seguindo esse julgamento, o sheik al-Mughniyah decidiu que o filho da inseminação sempre é do doador do esperma. Não pode ser considerado parente ou herdeiro do marido da mãe.

Quanto mais tempo eu passava em países muçulmanos, mais o paradoxo entre a licenciosidade sexual e a repressão me deixava perplexa. Em um quente dia de verão no Irã, viajei ao centro religioso de Qum com Nahid Aghtaie, uma estudante de medicina que abandonara os estudos em Londres para voltar e participar da revolução islâmica em seu país. Uma mesquita de cúpulas douradas domina o horizonte desértico de Qum e seus interiores ladrilhados hospedam os restos de uma santa xiita, Fátima Massoumah (Fátima, a Casta). Os iranianos geralmente não deixam não-muçulmanos entrar em santuários importantes, mas Nahid, dizendo que esses regulamentos não vinham do Islã, mas de mentes limitadas, insistiu para que eu fosse.

Enquanto Nahid se lavava para a oração, vagueei pelo vasto pátio da mesquita, olhando as famílias fazendo piqueniques em seus recantos de azulejos azuis. Por fim dei-me conta de que um homem de turbante me seguia. Era um jovem de barba rala que usava a toga verde clara e o manto preto dos estudantes de religião iranianos. Qum está cheia desses homens. Quando me virei, ele se aproximou e sussurrou algo apressadamente, em farsi: "*Honim sigheh mishi?*" Fiquei com medo que tivesse descoberto que eu não era muçulmana e estivesse me pedindo para sair. Puxei mais o xador em torno do rosto e me afastei rapidamente com os olhos no chão. Encontrei Nahid e entrei na fila que se formara na entrada das mulheres. Na porta, entregamos os sapatos e passamos ao interior do santuário, mergulhado na penumbra.

Línguas de luz de um candelabro dançavam nos vitrais e se espalhavam pelos intrincados medalhões esmaltados de mármore entalhado. Nahid abriu caminho entre a multidão de mulheres e se abraçou a um dos pilares de prata trabalhada que formavam uma jaula em torno do túmulo de Fátima, entre uma velha encarquilhada e desdentada e uma garota grávida, orando a esta santa que poderia simpatizar com os problemas femininos. Meses depois, descrevendo a beleza do lugar a um amigo iraniano, contei como gostara de tê-lo conhecido, e como quase fora expulsa por um *mulah*. Meu amigo riu. "Não creio que ele duvidasse de que você era muçulmana. Ele estava pedindo você em casamento." O que ele perguntara — "A senhora aceita um casamento temporário comigo?" — fora um convite para um contrato exclusivamente xiita chamado *sihgeh*, ou *muta*. "Você provavelmente tinha o xador enrolado no lado errado", explicou o amigo. "É um dos sinais que as mulheres usam quando estão querendo *sihgeh*."

O *sihgeh*, um acordo entre o homem e a mulher, e sancionado por um religioso, pode durar desde poucos minutos até 99 anos. Normalmente o homem paga uma soma acordada em troca de um casamento temporário. O motivo mais habitual é o sexo, mas há acordos de casamento temporário que têm outros

objetivos. Quando o motivo é o sexo, a transação difere da prostituição porque o casal tem de comparecer diante de um clérigo para registrar o contrato e, no Irã, qualquer criança que nasça da união é legítima. Para além disso, o *sihgeh* é livre das responsabilidades do casamento: o casal pode fazer os acordos que quiser em relação ao tempo que passarão juntos, quanto dinheiro estará envolvido e que serviços, sexuais ou não-sexuais, cada um fornecerá.

Os xiitas acreditam que Maomé aprovava o *sihgeh*. Os sunitas, o ramo majoritário do Islã, não concordam. Mesmo no Irã xiita, o *sihgeh* caíra em desuso até que Rafsanjani voltou a encorajá-lo depois da guerra Irã-Iraque, que acabou em 1988. Num sermão de 1990, ele argumentou que a guerra deixara muitas jovens viúvas, algumas sem esperança de voltarem a casar-se. Essas mulheres, disse, precisavam tanto de apoio material quanto de satisfação sexual. Ao mesmo tempo, muitos jovens que não tinham dinheiro para montar a casa estavam adiando o casamento. A tensão sexual precisava de uma liberação saudável, disse, e, já que o *sihgeh* existia no Islã com esse propósito, por que não usá-lo?

Suas observações provocaram um debate acalorado entre as mulheres iranianas, algumas das quais se opuseram asperamente à prática que consideravam exploradora. Argumentavam que o Estado devia cuidar adequadamente das viúvas de guerra, para que elas não tivessem que vender seus corpos no *sihgeh*. Mas outras falaram a favor. O *sihgeh*, diziam, não era apenas uma questão de dinheiro. Viúvas e divorciadas tinham necessidades sexuais e desejo de companhia masculina, e o "marido" *sihgeh* era uma presença masculina bem-vinda em suas casas e boa para as crianças. Uma revista humorística iraniana, *Golagha*, publicou um cartum satirizando os previsíveis efeitos da argumentação de Rafsanjani. Mostrava dois balcões para licenças de casamento, um para o *sihgeh* e outro para matrimônio permanente. O religioso atrás do balcão do casamento não tinha clientes; a fila para o *sihgeh* saía para a rua.

Na maioria das vezes, são as mulheres mais pobres que consentem o *sihgeh*. Uma advogada amiga contou-me sobre a faxineira cujo marido morrera jovem e deixara dois filhos para criar. "Durante muito tempo, ela foi uma pessoa muito áspera", disse. "Ela vinha para a minha casa e me via feliz com o meu marido e filha, enquanto a vida dela era só o trabalho." Até que a faxineira fez um acordo de casamento temporário. "Sua personalidade mudou de um dia para o outro. Não só pela questão do dinheiro. Subitamente, ela tinha um homem com quem passar o tempo, para levá-la para sair. Na nossa cultura, um homem e uma mulher não podem simplesmente sair e gozar da companhia um do outro, mas

com o *sihgeh* podem."

Alguns xiitas também usam o *sihgeh* para criar uma relação que permita à mulher aparecer sem véu na frente de um homem — por exemplo, um parente distante que compartilhe a mesma casa. Esses contratos *sihgeh* especificam que não há relações sexuais envolvidas. No Ocidente, algumas famílias estão usando o *sihgeh* como forma de permitir que os jovens casais se conheçam bem antes do casamento. Um contrato *sihgeh* que proíbe relações sexuais pode permitir que um rapaz e uma garota se encontrem durante o namoro sem desafiar a religião ou a tradição.

O *sihgeh* também é uma resposta aos problemas de infertilidade que os ocidentais hoje tentam resolver com os contratos legais para a maternidade subrogada. No ramo sunita do Islã, se uma mulher não é fértil, o marido normalmente se divorcia ou traz para casa uma segunda mulher. No Irã, um contrato *sihgeh* pode ser feito de forma a que o objetivo do casamento temporário seja a criança que o marido e sua esposa permanente criarão.

O *sihgeh* é também a única forma de o homem xiita casar com uma mulher não-muçulmana. Diferente dos sunitas, que permitem que os homens muçulmanos se casem com mulheres de outras religiões monoteístas, os xiitas exigem a conversão de todas as mulheres ou homens não-muçulmanos, antes que o casamento permanente seja válido.

O ressurgimento do *sihgeh* feito por Rafsanjani despontou como uma dádiva para os iranianos não-religiosos cujas vidas privadas tinham sido despedaçadas por intromissões revolucionárias. Amantes não-casados, por exemplo, não podiam viajar juntos num fim-de-semana — os hotéis não lhes dariam um quarto de casal sem uma licença de casamento, e os guardas revolucionários poderiam surpreendê-los em qualquer *blitz* na estrada. Para Lou, uma européia que se apaixonara pela cultura persa e adotara a cidadania iraniana, isto acarretava problemas. Apesar de ter-se convertido ao Islã para permanecer no Irã, suas inclinações religiosas eram uma mistura de zen, yoga e espiritualismo. De coração boêmio e sem a menor intenção de se conformar com as regras sexuais islâmicas, ela teve muitos amantes e correu muitos riscos até a reavaliação do *sihgeh*. Agora, quando arranja um amante, ela simplesmente assina com ele um *sihgeh* de alguns meses e tem assim um papel para brandir a qualquer fanático revolucionário intrometido. Provavelmente, não era essa a intenção de Rafsanjani.

Mas tanto para sunitas quanto para xiitas, qualquer que seja a licenciosidade que sua fé permita, ela vem cercada de terríveis penalidades para as transgressões sexuais. Os limites para as transgressões sexuais no Islã são estritamente traçados em torno do leito matrimonial, seja ele permanente ou temporário. O sexo fora do casamento e o homossexualismo são proibidos, e ambos podem ser punidos com as mais horrendas punições do código legal islâmico.

Enquanto a pena de morte, na lei islâmica, é opcional para casos de assassinato, é obrigatória para qualquer adúltero condenado que pudesse ter satisfeito suas necessidades legalmente com o esposo ou a esposa. A sentença é comutada para 100 chicotadas se o adúltero não for casado, ou se sua esposa estava doente ou muito longe quando o adultério foi cometido. No Irã, os apedrejamentos ou, como os iranianos preferem traduzir a palavra, lapidações, ainda são aplicados em caso de adultério. A Arábia Saudita também determina que os adúlteros casados sejam apedrejados. Alguns dos *mujahedin* afegãos apoiados entusiasticamente pelo governo dos EUA durante sua guerra contra a União Soviética, querem reintroduzir o apedrejamento no Afeganistão. E, no entanto, o apedrejamento nunca foi especificado como punição para casos de adultério pelo Alcorão. O Alcorão diz que as esposas adúlteras devem ser confinadas "a suas casas até que a morte as leve". Nos anos que Maomé passou em Medina, contudo, havia frequentes apedrejamentos a adúlteros na grande comunidade judaica da cidade, e alguns *hadith* afirmam que Maomé também prescreveu este castigo para os muçulmanos. Mas foi só depois da morte de Maomé, durante o reinado do segundo califa, Omar, um homem notavelmente duro para com as mulheres, que o apedrejamento passou a fazer parte do código como forma de executar adúlteros.

Hoje, no Irã, homens que vão ser apedrejados são enterrados até a cintura, o as mulheres até o peito, e o tamanho das pedras é cuidadosamente regulado. Não podem ser usados nem blocos nem seixos, para que a morte não seja nem misericordiosamente rápida nem infindavelmente prolongada. Em novembro de 1991, uma mulher de 30 anos chamada Zahra, que conseguiu arrastar-se para fora da cova em que tora enterrada, teve a sentença comutada: o Judiciário considerou que se ela escapara só podia ter sido por vontade de Deus.

Aqueles que testemunharam apedrejamentos recentemente descrevem multidões só de homens, diferentes dos grupos mistos que compareciam a decapitações. O clima é habitualmente de fúria e de sede de sangue. Parte do ritual do *Hajj* — a peregrinação sagrada a Meca — é o apedrejamento dos pilares que representam Satã. Testemunhas dizem que a mulher que é executada acaba

ficando tão desumanizada quanto esses pilares — um escoadouro, possivelmente, para os sentimentos de culpa dos homens em relação a sua incontrolável sexualidade. Só que as pedras, nesse caso, atingem carne macia. Devido à forma como a vítima é enterrada, cada impacto faz o pescoço estalar para trás, numa série de chicotadas martirizantes. A morte muitas vezes chega quando a cabeça é completamente arrancada.

É difícil imaginar uma forma pior de morrer. Mas os castigos para a sodomia homossexual são ainda mais cruéis. Se os parceiros são homens casados, podem ser queimados vivos ou jogados do alto de um despenhadeiro. Se não são casados, o parceiro que foi sodomizado, exceto se for menor, é executado, e o sodomizador chicoteado 100 vezes. A variação do castigo reflete a repugnância muçulmana à idéia de o homem assumir o papel feminino de parceiro penetrado. O sexo lésbico, se as mulheres são solteiras, acarreta 100 chicotadas. Lésbicas casadas podem ser apedrejadas.

"Por que o Islã é tão severo em assuntos de adultério, homossexualismo e lesbianismo?", pergunta Mohammed Rizvi, um clérigo da Fundação Educacional Islâmica de Vancouver, que escreve sobre o Islã e o sexo. "Se o sistema islâmico não tivesse permitido a satisfação das necessidades sexuais, por meios legais, sem que a elas esteja associada a culpa, então seria correto dizer que o Islã é muito severo. Mas, como permitiu o cumprimento dos instintos sexuais por meios legítimos, o Islã não está preparado para tolerar qualquer comportamento pervertido."

Mas o comportamento "pervertido" continuou, mesmo para os muçulmanos mais santarrões. No verão de 1990, quando as tropas americanas desembarcaram para defender a Arábia Saudita de Saddam Hussein, fui fazer uma reportagem sobre como os sauditas estavam reagindo. Na minha primeira noite no país, entrevistei um influente executivo de uma empresa petrolífera. Formado na Universidade Georgetown e na Wharton School, esperava que ele me desse uma visão liberal, influenciada pelo Ocidente. Em vez disso, ele disse-me esperar que os americanos ficassem confinados em suas bases para evitar "ramificações profanas" de vícios como o álcool ou mulheres ao volante. Disse que achava "odioso" que a CNN tivesse mandado uma jornalista, a veterana correspondente Christiane Amanpour, para cobrir a ação das tropas. Para ele, a obsessão americana com a igualdade sexual não era senão uma fachada para a imoralidade. "Diga-me se o patrão de qualquer empresa não olha para a secretária pensando numa forma de tê-la. Se isso não acontecer, será só por interesse próprio — muito a perder se forem descobertos."

Seu estúdio envidraçado tinha vista para uma piscina iluminada e um pátio florido. Se a parede não fosse de vidro, explicou, ele não poderia estar ali comigo. "Se um homem e uma mulher estão juntos e sós, a terceira pessoa presente é Satã", disse. Depois de quase uma hora, fechei meu bloco de notas e agradeci-lhe pela entrevista. Acompanhando-me à porta, ele parou, como se tivesse mudado de idéia, e perguntou se eu não gostaria de conhecer alguns de seus amigos. É claro, respondi.

Atravessando o vestíbulo, ele abriu a porta de um quarto mergulhado na penumbra, onde se ouvia música de *rock* em alto volume e cheia de corpos entrelaçados. Uma deslumbrante filipina de minissaia preta dançava, esfregando-se ritmadamente contra o parceiro de vestes brancas. Outro homem estava sentado de pernas cruzadas no chão, apontando uma luz colorida para as pernas da moça. Num divã, uma linda turca de longa cabeleira loura acariciava uma mulher egípcia para um sorridente *voyeur* masculino. No bar do canto, os convidados serviam-se de uísque Johnnie Walker — US\$ 135 a garrafa no mercado negro e cujo consumo era punível com flagelamento público na praça da cidade.

Sacudindo um copo de *scotch* e gelo, o anfitrião parecia inconsciente da contradição entre o que acabara de dizer e o que agora me mostrava. Depois do segundo drinque, começou a falar-me sobre o casamento fracassado com uma americana. "Ela insistia em sair por aí com o meu Rolls sem cobrir o rosto. É claro que todo mundo ficava olhando para ela", disse com desgosto. Depois do divórcio, ele ficara com a guarda dos filhos, como estabelece a lei saudita. Não tinha planos de voltar a casar-se. "Posso ter uma mulher na hora que quiser", disse, inclinando a cabeça na direção da filipina. "No último inverno paguei a uma modelo para me acompanhar por 15 dias na Suíça."

Fiquei desconcertada pela hipocrisia daquele homem até ler o romance de Naguib Mahfouz, *Palace Walk*, em que o personagem principal é um homem de forte fé que literalmente sequestra suas esposas, mas todas as noites se entrega à devassidão com as cantoras mais famosas do Cairo. Quando um *sheik* o censura por fornicção, ele responde que "as profissionais do espetáculo de hoje são as escravas de ontem, cuja compra e venda Deus legalizou".

O saudita olhava dessa mesma forma a mulher que dançava em sua boate. A maioria delas trabalhava para a Saudia, a empresa aérea nacional. Era um dos poucos empregos disponíveis para mulheres estrangeiras na Arábia Saudita, que geralmente não concede vistos a mulheres, exceto empregadas domésticas. A companhia aérea precisava de estrangeiras, já que as mulheres sauditas não

podiam trabalhar num emprego que lhes exigisse viagens desacompanhadas e constantes contatos com homens.

Quando me levantei para sair, a filipina perguntou se podia aproveitar a carona. Ela foi buscar sua *abaya* — a versão árabe para o xador — e o véu do rosto. Consciente dos olhares dos homens que a seguiam, ela puxou a seda preta lentamente para baixo, deixando-a insinuar-se centímetro a centímetro sobre o decote e cair lentamente sobre as coxas. Pegando a peça de gaze que cobre o rosto, sacudiu-a para a frente, debruçando-se sugestivamente em direção aos homens por um momento, girando lentamente para oferecer uma vista de seu traseiro arredondado. Depois inclinou a cabeça para trás, prendendo todo o cabelo no véu. Foi um *striptease* ao contrário. No final, ali estava ela, um cone preto, a imagem da integridade da mulher saudita.

No início fiquei surpreendida que meu anfitrião hipócrita se arriscasse a ter esse estilo de vida num país com leis tão duras contra a fornicção. Mas, por fim, me dei conta de que ele estava bastante seguro atrás dos muros de sua residência. Em casos de transgressões sexuais, execuções e flagelamentos só acontecem se o acusado confessa. Conseguir uma condenação de outra forma é quase impossível sob as leis islâmicas que regulamentam as provas, já que estas exigem quatro testemunhas masculinas (ou, já que o testemunho de uma mulher equivale a metade da do homem, duas testemunhas femininas e três masculinas) testemunhando ter visto a penetração. Acusadores que não tenham o número certo de testemunhas serão por sua vez acusados de calúnia e condenados a 80 chicotadas.

Mas, na maior parte das vezes, essas regras não se aplicam às mulheres, que são executadas muito antes de o processo chegar aos tribunais.

"Meu pai morreu quando eu tinha nove anos", disse Tamam Fahiliya, revolvendo os cabelos curtos e encaracolados com as unhas. "Sorte minha. Se estivesse lá, possivelmente teria sido morta há muitos anos."

Tamam esticou-se sobre a baixa mesa de café de seu apartamento e pegou um cigarro. Ao inclinar-se para a frente, a pele enrugou-se acima de um pequeno *bustier*. Tamam vivia sozinha, e vivia perigosamente para uma muçulmana palestina de 37 anos. Por três anos, ela tivera um amante: um jovem e solitário médico palestino que se proclamava feminista.

"Claro que era só papo. No fim ele voltou para aldeia dele e casou com uma

prima. Um homem sempre pode voltar atrás. Mas eu não. Ninguém mais casaria comigo a não ser um velho ou um doido."

Tamam não exagerava quando dizia que o pai poderia muito bem tê-la morto se soubesse do caso. Todos os anos cerca de 40 palestinas morrem nas mãos dos pais ou irmãos, nos chamados "crimes de honra" que limpam a vergonha dos parentes da mulher que faz sexo antes ou fora do casamento. A maioria dos crimes ocorre nas mais pobres e remotas aldeias palestinas. Muitas vezes as mulheres são queimadas, para que a morte possa parecer um acidente. O assassino normalmente se transforma num herói local: um homem que fez o que era preciso para limpar o nome da família. Os "crimes de honra" dos palestinos estão de certa forma melhor documentados que em qualquer outro lugar devido à ocupação israelense. Muitas, não todas as mortes, chamam a atenção dos militares israelenses ou da polícia civil.

Mas os crimes de honra acontecem em todo o mundo islâmico. Um dos mais famosos, a execução da princesa saudita Mishaal bint Fahd bin Mohamed num estacionamento de Jedá em 1977, foi secretamente testemunhado por um exilado britânico. A difusão de um filme sobre o assassinato, num documentário intitulado *A Morte da Princesa*, gerou um incidente diplomático que levou à expulsão do embaixador britânico na Arábia Saudita. Nos Estados Unidos, quando a rede PBS anunciou que transmitiria o filme, uma importante empresa petrolífera patrocinadora pediu que fosse cancelado. Poucos fatos deste caso jamais puderam ser confirmados. A história contada na televisão britânica sustenta que Mishaal era uma mulher casada que fugiu com o amante, Khalid Muhallal, afilhado do atual Ministro da Informação da Arábia Saudita, e passou algumas noites com ele num hotel de Jedá antes de tentar fugir do país vestida de homem. Foi presa no aeroporto e entregue à família.

Mas uma americana casada com um importante saudita e que era íntima das pessoas envolvidas no caso conta uma história ainda mais extrema. Mishaal, garante, era solteira. Foi morta unicamente por zombar da vontade da família e fugir de um casamento arranjado, para casar com o homem que amava. O avô dela, o Príncipe Mohamed, patriarca do ramo da família real a que Mishaal pertencia, ignorou os apelos de clemência até do irmão mais novo, o próprio rei. Mishaal foi morta; Khalid Muhallal decapitado. Não foi feita qualquer publicidade das mortes, como acontece com execuções que ocorrem depois de um processo da lei *sharia*.

Em qualquer das versões da história, mesmo seguindo as regras da *sharia* sobre provas, nenhum dos jovens poderia ter sido condenado. Se a versão do

documentário estava certa e Mishaal era casada e cometeu adultério, a pena deveria ser a morte, mas apenas se quatro testemunhas tivessem surpreendido o casal em flagrante delito no hotel. Provas circunstanciais, como estarem juntos no mesmo quarto à noite, não teriam sido suficientes. E, como mulher solteira, Mishaal não teria cometido um crime capital sob a lei *sharia*.

É pouco comum acontecer esse tipo de crime de honra entre famílias de classe alta como a al-Sauds. Normalmente são as mulheres de famílias pobres e menos educadas que correm mais riscos.

O pai de Tamam fora pobre e não recebera educação: sustentou sete filhos trabalhando como jardineiro. A família vivia na antiga cidade de Akko, num bairro perto dos muros dos Cruzados, que se estendem ao longo da costa. Como a família dela ficou entre os 156 mil palestinos que não fugiram durante a guerra Árabe-Israelense de 1948, Tamam cresceu como árabe de cidadania israelense, falando hebraico tão fluentemente quanto o árabe. Ela era a última de cinco filhas; seu nome, que significa "chega", ou "acabou", foi o apelo de seus pais para que acabasse a extensa série de meninas indesejadas. A oração foi respondida, sete anos mais tarde, com o nascimento de dois filhos.

Também os irmãos poderiam ter sido um problema para Tamam. Mas, como ela saiu de casa quando eles ainda eram muito novos, nunca tiveram chance de se sentirem proprietários da irmã. "Para a maioria de nós, os irmãos são como um grande cão de guarda que acha que seu único objetivo na vida é vigiar nossos corpos", explicou. "Para eles, também é uma espécie de opressão terem de viver sentindo-se responsáveis e preocupados com a possibilidade de, em qualquer momento, nós arrancarmos deles a própria honra."

Logo que terminou os estudos, Tamam saiu de casa e foi trabalhar com ensino de crianças incapacitadas. Depois entrou num curso de enfermeira. Quando a conheci, em 1993, já vivia sozinha ou com amigos há mais de 10 anos. Foi a única muçulmana que conheci no Oriente Médio que não vivia nem com o marido nem com a família.

Em junho de 1991, Tamam leu no jornal a história de um assassinato na aldeia de Iksal, na Galiléia, não muito longe de onde nascera. A mulher tinha 19 anos, não era casada e estava com sete meses de gravidez. Seu corpo queimado foi encontrado amarrado num carro incendiado. O assassino era o pai da moça, de 74 anos.

"Pensei, 'Esta moça sou eu. Ela é qualquer uma de nós. Aqui, todas lutamos por nossas vidas.'"

Durante cerca de seis meses antes do assassinato, Tamam e algumas de suas

amigas vinham se reunindo uma vez por semana, lendo livros feministas e discutindo os problemas das mulheres nas sociedades árabe e muçulmana. Tinham até dado um nome a seu pequeno grupo: Al Fanar — o farol. "Tínhamos o sonho de nos tornarmos um guia para as mulheres em dificuldades. Por isso, liguei para as minhas amigas e disse: 'Se nada fizermos em relação a este caso, de que adianta toda a nossa conversa?'"

Tamam e as amigas fizeram cartazes em que se lia: "Pai, irmão, apóiem-me, não me matem". Chamaram todos os grupos árabes que conheciam, pedindo apoio. Mas não tiveram muito resultado. Nenhum dos jornais palestinos da Cisjordânia tocou no assunto, evitando fazer críticas à sociedade árabe que pudessem ser usadas pela propaganda israelense. Os grupos da Cisjordânia argumentavam que não era um bom momento, que a luta pela independência em relação a Israel tinha que vir antes dos direitos das mulheres. Os partidos políticos árabes-israelenses também não se pronunciaram, evitando entrar em conflito com seu eleitorado.

Tamam e suas 12 amigas juntaram dinheiro para publicar em dois jornais árabes-israelenses o anúncio de uma manifestação. Logo começaram as ameaças por telefone. "As pessoas ligavam para nos acusar de promover a promiscuidade", lembrou Tamam. Uma citou o preceito do Alcorão que diz que os homens são responsáveis pelas mulheres, e acusou-a de heresia por desafiar esta noção. "Disseram que, se a manifestação fosse feita, iríamos todas acabar como a moça de Iksal."

Apesar de tudo, quando cerca de 40 mulheres foram à manifestação na tarde de uma segunda-feira na rua principal de Nazaré, houve tanto apoio quanto hostilidade por parte dos espectadores.

"Alguns gritavam 'prostitutas' e outros insultos", disse Tamam, "mas algumas mulheres mais velhas e até alguns homens se juntaram a nós espontaneamente." Encorajadas pelo sucesso, as mulheres começaram a viajar às aldeias mais distantes, distribuindo panfletos que falavam não só contra os "crimes de honra", mas também contra os casamentos forçados e a forma perniciosa como as bisbilhotices são usadas nas pequenas comunidades para controlar o comportamento das mulheres e moças. "Achamos que era melhor ir às aldeias nas horas em que os homens estavam no trabalho", relatou Tamam, "caso contrário, o marido viria à porta, pegaria o panfleto, olharia e rasgaria antes mesmo que a mulher pudesse vê-lo."

Em novembro, outro crime de honra provocou nova manifestação. Desta vez o alvo foi a polícia israelense na cidade árabe-israelense de Ramle. A polícia

tinha detido uma fugitiva árabe de 16 anos num carro roubado com um homem casado. A moça implorou aos policiais que não a levassem de volta aos pais. "Explicou-lhes que eles a matariam, mas a polícia não se importou", lembrou Tamam. "Ligaram para a família e disseram: 'Temos a vossa filha aqui. Ela está muito assustada; vocês têm de prometer que não vão machucá-la'. Claro que a família garantiu que não lhe faria mal algum, e a polícia entregou-a." Pouco tempo depois, a moça foi encontrada morta.

As atividades da Al Fanar começaram a chamar a atenção da imprensa israelense. Suas ativistas receberam bem os jornalistas, mas logo ficaram consternadas quando os artigos saíram nos jornais. "Sentimo-nos usadas pela propaganda antiárabe", conta Tamam. "Os artigos eram do estilo 'Vejam como os árabes atrasados estão atacando as mulheres que os combatem'. Os jornalistas vinham e diziam: 'Vocês não parecem árabes'. Me desculpem, mas não quero que os judeus venham definir o que é um árabe e me digam que eu sou diferente."

A importância dada pela imprensa israelense apenas intensificou a reação fundamentalista. "Além de nos chamarem de prostitutas, começaram a nos chamar do traidoras", relata Tamam. "Logo algumas de nós não conseguiam mais ir às aldeias sem serem insultadas ou, pior, ignoradas. Até as mulheres começaram a ver-nos como algo tão estranho à sua comunidade que nada que disséssemos podia ser importante para elas. Pensamos que conhecíamos a nossa cultura, mas na verdade só conhecíamos nosso pequeno círculo de amigas. Hoje, se você vai a uma aldeia árabe e pergunta às pessoas o que acham de Al Fanar, elas vão rir. Tornamo-nos uma piada: as prostitutas que pensaram que podiam mudar o mundo."

A rejeição levou a brigas no interior do próprio grupo sobre a tática e a abordagem que deveria ser feita e, no fim, houve uma áspera ruptura. Dois anos depois de ter sido fundado, o Al Fanar praticamente deixou de existir. "A sociedade não estava preparada", diz Tamam. "E nós também não."

Mas, pelo menos, elas tinham tentado. E as parteiras da recentemente independente Eritreia também estão pelo menos tentando desfazer os danos causados às mulheres pelos perversos ensinamentos islâmicos. Muitos muçulmanos apregoam que as mortes por honra e a extirpação do clitóris não são o Islã; que são costumes que vêm das culturas nacionais e nada têm a ver com a fé. Com estas afirmações, lavam as mãos sobre essas brutalidades que marcam a vida de talvez um quarto das mulheres do Islã.

É compreensível que os muçulmanos progressistas odeiem ver sua fé associada a essas práticas. Mas é menos compreensível que se indignem contra os que criticam essas práticas e não contra elas mesmas. Um exemplo disso é o livro de Rana Kabbani, *Carta à Cristandade*, que ela escreveu como resposta aos ataques ao Islã decorrentes da *fatwa* de Khomeini contra Salman Rushdie. Rana Kabbani nasceu em Damasco, mas foi criada no exterior e hoje vive em Londres. Vale a pena citar longamente suas queixas: "Sempre fico magoada com as concepções erradas dos ocidentais sobre como é a vida das mulheres muçulmanas", escreve. "A ignorância ocidental é muitas vezes inseparável da visão indulgente que insiste em nos ver como vítimas sem remédio, quando mal conseguem distinguir entre nossas diferentes culturas de origem. Recentemente, em Londres, recebi a visita de uma escritora que veio me falar sobre um personagem muçulmano que queria colocar no próximo livro. 'Como pode uma feminista defender o Islã', perguntou, 'se advoga a circuncisão feminina?' Por coincidência, no mesmo dia li um trabalho da historiadora Marina Warner em que o Islã é descrito como uma religião que pratica a extirpação do clitóris. Não podiam estas escritoras ter-se dado ao trabalho de descobrir que essa é uma prática africana que nada tem a ver com o Islã?"

Não podia Rana Kabbani ter-se dado ao trabalho de refletir que uma em cada cinco moças muçulmanas vive em comunidades onde alguma forma de extirpação do clitóris é sancionada e religiosamente justificada pelos líderes islâmicos locais? Ou notar que capítulos sobre "mulher e circuncisão" aparecem em muitas novas edições dos textos islâmicos, especialmente no Egito?

Até que os mais articulados porta-vozes, como Rana Kabbani, ataquem seus transviados correligionários com o mesmo fervor que gastam com os críticos externos, o grave erro de confundir o Islã com a extirpação do clitóris e os crimes de honra vai continuar. E, muito mais importante que isso, irão continuar as próprias práticas, custando a saúde e a felicidade de tantas mulheres muçulmanas.

3. LÁ VÊM AS NOIVAS

"E entre Seus sinais está o de haver-nos
criado companheiras da vossa mesma espécie
para que com elas convivais; e vos vinculou
pelo amor e pela piedade."

Alcorão

Surata dos Bizantinos

Rata-tata-tat-tat BUUM BUUM BUUM! Rata-tata-tat-tat BUUM BUUM BUUM!

Puxei outro travesseiro para cima da cabeça, mas não adiantava. Levantando uma ponta dos cobertores, olhei a luz verde do relógio digital sobre a mesa-de-cabeceira do hotel. Eram 11h30 da noite. Pelo menos mais uma hora, possivelmente duas, antes que o barulho terminasse. Eu tinha de estar de pé às cinco da manhã para pegar um avião. Mas dormir era um sonho impossível.

Levantei-me e fui até a janela. Embaixo, a rua era um engarrafamento de casamentos. Contei pelo menos três limusines alinhadas atrás da que recém chegara à porta do hotel. Uma noiva saía do carro e fazia sua lenta progressão pela escadaria, cercada por um esquadrão de homens tocando tambor. Era, pela minha conta insone, a nona noiva da noite.

Rata-tata-tat-tat BUUM BUUM BUUM!

Estava em Bagdá, visitando o Iraque no que acabou sendo um curto interregno entre a Guerra do Golfo I (a versão estrangeira, legendada, entre o Irã e o Iraque) e a Guerra do Golfo II (o sucesso internacional de bilheteria feito pelos Estados Unidos). No Iraque, cada vez que as bombas paravam de cair, começava um *boom* de casamentos. Saddam Hussein decretara que os iraquianos deviam se casar e ter filhos para reparar o estrago demográfico causado pela frente de batalha. Para atingir este objetivo, proibiu os contraceptivos e ofereceu importantes incentivos financeiros para casamentos e nascimentos.

Já que não parecia possível que pudesse dormir tão cedo, decidi descer ao *foyer* e olhar melhor as festividades. Sem a altura de 16 andares e os cinco travesseiros, o barulho dos tambores, címbalos e trompas era ensurdecedor. Souha, a jovem que estava no centro de tudo, parecia a vítima de um acidente, atordoada e tremendo. Tão bem vestida quanto uma princesa, desfilou entre os músicos em direção ao salão de banquetes onde a esperava um trono de gladiolos rosa e cavaletes atafalhados de comida. Em algum outro lugar, ou talvez mais cedo ou alguns dias antes, o noivo e o pai da noiva tinham apertado as mãos sob uma peça de pano providenciado por um padre. O pai teria dito ao noivo: "Dou-lhe minha filha, Souha, a virgem adulta, em casamento de acordo com a lei de Deus e de seu profeta". O noivo teria respondido: "Tomo a sua filha, Souha, em casamento, a virgem adulta, de acordo com a lei de Deus e de seu profeta". O pai teria então perguntado: "Aceitas a minha filha?", ao que o noivo teria respondido: "Aceito-a". O pai diria então: "Que Deus te abençoe com ela",

e o noivo responderia: "Espero em Deus que ela seja uma bênção". Então, todo o mundo na sala recitaria o breve e poético primeiro capítulo do Alcorão.

O matrimônio é legalizado a partir do momento em que o noivo e o pai da noiva assinam o contrato de casamento, ou *aqd*. Normalmente, o principal objetivo do contrato é documentar quanto o noivo vai pagar de dote, e quanto ele terá de pagar à noiva se mais tarde decidir se divorciar. Um *aqd* islâmico é semelhante ao acordo pré-nupcial ocidental — um documento prático e nada romântico que encara o fato de que os casamentos às vezes fracassam. Um *aqd* bem elaborado pode contrariar algumas das desigualdades da lei da família islâmica, estabelecendo o direito da mulher a trabalhar, a continuar sua educação, e acrescentar motivos aos poucos previstos pela lei *sharia* que justifiquem o divórcio. Atualmente, por exemplo, muitas mulheres acrescentam uma cláusula conhecida como *esma*, que lhes dá o direito de se divorciarem caso o requeiram. Outras incluem uma cláusula mais estrita, estabelecendo seu direito ao divórcio caso o marido tome uma segunda esposa.

Na ponta dos pés, olhei sobre os ombros das mulheres ululando, no momento em que o noivo se juntava à noiva na entrada da sala. A noiva, Souha, sorriu palidamente ao levantar o véu e beijá-lo na testa. Esta devia ser uma família progressista: na maioria dos casamentos islâmicos, até mesmo a mais modesta demonstração de afeto não ocorreria em público. No *hall*, uma das festas anteriores já estava dispersando. Saindo da saia de banquetes, os convidados aplaudiram e gritaram quando os noivos desapareceram no elevador a caminho de uma das luxuosas suítes do hotel.

Quando o casal segue todas as regras de um casamento islâmico, as tensões da noite de núpcias são aliviadas por ternos rituais. Quando a noiva é finalmente entregue ao novo marido pela família, ele deve dar-lhe as boas vindas tirando-lhe os sapatos e lavando-lhe os pés. É uma forma inspirada de saltar os obstáculos do primeiro contato físico de um estranho. Depois, ele deve orar e abençoá-la, com as seguintes palavras: "Oh! Allah, abençoa-me com o afeto e o amor dela e faz com que ela me aceite; e faz-me feliz com ela e enlaça-nos na melhor forma de união e em absoluta harmonia; vós certamente gostais de coisas lícitas e desgostais de coisas ilícitas". Depois da oração da noiva, o noivo põe a mão na sua frente e pede a Deus que qualquer criança que nasça da união deles seja defendida de Satã.

Era difícil imaginar esse casal nervoso, desganhado e de aparência exausta passar ainda por tudo isso. Ambos estavam sob intensa pressão. Para o jovem, a continuação do casamento dependia de uma demonstração de virilidade; se ele

não conseguisse a ereção, a noiva podia repudiá-lo. A pressão sobre ela era a necessidade de provar a virgindade. Se não sangrasse, ela corria o risco de ser devolvida em desgraça à família, que podia ficar suficientemente enraivecida a ponto de matá-la. Durante gerações, as mulheres lançaram mão de encher as vaginas de chumaços de algodão embebidos em sangue ou de estilhaços de vidro para compensar hímens perdidos. Só camponeses em aldeias remotas ainda exibiam os lençóis manchados para a inspeção pública. Mas a questão de saber se Souha era mesmo "uma virgem adulta" ainda era importante, mesmo nas famílias urbanas e modernas.

"Quase todas saem do hotel levando um lençol roubado", disse o gerente, apoiando-se exausto numa pilastra. "Os parentes mais velhos ainda insistem em vê-lo." Quase um terço dos quartos do hotel estavam reservados por recém-casados. "Vai haver muito você-sabe-o-quê nos quartos esta noite", disse, abrindo um sorriso largo.

Perguntei-me como aquilo ia correr. Muitos dos casais eram quase estranhos. Mesmo em Bagdá, onde homens e mulheres trabalhavam ao lado uns dos outros, suas vidas pessoais mantinham-se muito segregadas. Durante a guerra com o Irã, quando os iraquianos foram proibidos de viajar para o exterior, habituei-me a ser a única mulher a bordo de voos saindo ou entrando no país. No aeroporto, a caminho de minha casa no Egito, tinha de entrar na fila cheia de trabalhadores e passar pela inspeção de segurança iraquiana. Um dia, um jovem inspetor que remexia minha bolsa de artigos de toalete encontrou uma caixa de tampões. Apertou o conteúdo e chamou o supervisor. Os dois esvaziaram a caixa sobre o balcão e cochicharam um para o outro. Finalmente, erguendo um deles para a luz, o jovem inspetor gritou acusadoramente: "Para que serve isto?" Quando tentei explicar-lhe, olhou para mim, primeiro desconcertado e depois horrorizado. Apesar de ter lido no Alcorão que a menstruação "é uma doença", não creio que jamais alguém tivesse lhe explicado a exata natureza das regras femininas.

Até este século, a maioria dos muçulmanos casava logo depois da puberdade. Atualmente, com o amplo reconhecimento de que os matrimônios devem ser mais maduros, e o custo dos casamentos em alta, muitos jovens muçulmanos têm de adiar a procura de esposa até depois dos 20 anos ou até dos 30. Até que se case, espera-se de uma garota muçulmana devota que evite até contatos visuais com um homem estranho. Ela nunca terá sequer apertado as mãos de um homem, muito menos saído com um ou trocado um beijo.

Em países como o Egito, onde as mulheres entraram no mercado de

trabalho, começa a ser mais comum os jovens encontrarem as futuras esposas antes de a família se envolver. Mas, em muitos países, os casamentos ainda continuam sendo arranjados entre estranhos. Na Arábia Saudita, só em 1981 um comitê de sábios islâmicos finalmente decidiu que um jovem pode encontrar-se com a futura esposa, sem o véu, antes do casamento. "Qualquer homem que proíba sua filha ou irmã de encontrar o noivo face a face estará pecando", decretou o comitê. Mas algumas mulheres sauditas preferem não tirar vantagem sequer desta pequena concessão. Basilah al-Homoud, uma diretora de escola de 38 anos, tinha 21 quando o pai lhe disse que recebera uma proposta de casamento. "Ele disse; 'Você quer vê-lo, você quer conversar com ele?' Mas eu respondi: 'Se você já conversou com ele, para mim é suficiente'." Ela viu o marido de relance, pela primeira vez, de uma janela do primeiro piso de sua casa quando ele chegou na noite do casamento. "Ele estava entrando em casa com alguns parentes. Meus olhos foram direto para ele e rezei para que fosse ele o meu noivo." Ela acha que foi certo confiar no pai. "Quem quer minha felicidade mais que ele? Quem me conhece melhor? Desta forma, o meu casamento não é só de duas pessoas. Envolve toda a minha família, e a família do meu marido. E como as famílias estão envolvidas, eu pensaria mil vezes antes de dizer 'Quero o divórcio'."

Mas algumas jovens não foram tão confiantes. "Casamento para nós é um risco completo", disse Arezoo Moradian, uma estudante da língua inglesa de Teerã. "O marido tem tanto poder sobre nós que temos que ser loucas para casar com alguém que não conheçamos perfeitamente. Mas com o sistema que temos aqui, é impossível conhecer um rapaz perfeitamente. Você não pode sair com ele, não pode ficar com ele por algum tempo."

E, quando casa, a palavra dele é lei, como disse o comentarista religioso da *Gazeta Saudita* a um leitor na edição de 9 de janeiro de 1993. "No mundo liberal de hoje muitas vezes se afirma que a mulher tem absolutamente os mesmos direitos que o marido", escreveu Name Withheld de Jedá. "Creio que seria bom que você explicasse qual a conduta correta da mulher."

Name Withheld deve ter gostado da explicação. "A liderança na família é dada ao marido", escreveu o comentarista. "Se a mulher pedir completa e total igualdade com o marido, o resultado será ter dois chefes de família e isto não existe no Islã." E acrescentou: "Recusar-se a obedecer ao marido quando este a chama para a cama é um grave erro". Mais ainda: "Sair de casa em excesso é um mau hábito para uma mulher. Ela também não deve sair de casa se o marido se opõe".

E se tudo isso se torna demais e ela quer liberdade, obter o divórcio pode ser repleto de dificuldades.

Tecnicamente, o Islã não vê com bons olhos o divórcio. Um *hadith* atribuído a Maomé estabelece que, de todas as coisas lícitas, o divórcio é a mais odiada por Deus. O Alcorão tem uma extensa e desencorajante lista de requisitos a serem preenchidos para pôr fim a um matrimônio, começando com uma instrução de nomear árbitros das duas famílias para tentarem evitar a ruptura. Em muitos países muçulmanos, as autoridades gastaram muita energia em debates sobre se essa arbitragem é obrigatória ou apenas recomendada. "Ninguém foi mais além e perguntou por que, seja obrigatório ou recomendado, não se dão passos concretos para cumprir este claro mandamento", escreveu um desesperado erudito muçulmano, Maomé Rashid Rida, que, até a morte em 1935, foi a ponta de lança das respostas intelectuais à invasão dos valores ocidentais nos países muçulmanos. Tanto ele quanto o influente comentarista iraniano sobre questões femininas, Murtada Mutahhari, começaram uma releitura dos pronunciamentos do Alcorão sobre o divórcio que, se tivessem sido seguidos, poderiam ter levado à adoção de leis muito mais equitativas para as mulheres.

Mas, por enquanto, tanto os xiitas quanto os seguidores das quatro maiores escolas do pensamento sunita se aferraram a uma forma de divórcio que só encontra apoio nas leituras mais retorcidas e misóginas do Alcorão. É o *talaq*, ou o divórcio de um marido que pronuncie as palavras "Quero me divorciar de você" três vezes. Não precisa de explicações e a mulher não tem o que dizer. Mas a mulher muçulmana não tem direito natural ao divórcio e nem, em alguns países muçulmanos, o direito legal de consegui-lo. A escola Hanbali, seguida pelos sauditas, não dá à mulher quase nenhuma saída para um casamento infeliz que não tenha o consentimento do marido. Xiitas e sunitas da escola Hanafi permitem-lhe estipular o direito de divórcio no seu *aqd*, ou contrato de casamento. As leis xiita, hanafi e maliki autorizam a mulher a pedir divórcio invocando a impotência do marido, e os xiitas e malikis também permitem que se argumente com a incapacidade de garantir o sustento, doenças contagiosas incuráveis ou ações que ponham a vida em risco. Crueldade mental, ataques físicos que não causem desfiguramento ou apenas infelicidade são raramente considerados requisitos para uma mulher conseguir o divórcio.

"É o que eu digo: espero nunca me apaixonar", disse a jovem iraniana Arezoo, apertando impacientemente os lindos anéis de cabelo que viviam escapando de seu *magneh*. "Você sabe por quê? Porque quando as garotas se apaixonam perdem o discernimento. Sim, claro, podem pôr todo o tipo de

condições no contrato de casamento, mas quem faz isso? Sempre dizem: 'Ah, ele me ama, nunca irá me machucar'. Já vi tudo isso. Vi-as andando com esse estúpido sorriso no rosto correndo o maior risco que você pode correr na sua vida."

Para algumas mulheres, claro, o risco compensou. Aconteceu que o casal mais feliz que encontrei foi também o das pessoas mais obedientes aos preceitos muçulmanos que jamais conheci. Khadija era uma jovem xiita kuwaitiana cujo casamento fora um arranjo de família. Ela consentira com o casamento sem ver antes o noivo, apenas estipulando que ele teria que ser alguém que concordasse com a continuidade de seus estudos. Durante o namoro, o casal conseguiu encontrar-se secretamente e descobriu que gostavam um do outro enormemente.

O marido de Khadija era importador que fazia a maior parte dos negócios com o Irã. Quando viajava para Teerã, ele sempre levava com ele Khadija e os filhos. A idéia que eles tinham de uma noite de divertimento era ir a uma das *husseinyas* de Teerã — centro de estudos xiitas — ouvir um muçulmano radical pregar a revolução islâmica. Os dois, é claro, sentavam-se separadamente — Khadija com seu pesado *hijab* preto sempre atrás, junto com as outras mulheres, onde sua presença não distraísse os homens.

Fui muitas vezes procurar Khadija no seu quarto de hotel, e encontrei o marido, cuidando dos filhos, enquanto ela passava o dia em palestras em um dos colégios femininos islâmicos. O chão do quarto estava sempre completamente coberto de lençóis recém-lavados, para que os meninos, engatinhando e brincando no chão, não pegassem germes de um tapete que pudesse ter sido pisado por estrangeiros que não tivessem tirado os sapatos ao entrar no quarto.

Quando Khadija decidiu fazer pós-graduação em Londres, o marido rapidamente arranjou os negócios para poder acompanhá-la. Os dois nunca mostraram afeição física na presença de estranhos. Mas havia uma eletricidade nos olhares que trocavam e um calor na forma como falavam um ao outro que tornava bastante óbvia a intensidade de seu relacionamento. Quando perguntei a Khadija por que seu casamento tinha funcionado tão bem quando tantos outros relacionamentos parecem tão vazios, ela sorriu: "Meu marido é um bom muçulmano", respondeu. "Ele sabe o que o Alcorão realmente diz sobre as relações entre o homem e a mulher e é para isso que ele vive. Tão simples quanto isso."

De volta ao Egito, Sahar, a minha assistente, ficara noiva.

Poucas semanas depois de começar a usar o *hijab*, ela chegou efervescente de notícias. Radiante, mostrou-me a foto do noivo. Era um pediatra recém-

formado e primo em segundo grau. A foto mostrava um rosto jovem, grave e bonito, que usava a barba preta e eriçada de um muçulmano devoto.

Sahar conhecia-o há anos, via-o muitas vezes nas reuniões de família. Mas ela nunca o vira como um possível pretendente. Na Universidade, ele fora militante ativo dos grupos islâmicos, arriscando-se a ser preso por suas opiniões, nos tempos em que o governo mantinha os fundamentalistas com rédea curta. "Sempre soube que ele só se casaria com uma moça que usasse véu", disse Sahar. Só depois que a vira de véu, numa festa de família, é que ele disse aos pais que gostaria de pedi-la em casamento.

Como muitos profissionais egípcios, o noivo de Sahar não conseguira um emprego bem pago no Egito. Em vez disso, aceitara um emprego na Arábia Saudita e teria que trabalhar lá por alguns meses antes de poder sustentar a noiva. Antes do noivado, a admissão de Sahar em Harvard fora aceita; ela podia ter utilizado a demora para aproveitar a vaga na Universidade. Mas recusou. Não seria apropriado, explicou, para uma muçulmana devota, viver sozinha numa cidade americana. O novo plano dela era se matricular nos estudos islâmicos de uma das escolas só para mulheres da Arábia Saudita.

Antes que o noivo partisse para a Arábia Saudita, a família de Sahar deu uma extravagante festa de noivado. Sahar sentou-se num trono coberto de flores e recebeu os presentes em jóias do futuro marido, que faziam parte de seu dote. "Minha tia queria que tirasse o *hijab* para a festa", disse mais tarde. "Ela disse: 'Você não quer parecer bonita no noivado?'" Sahar manteve-se firme e sentou-se no trono de cabelo coberto por um lenço branco de seda.

Mas logo pareceu que os lenços de Sahar não seriam suficientes para satisfazer o noivo. Semanas depois de ter chegado à atmosfera austeramente religiosa da Arábia Saudita, ele sugeriu a Sahar por telefone que alongasse os vestidos do meio da coxa até o chão e que pusesse meias para cobrir os dedos nas sandálias. "Disselhe que ainda não estava pronta para isso. Disselhe que quero ir devagar, para ter certeza do que estou fazendo", contou. "Já vi outras mulheres que vão direto ao uso de luvas e véus de rosto, e alguns meses depois descobrem que não conseguem suportá-los. Não quero pôr algo que depois vou querer tirar." Com o passar dos meses, comecei a perguntar-me se o noivo não estava se tornando um fundamentalista estrito demais para admitir o espírito livre de Sahar, não importava o quanto corretamente ela usasse o véu.

Enquanto isso, em suas roupas sem formas, ela começou a ganhar peso. O elevador de nosso edifício era tão velho que teria lugar no museu egípcio. Ficava quebrado tanto tempo quanto o que funcionava. Sahar começou a achar os seis

lances de escadas um desafio cada vez pior. Suando, ela desabava sobre a cadeira de sua mesa e pedia-me que ligasse o ar-condicionado até nas mais frescas manhãs. Como as roupas faziam-na sofrer com o calor, ela não gostava mais de caminhar comigo quando saíamos para fazer uma matéria. Logo ficou tão fora de forma que não conseguia caminhar por mais de uma quadra sem começar a arquejar. Parecia envelhecer diante dos meus olhos.

Os telefonemas da Arábia Saudita traziam invariavelmente más notícias. O centro médico que contratara o noivo não tinha doentes. Ele teria que esperar e ver se o negócio melhorava antes de marcar a data do casamento. Como não melhorava, começou a procurar um emprego melhor. Mas os meses passavam e ele não achava.

Houve outras decepções. Uma vez, poucos meses antes de adotar o *hijab*, Sahar trouxera um vídeo do casamento de sua melhor amiga para me mostrar. Era uma típica extravagância de classe alta egípcia, realizada no Hilton Nile. Dançarinas saracoteavam com candelabros sobre as cabeças, músicos com tambores e flautas forneciam a algazarra. Todo o mundo se vestia de forma exagerada. Sahar disse-me que gastara £60 — o salário mensal de um funcionário público — só para fazer o cabelo. Ela olhou o vídeo com os lábios e os olhos brilhando. Sua expressão me lembrou a que minha sobrinha de cinco anos fazia quando lhe lia uma história de encantar. Não podia acreditar que essa mulher séria, que queria ir para Harvard, admirasse este *show* de ostentação. Mas admirava. "Se Deus quiser, terei um casamento igualzinho a este", dissera.

Só que, ao que parecia, Deus, ou pelo menos o divino noivo, tinha outras idéias. O casamento, decidiu, seria pequeno e austero. "Acho que ele tem razão", disse Sahar sem muita certeza. "Em todos aqueles grandiosos casamentos, ninguém nunca diz nada de bom sobre a noiva ou a família dela. Se não é suficientemente exorbitante, criticam a avareza. Se é exorbitante demais, criticam o exibicionismo." O noivo tinha-se até apropriado da tarefa de comprar o vestido de noiva. "Os vestidos são muito melhores na Arábia Saudita", disse Sahar, esperançosa. Poderia até ser, mas eu não podia esperar para ver o tipo de toga que um fundamentalista escolheria para a noiva.

Nenhuma das minhas amigas egípcias parecia ter sorte na procura de noivos. Tornou-se uma corrida para ver quem se casava primeiro: Sahar, fundamentalista, que mais ou menos tinha arranjado o próprio casamento, ou a minha amiga não-fundamentalista, que se preparava para um arranjado para ela. Em árabe, o nome dela significava uma bela flor, de forma que vou chamá-la de Rosa. Mesmo no meio rarefeito dos ricos caiotas com educação ocidental, ela

era especial. Como quase todas as mulheres solteiras do Egito, ela morava com os pais, mas, diferente de quase todas as jovens, tinha um emprego que lhe exigia viajar ao exterior sozinha.

Numa dessas viagens, se apaixonou por um americano que vivia em Paris e estava, quando a conheci, no meio de um caso apaixonado. Ele quisera casar-se, mas ela recusara. Apesar de o ramo sunita do Islã permitir que os homens casem com mulheres de outras religiões monoteístas, como cristãs ou judias, não dá a mesma liberdade às mulheres. Como o Islã é passado pela linhagem paterna, os filhos de pais não-muçulmanos estão perdidos para a fé. O amante de Rosa vinha de uma família cristã fundamentalista e disse que sua conversão mataria a mãe. Por seu lado, Rosa acreditava que casar com um cristão provocaria a ruptura completa com a família. "Estaria vivendo em pecado", explicou. "E, de qualquer forma, eu quero casar com um muçulmano. Quero que meus filhos se chamem Omar e Abdullah. Quero ir ao *sheik* e quero uma festa de casamento com dançarinos e tambores. Não quero escapulir até qualquer burocrata francês para uma pequena cerimônia civil às escondidas."

O impasse religioso acabou pondo um fim ao caso. Além do coração quebrado, Rosa ficou com a ansiedade torturante de uma mulher egípcia passando dos 30 e apontando para a solteirice irreversível. "Fui falar com o meu pai. Disselhe: 'Está bom. Desisto. O senhor sempre quis arranjar um casamento para mim, então veja o que pode fazer. Traga-os a mim.'"

Fluente, inteligente e linda, com os grandes olhos aveludados exaltados pelos poetas árabes, Rosa tinha tudo para agradar. Lançando mão da larga rede familiar e dos contatos de negócios, logo os pais tinham uma longa lista de pretendentes e Rosa olhou-a de forma tão rápida quanto um piloto fazendo a checagem antes do vôo. O primeiro encontro foi com um jovem médico, que veio a sua casa com o pai para tomar chá com Rosa e família. "Perguntei-lhe se já tinha viajado e ele disse que já tinha ido a Alexandria e Ismailia. Alexandria e Ismailia! Como pode alguém chegar aos 33 anos e nunca ter saído do Egito? A família dele é rica; ele podia ter ido a qualquer lugar. Nunca poderia ser feliz com alguém tão pouco aventureiro."

Depois disso, ela vetou as reuniões em casa. "Nos primeiros cinco minutos, já podia dizer que era inútil, mas tinha que ficar presa ali, sendo delicada, gastando a tarde inteira." Insistiu em encontrar os futuros pretendentes em seus escritórios. "Normalmente não passavam da primeira meia hora", relatou, depois de alguns encontros infrutíferos.

O rico filho de uma família de mercadores sobreviveu à primeira entrevista

e parecia promissor. Rosa passou até umas férias de três semanas em Los Angeles, ambos estreitamente acompanhados pelas famílias. "Me apaixonei — pelos Estados Unidos", relatou na volta. Mas não pelo pretendente. "Eu tinha que querer fazer tudo o que ele fazia", contou. "Era um desastre se eu não gostava do filme que ele estava vendo. E não gostou de saber que eu não bebo. Disse que quando chegasse em casa no final do dia, ele gostaria de tomar uma cerveja comigo. Eu disse: 'Tomo uma coca, e você toma a cerveja; de qualquer forma, vamos estar partilhando o momento'. Ele disse: 'Sim, mas não vamos partilhar a cerveja'. Foi muito ridículo."

No Ministério de Relações Exteriores do Egito, um possível marido, um jovem diplomata, preparava-se para sua primeira missão no exterior. "Ele seria perfeito", suspirou Rosa melancolicamente depois de um breve encontro. "É espirituoso, cosmopolita. Mas tinha as unhas sujas."

"Rosa", disse, incrédula, "você está me dizendo que o rejeitou só porque tinha unhas sujas? Pelo amor de Deus! Você sempre poderá limpar as unhas dele." Ela levantou a cabeça e fitou-me, zangada, com seus grandes olhos negros. "Geraldine, você não está entendendo. Você casou por amor. O que é uma unha suja em alguém que você ama? Mas se você vai casar com alguém que não ama, tudo, *tudo mesmo* tem que estar perfeito."

Não sabia se Rehab, minha amiga palestina, esperara perfeição de seu casamento arranjado. Se fora assim, só podia adivinhar a profundidade de seu desapontamento.

Rehab vivia no topo de uma colina de Jerusalém ocidental, numa velha aldeia de casas de pedra que parecia pregada à terra pelo longo e esguio minarete de sua mesquita. Para chegar lá, era preciso passar pelos guindastes e *bulldozers* de meia dúzia de assentamentos judeus. O mais próximo, um *kibutz*, ficava na outra encosta do vale, exibindo suas modernas latadas entre os antigos pomares árabes, como dedos de duas mãos fechados numa disputa de braço-de-ferro.

Sempre que chegava à aldeia procurava por Rehab e Mohamed. Rehab era uma pequena e combativa jovem que trabalhava como cabeleireira, indo de casa em casa embelezando as mulheres da aldeia para casamentos e dias de festa. Ela seguia o rastro de cada notícia sobre as mulheres da região. O marido Mohamed era um agitado lojista, forte, de braços musculosos, um emaranhado de caracóis negros e olhos castanhos sorridentes. Adorava contar piadas no seu colorido e quebrado inglês. Estivera muitas vezes na casa deles, algumas junto com Tony.

Comíamos juntos, brincávamos com sua filhinha de quatro anos, admirávamos os novos galinheiros que construíam para as "Galinhas de Libertação da Palestina", que os libertariam da dependência da produção israelense.

Tony e eu adorávamos passar um tempo com os palestinos. Eram engraçados, sinceros, pessoas que pareciam não ter nem a consciência de classe dos egípcios nem a reserva dos árabes do Golfo. O que nos impressionava mais era a fácil interação entre homens e mulheres. Elas participavam dos protestos contra a ocupação israelense, tratavam dos feridos nos hospitais, e em casa, em volta da mesa, discutiam política com os estrangeiros em voz tão alta quanto a dos homens. A casa de Mohamed e Rehab sempre parecia cheia de amigos dos dois sexos, e tanto eu quanto Tony recebíamos o mesmo bom acolhimento.

Num lindo dia de verão, cheguei à aldeia sozinha e encontrei Mohamed na sua loja da minúscula rua principal. Parecia perturbado e contrariado. Ficara impaciente desde a minha última visita, disse, porque queria me perguntar uma coisa muito importante.

Precisava de uma segunda mulher. Não podia mencionar seus planos com ninguém na aldeia porque seus vizinhos, como a maioria dos palestinos hoje em dia, consideravam a poligamia uma coisa atrasada. Além disso, se Rehab soubesse de sua intenção, ficaria enfurecida. Será que eu não conhecia uma mulher estrangeira que casasse secretamente com ele? Será que ele não podia conseguir um visto para viajar ao exterior e encontrar alguém?

Não, disse, assombrada por suas perguntas. Não conhecia ninguém, e os vistos eram difíceis de arranjar sem parentes no exterior. Mohamed pareceu zangado com minhas respostas. "Você julga que eu sou pobre? Não sou não!", exclamou, pulando e me puxando pelo braço para trás do balcão da loja. Afastando algumas caixas de artigos, entrou num compartimento escuro e voltou com as mãos cheias de ouro. Reconheci as jóias: pulseiras espalhafatosas e colares feitos por ourives indianos dos Estados do Golfo especialmente para dotes de noivado. Tudo em ouro puro, maciço, de 22 ou 24 quilates, como era exigido pelos compradores árabes. "Darei tudo a ela. É que eu preciso ter um filho. Quando minha filha nasceu, eles tiveram que cortar minha mulher e agora ela não pode ter mais filhos. Eu não sou nada na aldeia sem um filho." Sua voz desafinou. "Por favor, você precisa me ajudar. Você encontra alguém para mim?"

"*Que o teu ventre murche!*" é uma das piores pragas que um árabe pode proferir. De fato, Rehab fora amaldiçoada. Não havia jeito de Mohamed ter juntado o dinheiro para comprar seu tesouro escondido, sem obrigar a família a passar dificuldades. Imaginei as mentiras que ele teria dito, ao negar cada

pequeno luxo. Quatro anos de privações: a punição por ter apenas uma filha.

Lembrei então que nunca ouvira a *kunya* de Rehab — sua designação de mãe. As mulheres árabes não ganham os nomes dos maridos ao casarem, mas tanto homem quanto mulher ganham o nome do seu primeiro filho. São conhecidos entre os amigos como os "Umm Faris", ou "Abu Aziz" — "Mãe de Faris", ou "Pai de Aziz". Rehab, agora infértil, nunca teria uma *kunya*. Mohamed poderia ter um se outra mulher lhe desse um filho.

Espantou-me que os muçulmanos, que fazem tanta questão de copiar seu profeta, não queiram copiá-lo em algo tão fundamental quanto filhos adotivos. Pensa-se que Maomé teve três ou quatro filhos, dois ou três com Khadija e um com uma concubina egípcia chamada Maria. Nenhum sobreviveu à infância. Mas o profeta criou quatro filhas, uma das quais, Fátima, ele exaltou como um ser humano perfeito. "Fátima", disse, "é parte de mim. Quem a machucar machuca a mim, e quem me ferir vai ferir Deus." Fátima foi a única de suas filhas que sobreviveu a ele.

O Alcorão, porém, tem uma mensagem misturada sobre as filhas. Ordena o fim do infanticídio feminino. Um dos mais bonitos e poéticos capítulos contém uma referência pungente a essa prática, na época tão espalhada na Arábia. "Quando o sol se cobrir; e quando as estrelas começarem a cair; e quando as montanhas se abrirem num desfiladeiro; e quando os camelos que partiram há dez meses com jovens forem esquecidos; e quando os mares ferverem; e quando as almas se juntarem novamente aos corpos; e quando perguntarem à menina que foi enterrada viva qual foi seu crime; e quando os livros forem deixados abertos; e quando os céus forem removidos; e quando o inferno arder ferozmente; e quando o paraíso for trazido para perto: cada alma saberá o que foi feito errado."

Mas em outra parte, numa discussão com os adoradores de ídolos de Meca, o Alcorão escarnece da adoração dos habitantes de Meca às três deusas conhecidas como "as filhas de Allah". Por que, pergunta, Deus teria filhas, quando até mesmo o mais insignificante humano pode ter os mais desejáveis filhos?

Empunhando seu ouro à frente de meu nariz, Mohamed parecia à beira das lágrimas. Para acalmá-lo, balbuciei alguma coisa sobre tentar saber sobre vistos. Seu rosto desanuviou-se imediatamente. "Bem", disse, sorrindo largamente. "Agora tenho outra coisa para lhe mostrar!"

Ele construíra um esconderijo especial no topo da loja, de onde podia espiar as patrulhas israelenses. Aliviada por voltar ao que eu achava ser o terreno firme da reportagem, trepei a escada de mão até seu esconderijo secreto e acedi a sua

insistência para me deitar sobre a fina esteira, a fim de dar uma espiada na vista da rua. Quando ele se deitou a meu lado para apontar uma bandeira palestina presa nos cabos elétricos, saltei imediatamente e desci de volta para a loja.

Havia mais uma informação que poderia dar notícia, disse Mohamed. Os israelenses tinham imposto restrições ao abastecimento de água, mas a aldeia as tinha contornado descobrindo algumas antigas cisternas da era romana nos arredores. Queria mostrá-las. Fomos no seu rústico e barulhento caminhão.

As cisternas estavam bem escondidas, na base de uma fila de socacos abandonados de oliveiras quase desmoronando. Quando escorreguei no terreno pedregoso, Mohamed veio me ajudar. Sua mão pousou firmemente nas minhas nádegas. É um erro, pensei. Ele não pôs a mão ali de propósito. Sem dizer nada, tentei afastar seus dedos. Mas ele afastou a minha mão, e apertou mais ainda, apalpando abertamente meu traseiro. Logo, agarrando meus braços, me apertou num súbito abraço, que parecia mais o aperto de um lutador. Seu corpanzil se abatendo sobre mim fez-me tropeçar contra um muro de pedra. Mal podia respirar enquanto ele se esfregava em mim. Não conseguia retomar a respiração para gritar, e não havia ninguém perto que pudesse me ouvir. Consegui soltar um braço e comecei a socá-lo, mas ele parecia nem ligar. Puxou para cima a ponta da minha camisa enquanto a outra mão pegava o cinto da minha calça. "Você devia ver o que eles fizeram à minha mulher — aqui — bem aqui eles cortaram — ficou tão feio que nem posso olhar. Não quero fazer amor com um corpo assim."

De repente, um barulho de pedrinhas caindo fez Mohamed olhar para cima. Lá, os olhos vazios de uma ovelha olharam para baixo. Um rebanho estava passando no terraço superior. Atrás dele, em algum lugar, estaria um pastor da aldeia. Mohamed não queria que ele visse isto. Quando afrouxou o aperto, me desvencilhei e subi correndo a colina em direção à estrada. Nunca mais voltei a vê-lo.

Não sei se Mohamed alguma vez encontrou sua segunda mulher. Mas, a alguns quilômetros dali, num acampamento de palestinos refugiados, conheci uma família em que o homem fizera uma escolha semelhante e trouxera para casa uma segunda mulher.

Conhecias no inverno de 1987, apenas algumas semanas depois do início do levante palestino. Estava dirigindo num dia de chuva pesada, quando um bloco de concreto bateu com estrondo no capô do meu carro e se quebrou em pedaços

contra o pára-brisa. O carro derrapou no asfalto molhado e guinou até parar apenas a alguns centímetros do tronco de um velho cedro. Pelo espelho retrovisor vi um vulto vermelho. Um grupo de jovens, o rosto coberto de *kaffiyehs* de xadrez vermelho, estavam empoleirados num monte de entulho na entrada do acampamento.

Pulei fora do carro e corri na direção deles. Pensando que eu era um colono judeu armado, espalharam-se como pássaros assustados. "Por favor", gritei em árabe, "não estou armada. Sou uma jornalista e quero falar com vocês."

Um dos jovens rematerializou-se no topo do monte de entulho. "Vá embora!", gritou em inglês perfeito. "Há pessoas neste acampamento que podem matar você!"

Insisti e pedi para entrevistá-lo. "Estou muito ocupado agora", disse olhando para a placa de um caminhão que passava para ver se era amarelo, para os israelenses, ou azul, para os palestinos. "E se eu começar a falar, não paro mais." Ele girou o corpo como um lançador de beisebol para um Fiat de placa amarela que se aproximava, e arremessou outro bloco de concreto no pára-brisas. Errou por pouco. "Hoje não está sendo um bom dia para mim", disse. "Quase não consegui quebrar carros."

O grito da sirene de um carro do Exército que se aproximava mostrou que o dia ainda podia ficar pior. Gritando ordens para seus três cúmplices, o rapaz virou-se e correu para dentro do campo, o *kaffiyeh* apertado em torno do rosto para impedir a identificação pelos informantes locais. Virei-me e caminhei lentamente pela rua principal do campo, ouvindo atrás de mim o barulho do jipe derrapando e os soldados pulando para fora na entrada do campo.

Uns passos adiante, vislumbrei algo vermelho na janela de um edifício semidemolido. Era o rapaz. Com o dedo nos lábios, fez um gesto para segui-lo.

Tropeçando pelo entulho, seguimos por vielas até uma grande porta de ferro num edifício de cimento. O rapaz bateu levemente e a porta se abriu. Duas mulheres puxaram-no para dentro pelo colarinho, tiraram rapidamente sua camisa e blusão, e jogaram-lhe uma muda de roupa. "Para o caso de alguém ter me visto", explicou o rapaz. "Esta é Rahme, a minha mãe", disse, apresentando-me a menor das duas mulheres que aflagava seu cabelo desgrenhado. "E esta", disse, virando-se para a outra mulher, "é Fatin, também minha mãe. Bem, não é bem a minha mãe... desculpe, não sei a palavra em inglês... mas ela... se casou com o meu pai depois da minha mãe."

"*Darra?*", perguntei. Co-esposa. A palavra árabe vem da raiz 'ferir'.

"Sim", concordou. "Co-esposa."

Com 15 anos, o rapaz, Raed, era o mais velho de 14 filhos. Como as autoridades israelenses tinham fechado as escolas, todos estavam em casa naquele dia de chuva, apinhados no casebre de quatro quartos. O frio entranhava-se pelo piso de cimento e a chuva pingava do telhado. A maioria dos menores parecia resfriada. Nos seis anos seguintes, visitei frequentemente aquela família, passando muitas vezes a noite em um colchonete fino no chão, apertada entre Rahme e Fatin, e as irmãs de Raed. Raed e os irmãos dormiam ao lado do pai, Mahmoud, em outro quarto.

Dado o número de crianças na casa, a organização para dormir, certamente, nem sempre foi feita dessa forma. Como era impossível ter uma conversa privada numa casa tão cheia, não podia levantar essa questão delicada com Fatin ou Rahme. Perguntei a uma amiga que morava de forma semelhante como as pessoas nessa situação se arranjavam para fazer amor. A descrição dela foi deprimente: "Se há três quartos, as mulheres vão para um, os rapazes para outro, e o marido vai, junto com a mulher que escolher, para o terceiro quarto", explicou. "Mas em certas casas dos campos de refugiados não há três quartos, então tudo tem de ser feito rápida e silenciosamente num canto, esperando que as crianças não estejam acordadas. É claro que nenhum dos dois tira a roupa."

De início, visitei o acampamento para escrever sobre o levante palestino. Mas logo fiquei mais envolvida na história de Rahme e Fatin. Quando as visitava, sempre me lembrava de uma triste canção berbere sobre a chegada da segunda mulher:

"A estranha chegou; ela agora tem *seu* lugar na nossa casa.
Suas tatuagens não são como as nossas,
Mas ela é nova, é linda, bem como meu marido queria;
As noites não são suficientemente longas para os jogos deles...
Desde que ela chegou, a casa não é a mesma,
Porque até as soleiras das portas e as paredes estão amuadas;
Talvez eu seja a única a notar,
Como a mula diante da manjedoura vazia.
Mas aceito meu novo destino,
Porque o meu marido está feliz com sua nova mulher.
Eu também já fui linda, mas o meu tempo passou."

Para uma intrusa, o relacionamento entre Rahme e Fatin parecia ter pouco em comum com essa música triste. As duas mulheres pareciam mais irmãs que se gostavam que rivais implacáveis. Se Fatin cozinhava, Rahme costurava. Se Rahme descansava, Fatin cuidava dos menores. Quando Raed acabou sendo preso depois de jogar um coquetel Molotov nos soldados israelenses, foi Fatin, e não a mãe Rahme, que foi ao tribunal para apoiá-lo. E quando também Mahmoud foi preso numa batida de rotina, as duas mulheres se apoiaram uma na outra durante os seis longos meses até que fosse libertado. Em todo o tempo que passei na casa delas nunca ouvi uma palavra áspera entre as duas.

Foi Raed que me ensinou a ver mais além. Ele passou cinco anos na cadeia pela participação no levante. Quando foi libertado, em fevereiro de 1993, o fogoso rapaz que apedrejara meu carro fora substituído por um homem solene de 22 anos que comemorou sua nova liberdade com longas, longas caminhadas subindo e descendo as colinas da Cisjordânia. Numa destas caminhadas, paramos por momentos para conversar com uma mulher que ele conhecia. "A vida dela é um completo mistério", explicou, quando retomamos o caminho. E contou-me a história do infeliz casamento da mulher, o repúdio final do marido, e o regresso à casa dos pais, deixando, claro, os filhos com o pai. "É a mesma história da minha mãe", disse Raed inesperadamente, "exceto no final".

A história de Rahme começara na Jordânia. Em 1972, a avó paterna de Raed chegou lá com a filha, que tinha sido prometida em casamento a um parente em Aman. Na Jordânia, a avó encontrou Rahme, uma jovem devota de bochechas rosadas cuja estatura miúda a fazia parecer muito mais nova que seus 17 anos. Levou para casa a moça, para casá-la com o seu filho Mahmoud de 15 anos.

"Com 15 anos, o que ele sabia da vida? Nada", disse Raed. "Para ele, ela era uma boa menina, uma moça simpática. Mas como podia amá-la? Ele nem a conhecia!"

Em um ano nascia Raed. Seu irmão Murad veio um ano e meio depois, e duas irmãs nos três anos seguintes. Rahme ainda estava grávida do quarto filho quando foi obrigada a encarar o fato que já era motivo de falatório em todo o campo. Mahmoud se apaixonara por Fatin, uma belíssima moça de 18 anos que se mudara recentemente com os pais.

As duas mulheres não podiam ser mais diferentes. Onde Rahme era tímida e religiosa, Fatin era desbocada e política. Onde Rahme era serena e modesta, Fatin ria e gostava de se afirmar. Fatin, alta e irradiando confiança, parecia

eclipsar a pequena Rahme. Até que Mahmoud trouxe a notícia que Rahme temia. Ele se declarou a Fatin, que o aceitara. Rahme, disse, podia se divorciar.

Rahme sabia que o divórcio significava sair da Cisjordânia e voltar para a casa da família na Jordânia. Em certo sentido, isso teria sido um alívio para ela. Em seis anos, o jovem Mahmoud se tornara um homem violento, que às vezes batia tanto nela quanto em Raed, que já de menino mostrava uma tendência para a coragem e a teimosia. Viver como sua única esposa fora suficientemente duro: era difícil imaginar as maiores humilhações e privações que viriam quando fosse relegada para segundo plano por uma mulher que ele realmente amava.

Mas quando ela olhou para Mahmoud e deu a resposta, não foi o que ele esperava ouvir. "Não quero me divorciar de você", disse tranquilamente. Sob a lei islâmica, o divórcio significava deixar os filhos para serem criados por Mahmoud e sua nova esposa. "Quero manter a minha família", disse ela. "Você me autoriza?"

Mahmoud era mau caráter e egoísta, mas não era suficientemente cruel para forçar Rahme a abandonar os filhos. Se Rahme queria ficar, respondeu, ele a continuaria mantendo. Mas ela teria que se contentar em ser sua mulher apenas de nome. Apesar de o Alcorão declarar que um homem deve tratar todas suas mulheres de forma igual, Mahmoud deixou claro que era por Fatin, e só por Fatin, que ele se sentia sexualmente atraído. Escolhendo ficar, Rahme, aos 23 anos, estaria escolhendo uma vida celibatária num casebre apinhado e junto com uma mulher por quem seu marido sentia uma apaixonada atração erótica. Mahmoud deixou claro que culparia Rahme se o relacionamento entre as duas mulheres não fosse tranquilo e amigável.

Rahme engoliu as lágrimas e aceitou as condições de Mahmoud. Algumas semanas depois, ela vestiu seu melhor vestido bordado e dançou ao som dos tambores no casamento do marido.

Subitamente, quando voltamos a casa, vi tudo com outros olhos. Rahme estava num canto, fazendo suas orações do meio-dia, enquanto Fatin ria animadamente com Mahmoud. Fatin estava grávida do 11º filho, e sua condição era evidente motivo do orgulho de Mahmoud.

Raed não aprovava aquela situação. Desde que os empregos do pai na construção se tinham tornado irregulares, Raed trabalhava 14 horas por dia numa fábrica de sapatos para manter a família. "Ele é estúpido", disse, irritado. "Não pode manter os bebês que já tem, e continua fazendo mais e mais."

Fatin estava amamentando um recém-nascido quando a conheci em 1987. Enquanto falava com Raed sobre a intifada, ela sentara-se num canto com o bebê

ao peito. Só interrompeu uma vez, quando o inglês de Raed tropeçou na palavra "paz". Eu lhe perguntara se os palestinos do campo estavam dispostos a aceitar a paz com Israel. Como ele não entendia a palavra, tentei em árabe, *salaam*. "*La salaam!*", gritou Fatin subitamente. "Nada de paz! O povo deste campo quer guerra!" Fatin, refleti depois, seria uma terrível oponente para alguém que tivesse que enfrentá-la.

As muitas vezes que Fatin ficou grávida haviam-lhe retirado a beleza juvenil. Tinha na boca falhas dos dentes que caíram durante a última gravidez. Parecia ser um preço que ela estava disposta a pagar para manter a aprovação do marido, e para destacar a sua diferença de status com Rahme.

"Minha mãe só está esperando por nós", disse Raed. "Logo que minhas irmãs tiverem acabado a escola e eu possa mantê-las, ela não terá mais que suportar esta situação."

Mas eu duvidava que os complexos laços daquela família pudessem ser quebrados tão facilmente. O próprio Raed dizia que não diferenciava entre os irmãos e os meios-irmãos e irmãs. Ele amava todos e se sentia responsável por protegê-los do errático pai. Seus sentimentos em relação a Fatin eram também complexos. "Não posso dizer que odeio essa mulher", reconheceu. "Odeio-a só por ser a causa do sofrimento da minha mãe, não por ela mesma."

Num raro momento de privacidade, quando tentei perguntar a Rahme sobre seus sentimentos, seu rosto rosado se abriu num sorriso enigmático. Apertou suas mãos calejadas nas minhas e apenas suspirou: "*Inshallah* [Seja como Deus quiser]." E foi lavar-se para começar as orações, enquanto a vida do lar rodopiava à sua volta. Pouco depois, seguindo o ritual, ela ajoelhou-se, tocando com a cabeça no chão.

A religião dela, afinal, era o Islã — a Submissão. Para mim, suas regras exigiam dela demasiada submissão.

4. AS MULHERES DO PROFETA

"Ó esposas do Profeta, vós não
sois como as outras mulheres."

Alcorão

Surata dos Partidos

A menina brincava no balouço quando a mãe a chamou. Notando a sujeira no rosto, a mãe limpou-a com um pouco de água. O balouço deixara-a ofegante, por isso as duas esperaram uns minutos à porta da casa até ela se recuperar.

Dentro, o pai e alguns amigos esperavam. A mãe colocou-a no colo de um deles, e depois todos no quarto se levantaram e saíram.

Aisha tinha nove anos, e naquele dia, na casa dos pais, se casou com o profeta Maomé, que já passava dos 50. Dez anos depois, ele morreria nos braços dela.

Hoje, perguntado sobre Aisha, qualquer muçulmano sunita dirá que ela foi o maior amor dos últimos anos de Maomé, uma incrível professora de islamismo, uma heroína no campo de batalha. Mas se a mesma pergunta for feita aos xiitas, eles a descreverão como uma intrigante e ciumenta que destruiu a paz doméstica do profeta, conspirou contra sua filha Fátima, espionou a vida do lar e fomentou uma trágica sangria fraccional que deixou a nação muçulmana permanentemente dividida.

Aisha — que em árabe significa "vida" — é um dos nomes femininos mais populares no mundo muçulmano sunita. Mas entre os xiitas é um termo de ira e de injúria. Quando uma menina xiita se comporta mal, a mãe provavelmente a repreenderá com o grito: "Você é uma Aisha!"

Aisha foi viver com Maomé no ano 622 do calendário cristão — o primeiro dia da Hegira pelo cômputo muçulmano. Mil trezentos e sessenta e seis anos mais tarde, um repórter iraniano do programa nacional de rádio "Bom Dia" parou uma mulher numa rua de Teerã e perguntou-lhe quem ela considerava o melhor modelo para as mulheres. A entrevistada escolheu Oshin, a heroína de uma novela japonesa que superava todo o tipo de adversidades passando por cima das tradições do Japão. O entrevistador perguntou por que ela não tinha escolhido uma das mulheres ou filhas do profeta como modelo. A mulher

respondeu que elas eram de uma época muito longínqua e pouco relevante para sua vida moderna. O *ayatollah* Khomeini, ao ouvir a rádio, ficou furioso e exigiu que os produtores do programa fossem flagelados. Só se acalmou quando uma investigação provou que eles não tinham agido de má-fé.

Essa foi uma das poucas vezes que me vi concordando mais ou menos com Khomeini. As vidas das mulheres e filhas do profeta foram extremamente importantes para a moderna mulher islâmica. Maomé teve a maioria das revelações do Alcorão a respeito das mulheres depois de acontecimentos no seu próprio lar. Como as modernas mulheres muçulmanas, suas esposas tiveram de enfrentar os ciúmes de um lar poligâmico, os traumas da guerra, as dificuldades da pobreza e as consequências do confinamento e do *hijab*.

Para mim, as descrições mais íntimas dos *hadith* sobre a vida nos apartamentos em volta da mesquita de Maomé são melhores que qualquer novela. Não me cansava dessas histórias de intrigas, brigas e romance. Aisha era sem dúvida a estrela, mas as sete ou oito esposas do elenco de apoio também participavam de conspirações emocionantes.

Quando Khadija, a primeira mulher de Maomé, morreu em 619, o profeta de 49 anos ficou com o coração despedaçado. A comunidade muçulmana, especialmente as mulheres que cozinhavam e cuidavam dele, achava que uma nova esposa podia suavizar sua dor. Alguns meses depois da morte de Khadija, Khawla, tia de Maomé, sugeriu ao sobrinho que se casasse de novo.

"Mas com quem devo casar, Khawla?", perguntou Maomé. "Vós mulheres conheceis melhor esses assuntos."

Khawla respondeu que, se ele queria uma virgem, podia ser Aisha, a linda filha de seu melhor amigo, Abu Bakr. Se ele não quisesse uma virgem, podia ser a viúva Sawda, uma velha matrona que fora uma das primeiras a se converter ao islamismo ou era uma seguidora devota.

"Vai", disse Maomé, "e pede as duas para mim."

Ele casou com Sawda e Aisha em rápida sequência. Mas, como Aisha tinha apenas seis anos, o casamento não se consumou e ela permaneceu com a família. Ninguém falou à menina sobre a sua mudança de *status*. Mas quando a mãe começou a fazer restrições às suas brincadeiras, lembrou Aisha mais tarde, "senti no coração que estava casada". Na época em que foi viver com Maomé, os muçulmanos tinham fugido das perseguições em Meca e criado uma comunidade no exílio, na cidade de Medina. Maomé vivia numa mesquita que tinham construído lá — uma estrutura humilde de tijolos cinzentos com telhado de ramos de tamareiras. Aisha e Sawda tinham cada uma seu quarto. Quando Aisha

se mudou para lá, levou os brinquedos com ela. Às vezes, Maomé encontrava-a brincando com eles. "O que é isto?", perguntava. "Os cavalos de Salomão", ou "as bonecas da minha menina", respondia ela. Se as amiguinhas fugiam, intimidadas, quando se aproximava, ele chamava-as de volta com suavidade e às vezes participava da brincadeira.

Maomé, de acordo com muitas descrições físicas detalhadas, era um homem formoso, de altura mediana, com cabelo preto ondulado, barba, olhos negros rodeados por espessas pestanas, e um sorriso radioso que revelava uma falha entre os dentes da frente. Gostava de cuidar da aparência, perfumando a barba e escovando os dentes pelo menos cinco vezes ao dia. Suas únicas características menos atraentes eram uma tendência para ficar com os olhos injetados e uma veia protuberante na têmpora, que, diz-se, ficava mais pronunciada quando se zangava.

Um ano ou dois depois de Aisha ter ido viver com ele, Maomé casou-se com outras três mulheres, todas viúvas de guerra. Hafsa, filha de 22 anos de seu amigo íntimo Omar; uma mulher mais velha, Zeinab, cuja generosidade lhe valera o apelido de "Mãe dos pobres", e que morreu apenas oito meses mais tarde; e Umm Salamah, uma beldade famosa cuja chegada causou em Aisha a primeira ponta do ciúme que iria atormentá-la pelo resto da vida. "Fiquei muitíssimo desgostosa", disse Aisha, quando soube do casamento com Umm Salamah, "por ter ouvido falar muito de sua beleza." Ela chamou a nova esposa e achou-a "duas vezes mais bela e graciosa do que diziam".

Maomé tentou seguir as instruções do Alcorão e tratar igualmente todas as suas esposas. Sua prática era ver cada uma delas todas as noites, num breve encontro privado, mas depois jantava e passava a noite com uma de cada vez, em estrito rodízio. Aisha achou o sistema insatisfatório. "Diga-me", perguntou ela um dia, "se você tomasse dois camelos, um já apascentado e o outro não, qual dos dois você alimentaria?" Maomé respondeu que claro que alimentaria o não-apascentado. "Eu não sou como o resto das esposas", replicou Aisha, "todas elas já foram casadas antes, e eu não."

Se Maomé queria por acaso passar a noite com uma esposa fora da vez, pedia permissão à esposa a quem pertencia o "dia". Logo desistiu de pedir a Aisha que abrisse mão de seu dia. "Pela minha parte", disse ela, "sempre recusei", e insistia na visita tal como estava programada. Sensível às necessidades da jovem, e, talvez, aos desejos do profeta, a idosa Sawda permanentemente abria mão de seu "dia" em benefício de Aisha. Mas logo a chegada de algumas outras esposas dispersou ainda mais as atenções do profeta.

Os muçulmanos argumentam que os múltiplos casamentos dos últimos 10 anos de Maomé refletiam a rápida expansão do Islã, e a necessidade de construir alianças com diversos clãs. Em outra época, dizem, suas escolhas refletiam compaixão pelas viúvas necessitadas. Como as mulheres sempre vão ser mais numerosas que os homens em sociedades mergulhadas na guerra, argumentam, é melhor que a mulher compartilhe um marido do que não ter homem nenhum em sua vida. Maomé, dizem, dava o exemplo ao tomar conta de viúvas.

Não-muçulmanos, particularmente os críticos mais hostis do Islã, têm uma visão diferente. Para eles, Maomé era um libertino cujo crescente poder e prestígio deu meios de satisfazer a lascívia depois da morte da primeira mulher, que fora sua patrocinadora.

Esses críticos parecem ignorar a austeridade do lar do profeta. Os quartos de tijolo da mesquita certamente não eram os aposentos de um sátiro. Mesmo quando a comunidade muçulmana enriqueceu com o espólio das vitórias militares, Maomé continuou a viver de forma simples e a insistir que suas esposas fizessem o mesmo. A pobreza a que se submeteu no próprio lar se transformou numa fonte de muita briga entre ele e as esposas.

Mas a visão dos crentes, que apresentam Maomé como bom marido e um auxílio para as viúvas necessitadas, também não é inteiramente convincente. Pelo menos um *hadith* indica que Maomé sabia que a poligamia era prejudicial às mulheres. Quando o seu genro Ali pensou em casar pela segunda vez, o profeta se preocupou com os sentimentos de sua filha Fátima. "O que a fere, fere também a mim", disse a Ali, que abandonou a idéia de casar outra vez. (Os xiitas, que veneram Ali e Fátima, não levam este *hadith* em conta. Eles argumentam que Maomé nunca iria criticar uma prática que o Alcorão considera lícita.)

Nem todas as viúvas de Maomé foram casos comoventes ou expedientes políticos. À linda Umm Salamah certamente não faltavam pretendentes. Ela amara o primeiro marido e, relutante em voltar a casar, tinha rejeitado uma porção de pretendentes quando Maomé começou sua obstinada perseguição. Ela rejeitou as propostas do profeta pelo menos três vezes. "Sou uma mulher com disposição excessiva para o ciúme e vós, ó Mensageiro de Deus, tendes muitas mulheres", disse ela, como desculpa para rejeitar a proposta dele. Maomé respondeu: "Vou rezar a Deus para retirar o ciúme do teu coração."

Apesar das tentativas de ter um relacionamento equilibrado com todas as mulheres, toda a comunidade parecia já saber que Aisha era a esposa favorita do profeta. Os muçulmanos que queriam mandar-lhe quitutes de presente

começaram a sincronizar as oferendas com os dias em que sabiam que ele passaria com Aisha. Como Maomé vivia de forma muito humilde, esses presentes eram muitas vezes os únicos luxos do lar. Umm Salamah era uma das que se ressentia da preferência demonstrada por Aisha. "Vejo que nós, as outras, somos nada", disse, quando uma cesta de guloseimas chegou no dia de Aisha. Furiosa, correu a se queixar a Fátima, a filha de Maomé.

O casamento de Maomé com uma moça um ano ou dois mais nova que ela, pouco depois da morte da mãe, deve ter sido muito difícil para Fátima. Seu próprio casamento com Ali, sobrinho de Maomé, foi acertado pouco depois que Aisha foi viver com o profeta. Uma áspera inimizade se desenvolveu entre Aisha e Fátima, que talvez tivesse origem em brigas de infância, ou na rivalidade entre o marido de Fátima e o pai de Aisha, Abu Bakr, que disputaram o papel de lugar-tenente de Maomé. Mas essa inimizade acabou se expressando no cisma xiita-sunita, que iria dividir o Islã. Dificilmente os temperamentos das duas jovens poderiam ser mais diferentes. Fátima era fechada e tímida; Aisha era arguta e sempre dizia o que pensava.

Em qualquer caso, Umm Salamah logo soube onde encontrar uma aliada contra Aisha. Fátima prometeu a Umm Salamah quealaria com o pai sobre o favoritismo dele. A resposta de Maomé deve tê-la melindrado. "Querida filha, não amas quem eu amo?", perguntou-lhe. "Sim, claro", respondeu ela. Mas quando insistiu na questão, Maomé cortou. "Aisha", disse, "é a mais amada de teu pai." Isto trouxe Ali para a discussão, censurando Maomé por ter tratado rudemente a filha ao dizer que amava Aisha mais que as outras. A virulência da discussão deve ter se prolongado, porque logo Maomé ordenou que as portas dos aposentos de suas mulheres e as de Ali e Fátima fossem trancadas. (Os xiitas negam que isso tenha ocorrido: na versão deles, Maomé exaltou Fátima como uma "deusa humana", ou um ser quase-divino.)

Aisha tentou desgastar suas rivais com travessuras infantis. Um dia, ela notou que Maomé tinha demorado mais que o habitual na sua visita do fim da tarde com uma das rivais, tomando uma bebida feita com mel, uma de suas favoritas. Aisha juntou algumas das outras mulheres e tramou uma brincadeira. Quando ele foi a cada um dos aposentos de suas esposas, todas fingiram se incomodar com seu bafo. Maomé ficou preocupado e confuso. "Mas eu só tomei mel!", exclamou. As mulheres disseram que as abelhas que fizeram o mel deviam ter-se alimentado no néctar de uma planta fétida. Depois disso, Maomé passou a recusar mel sempre que lhe ofereciam, até que a mais madura Sawda disse a Aisha que a brincadeira fora longe demais e que o pobre profeta estava se privando de um de seus poucos prazeres.

Uma vez, Aisha e suas companheiras de conspiração frustraram de fato as tentativas do profeta de acrescentar outra esposa a seu crescente harém. Aisha ficou tresloucada quando Asma, a linda filha de um príncipe, chegou acompanhada de escolta para se casar com Maomé. Aisha e Hafsa, fingindo querer ajudar, ofereceram-se para auxiliar a jovem a vestir-se para o casamento. Enquanto se agitavam em volta dela, trocaram "confidencias" sobre o que o profeta gostava e não gostava. Aconselharam-na a fingir falta de vontade, para que ele ficasse incendiado de paixão. Quando chegasse o momento de consumir o casamento, o melhor seria que ela se afastasse do abraço do profeta e dissesse: "Me refugio nos braços de Allah".

O profeta, apavorado pela possibilidade de se impor a uma mulher relutante, disse imediatamente a Asma que não se preocupasse, que ele chamaria imediatamente a escolta e a mandaria de volta para casa em segurança. Asma foi, desolada, e queixando-se amargamente de ter sido enganada.

Os múltiplos casamentos alimentaram essas pequenas rivalidades e a rixa crescente entre Ali e Abu Bakr que iria ameaçar o futuro político do Islã. Também começaram a moldar as regras da religião emergente. As crescentes revelações divinas de Maomé sobre as mulheres pareciam cada vez mais influenciadas pela necessidade de conseguir tranquilidade para seu próprio lar. Aisha era uma das que não tinha medo de assinalar essa coincidência. "Me parece", disse, sarcástica, "que vosso Senhor se apressa a satisfazer vossos desejos."

Uma dessas coincidências foi a revelação de que as crianças adotadas não deveriam ser consideradas parentes de sangue. Esta veio depois que Maomé viu de relance, parcialmente despida, Zeinab, mulher de Zaid, o escravo libertado que Maomé adotara e criara como filho. A comunidade ficara chocada com o divórcio de Zaid e a intenção de Maomé de casar com Zeinab, o que desrespeitava a proibição de um pai casar com a mulher de um filho. Maomé estava com Aisha quando teve a revelação dizendo que era errado os muçulmanos considerarem que a adoção criava os mesmos laços que o parentesco de sangue. Se fosse assim, diz o Alcorão, os muçulmanos teriam de proclamar verdadeiro parentesco com qualquer criança que criassem. Deus, mostrou a revelação, fizera o casamento de Maomé com Zeinab para expor o erro de suas crenças anteriores. Quando se mudou para a mesquita, Zeinab pôde jogar na cara de Aisha que seu casamento com o profeta fora obra de Deus.

A revelação do confinamento das mulheres do profeta veio na noite do casamento de Zeinab. Sabedor do ciúme que o enlace inspirara, Maomé fizera

muitos convites para a festa de casamento. Três dos convidados demoraram-se muito depois da refeição, envolvidos na conversa e parecendo ignorar a impaciência do profeta para ficar a sós com sua nova mulher. Enquanto Zeinab ficava sentada num canto, esperando que os convidados saíssem, Maomé saiu da sala e vagueou pelo pátio da mesquita. Encontrou Aisha, que educadamente perguntou o que ele achava da nova companhia. Maomé confiou-lhe que ainda não tivera a possibilidade de gozá-la e fez uma visita a cada uma de suas mulheres antes de voltar à sala de festas. Muito contrariado, viu que os convidados ainda estavam lá. Irritado, voltou aos aposentos de Aisha e ficou com ela até que alguém veio dizer-lhe que os mal-educados convidados tinham ido embora.

Anas ibn Malik, um acompanhante que testemunhara toda a cena, acompanhou Maomé à câmara nupcial. Maomé já tinha um pé no quarto quando soltou uma cortina entre ele e Anas e começou a recitar na voz que usava nas revelações: "Ó crentes! Não entreis na residência do profeta para uma refeição sem esperardes o momento adequado, a menos que vos seja dada autorização. Mas, se fordes convidados, entrai e, quando a refeição terminar, dispersai. Não demoreis com conversas. Olhai! Isso causaria incômodo ao profeta, e ele não vos pediria para sair por timidez; mas Allah não é tímido com a verdade. E quando pedirdes qualquer coisa às suas mulheres, pedi detrás de uma cortina (*hijab*). Isso será mais puro para os vossos corações e para os corações delas."

Essas palavras estão inscritas no Alcorão como sendo a palavra de Deus. É claro que este versículo é lido de forma muito diferente por um crente muçulmano e um não-crente. Para o não-crente, fica difícil ver Deus se preocupando com pequenos assuntos de etiqueta. Os muçulmanos, porém, não vêem nada demais no fato de Deus se envolver com uma situação que claramente deixou seu profeta desconfortável e inseguro sobre qual a melhor forma de agir. Nesses últimos anos de vida de Maomé, com sua comunidade se expandindo rapidamente, muitas questões novas, pequenas e grandes, tinham de ser resolvidas. As revelações de Medina são quase sempre menos poéticas e mais específicas que as elegantes reflexões dos primeiros versículos revelados em Meca. Vêm muitas vezes em resposta direta aos novos dilemas que a comunidade enfrentava.

O que é intrigante é que a revelação do confinamento, tão claramente vinculada a instruções que se aplicavam apenas ao profeta, viesse a ser vista como regra a ser aplicada a todas as mulheres muçulmanas.

Durante a vida de Maomé, é quase certo que a regra se limitou apenas a

suas esposas. Mudou completamente a vida delas. Maomé autorizara Aisha, em sua ausência, a dar conselhos religiosos, dizendo aos muçulmanos para "tomar metade de sua religião desta mulher". Mas depois da revelação sobre o confinamento, ela não pôde mais se misturar livremente com os visitantes da mesquita. Algumas esposas, como Sawda, famosa pela habilidade artesanal com couro, trabalhavam para contribuir com o orçamento familiar. As esposas tinham mesmo participado de batalhas ao lado de Maomé, arregaçando seus vestidos e carregando água, ou cuidando dos feridos. Até Fátima estivera no campo de batalha, uma vez, cauterizando com cinzas uma sangrenta ferida na cabeça de seu pai, o que mostrava sua habilidade como enfermeira.

Depois do confinamento, Maomé passou a levar apenas uma ou duas mulheres, apenas como parceiras sexuais, nas suas campanhas, tirando à sorte quem gozaria do privilégio. Foi depois de uma dessas batalhas que Aisha se deparou com um dos maiores desafios de sua vida de casada.

Quando o acampamento foi levantado antes do alvorecer, Aisha se afastou um pouco no deserto para urinar antes da marcha. De volta ao acampamento, deu-se conta que perdera um colar de ágata e voltou pelo mesmo caminho que fizera, tentando encontrá-lo. Quando o achou e regressou, os homens que conduziam seus camelos já tinham ido embora, acreditando que ela estava dentro da liteira coberta. Ela sentou-se então pacientemente sobre a areia, esperando que alguém desse por falta dela. Algumas horas depois, um jovem soldado chamado Safwan encontrou-a e trouxe-a de volta à cidade no seu camelo.

Sua chegada com esse jovem e bonito homem criou um escândalo. Ali, o marido de Fátima, aproveitou a oportunidade para alimentar as crescentes dúvidas de Maomé sobre a virtude de Aisha. Com o escândalo crescendo, Aisha saiu de seu apartamento na mesquita e voltou em desgraça para a casa dos pais, que pareceram tão prontos a acusá-la quanto os demais. As fofocas correram soltas por mais de um mês.

Finalmente, Maomé teve uma revelação que limpou o nome de Aisha.

"Boas notícias, ó Aisha!", gritou. "Deus Altíssimo te isentou de culpa."

"Levanta-te e vai a Maomé", disseram seus pais.

"Não voltarei para ele nem lhe agradecerei", disse a jovem de personalidade forte. "Nem agradecerei a vocês que deram ouvidos às calúnias e não as negaram. Somente agradecerei a Deus."

O que ficou conhecido como "o caso da calúnia" chegou até o Alcorão. Por que, pergunta Deus, quando ouviram as acusações sobre Aisha, "os homens e as

mulheres de fé não formaram uma boa opinião e disseram: 'Isso é uma evidente mentira'? Por que não procuraram antes quatro testemunhas que provassem as acusações?" Desde então, a lei islâmica exige quatro testemunhas para formular uma acusação de adultério: "Devereis castigar a adúltera e o adúltero com 100 vergastadas... Mas aqueles que acusarem uma mulher de prostituição e não apresentarem testemunhas do fato, castigai-os com 80 vergastadas, e nunca mais aceitai seu testemunho".

Nos dois anos que se seguiram ao controverso casamento com Zeinab, Maomé tomou mais cinco esposas, incluindo duas judias e uma cristã copta. (Há diferentes opiniões sobre se ele se casou com essas três mulheres ou simplesmente manteve uma ou duas delas como concubinas.) Maria, a cristã, tornou-se foco de fortes ciúmes no harém quando deu à luz um filho de Maomé. (O menino morreu na infância.) Aisha, que não conseguira conceber, ficou particularmente desgostosa. Queixou-se então a Maomé sobre a falta de uma *kunya*, ou designação de mãe, já que todas as outras viúvas tinham as *kunyas* dos filhos que tinham dado à luz de seus anteriores maridos. Como Rehab, a palestina dos dias de hoje, Aisha sentia muito a falta dessa honra. Maomé disselhe para se chamar Umm Abdullah, do filho de sua irmã, a quem ela era muito ligada.

Aisha deve ter sentido que Maria e seu filho iriam disputar perigosamente as atenções de Maomé. Um enorme alvoroço aconteceu quando se descobriu que Maomé fizera amor com Maria no quarto de Hafsa e no "dia" de Aisha. As consequências desse aborrecimento, junto com as queixas das esposas sobre a dolorosa pobreza de suas vidas, levou Maomé a sair do harém e manter-se isolado por quase um mês. A comunidade temeu que ele pudesse se divorciar de todas as esposas, tumultuando as alianças que construía com tanto cuidado.

Finalmente voltou de seu retiro e deu a cada uma das esposas um ultimato de inspiração divina: elas podiam divorciar-se dele e ganhar uma rica pensão de bens mundanos, ou elas podiam ficar com ele, nos termos ditados por Deus, o que incluía nunca mais se casarem depois de sua morte. Em contrapartida, elas seriam conhecidas para sempre como as Mães dos Crentes e colheriam uma rica recompensa no céu. Todas escolheram ficar com ele.

Seria errado retratar a vida doméstica de Maomé como se não tivesse nada mais que ciúmeiras e escândalos. Os *hadith* também registram momentos de grande ternura nos pequenos quartos em volta da mesquita. Um dia, quando Aisha e Maomé se sentaram juntos, ela fiando e ele consertando uma sandália, Aisha notou que ele a olhava com uma expressão radiante. Levantou-se

inesperadamente e beijou-a na fronte. "Ó Aisha!", disse, "que Allah te recompense bem. Eu não sou para ti a fonte de alegria que és para mim."

Outro *hadith* relata um incidente quando algumas das esposas de Maomé brigavam com ele sobre as finanças domésticas. Durante a discussão, Omar, o ríspido lugar-tenente de Maomé e pai de Hafsa, entrou na sala. As mulheres, temerosas do temperamento violento de Omar, calaram-se imediatamente e se apressaram a sair. Omar gritou às mulheres que era uma vergonha que elas fossem mais respeitosas com ele que com o profeta de Deus. Uma delas respondeu, de uma distância segura, que o profeta de Deus era muito mais gentil com as mulheres que seu despótico amigo.

Quando Maomé ficou doente, à beira da morte, ainda quis manter o hábito de dividir equanimemente sua atenção entre as esposas, ordenando que seu leito fosse movido de um quarto para outro, seguindo os turnos. Mas, um dia, ele começou a perguntar em que quarto iria no próximo dia, e no seguinte, e no dia depois desse. As esposas entenderam que ele tentava calcular quanto tempo faltava até chegar a vez da amada Aisha. Todas decidiram então abrir mão de seus turnos para lhe permitir que passasse suas últimas semanas com Aisha. Morreu nos braços dela e foi sepultado no seu quarto.

Aisha só tinha 19 anos. Um futuro de solidão se estendia diante dela: sem filhos, e proibida de voltar a casar-se. Tudo o que lhe restava era influência. Como tinha passado tanto tempo ao lado de Maomé, ela tornou-se uma das principais lideranças religiosas. Originalmente, 2.210 *hadith* foram atribuídos a ela: estudiosos do século IX, negando-se a considerar as palavras de uma simples mulher, descartaram todos, menos 174.

Depois da morte de Maomé, Aisha tornou-se uma mulher rica. Não herdou nada de Maomé, que deixou todas suas propriedades para caridade. Mas a comunidade pagou-lhe pelo uso de parte de seu quarto — onde ela continuou vivendo — como o túmulo do profeta. A soma, 200 mil *dirhams*, era tão vultosa que foram necessários cinco camelos para transportá-la. O pagamento pode ter sido tão generoso porque o sucessor de Maomé, ou califa, acabou sendo o pai de Aisha, Abu Bakr.

A morte de Maomé causou a explosão da luta pelo poder que há muito vinha se travando entre Ali e Abu Bakr. Fátima, que vivera muito tranquilamente, criando os filhos, irrompeu brevemente na vida pública para lutar pelo direito de Ali ser o califa. Àquela altura, todas suas irmãs haviam morrido sem filhos, deixando-a e a seus filhos e filhas como os únicos descendentes de Maomé. Ela argumentou que Ali fora a escolha de Maomé. Foi

ela que proclamou que seu pai ordenara que a liderança do Islã ficasse com seus parentes de sangue. Os Shiat Ali, ou Partidários de Ali, se reuniram para apoiá-la. Mas Fátima não conseguiu convencer a maioria da comunidade. Apesar da disposição de Ali de aceitar a liderança de Abu Bakr para evitar a divisão, Fátima manteve a corajosa teimosia que continua caracterizando os xiitas modernos. Convencida de que a vontade de seu pai fora desrespeitada, recusou-se a prestar vassalagem a Abu Bakr.

Talvez como resultado do estresse causado pela batalha perdida, caiu doente e morreu apenas seis meses depois do pai.

Nem todos choraram a morte do profeta do Islã. Na região de Hadramaut, no sul da Arábia, seis mulheres decoraram as mãos com henna, como se fossem se casar, e foram às ruas tocando tamborins numa alegre comemoração da morte de Maomé. Logo cerca de 20 outras juntaram-se a elas. Quando Abu Bakr ouviu falar dessa comemoração, mandou a cavalaria cuidar das "prostitutas de Hadramaut". Quando os guerreiros chegaram, os homens da aldeia defenderam suas mulheres, mas foram derrotados. Como castigo, as mulheres tiveram as mãos pintadas de henna cortadas até os pulsos.

Quem sabe quais foram os motivos dessa assombrosa e temerária comemoração? Para elas, pelo menos, deve ter parecido que a nova religião de Maomé fizera suas vidas mais opressivas, menos livres. E muito pior ainda estava para vir. A repressão às mulheres em larga escala estava para ser legislada pelo sucessor de Abu Bakr como califa, o misógeno e violento Omar.

O fato de Aisha ter apoiado a liderança de Omar mostra até que ponto ela tinha aversão por Ali, o marido de Fátima. A opinião dela sobre Omar não era boa. Conhecedora de sua crueldade para com as mulheres de seu lar, ela usara sua astúcia para frustrar um casamento entre ele e sua irmã.

Omar atacou as mulheres de uma forma tal que ele mesmo deveria saber que desrespeitava as tradições de Maomé. Tornou o apedrejamento o castigo oficial para o adultério e exerceu pressões para que o confinamento fosse estendido a todas as mulheres. Tentou evitar que as mulheres orassem na mesquita, e quando fracassou, ordenou que houvesse guias de oração separados para homens e mulheres. Também impediu as mulheres de fazerem o *Hajj*, uma proibição que só foi levantada no último ano de sua vida.

Depois da morte de Omar, Aisha apoiou Othman como seu sucessor.

Quando Othman foi assassinado por membros de uma facção rebelde, Ali, que tivera que esperar 24 longos anos desde a morte de Maomé, ganhou finalmente sua chance de conquistar a liderança. Ao tornar-se o quarto califa dos muçulmanos, a bem conhecida hostilidade de Aisha tornou-a um pára-raios para os dissidentes. Ela logo criticou abertamente a inoperância de Ali para castigar os assassinos de Othman.

Quando cresceu a oposição a Ali, Aisha empreendeu uma ação brava e temerária que pode ter mudado para sempre a balança do poder entre os homens e as mulheres muçulmanas.

Ela dirigiu os dissidentes numa batalha contra Ali num pavilhão vermelho montada em cima de um camelo. Cavalgando na frente de suas tropas, ela exortou-as a baterem-se com valentia. Ali, entendendo o efeito que isso causou na moral de seus homens, ordenou que seu camelo fosse derrubado e desbaratou suas forças. Centenas de partidários de Aisha foram mortos, incluindo seus melhores amigos e parentes mais próximos.

A derrota foi um desastre para as mulheres muçulmanas. Seus inimigos puderam argumentar que a primeira batalha de muçulmanos contra muçulmanos nunca teria acontecido se Aisha tivesse permanecido fora da vida pública, como era a vontade de Deus. Depois da batalha, um dos escravos libertados de Maomé relatou um *hadith* que foi particularmente danoso para as mulheres muçulmanas. Ele disse que fora salvo de entrar no exército de Aisha por ter-se lembrado do comentário de Maomé sobre as notícias de que os persas tinham designado uma princesa para governá-los: "Nenhum povo que ponha uma mulher para conduzi-lo vai prosperar." Fosse ou não genuína a lembrança do ex-escravo, esse *hadith* tem sido usado contra cada mulher muçulmana que consiga influência política. Foi frequentemente citado no Paquistão pelos opositores de Benazir Bhutto.

Depois da derrota, Aisha fez finalmente as pazes com Ali. Retirou-se da política, mas permaneceu uma eminente autoridade religiosa. Muitos relatos a descrevem, no final da vida, como uma mulher triste cujo único desejo era ser esquecida pela história.

Diz-se que ela chorava sempre que recitava os versículos do Alcorão: "Ó mulheres do profeta... fiquem em casa."

5. CONVERSÕES

"Não desposareis as idólatras até que elas se tenham convertido, porque uma escrava crente é preferível a uma liberta idólatra, ainda que esta vos apraza.

Alcorão

Surata da Vaca

Ao nascer do sol, antes que o calor se abata sobre a cidade e o ar fique pesado com a fumaça de diesel, Teerã cheira a pãozinho quente. Nas padarias da vizinhança, as mulheres fazem fila com seus xadores floridos, jogados sem preocupação sobre as blusas. Seus rostos parecem menos enrugados que mais tarde, quando caminharão pelas ruas apinhadas da cidade, carregadas de embrulhos, filhos e as incontáveis preocupações das mulheres dos países pobres. Durante esta espera, elas têm o breve luxo de observar o trabalho alheio.

Às vezes, quando ficava cansada dos olhares e perguntas que recebia como única mulher solitária registrada no hotel Laleh, ia para o subúrbio do norte para ficar com uma família de quem ficara amiga. Eles viviam numa estrada sinuosa cheia de mesquitas, lojas e todo o tipo de casas, de ricas moradias a casebres. De manhã, bastava seguir o olfato para encontrar o caminho até a padaria. O ar trazia a doçura das crostas quebradiças e o cheiro da lenha dos fornos. Lá dentro, quatro homens enfarruscados faziam voar a massa de pão com mãos ágeis. Os padeiros faziam *lavosh* — fatias finas de pão macio. Trabalhavam como malabaristas: um rapaz pesava a massa de pão, o outro espalmava-a, o terceiro passava-a de rolo em rolo para estendê-la mais, um quarto jogava a massa no forno. Olhando as outras mulheres, aprendi a pegar o pão quente com as mãos envoltas na ponta do xador. Levá-lo-ia para o café da manhã dos Mamoudzadeh.

Como qualquer casa no mundo islâmico, a dos Mamoudzadeh não era visível da rua. Seu alto portão de ferro fechava-a completamente para o mundo, garantindo a privacidade da família. O portão abria-se para um pátio florido, onde estavam as bicicletas das crianças e uma frondosa amoreira, de onde Janet Mamoudzadeh retirava as amoras para fazer a geléia que espalhava no *lavosh*

fumegante. Larguei meus sapatos na pilha ao lado da porta e caminhei pelos macios tapetes e *kilins* feitos à mão. Lá dentro, pendurei meu xador num cabide que tinha dois ou três casacos e lenços que Janet usava no dia-a-dia; os que mais a cobriam era um *magneh* estilo freira que usava no trabalho de professora de inglês na escola da filha, e o xador que guardava para os eventos religiosos.

O marido de Janet, Mohamed, era um comerciante do Bazaar-e-Bazorg — o Grande Bazar —, que negociava com tapetes persas e moeda estrangeira. Ela conhecera-o na universidade em Pittsburg, Kansas, onde ele estudava engenharia e ela, informática. Apaixonou-se, converteu-se ao islamismo e foi com ele para o Irã.

Janet casou-se com Mohamed antes da revolução, quando era possível que não-muçulmanos vivessem no Irã com os esposos muçulmanos. Atualmente, a conversão é obrigatória, de acordo com o ponto de vista xiita de que o casamento permanente (oposto ao *sigheh*) só pode ocorrer entre muçulmanos. A *sunnah* do profeta sobre este tema não ajuda muito a esclarecer os versículos do Alcorão.

O profeta manteve relacionamento com pelo menos duas mulheres judias e uma cristã, mas as fontes islâmicas divergem sobre se elas se converteram ou, mantendo a própria fé, se foram realmente suas esposas. Safiyah, a esposa do líder dos judeus de Khaiber que morreu numa batalha com os muçulmanos, converteu-se ao Islã e é citada em todas as fontes como esposa de pleno direito do profeta. O *status* das outras duas mulheres não é tão claro. Algumas fontes dizem que a outra judia, Raihanah, decidiu ficar como escrava/concubina no harém, para poder manter sua fé e permanecer livre das restrições do confinamento. Maria, a cristã copta, que nunca mudou de religião, é descrita como concubina em todas as fontes, menos as egípcias.

Janet converteu-se ao Islã porque o marido queria que os filhos tivessem educação muçulmana e porque ela achava que ter a mesma religião iria tornar seu lar mais harmonioso. A visão dela sobre a conversão era pragmática. "Allah, Deus — é o mesmo cara, não é? E se você ler o Alcorão, Maria está lá, e Jesus — só que eles são chamados Maryam e Isa."

A conversão de Janet fora bem simples. Na sala da casa de sua família, no Kansas, diante de duas testemunhas, ela simplesmente proclamou a *shehada*, a profissão de fé muçulmana: "Não há outro Deus senão Deus e Maomé é o mensageiro de Deus". Como o marido era xiita, ela também recitou outra frase, opcional: "Ali é o amigo de Deus". Logo que disse esta simples fórmula, passou a ser muçulmana. Para ser uma *boa* muçulmana, ela ainda tinha de viver de

acordo com os outros quatro dos cinco pilares da fé; rezar cinco vezes por dia; jejuar no Ramadã; dar esmolas aos pobres — normalmente 2,5% do patrimônio líquido de uma pessoa, não da renda — por ano; e fazer a peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida, se tiver posses para isso.

Fiquei intrigada com a decisão de Janet. Numa manhã de inverno de 1984, eu fizera uma escolha semelhante. Comparecera a uma sala úmida num subúrbio de Cleveland, mergulhara numa piscina ladrilhada cheia de água da chuva e pronunciara as palavras: "Ouvi, ó Israel: o Senhor é nosso Deus, o Senhor é único." Mais tarde, comemorei, com o rabino e o meu noivo, comendo sopa de bolinhos de *matzá* e *latkes* de batata num restaurante judeu dos arredores.

Minha conversão teve mais a ver com história do que com fé. Já que ia casar com um judeu, parecia importante misturar meu destino com o de seu tantas vezes ameaçado povo. Nessa altura, eu não sabia ainda que passaria a maior parte da década seguinte no Oriente Médio, onde estar ao lado de meu marido me fazia automaticamente uma inimiga para muitos dos que viviam perto de nós.

Janet também queria estar ao lado do marido. Mas no Irã do final dos anos 70, a nacionalidade dela era um obstáculo que a nova fé não podia superar totalmente. "Não era um bom momento para uma noiva de Kansas City montar casa em Teerã", lembrou, com um sorriso ambíguo. Dois meses depois de sua chegada, a cidade foi paralisada por manifestações, incêndios e tiroteios. Quando Khomeini voltou do exílio em 1979, Mohamed ficou exultante. Como muitos jovens e cultos iranianos, ele desprezava a corrupção da velha ordem e admirava a forma como Khomeini desafiava os grandes poderes que competiam para explorar a riqueza de sua terra.

Janet teve de participar de reuniões familiares em que os parentes de Mohamed punham seu país no pelourinho. Quando o domínio do farsi melhorou, ela começou a desafiá-los. "Eles diziam: 'Janet, você sabe que gostamos do povo americano, só odiamos o governo'. Eu dizia: 'Ah sim? Bem, no meu país, o governo é o povo'."

Quando os estudantes iranianos ocuparam a embaixada dos Estados Unidos em Teerã em 1979, o Departamento de Estado pediu a todos os cidadãos americanos que saíssem do país. Janet presenciou o êxodo que esvaziou a cidade de milhares de americanos que tinham feito fortunas lá. Logo, apenas um punhado de americanos ficou, na sua maioria mulheres de iranianos demasiado comprometidos ideológica ou financeiramente com o seu país para saírem. "O Departamento de Estado disse que, se não saíssemos, ficaríamos por nossa conta.

E ficamos. Mas se você ama seu marido, você fica."

Gradualmente, Janet começou a gostar de muitos aspectos de sua vida no Irã. Descobriu que os iranianos esbanjavam gentilezas para com os americanos que tinham ficado. Alguns iranianos tinham boas recordações de professores e técnicos americanos que ajudaram o país, e mesmo os que só viam os americanos como exploradores gananciosos achavam que Janet, ao ficar, se alinhara com o Irã. Em vez de ser recebida com hostilidade, ela foi bem recebida em todo o lado — cediam-lhe o lugar nas filas de comida, davam-lhe a melhor carne, ajudavam-na de todas as formas possíveis. "Aqui sou tratada como uma rainha", disse.

Mas convencer disso os pais em Kansas City foi mais trabalhoso, principalmente depois da publicação das memórias de Betty Mahmoody, *Nunca Sem Minha Filha*. O livro é uma história de pesadelo de uma mulher americana que vai visitar a família do marido em Teerã e descobre que caiu na armadilha das leis iranianas que proíbem a mulher de sair do país sem a autorização do marido. Dá uma imagem desoladora da vida no Irã, descrevendo espancamentos de mulheres, casas imundas e comida infestada de vermes.

"Meu pai pegava no telefone e dizia: 'Sei que Mohamed está espancando você', e eu dizia: 'Papai, ele não me bate mais que você'. Tirei até fotos do meu freezer para lhes mostrar quanta comida tínhamos." Ela tentou descrever os luxos de sua espaçosa casa, o tempo livre que lhe proporcionava a vinda regular de um faxineiro, e o fácil acesso a boas creches para seus três filhos. Era uma vida que muitos americanos teriam achado invejável. Mas os pais não ficaram tranquilos. Então, ela concordou em me ver, na esperança de que os pais acreditassem no relato de alguém de fora. Também chamou, para me conhecer, uma amiga da Califórnia também casada com um iraniano.

Janet ficou boquiaberta ao abrir a porta para a amiga. Era a semana do funeral de Khomeini, e toda Teerã estava coberta de preto. Panos pretos cobriam os edifícios públicos, os homens usavam camisas pretas, as mulheres deixavam de lado seus lenços coloridos durante os 40 dias de luto oficial e vestiam seus xadores pretos. No meio de toda essa tristeza, a amiga de Janet parecia um palhaço no meio de um convento. Alta e grávida de sete meses, ela vestia um cafetã largo de algodão estampado com flores rosa e vermelhas, e um lenço de seda rosa que mal cobria seu cabelo louro oxigenado.

"Meu Deus, espero que Hajji Yousefi não tenha visto você!", ofegou Janet, referindo-se à vizinha do lado, que era membro do comitê local responsável por impor a disciplina islâmica. A mulher, que chamarei de Margaret, encolheu os

ombros e jogou-se numa poltrona. "Quem se importa?", disse. "Fui insultada no caminho para cá, um saco velho de xador me disse: 'Como você pode estar assim vestida? Você não sabe que o imã morreu?' E eu respondi: 'Que isso me afeta? Eu sou americana'. Disselhe que sabia melhor que ela o que diz o Alcorão sobre como as mulheres devem se vestir, e que lá não diz em lugar nenhum que tem de ser um trapo preto e velho."

Margaret sabia o que diz o Alcorão porque passara as manhãs sentada no chão de pernas cruzadas ao lado da sogra, estudando o livro sagrado palavra por palavra. Margaret casara com um herdeiro da aristocracia da República Islâmica: o filho de uma longa linhagem de eminentes *ayatollahs*. A família fora muito tolerante com a noiva do filho porque ela fizera duas coisas para conquistar a sua aprovação: converter-se ao islamismo e ficar logo grávida. A sogra acreditava fervorosamente que conseguir uma conversão era o passaporte para o paraíso e, como nenhum de seus filhos ainda lhe dera um neto, tinha grandes esperanças na gravidez de Margaret.

Margaret também falou francamente sobre o poder sexual que ela acreditava exercer sobre o marido. Criada na cultura hedonista das praias da Califórnia, ela adquirira um repertório sexual nunca sonhado por um rapaz iraniano preso entre os clérigos. "Ele corre atrás de mim como um cachorrinho", disse ela com uma risada. Tudo isso, acreditava, a protegia da disciplina de ferro imposta pela sociedade iraniana, que Janet dificilmente questionava. Em Teerã, todos os edifícios governamentais tinham guardas femininas que vigiavam estritamente os códigos islâmicos que regulam a forma de vestir, e Margaret tinha sido recentemente barrada à porta do Correio por usar batom. "Pedi um lenço de papel, e ela disse 'Aqui está teu lenço' e me deu um tapa na cara." Margaret queixou-se à família e a guarda foi despedida.

Alguns dias depois de nosso encontro na casa de Janet, convidei as duas mulheres para almoçarem comigo na cidade. Margaret escolheu seu lugar favorito, um antigo restaurante francês com toalhas de linho e banquetas vermelhas. Os garçons cumprimentaram-na como a uma velha conhecida. Ao elogiar o vestido colorido, um deles perguntou por que suas amigas estavam usando esses *hijabs* pretos tão deselegantes. Margaret replicou com uma rápida piada em farsi. O garçom olhou-a, surpreso, e depois riu. "Disselhe que vocês são bundas-moles", explicou, abrindo um sorriso.

Mas mesmo Margaret aprendera que existem limites. Uma vez, sua irreverência por pouco não fora longe demais. Durante dias, ela se sentira incomodada por inscrições antiamericanas rabiscadas num muro no fim de sua

rua. Uma noite, ela pegou uma lata de tinta e alterou as letras para virar o insulto contra o governo iraniano. No amanhecer, a nova mensagem causou furor e uma caça às bruxas. Margaret, deliciada pela confusão que tinha criado, confessou a façanha ao marido, achando que ele acharia graça à piada. "Nunca pensei que ele pudesse ficar tão irritado", lembrou. Furioso, gritou com ela, chamando-a de louca: Você quer ser morta? Há certas coisas de que nem eu posso te salvar." No final, ninguém conseguiu identificar o culpado.

Para mim, a amizade de Janet proporcionou uma janela para a vida das mulheres do Irã. A grande família de Mohamed tinha desde pobres a influentes, religiosos convictos e céticos. Tomou-se um hábito me convidarem a todos os eventos familiares sempre que eu estava no país.

Para mim, ser judia tinha-se tornado uma abstração: algo que definira o tipo de casamento que eu tivera, e que depois disso significava a festa anual da Páscoa judaica, o jejum no Yom Kippur, um certo embaraço no Natal, e uma etiqueta, muitas vezes inconveniente, que eu tinha que escrever nos formulários de visto quando visitava países do Oriente Médio. Mas, para Janet, a religião moldara a rotina de seu dia-a-dia.

Nenhum dos membros da família Mamoudzadeh tinha uma vida secular. A mãe de Mohamed levantava-se todos os dias antes do alvorecer para se preparar para a primeira de suas cinco orações diárias. Mohamed e Janet eram menos meticolosos, mas mesmo Janet dizia gostar dos momentos em que rezava com a sogra. "São apenas uns poucos minutos de tanta paz nos nossos dias", dizia. "Se as crianças chamarem, ou alguém bater à porta, basta levantar a voz e entoar 'Allah!' para mostrar que você está rezando, e ninguém nos interromperá."

Para preparar as orações, Janet e a sogra lavavam-se cuidadosamente, esfregando o rosto, os pés e as mãos, enxaguando a boca e passando as mãos molhadas no cabelo. As mulheres não podem usar as unhas pintadas no Irã, porque a lei diz que as mãos têm de estar limpas para a oração e o verniz das unhas é considerado impuro. No aeroporto, mesmo mulheres estrangeiras recebem panos embebidos em petróleo para remover o verniz das unhas. Mas o uso de perfume é recomendado na hora de rezar, por isso Janet e a sogra se perfumavam e vestiam os mais bonitos e floridos chadores, estendiam um tapete especial para oração, e curvavam-se, ajoelhavam-se e prostravam-se, recitando o melodioso poema de devoção dos muçulmanos: "Que Deus seja louvado, o Senhor da criação, o piedoso, misericordioso, rei do juízo final... Vós sois o

único a quem adoramos, e a Vós apenas pedimos auxílio... Guiai-nos pelo caminho certo, o caminho daqueles a quem destes vossa graça, não o dos que incorreram na vossa ira..." Os homens têm de recitar de forma audível para que alguém que passe entenda as palavras. As mulheres, cujas vozes são consideradas estimulantes sexualmente, devem apenas sussurrar.

Mohamed punha todos os anos seu nome no sorteio que selecionava os peregrinos para fazer o *Hajj* anual. O mês do *Hajj* segue imediatamente o mês purificador do Ramadã. Nesses dias, cerca de dois milhões de muçulmanos de todo o mundo vão a Meca, vestidos ritualmente em simples vestes brancas. Como a visão politizada que os iranianos têm da religião não cai bem aos sauditas, a Arábia Saudita impõe uma cota estrita de peregrinos iranianos admitidos anualmente. Finalmente, em 1993, o nome de Mohamed foi sorteado. O plano dele era levar a mãe e Janet para uma viagem de um mês. Mas Janet, depois de estudar as obrigações da peregrinação, decidiu não ir. "Há muito mais obrigações do que rodear a *Kaaba* e orar por perdão na Planície de Arafat", disse. Ela aprendeu que os peregrinos não apenas têm de evitar o sexo. "Mesmo pensar em sexo destrói o valor de nosso *Hajj*." Além disso, não poderiam ser pronunciadas palavras irritadas ou pensamentos maliciosos. "Não creio que esteja espiritualmente preparada para fazê-lo devidamente." Assim, ela ofereceu o lugar à irmã de Mohamed, que, feliz, entrou num curso especial para se preparar especialmente para o *Hajj*.

Quase todas as semanas da vida dos Mamoudzadehs incluíam alguma prática religiosa ligada aos rituais de nascimentos, noivados, casamentos e funerais. Numa visita que durou uma semana, aprendi muito sobre a vida iraniana a partir de duas mortes muito diferentes.

Mohamed perdera uma tia-avó — uma matriarca de 90 anos. Participamos juntos de sua *Shabba Haft* — Sétima Noite —, um ritual de lamentação que ocorre uma semana depois da morte. Os filhos, netos e bisnetos da mulher eram tantos que se espalharam de sua grande casa para a de um vizinho. As duas casas estavam cobertas de panos pretos, os pátios cobertos de tapetes e almofadas e iluminados por fileiras de lâmpadas fluorescentes. Mohamed estacionou o carro e dirigiu-se, com outros homens, para a casa do vizinho — os vizinhos geralmente cedem suas casas para a reunião dos homens, já que as mulheres vêm muitas vezes carregadas de crianças que podem fazer confusão. Janet e eu nos reunimos às mulheres e crianças que enchiam a sala de visitas da casa da

defunta.

Na porta ao lado, entre os homens, um *mullah* lia o Alcorão; sua voz era projetada para a reunião das mulheres através de alto-falantes. Os *mullahs* que fazem essas leituras são escolhidos por suas boas vozes. Depois do Alcorão, ele começou a cantar uma canção lenta e lamentosa, exaltando as virtudes das mães. Na sala apinhada, as mulheres soluçavam baixinho. Mas, quando a canção chegou ao fim, a atmosfera mudou abruptamente. Empregados espalharam grandes plásticos sobre os tapetes e trouxeram bandejas de carneiro, galinha, arroz e legumes.

Reuniões como essas unem as famílias, mas essa *Shabba Haft* também revelou como 10 anos de guerra e revolução haviam dilacerado a família iraniana. O retrato de um dos netos da mulher, um "mártir" da guerra com o Iraque, estava afixado no centro da parede da sala. Sob o retrato estava sentada a irmã do jovem, que fora libertada da prisão depois de cumprir uma pena de sete, anos por gritar "Morte a Khomeini". O irmão, o mártir, a denunciara aos guardas revolucionários.

"Você vai encontrar algo parecido em quase todas as famílias iranianas de classe média, se conseguir que elas falem sobre isso", disse Janet. "A revolução dividiu realmente o povo aqui — crentes fanáticos e descrentes apaixonados todos sob o mesmo teto." Estávamos sentadas perto da tia da jovem. Ela perdera todos os seus três filhos — dois combatendo pelo regime, o terceiro lutando contra ele. Uma filha morrera no treinamento da milícia voluntária feminina. No seu primeiro exercício de tiro, ficou tão assustada pelo estampido das armas automáticas que se levantou na trincheira e foi atingida por um tiro na cabeça. Um filho foi para o *front* da guerra Irã-Iraque e entrou na lista dos desaparecidos em ação. Não contei à mãe que estivera nas linhas de batalha onde seu filho combatera. Estivera no lado do Iraque, já que o Irã não deixava que jornalistas mulheres fossem ao *front*. Cheguei na noite de uma grande vitória iraquiana, e os mortos iranianos se esparramavam, cobertos de moscas, em suas trincheiras, como sacos de carne estragada. Os iraquianos já tinham começado o trabalho de reforçar os poucos metros de deserto que haviam capturado. Gigantescas escavadeiras rugiam sobre os corpos, deixando a areia manchada com uma pasta de carne esmagada. Esses corpos não seriam identificados. Centenas, talvez milhares de jovens ficariam para sempre "desaparecidos" nessas areias.

A pior morte fora a de seu segundo filho. Ele fora executado pela República Islâmica por participar de um grupo militante de oposição chamado Mujahedin do Povo. Era, contou ela, um jovem confuso que fora presa de um grupo bem

organizado que vivia de doações iraquianas e fazia lavagem cerebral em seus recrutados. Quis perguntar-lhe se ela culpava o governo iraniano por não mostrar um pouco de misericórdia em relação ao filho, mas Janet, que traduzia, abanou levemente a cabeça e não fez a pergunta. Em vez disso, perguntei gentilmente se ela achava que seus sacrifícios tinham valido a pena. Ela acenou que sim, sem hesitação. "Nossa aldeia foi a primeira a derrubar a estátua do xá", disse, "e, desde então, não desistimos desse caminho, apesar do que vocês ocidentais pensam". Falamos sobre o trabalho dela como professora da aldeia. Depois de todas as perdas que sofrera, contou, ela pensava agora nos alunos como se fossem seus filhos.

Alguns dias mais tarde, Janet e Mohamed foram a outra *Shabba Haft*. Diferente da morte da velha matriarca de 90 anos, que fora para o seu Deus suavemente e em bom momento, esta outra morte fora repentina e chocante.

Annahita tinha apenas 13 anos. Nas semanas que precederam sua morte, ela ficara sob enorme pressão do professor que era também o vice-diretor da escola. Primeiro, ele censurara-a pela forma como usava o *magneh*, dizendo-lhe que o capuz ao estilo freira estava muito puxado para trás, deixando seu cabelo aflorar de forma provocante. Outro dia, o professor resolveu implicar com os sapatos, dizendo que estavam muito na moda para serem usados por uma modesta colegial. Depois, o professor descobriu um grupo de garotas olhando por uma determinada janela da escola, de onde se podia ver uma área frequentada por garotos. Annahita disse mais tarde aos pais que apenas estava sentada perto, fazendo inocentemente seu tricô, quando o irado professor irrompeu inesperadamente na sala e retirou todas as alunas para uma reprimenda, e ainda a castigou a ela especialmente, mandando-a ficar de pé, humilhada, fora da classe. Era o Ramadã, e Annahita jejuava desde o amanhecer, sem sequer tomar um gole de água. Ficou lá, sob o sol quente, pelo resto do dia. Nessa noite, ela confiou seu sofrimento a um irmão mais velho, estudante de medicina. "Todos os dias me atormentam. Se é para ser assim todos os dias, eu não quero continuar." O irmão não tinha idéia de quão profundo era o significado do que ela dizia.

No dia seguinte, na escola, o vice-diretor descompôs a mãe de Annahita pelo comportamento da filha. A menina, disse o professor, estava quase sendo expulsa. O mais certo era que ela se transformasse numa prostituta. A mãe refutou asperamente as acusações do professor, argumentando que Annahita ainda nem tinha se dado conta de que existe uma coisa chamada sexo oposto: "Ela ainda é uma menininha", disse ao professor. "Tenho que pô-la no colo como se fosse um bebê e forçá-la a pentear o cabelo, ela não se importa com a aparência." Os dois ainda estavam discutindo quando Annahita, tresloucada, saiu

da escola, subiu ao telhado de sua casa e se jogou de lá.

Alguns dias depois, outra menina, também se queixando das pressões sobre o *hijab* e a sexualidade, matou-se do mesmo jeito. No bolso dela estava um recorte de jornal com a foto de Annahita e o relato do caso. Os dois suicídios provocaram semanas de exame de consciência na mídia iraniana. "Estamos mandando nossos filhos para a escola com milhares de esperanças no futuro", dizia o início de um artigo sobre suicídios numa revista chamada *Mulheres Hoje*. Onde, perguntava o artigo, erramos tanto? Como a maioria dos artigos sobre este assunto, este jogava a culpa no professor ultradisciplinador, pedindo mais treinamento em psicologia infantil. Ninguém questionava se o fardo do islamismo estava sendo depositado demasiado cedo, e de forma muito pesada, nos frágeis ombros das meninas.

Quando conheci Leila, filha de Janet, ela tinha acabado de fazer nove anos, a idade em que as meninas assumem todas as responsabilidades de sua religião. No Irã, uma menina de nove anos tem de usar o *hijab* completo, levantar-se de madrugada para as orações e jejuar durante o dia no mês do Ramadã. Os rapazes, considerados menos maduros, não precisam rezar ou jejuar até os 15 anos. Na sua volta ao Irã, Khomeini derrubou a Lei da Proteção da Família de 1975, que tinha banido o casamento de crianças e a poligamia. Atualmente, no Irã, uma menina de nove anos já tem idade suficiente para se casar legalmente.

Leila fora educada no Irã, mas passara sempre as férias de verão com os avós no Missouri. Em Kansas City, ela se divertia com as brincadeiras espontâneas de seus amigos americanos. Mas, de volta a casa, os muros do pátio se fechavam para ela. Quando uma oficina de automóveis abriu na rua, ela teve de desistir da bicicleta. "Sempre havia jovens lá, falando de carros", explicou Janet. "Se ela sair para dar uma volta na rua com os irmãos, eles vão ficar olhando para ela."

A conversão de uma casa em oficina mecânica não tinha agradado a Janet, mas ela não tinha como impedi-la. O jovem proprietário fora prisioneiro de guerra no Iraque e tinha aberto o negócio ao abrigo de um programa do governo para ajudar os veteranos. "E, de qualquer forma", suspirou Janet, "as autoridades locais não teriam qualquer simpatia pelo argumento de que eu queria que minha filha pudesse ter a liberdade de brincar na rua. Aos olhos deles, o lugar dela é em casa, haja ou não uma oficina mecânica na rua."

Leila já tinha seu primeiro xador, feito à medida e com cordões bordados. Adorava usá-lo. "Acho que se sente mais crescida", dizia Janet. "Parece que tive a sorte de ela não se rebelar contra ele." A preocupação de Janet era se sua

decisão do abraçar o Islã iria afetar a filha, e observava ansiosamente os indícios de uma rebelião que faria mais difícil a vida de Leila fora de casa.

Mas, quando Leila cresceu e se tornou uma linda jovem, a religião passou a ser uma de suas matérias favoritas na escola. Na hora das orações, ela gostava de ficar espicaçando o irmão de 14 anos, que ainda não começara a fazer suas orações diárias.

"Mamãe, por que o Yusef não está rezando?", perguntava, alto o suficiente para que o irmão, que assistia à televisão, a ouvisse. "Ele não precisa, ainda não tem 15 anos", sussurrava Janet, aborrecida. "Mas, mamãe, minha professora diz que se ele sabe as orações e as entende, então deveria rezar, não importa qual seja sua idade. E você sabe que Yusef conhece as orações."

Janet deixou de se preocupar com a rebelião e começou a temer o início de um fanatismo estreito que provocaria tensões na família. Janet tinha uma amiga americana cuja filha se tornara tão intensamente devota que se recusou a acompanhar a mãe nas visitas aos "espiritualmente impuros Estados Unidos".

O dia escolar de Leila começava com as orações seguidas de um cântico ritual: "*Marg Bar Amrika* [Morte à América]!" Seu colégio, o Mártir do Conhecimento, era uma instituição razoavelmente progressista dentro do espectro iraniano e não exigia às alunas que usassem xador. O uso de xador pelas alunas tornara-se controverso depois de alguns acidentes de carro sérios quando os motoristas, no escuro, não viam as pequenas figuras de capa preta tentando atravessar ruas de muito trânsito. O uniforme do colégio de Leila era uma túnica cinza sobre calças e com um *magneh* por cima. As garotas mantinham a touca na cabeça quando corriam e riam no pátio, apesar de a escola ser fechada para os homens — mesmo os pais das alunas. As meninas entravam no recinto rodeado de altos muros através de uma porta cortinada e cuidadosamente guardada.

Dentro, a habitual decoração de figuras recortadas de animais partilhava o espaço com cartazes que declaravam: "Morte à América". Mas o fervor oficial antiamericano era desmentido pela disputa para participar das aulas de inglês de Janet. O ensino de inglês passara a ser mal visto durante a primeira década da revolução, mas depois da morte de Khomeini começou a voltar lentamente. O colégio de Leila tinha duas professoras de inglês, mas a classe de Janet era a mais disputada pelos pais que queriam que seus filhos aprendessem o idioma com o sotaque do meio-oeste.

"*This is a pen! This a desk! I am a girl!*" Vinte e três pequenos rostos de meninas de seis anos, emoldurados pelos *magnehs* cinza, cantavam em coro. Uma a uma, Janet chamava as meninas para recitarem o ABC, ou para escrever o

pouco familiar alfabeto latino num quadro habitualmente coberto da curvilínea escrita farsi. Para as que sabiam o lição, a recompensa era uma bala e uma salva de palmas.

Quanto mais eu visitava Janet, mais ela me parecia integrada na comunidade e contente com sua vida privada. Até agora, Leila conseguira ser fiel à religião sem resvalar para o dogmatismo. No mundo iraniano centrado na família, Janet e Mohamed ficavam mais tempo juntos e dividiam mais equitativamente a criação dos filhos que muitos casais ocidentais. Sempre dedicavam o fim-de-semana à família, levando as crianças à montanha, organizando um churrasco, visitando parentes, ou simplesmente ficando em casa para ver novos vídeos.

"No início, quando meu marido me trouxe para aqui, eu odiei", contou uma tarde uma das amigas americanas de Janet. "Simplesmente odiava todos os passos que dava." Ela abandonara o marido e voltara para os Estados Unidos. "Mas lá, não consegui me adaptar ao espírito competitivo. O trabalho me exigia cada gota de energia. Vivia suspirando pelo ritmo lento da vida daqui, onde a casa e a família vêm primeiro, e o trabalho só entra depois. Um dia descobri que estava com câncer e comecei a me sentir sozinha. Tinha parentes, claro, mas eles não podiam largar tudo só para ficarem comigo. Mas vivia pensando que, se estivesse no Irã, a família largaria tudo *mesmo*. Logo que fiquei curada, voltei para cá, e agora gosto mesmo desta vida."

Mas nem os relatos de felicidade doméstica nem os pesadelos de Betty Mahmoody contam toda a história. Eu perdera o contato com Margaret, a amiga de Janet. Dois anos tinham-se passado desde nosso primeiro encontro. Mas, um dia, nos encontramos de novo e ela me convidou para uma das *rosees* de sua sogra. Para as mulheres piedosas, essas reuniões — algo entre um encontro para tomar chá e uma aula de estudos religiosos — são as melhores formas de convívio social.

Quando cheguei, mal reconheci a figura de xador preto que me recebeu. Margaret tinha retirado toda a maquiagem de seu rosto pálido e escondido o cabelo louro. Mesmo sua altura impressionante parecia encolhida de cansaço. Ao atravessarmos o pátio, elogiei a linda fonte de azulejos azuis que ficava no centro. "Minha sogra lava-se ali antes das orações. Tenho que esfregá-la, azulejo por azulejo, para garantir que esteja *puk* — religiosamente limpa. Também tenho que varrer os tapetes todos os dias com aquilo", disse, apontando para uma

vassoura de cabo curto. "Tenho um aspirador, mas não posso usá-lo porque minha sogra não tem a certeza de que o tapete vai ficar *puk*. Como eu sou convertida, tenho de fazer tudo melhor que uma muçulmana de nascimento, só para provar-lhe que não sou mais uma infiel suja." Ela parecia cansada e amarga. Toda a insolência combativa parecia ter sido removida e derrotada pelas manchas de terra nos azulejos azuis e os grãos de poeira nos tapetes.

Entramos num salão sem mobília, exceto uma cadeira de madeira talhada coberta de preto. As outras convidadas — cerca de 12 mulheres — estavam sentadas em grandes almofadas encostadas às paredes. Quando o *mullah* chegou, todas puxaram as pontas dos xadores sobre os rostos. Sem uma saudação sequer, o *mullah* sentou-se na cadeira e começou a salmodiar numa voz triste, hipnótica. Em poucos minutos, a maioria das mulheres já estava soluçando. A sogra de Margaret começou um violento lamento, sacudindo os ombros sob o xador preto. Sob os véus, as mulheres procuravam Tateando as caixas de lenços de papel colocadas no chão entre elas.

O *mullah* estava contando a história de Hussein, o neto do profeta Maomé, cujo exército, traído, foi derrotado na planície de Karbala, há 13 séculos. É uma história que todos os xiitas conhecem de cor. Estranhei que seu relato pudesse despertar tanta emoção. "Elas não estão chorando apenas por causa de Hussein", sussurrou Margaret, sentada no chão a meu lado. "Elas choram por todas as coisas terríveis em suas vidas — os bebês que perderam, os filhos que morreram de doença, o irmão morto na guerra, o marido que se divorciou. Num país de terceiro mundo como este, as mulheres têm muito de que se lamentar."

A voz monótona do *mullah* subiu num crescendo, até parar subitamente. De forma tão abrupta quanto entrara, ele saiu da sala. Um segundo depois de ele sair, as mulheres tiraram os xadores. Vestiam deslumbrantes vestidos de seda presos com colares de pérolas e ouro. Uma dezena de conversas começou ao mesmo tempo. Margaret levantou-se rapidamente e foi para a cozinha, de onde saiu várias vezes trazendo bandejas de frutas, pepinos frescos, doces e chá. As convidadas ajeitaram os penteados, limpavam o rimel manchado e puseram açúcar nas xícaras de chá.

Pouco tempo depois, levantei-me para chamar um táxi pelo telefone. Alguns minutos mais tarde, quando o telefone tocou, Margaret me cutucou e apontou-me a cunhada, que estava pegando o fone com a mão cuidadosamente enrolada na ponta do xador. "É aquela história do sujo infiel que estava contando para você", sussurrou. "Como você não é muçulmana, ela não pode tocar em nada que você tenha tocado até poder limpá-lo — ou fazer com que eu limpe."

Nesse caso, pensei, era uma sorte que a cunhada de Margaret não soubesse que eu era judia, ou podia se sentir obrigada a jogar fora o telefone. O medo das impurezas dos judeus é tão forte entre os iranianos que, uma vez, bem antes da revolução islâmica, o governo aprovou uma lei obrigando os judeus a ficarem dentro de casa em dias de chuva ou neve, temendo que a água que tocasse nos seus corpos fluísse para regatos que os muçulmanos pudessem usar para se lavar antes das orações.

Depois de servir todo mundo, seguindo as orientações da engelhada sogra que se recostava nas almofadas em um canto, Margaret me chamou para uma conversa particular no quarto dela.

O "quarto" era uma alcova estreita, separada do salão por uma cortina fina. Ela dividia a alcova com o filho, e em breve seriam dois. Não havia espaço e muito pouca privacidade. O marido partira para uma longa viagem na América e, em vez de levá-la para visitar os pais, deixara-a para fazer o serviço doméstico da mãe e da irmã. "Minha mãe não gostou muito", disse ela. "Ligou e disse: 'Você está se fazendo de empregada dos parentes dele outra vez?' Ela sabe que eles me fazem trabalhar demais e quer que eu volte para casa."

Margaret me acompanhou até a ruela atrás da casa, onde chegaria o táxi. Todas as cozinhas das casas vizinhas davam para a ruela, e o ar cheirava às ricas especiarias da comida persa. Quando meu táxi se aproximou, perguntei por que ela não seguia o conselho da mãe e ia para casa por uns tempos. Ela encolheu os ombros encurvados e esfregou as costas com o punho fechado. "Não posso", disse. "Meu marido não quer". Era ele a quem cabia assinar os papéis que lhe permitiriam sair do país. Quando ela acenou um adeus, vi a cunhada aparecer à porta. As mãos de Margaret voaram para a cabeça, puxando o lenço sobre uns poucos cachos de seu cabelo louro.

6. A "JIHAD" TAMBÉM É PARA AS MULHERES

"Ó crentes, sede os auxiliadores de Deus como disse Jesus, filho de Maria, aos discípulos: Quem são meus auxiliadores, na causa de Deus? Responderam: Nós somos os auxiliadores de Deus! Creu, então, uma parte dos israelitas e outra descreu; então, fortalecemos os crentes sobre seus inimigos, e eles prevaleceram."

Alcorão

Surata das Fileiras

No início, Hadra Dawish teve problemas com a posição de bruços, na linha de tiro. "Sempre pensava: 'Será que o uniforme me cobre o suficiente? Será que tem um homem andando atrás de mim?'"

Mas, cinco meses mais tarde, quando se formou como primeira da classe na Academia Militar dos Emirados Árabes Unidos, Hadra Dawish aprendera a esvaziar a mente de tudo o que não fosse seu alvo. Ela já dominava o fuzil de assalto M-16, um lançador de foguetes russo, diversas metralhadoras, granadas de mão e pistolas de nove milímetros. Sabia pular de um helicóptero no ar e dirigir uma patrulha de reconhecimento através de terreno desértico. Em 1992, ela fora a primeira mulher de um país do Golfo Árábico a se alistar na Academia Militar britânica, em Sandhurst, para o curso de treinamento de oficiais.

Ninguém parecia mais surpreso em relação a tudo isso que a própria Hadra. Ela nascera em 1967, numa das mais conservadoras sociedades muçulmanas. Naquele tempo, a maioria das mulheres dos Emirados vivia em estrito confinamento. Fora do lar, elas vestiam a longa *abaya* preta e um véu de pano sobre o rosto. Mesmo em casa, muitas mulheres usavam a *burka* — uma tela preta e dourada ou uma máscara de couro que esconde tudo menos os olhos. Mandar uma filha para uma escola feminina era considerado um risco: menos de

uma década antes, as famílias conservadoras não autorizariam o casamento de seus filhos com uma moça que fora vista por quem quer que fosse, homem ou mulher, fora de seu círculo familiar.

A família de Hadra fora suficientemente progressista para mandá-la para a escola e autorizá-la a trabalhar com terapia de crianças excepcionais — um trabalho que não envolvia qualquer contato com homens. Ela ia e voltava do trabalho vestindo uma *abaya* semelhante a um manto, e um *niqab* ou véu para o rosto. "Nunca questioneei isso", disse ela. "A verdade é que ainda prefiro me vestir assim quando posso. Só que isso não é possível para um soldado." Hoje ela veste uniformes camuflados com um blusão longo e largo para esconder as curvas de seu corpo. Sob o boné de soldado, um lenço apertado cobre os cabelos.

Hadra quis ser soldado pelos mesmos motivos da maioria das pessoas: "Amo o meu país", dizia. "Não quero vê-lo destruído." Em 1990, Hadra assistiu horrorizada à invasão do Kuwait pelo vizinho Iraque. As frágeis forças do Kuwait, na sua maioria compostas de recrutas estrangeiros, rapidamente entraram em colapso. Os refugiados do Kuwait fugiram para os Emirados contando histórias de estupros e destruição.

Os Emirados Árabes Unidos são um espelho do Kuwait: ricos, pequenos, e tentadores para os tiranos. No palácio do presidente dos Emirados, *sheik* Zayed, os estrategistas deram tratos à cabeça para descobrir uma forma de ampliar seu pequeno exército de 50 mil homens. Os Emirados, afinal, tinham menos de meio milhão de cidadãos. Foi a esposa de Zayed, *sheika* Fátima, que argumentou que o pequeno Estado não podia mais dar-se ao luxo de prescindir de metade de sua população. Sua solução radical era abrir o recrutamento às mulheres.

Sheika Fátima não era a primeira mulher de Zayed, ou a única. O *sheik*, um líder tribal nos tempos em que os Emirados se uniram para formar um Estado moderno, casara-se muitas vezes, como o profeta, para selar tratados e alianças políticas. Normalmente, as mulheres ficavam com ele alguns anos, antes de se divorciarem e serem mandadas de volta às famílias com honra e uma fortuna razoável. Mas Fátima conquistara seu coração, e também seu respeito, e tornou-se a primeira-dama oficial dos Emirados.

Ela casara com o *sheik* ainda criança, com pouca educação para além dos estudos básicos do Alcorão. Usara os recursos do palácio para dar continuidade a sua educação, estudando inglês e árabe clássico. Em 1973, inaugurou a Sociedade de Abu Dabi para o Despertar das Mulheres, com o objetivo de erradicar o analfabetismo e dar treinamento profissional às mulheres.

Contudo, no início dos anos 90, ainda poucas mulheres dos Emirados

tinham entrado na força de trabalho. Só algumas tinham aceitado empregos que as punham em contacto com homens. Uma delas era uma amiga da *sheika*, uma pioneira chamada Hessa al-Khaledi, a primeira engenheira civil dos Emirados. Com a aprovação de Zayed, a *sheika* encarregou Hessa de resolver os problemas de recrutamento das primeiras mulheres-soldado dos Emirados e reconciliar os princípios religiosos com sua existência.

Hessa tirou um ano de licença de seu emprego no Departamento de Obras Públicas e partiu para os livros de história do Islã. A questão a ser considerada era a *jihad*, ou guerra santa para espalhar a fé e defender a comunidade muçulmana. A *jihad* é obrigatória para todos os muçulmanos, mas pode adquirir muitas formas. No pensamento ocidental, a *jihad* tornou-se sinônimo de atos de terrorismo perpetrados por grupos extremistas islâmicos. Mas ensinar a fé ou espalhar a palavra divina com uma vida exemplar são também formas de *jihad*.

O papel das mulheres na *jihad* era polêmico mesmo nos tempos do profeta. Nos primeiros anos da fé, quando a comunidade muçulmana tinha de lutar para se estabelecer diante da hostilidade dos outros grupos religiosos, muitas mulheres queriam contribuir. Os soldados vitoriosos eram abençoados por Deus e enriqueciam com sua parte do espólio de guerra. Um *hadith* lembra esta troca de palavras entre o profeta e um dos seus seguidores: "Eu sou o representante das mulheres diante de vós. Esta *jihad* é obrigatória para os homens. Se vencerem, serão recompensados, mas se morrerem ficarão vivos com o Senhor. Mas as mulheres muçulmanas, nós as servimos; o que ganhamos com isso?".

Maomé respondeu: "Diz às mulheres que encontrares que a obediência ao marido e o reconhecimento de seus favores são equivalentes a esta *jihad*."

As autoridades muçulmanas dos Emirados citaram essa *hadith* na sua argumentação contra o recrutamento de mulheres. Mas Hessa al-Khaledi ripostou com provas históricas mostrando que mulheres *tinham* combatido ao lado de Maomé e foram honradas por isso.

Nusaybah bint Kaab é talvez a mais conhecida das mulheres guerreiras, que ajudou a salvar a vida de Maomé na batalha de Uhud. Quando o exército muçulmano se dispersou diante da carga do inimigo, ela estava entre os 10 guerreiros que conseguiram manter a posição, defendendo o profeta com o próprio corpo. Foi ferida 13 vezes; uma das feridas, um corte de espada quase fatal no pescoço, demorou mais de um ano a sarar. Prostrada à beira da morte no dia seguinte à batalha, ela ouviu Maomé pedindo voluntários para perseguir o inimigo e tentou levantar-se para responder ao chamado, mas desfaleceu devido à perda de sangue. Numa batalha posterior, ela viria a perder uma mão. Maomé

homenageou claramente a contribuição de Nusaybah. Ele visitava-a frequentemente para jantar com ela.

Alguns dos mais importantes inimigos dos muçulmanos eram também mulheres. A famosa Hind bint Utbah, esposa do líder de Meca, foi uma presença temível numa batalha de Uhud, gritando poesias guerreiras para incentivar seus soldados e humilhar o inimigo. Um dos seus cânticos antiMaomé sobreviveu até hoje. Ei-lo, em tradução aproximada:

"Os miseráveis nós rejeitamos!

Seu Deus repudiamos!

Sua religião abominamos e odiamos!'

Omar, o misógino lugar-tenente de Maomé, voltou com esta crua e reveladora resposta:

"Que Deus maldiga Hind

Distinta entre as Hind

Ela, a do grande clitóris

E que Deus amaldiçoe também o marido dela!'.

Hind era destemida. Quando os guerreiros de Meca derrotaram os muçulmanos, causando pesadas perdas, Hind procurou entre os mortos muçulmanos o homem que matara seu pai numa batalha anterior. Quando encontrou o cadáver, arrancou-lhe o fígado, cortou o nariz e as orelhas e fez deles pulseiras que usou enquanto cantava versos de vitória sobre uma rocha, para ser ouvida pelas esposas de Maomé e outras mulheres muçulmanas que arrastavam os corpos para fora do campo de batalha, antes que fossem profanados.

São muitos os relatos da coragem demonstrada pelas mulheres muçulmanas no campo de batalha. A tia de Maomé, Safiyah, foi a primeira a matar um inimigo em batalha; Asma bint Yazid matou nove homens na batalha de Yarmouk. Khawla bint al-Azwar foi no seu cavalo para a batalha, com um manto apertado em torno do rosto. Quando carregou sobre o inimigo, os que a viram perguntaram quem era aquele bravo homem que cavalgava ao lado do profeta.

Depois da morte de Maomé, as mulheres continuaram a participar das campanhas. Quando os muçulmanos atacaram um porto persa, um grupo de mulheres, lideradas por Azdah bint al-Harith, transformou os mantos em bandeiras e, marchando em formação de falange contra o inimigo, foram confundidas com novos reforços.

Armada desses exemplos, Hessa foi gradualmente vencendo a oposição à nova Academia Militar feminina. "Eu perguntava-lhes: 'Se não era proibido então, por que proibir agora?'" Mesmo os conservadores não podiam argumentar contra o exemplo do profeta. Mas restava uma questão: quem iria treinar as mulheres? Os únicos instrutores qualificados dos Emirados eram homens, e usá-los para isso era impensável. Um oficial homem não podia supervisionar treinamentos físicos de mulheres sem véu, ou irromper nos alojamentos femininos para impor disciplina; não podia tocar numa mulher para ajustar sua postura com um fuzil.

A resposta era óbvia para quem tinha visto a chegada das tropas dos Estados Unidos à vizinha Arábia Saudita. Lá, as mulheres do Exército dos EUA pilotavam aviões de transporte, davam manutenção a baterias de mísseis, conduziam caminhões de transporte de munição para as linhas de frente. Os

Emirados pediram ao Exército americano se podia emprestar algumas de suas mulheres mais experientes para ministrar um curso de treinamento básico. O Forte Bragg escolheu 10 especialistas com 14 anos de serviço. Sua comandante, a major Janis Karpinski, já estava servindo na Arábia Saudita.

Antes que começassem o trabalho, Hessa conseguiu que cada mulher-soldado americana vivesse dois dias com uma família dos Emirados para que pelo menos tivesse uma idéia do meio cultural de onde viriam as novas recrutas. Quando chegou à grande casa de um oficial do Exército dos Emirados, Tracy Borum, uma capitão da polícia militar de Nashville, Tennessee, ficou nervosa: "Fiquei com medo que eles me vissem como uma mulher ocidental invadindo a casa deles e desafiando seus costumes", disse. Em vez disso, foi recebida como uma convidada de honra. Banqueteou-se de carne de camelo ("doce e um pouco engordurada"), experimentou usar uma *burka* ("uma sensação estranha — como se estivesse tentando me esconder de alguém") e viu as mulheres se perfumando, colocando braseiras de incenso sob seus longos vestidos ("Tinha certeza de que elas iam pegar fogo".)

Entretanto, Hessa selecionava o alistamento de mais de 1.200 mulheres que tinham respondido aos anúncios que pediam voluntárias. Escolheu 74 mulheres, que iam dos 17 aos 31 anos, e com formação de sexto grau a universitário completo. "Primeiro, tentei deixar de fora mulheres que tivessem filhos pequenos", disse, "mas foi impossível". Nos Emirados, as mulheres ainda se casam muito novas e começam a família logo que podem. Por isso, quase todas as mulheres do melhor grupo de idades tinham filhos pequenos. Mas como quase todos vivem em extensas famílias, havia muitas mães e tias na maioria dos lares que podiam tomar conta delas. Hessa descobriu que muitas inscrições vinham de famílias com um irmão ou pai já no exército. O grupo escolhido incluía sete grupos de irmãs. No início, quando as treinadoras americanas dividiram as recrutas em três pelotões, pensaram em dividir as irmãs, mas voltaram atrás quando viram que as mulheres pareciam trabalhar melhor com o apoio da irmã. Nenhuma das mulheres tinha atividade física regular; muitas nunca tinham passado uma noite fora de casa. Tracy Borum lembra de sua extrema timidez. Criadas desde a infância com o preceito do Alcorão de "baixar os olhos e ser modestas", as mulheres se descobriram gritando, erguendo os ombros e olhando os oficiais nos olhos. "No início, eu tinha que passar entre elas levantando-lhes os queixos para que me olhassem", lembra Tracy.

As americanas tiveram de adaptar alguns aspectos de seu treinamento. "As sargentos de instrução, gritando com elas para obterem uma informação ou para irem para as casernas, estavam assustando mortalmente essas pobres mulheres",

lembra Janis Karpinski. "Os recrutas americanos esperam isso — já viram tudo no cinema." As sargentos de instrução aprenderam que funcionava melhor elogiar generosamente as que faziam as coisas certo que insultar as que faziam errado. As mulheres tinham sido criadas para agradar, descobriu Tracy Borum, "então, tentamos ser as pessoas a quem elas queriam agradar". Outras mudanças que se mostraram necessárias foram alterar os horários da instrução para incluir as horas de oração e reescalonar os treinamentos físicos pesados para a noite no mês do Ramadã, depois de as mulheres terminarem seu jejum diário. Janis Karpinski e algumas instrutoras jejuaram todos os dias junto com suas tropas. "Queria demonstrar a elas solidariedade, mas também queria saber exatamente qual era a condição física delas. Se uma delas dissesse que não podia aguentar uma corrida de quatro milhas, eu diria: 'Você pode, porque nós podemos, todas estamos jejuando também'."

Exceto no Ramadã, o dia começava com o chamado à oração cerca das 5h30 da manhã. Depois das orações, as recrutas, em abrigos pretos, alinhavam-se para o treinamento físico. "Fazemos o TF antes que o pessoal administrativo masculino apareça", disse Tracy. Dessa forma, as recrutas podiam trabalhar sem terem de cobrir o cabelo, apesar de manterem normalmente os lenços de cabelo atados à cintura, em caso de necessidade.

Apenas 15 mulheres desistiram antes do final. Algumas não puderam suportar a presença de funcionários administrativos na escola militar. Outras sentiram falta das famílias, ou das empregadas. As que ficaram foram bem-sucedidas. De início, as instrutoras americanas tinham revisto os objetivos de aptidão física para baixo, para acomodar mulheres que nunca sequer caminhavam até a mercearia, muito menos faziam uma marcha forçada. Mas, em poucas semanas, os objetivos foram elevados, porque as mulheres já conseguiam fazer 100 elevações por dia. Uma recruta perdeu 20 quilos durante o treinamento de cinco meses.

No final do curso, em maio de 1991, "vimos essa metamorfose acontecer", diz Janis Karpinski. "Nos últimos 30 dias, os ombros dessas mulheres estavam mais largos, as cabeças erguidas." Quando Hadra Dawisha aproveitou uma folga para visitar a família, ficaram todos chocados com as mudanças. "Disseram-me que muita coisa mudara, desde a forma como caminhava até à maneira como os tratava", lembrou ela. "Alguns gostaram. Outros não." As mais difíceis de convencer foram as amigas de Hadra. Em seus salões dourados, com empregadas estrangeiras oferecendo bandejas de doces, elas estremeceram ao ouvir os relatos de Hadra sobre cavar abrigos ou fazer guarda a noite inteira em acampamentos no deserto. "Elas diziam: 'Você tem de sair disso, a sua escolha

foi horrível'. Mas eu sabia que tinha tomado a decisão certa."

Enquanto isso, alguns oficiais veteranos do Exército dos Emirados acharam difícil de acreditar nos ótimos resultados que as recrutas vinham conseguindo. O tenente-coronel Mohamed Nasser, comandante da Academia, admitira desde o início que não via toda a idéia de treinar mulheres guerreiras com muito entusiasmo. "Se tivéssemos uma população maior, teria preferido que as mulheres ficassem em casa", disse. Mas, lentamente, ele teve que mudar a opinião sobre a capacidade delas. No início, recusou-se a acreditar nos resultados das mulheres na linha de tiro. "Quando vi resultados de 38 tiros no alvo em 10, tive de ficar surpreso", disse. As mulheres, afinal, tinham crescido numa atmosfera em que as meninas sequer brincavam com uma arma de brinquedo. O tenente-coronel chegou a pensar que os ótimos resultados eram consequência de um defeito de construção da linha de tiro recém-construída na Academia feminina. Para ter certeza, reservou a linha de tiro da Academia dos homens e ordenou que as mulheres refizessem o teste. Pôde ver então, com espanto crescente, uma baía atrás da outra acertando no centro do alvo.

Antes de ir para o Oriente Médio, em todas as discussões, eu sempre tomava o partido da paz. Apesar das provas evidentes em contrário (Golda Meir, Margaret Thatcher), acreditava que um mundo com mais mulheres no poder seria um mundo mais pacífico. Por isso, parecia estranho, e até um pouco triste, que entre todos os direitos a que as mulheres podiam aspirar, aquele que Hadra e suas amigas tinham conquistado fosse o de matar e ser mortas. E, no entanto, era impossível não comemorar a força que as mulheres dos Emirados tinham descoberto nelas mesmas, as habilidades que desenvolveram, e a confiança que parecia brilhar em cada rosto que encontrei na base.

Já uma vez me defrontara com esse paradoxo, na Eritreia, encolhida numa trincheira escavada no topo de uma montanha africana. Poucos metros mais longe, oficiais etíopes olhavam pelos binóculos, esperando algum movimento de alguém do nosso lado. Dos cerca de 100 soldados do lado eritreu, cerca de 15 eram mulheres, incluindo o oficial que estava no comando.

Aquelas guerrilheiras eritreias tinham presenciado o pior que uma guerra pode mostrar. Uma vira a amiga ser metralhada no rosto por uma rajada de *kalashnikov*, que lhe arrancou o maxilar. Outra segurara a mão de uma companheira enquanto sua perna, atingida por uma mina, era amputada sem anestesia. As mulheres falavam destas coisas com um pragmatismo triste. A

maioria já nascera depois que a guerra com a Etiópia começara, em 1962, e só tinham conhecido o país em guerra.

Tal como nos Emirados, as mulheres eritréias tinham entrado na guerrilha porque achavam que era seu dever; simplesmente não havia homens suficientes para desafiar o poderio do maior exército da África negra. Sua sociedade fora ainda mais resistente à idéia de mulheres guerreiras que nos Emirados. Nas aldeias eritréias dos anos 60, a posição das mulheres era tão rebaixada que a esposa só deveria falar ao marido se fosse absolutamente necessário. Do preceito do Alcorão que diz que a menstruação é uma "doença", durante a qual a mulher deve abster-se do sexo e do prazer, os aldeãos eritreus tinham desenvolvido uma tradição de forçar as mulheres menstruadas a sair de suas casas durante uma semana por mês e se confinarem, dia e noite, numa caverna reservada aos "impuros".

Quando começou a guerra com a Etiópia, algumas mulheres insistiram em lutar. "No começo, elas faziam falta, então ninguém podia se dar ao luxo de recusá-las", disse Chuchu Tesfamariam, que se alistou aos 17 anos. A bravura das guerreiras ganhou o respeito das mulheres em geral e quebrou muitos tabus. Os eritreus, terrivelmente pobres, tinham poucas indústrias. Mas, num gesto de conforto às mulheres combatentes, investiram alguns dos poucos recursos numa fábrica de absorventes íntimos.

As condições de vida na linha de frente eram muito duras. As tropas, insuficientes e subnutridas pelos anos de ração desidratada, viviam de caldo de lentilhas e pão. Seu sistema de trincheiras, cavadas por quilômetros de altas cordilheiras, lembrava a Primeira Guerra Mundial. Os suprimentos tinham de ser transportados à mão pelas encostas rochosas quase verticais, trabalho que as mulheres partilhavam igualmente com os homens. Todos dormiam no chão.

Os guerrilheiros vinham de muitos meios diferentes. Alguns, como os idealistas de educação universitária que voltaram do exílio para se alistarem, acharam natural que homens e mulheres lutassem lado a lado. Mas os simples aldeãos tinham dificuldades em se habituar à idéia,

Ismail Idriss, um pastor de cabras de 23 anos e muçulmano devoto, nunca falara com uma mulher de fora do círculo familiar quando subitamente se descobriu recebendo ordens de uma. "Conheci mulheres combatentes quase desde o início; mesmo quando estava com as cabras já as tinha visto", explicou Ismael, tomando sol numa saliência de rocha durante um raro descanso. "Mas nunca acreditei que uma mulher pudesse dar ordens a um homem." A comandante da companhia de Ismael era uma mulher atarracada e taciturna que

se chamava Hewit Moges, uma veterana de 30 anos das batalhas no *front* que viera de um meio cristão. "Agora que a vi na prática, tive de começar a aceitá-la", disse, numa voz que ainda soava hesitante. "Quando é uma escalada dura, ela trepa a montanha correndo; quando é uma batalha, ela vai na frente das tropas; e quando alguém fica ferido, é ela que o carrega do campo de batalha." Ele abriu os braços e encolheu os ombros. "O que posso dizer contra ela depois de ter visto essas coisas?"

Algumas noites mais tarde, a guerra teve uma rara interrupção para um casamento. Os guerrilheiros sempre se casavam em grandes grupos; um só casal não podia arcar com as despesas do tradicional banquete de carne de cabra. Um jovem dançarino vestido com um saco que tinha a inscrição "presente da República Federal da Alemanha" saltou e rodopiou na areia, seguido de 120 noivas e noivos, todos vestidos com as mesmas fardas de caqui desbotado que tinham conquistado numa batalha poucos dias antes. Os casais se alinhavam em pares, de mãos dadas, esperando que seu comandante de divisão lesse seus nomes e os declarasse marido e mulher. Cada casal recebia um certificado de casamento, impresso na gráfica clandestina da guerrilha, com um extrato da Lei do Casamento de 1977, estabelecendo que a união era "a vontade livre de dois parceiros baseada no amor".

Sentei na areia e ouvi a longa lista de nomes. Nura Hussein estava se casando com Haile Gabremichael. Abdullah Doud se casava com Ababa Mariam. Muçulmanos e cristãos se casavam uns com os outros às dezenas. "É possível que os pais deles os tivessem ensinado que é melhor morrer de fome que compartilhar a comida do prato de alguém de uma fé diferente", disse Chuchu, sentada ao meu lado. Mas nas trincheiras desta longa guerra, estes jovens já tinham partilhado muitas coisas: medo, vitórias, e a crença numa causa. No escuro, eu mal podia divisar o perfil de Chuchu. Um sorriso triste se estampava no seu rosto. "Nem tudo o que vem da guerra é ruim", suspirou,

E, infelizmente, nem tudo o que vem durante a paz é bom. Em 1994, voltei à Eritreia, que já então era um país independente há quase um ano. A capital, Asmara, caíra nas mãos da guerrilha sem combate. Ilesa da luta que reduzira grande parte do país a escombros, seus edifícios italianos brilhavam à luz suave do inverno, seus muros de terracota salpicada de tufos de buganvília escarlate. As ruas eram limpas e seguras, mesmo tarde na noite. Durante a guerra, até os professores carregavam AK-47. Agora, ninguém mais estava armado, nem no aeroporto ou nas portas dos edifícios públicos. Uma das populações mais militarizadas do mundo deixara as armas de lado.

Por uma vez, um movimento guerrilheiro chegara ao poder e não fora instantaneamente corrompido por ele. Os líderes do movimento ainda andavam com as mesmas sandálias baratas de plástico que tinham usado nos combates, e nenhum deles, nem o presidente, recebia salário. Como os outros combatentes, eles doavam seu trabalho ao esforço de reconstrução.

Mas a paz trouxera algumas desilusões. O novo governo oferecera às mulheres participação política e novos direitos legais, como o direito de propriedade e herança de terras. Também banuiu as mutilações genitais em hospitais e patrocinou programas do rádio em que tanto *muftis* muçulmanos quanto o bispo cristão disseram claramente que essas práticas não eram obrigações religiosas.

Mas as tradições da sociedade prevaleceram sobre a cultura que se desenvolvera no *front*. Os combatentes tinham voltado para as famílias que haviam passado a guerra sob a ocupação das forças etíopes. Em muitas ocasiões, os costumes morais progressistas entravam em contradição com os valores profundamente conservadores de seus parentes. "A maioria nos respeita — eles entendem que vivemos de maneira diferente", disse Rosa Kiflemariam, uma mulher de 33 anos que passara oito anos no *front*. "Mas outros dizem: 'Isso era antes — isto é agora. E agora você tem de viver à nossa maneira'."

Em 1989, Rosa casara-se com um companheiro da guerrilha numa das cerimônias na linha de frente. O casal, servindo em frentes diferentes, ficou junto apenas um mês antes que chegasse a paz. Agora, ela e o marido tentavam conhecer-se melhor no meio de enormes pressões familiares. A sogra de Rosa não aprovava que a mulher do filho trabalhasse fora, e queria que ela abrisse mão do trabalho como secretária de finanças na União das Mulheres Eritrías. "Cada vez que me vê, começa a dizer: 'Por que você não tem filhos? Por que você não fica em casa?'."

Nas aldeias, particularmente, as famílias acharam difícil aceitar as jovens mulheres habituadas à igualdade absoluta, ou mesmo a posições de comando em unidades militares. Nesses casos, famílias exigiam o divórcio, oferecendo a seus filhos jovens e dóceis moças da aldeia como esposas alternativas que esperavam deles o confinamento em casa. Tensões como essas eram exacerbadas se marido e mulher vinham de diferentes religiões.

Para uma jovem combatente solteira, o futuro era problemático. Por um lado, ela era uma heroína, mas isso não necessariamente a fazia uma boa noiva em aldeias que ainda valorizavam a modéstia e a virgindade.

Para Rosa e muitas outras mulheres, uma nova luta recém começara.

"Temos de lutar agora para fazê-los entender que todo o mundo tem o direito a viver livremente. Acho que é uma outra guerra."

7. UMA RAINHA

"Divisei uma mulher que governa o povo,
provida de tudo e possuindo um magnífico trono."

Alcorão

Surata das Formigas

As antigas rotas do comércio da Arábia hoje são rodovias esburacadas. As fileiras de camelos sobrecarregados que Maomé conduzia, a serviço de Khadija, do porto para as fortalezas do interior, também não existem mais. Em vez delas, caminhões atravessam rangendo de Aqaba até Meca, deixando um rastro de óleo diesel e poeira. O que era antes um oásis é hoje uma parada de caminhões feita de concreto, sem uma só palmeira ou mesmo uma folha de grama.

Na primavera de 1989, fui cobrir uma desordem num desses lugares — uma favela lúgubre chamada Maan no meio do deserto da Jordânia. O primeiro-ministro tinha anunciado o aumento do preço dos combustíveis, e os motoristas de caminhão saíram às ruas para protestar. Os tumultos se espalharam dali para todo o país, abalando a estabilidade do rei Hussein, o monarca do reinado mais longo no Oriente Médio. Era uma história que eu já escrevera meia dúzia de vezes: um país pobre precisa de ajuda, o Fundo Monetário Internacional chega e exige reformas econômicas, com termos muito duros, e a população se revolta.

Mas, dessa vez, ao observar o que restara de uma cadeira nos destroços incendiados de um banco de Maan, a história deu uma súbita e inesperada guinada. Sentado à mesa derrubada do escritório de um posto de gasolina, no outro lado da rua, um beduíno impaciente, de roupas imundas, mexia nas franjas do seu *kaffiyeh*. Ele estivera no meio da multidão quando a agitação se espalhara pela cidade uma semana antes. "Os manifestantes querem preços mais baixos, sim. Eles já são pobres, e os aumentos vão tirar a comida da boca de seus filhos. Mas não era só por isso que eles estavam gritando." Ele olhou em volta, para se certificar de que mais ninguém estava ouvindo. "Eles querem que o rei se divorcie da rainha."

Como a maioria dos correspondentes do Oriente Médio, eu sabia vagamente que o rei Hussein se casara com uma americana, mas pensava nela como um alimento fotogênico para as colunas sociais, e não como alguém capaz de provocar protestos durante uma rebelião de preços.

"As pessoas daqui fazem muitas perguntas sobre a rainha", disse o beduíno, largando o *kaffiyeh* e procurando nos bolsos um rosário de contas. Rolando as contas pelos dedos manchados, listou as questões uma a uma: "Ela era virgem quando se casou com o rei? Ela é mesmo muçulmana? Se é, por que não cobre os cabelos? É verdade que ela apóia as causas cristãs? A família dela é de Halab [o nome árabe para a cidade de Aleppo, na Síria, onde o avô nasceu antes de se mudar para o Líbano], Halab tem muitos judeus. Como sabemos que ela não tem

sangue judeu? Ouvimos que ela é da CIA, enviada para envenenar o rei."

O que incomodava o beduíno era um familiar bando de demônios do Oriente Médio: os Estados Unidos em geral e a CIA em particular; judeus, ou, se não forem os judeus, os cristãos; a sexualidade das mulheres — tanto o medo de um "passado" quanto o pavor da emancipação atual marcada pela ausência de véu.

Era difícil levar a sério esse palavreado. No entanto, no Irã e no Egito, as mulheres dos governantes tinham sido motivo de dissidências, ou pelo menos as críticas a elas tinham servido de barômetro para os problemas que estavam para vir. Tanto a imperatriz Farah, mulher do xá, quanto a esposa de Sadat, Jehan, foram mulheres agressivamente modernas e de grande atividade pública que lutaram por reformas. O que estaria a rainha Noor fazendo para ser merecedora de semelhante opróbrio?

Com 56 anos, o marido, rei Hussein, era o grande sobrevivente do Oriente Médio. Aos 13, ele escapou por pouco de ser morto pela rajada de balas que assassinou seu avô. Em 1951, aos 15 anos, ele herdou um trono vacilante, sobreviveu à perda da Cisjordânia — metade de seu reino — para Israel em 1967, derrotou uma insurreição armada dos refugiados palestinos em 1970 e, em 1989, já governava há 38 anos. "Ele foi aos funerais de todos os que disseram que não duraria uma semana", disse Dan Shifton, um israelense analista dos assuntos jordanianos. Dias depois dos tumultos, aquilo que o rei tinha de sobrevivente fez o que era necessário: demitiu o primeiro-ministro, Zaid Rifai, e prometeu a seus incansáveis súditos a primeira eleição geral em 22 anos. Perguntei-me se seu casamento com Noor, o quarto e mais longo, também teria de ser desfeito pelos interesses de sua sobrevivência.

Quando os distúrbios começaram, o rei e a rainha estavam em Washington, jantando na Casa Branca. Fotos de Noor, resplandecente num vestido de *chiffon* azul marinho, e a notícia de que sua irmã comparecera ao jantar acompanhada pelo produtor cinematográfico George Lucas só serviram para alimentar as conversas iradas sobre seus valores americanos e sua extravagância.

Eu tinha pedido insistentemente no palácio uma entrevista com o rei. Sem realmente esperar que houvesse resposta, disparei um novo telex pedindo para ver também a rainha, para falar sobre o que a levava a se tornar um alvo dos tumultos. Para minha surpresa, recebi uma resposta quase imediata. Suas majestades aceitavam me receber e um carro do palácio iria me pegar no hotel.

Junto com o meu xador, eu sempre levava comigo o que chamava "minha roupa de rei" — um vestido italiano decente de seda listrada que ficava enchumado num canto da minha bolsa de viagem e que parecia respeitável depois de rapidamente passado na lavanderia do hotel. Pus o vestido, e um par de sapatos de salto alto que não usava desde o meu casamento, e desci para me encontrar com o soldado armado de pistola que me esperava ao volante de um Mercedes cinza.

O palácio real fica no topo de uma colina perto do centro da velha Amã, cidade cujo nome romano era Filadélfia — a cidade do amor fraternal. A corte real trabalha atrás de altos portões de ferro que protegem os que estão dentro contra o ódio fraternal. Eu já estivera lá antes, mas nunca passara do escritório do rei, o Diwan, onde soldados circassianos de chapéus altos de pele montam guarda e cortesãos obsequiosos aguardam os chamados reais. Eu esperava que nosso encontro fosse no escritório do rei. Mas o carro passou zunindo pela grande escadaria do Diwan e me deixou sob os rotores de um helicóptero Black Hawk. O rei já estava no banco do piloto. "Suba!", gritou, apontando-me o lugar atrás dele.

O rei empurrou a manche de controle para a frente e decolamos, sobrevoando baixo o palácio e o amontoado de casas de telhado baixo de Amã. Em segundos, a cidade ficou para trás. Passamos rasando por alamedas de antigas oliveiras e veios de pedra branca. Em Amã, estabelecimentos de *fast-food* que se chamavam New York New York Pizza e supermercados gigantes vendendo pão congelado davam à Jordânia uma fachada familiar, ocidental. Mas a camada moderna era fina como uma crosta de areia. Debaixo estava uma paisagem ancestral, bíblica, povoada de tribos que viviam de suas cabras, suas oliveiras e suas alianças de sangue, como sempre tinham vivido.

Winston Churchill costumava gabar-se de ter criado a Jordânia numa tarde de domingo com uma canetada. Numa reunião no Cairo, em 1921, Churchill e T. E. Lawrence (Lawrence da Arábia) rabiscaram o Estado, em forma de ameiba, da Transjordânia no mapa da península arábica, para dar um trono ao seu aliado, Abdullah, que ajudara Lawrence a combater os turcos na Primeira Guerra Mundial. O pai de Abdullah, Sherif Hussein, o descendente direto da 35ª geração do profeta Maomé, governara Meca e a região de Hijaz até que os al-Sauds saíram do deserto Nejd, no Norte, e empurraram-no para o lado.

Um palestino assassinou Abdullah em 1951. Seu filho, Talai, era doente mental e abdicou dois anos depois. O menino Hussein herdou o trono de um Estado onde os árabes do deserto, como ele, estavam sendo rapidamente

superados em número pelos refugiados palestinos, que atravessavam a fronteira depois de cada guerra com Israel. A Jordânia foi o único dos Estados árabes a dar cidadania aos refugiados palestinos da Cisjordânia. Mas, no "Setembro Negro" de 1970, Hussein sentiu que os palestinos estavam querendo assumir o controle de seu reino. Esmagou-os, provocando muitas baixas.

Olhei para o capacete do rei, que tinha escrito "Hussein I" atrás. No Ocidente, era muito fácil ver o rei simplesmente como um diplomata de fala suave, educado em Harrow e Sandhurst. Mas aqui ele era algo muito mais importante: a encarnação de seu ancestral, o profeta Maomé, líder religioso, senhor da guerra e pai das tribos. Um líder como esse tem de ser visto pelo povo — e não apenas na televisão, falando a gíria seca da diplomacia com estrangeiros. Hussein, ocupado com a diplomacia externa, perdera o contato com o seu povo. Agora, queria remendar a brecha.

Os Estados Unidos pareciam não perder nunca a capacidade de se espantar quando um dos líderes estrangeiros seus amigos era derrubado. Possivelmente isso se devia, pensava eu, a que apenas víamos estes homens quando eles apareciam em negociações com o Ocidente. Não tínhamos qualquer ideia sobre a opinião de seu próprio povo: essa enorme clientela a quem até os maiores déspotas eventualmente têm de prestar contas.

Quando Hussein aterrisou o helicóptero nos arredores de uma cidade do deserto, o cântico da multidão que o esperava se sobrepôs até ao barulho dos rotores: "*Bil rub, bil damm...* [Com nossa alma e nosso sangue... nos sacrificamos para vós, ó Hussein!>". Envoltos nos redemoinhos de poeira, os rostos que se esticavam em direção ao rei pareciam contorcidos, quase atormentados. Os corpos se avolumaram, contidos por cordões de soldados que quebravam cabeças e batiam em ombros como se estivessem lidando com os inimigos mortais da nação. O rei, normalmente uma figura circunspecta, cinza, sorriu ao tirar o capacete e jogou um *kaffiyeh* vermelho e branco sobre a careca, mergulhando na multidão.

Desci do helicóptero no seu rastro, mas fui instantaneamente afastada dele e de seu círculo apertado de guarda-costas. A multidão, movendo-se como uma única e demente entidade, cerrara fileiras atrás do rei e o levava para a frente. Sentime arrastada em outra direção. Ouvi o barulho de tecido rasgado quando a blusa da minha roupa de rei ficou presa na empunhadura da adaga de um beduíno. Cambaleando devido aos saltos altos a que não estava habituada, tentei me manter em pé. Um dos corpulentos soldados da guarda do rei me viu, Praguejando e abrindo caminho com os braços entre os corpos espremidos, ele

agarrou minha mão e, desferindo golpes em volta com a outra mão, me levou de volta ao relativamente calmo olho do furacão que seus colegas mantinham em volta do rei.

A multidão nos levava em direção a uma formação de tendas. Quando nos aproximamos, um lamento gorgolejante se elevou acima dos cânticos. Bem na frente do rei, um camelo caiu de joelhos e, como se fosse um brinquedo inflável perdendo o ar, caiu com um baque surdo numa poça do seu próprio sangue. Na curva do longo pescoço do animal, a adaga do carniceiro ritual inscrevera um arremedo de sorriso. Como a tradição exigia, o rei caminhou pelo sangue do sacrifício de boas vindas e os guarda-costas me empurraram atrás dele. Dias depois, quando tirei os sapatos da bolsa, imaginei que ainda via a marca vermelha, até a metade do salto.

Quando chegamos à sombra de uma tenda de pele de cabra, um líder da tribo, vestido de branco e com mãos trêmulas, encheu uma pequena taça com o café de uma chaleira de bico comprido. Tremendo violentamente, ele elevou a taça até a boca e esvaziou o conteúdo, para provar que não estava envenenado. Depois, ainda tremendo, ele encheu uma segunda taça para o rei.

Todo aquele longo e abrasador dia se passou como se fossem quadros enevoados das *Noites árabes*: um poeta descalço, cantando seus versos em louvor ao rei; uma velha beduína envolta em véus pretos e com tatuagens azuis no rosto, apertando uma petição na mão do rei; o rei almoçando, mergulhando a mão numa travessa fumegante de cabeças de cordeiro sobre montes de arroz: homens da tribo, velhos o suficiente para serem seus pais, beijando-o reverentemente nos ombros e nariz, mas dirigindo-se a ele, na sua forma igualitária típica do deserto, usando sua *kunya* de Abu Abdullah.

Perdi a conta de quantos acampamentos visitamos, voando entre eles de helicóptero, o semblante grave do rei se desanuviando à medida que o dia avançava. No final da tarde, quase fiquei surpresa ao ver o helicóptero descer de volta em Amã, e a voz suave do rei pedindo-me para o acompanhar ao al-Nadwa, seu palácio de pedra rosa. "Noor está nos esperando", disse.

Passada a grande entrada, ele discretamente me apontou um banheiro e se afastou saltitando sobre os tapetes persas, passando pelas armas e espadas expostas nas paredes e subindo a escadaria, pulando dois degraus de cada vez, como se fosse um garoto.

Joguei no rosto a água quente que jorrava das torneiras de ouro e ataquei meu cabelo embaraçado e coberto de poeira com uma escova de cabo de ouro que estava na bacia de mármore reluzente. Quando saí, a rainha vinha descendo

as escadas, vestindo um longo vestido de estilo palestino, de pano de seda e ouro baço. O cabelo, de um dourado mais brilhante, caía solto pelas costas. Ela era uma mulher impressionante, magra e muito alta — pelo menos 15 centímetros mais alta que o marido. Em retratos oficiais, ela sempre posava de forma a parecer mais baixa que ele. Perguntei-me se ele subia numa caixa ou era ela que ficava num buraco.

Ela sorriu e estendeu a mão para um firme cumprimento ao estilo americano. "Perguntei a Sua Majestade como você estava, e ele respondeu: 'Bem, ela está um pouco empoeirada'", disse. "Mas você não me parece empoeirada. Vamos conversar no jardim. É o melhor lugar da casa. Em 1970, tiveram que pôr vidros à prova de bala em todas as janelas do andar de cima. Ficou muito claustrofóbico."

Ela deslizou pelas portas envidraçadas até um terraço que se prolongava num gramado florido. A luz da tarde caía em sólidos raios dourados. Caminhamos até um grupo de cadeiras perto de um canteiro de jasmims. Apoiei meu bloco de notas no joelho. "Você precisa de uma mesa", disse ela. Atravessou em poucos passos o gramado e pegou uma mesa de jardim, de ferro fundido, carregando-a ela mesma e despedindo o servo de ar atemorizado que correu para ajudá-la. Sempre fora atlética: líder de torcida e integrante do time de *hockey* na primeira classe mista de Princeton em 1969, e ávida esquiadora durante o semestre que passou como garçonzete em Aspen. Agora ela praticava equitação, jogava tênis e fazia aeróbica duas ou três vezes por semana.

Um empregado trouxe-me suco de laranja num copo de borda dourada. A rainha sorveu um gole de um chá de ervas aromáticas, dirigiu para mim seus olhos verdes e, simples e francamente, expôs seu pensamento sobre os tumultos, seu significado e consequências. "Voamos de Washington diretamente para casa quando aconteceram", disse. "E, logo que cheguei, uma das minhas amigas sentou-me e contou-me o que acontecera — as *bobagens* que havia pelo ar sobre mim." A amiga era Leila Sharaf, a única senadora da Jordânia e uma das confidentes da rainha. "Alguns eram tão disparatados que tinha de encará-los com sentido de humor, para não me deixar afetar. Quer dizer, alguém na minha posição sempre vai ser alvo de conversas, o que quer que faça."

Não era segredo que a Amã rica preferia que o rei tivesse se casado com uma das próprias filhas que com uma estranha. Sua primeira mulher fora Dina Abdul Hamid, uma intelectual de formação universitária com raízes egípcias, e sete anos mais velha que ele. Depois de 18 meses e do nascimento de uma filha, acontecera um súbito divórcio. Dina, que estava de férias no Egito quando

recebeu a notícia da separação, disse mais tarde que só fora autorizada a ver a filha uma vez nos seis anos seguintes. A escolha seguinte do rei foi Toni Gardiner, 19 anos e filha de um oficial britânico. O rei conheceu-a numa dança e ignorou todas as advertências sobre os possíveis perigos do enlace. Mudou-lhe o nome para Muna al-Hussein — em árabe, "desejo de Hussein". Tiveram dois filhos e filhas gêmeas, mas quando seus desejos mudaram, em 1972, divorciou-se dela para casar com uma jordaniana de raízes palestinas chamada Alia Toucan.

Alia foi a primeira de suas esposas a quem o rei outorgou o título de rainha. Ela era a escolha perfeita para sarar as cicatrizes do Setembro Negro e unir o reino da ancestral maneira tribal. O filho dela, o príncipe Ali, nascido em 1975, pulou sobre os filhos mais velhos de Hussein, da princesa Muna, para ocupar o segundo lugar na sucessão, depois do irmão de Hussein, o príncipe Hassan. Alia teve também uma filha e adotou um bebê cuja mãe morreu num acidente de avião. Alia também sofreu sua parcela de fofocas maliciosas enquanto viveu, mas sua súbita morte num acidente de helicóptero em fevereiro de 1977 tornou seu nome lembrado como o grande amor do rei, e como a rainha perfeita.

Assim, Lisa Halaby, de 26 anos, teve de enfrentar uma dura tarefa quando se casou com o rei apenas 16 meses depois. Seu meio dera-lhe pouca preparação para o cargo. Ela nascera numa rica e influente família de Washington. A mãe, filha de um imigrante sueco, casou-se e mais tarde divorciou-se de Najeeb Halaby, filho de um imigrante sírio. Najeeb era um exemplo de história bem-sucedida no cadinho americano: nascera falando apenas inglês e chegou ao topo, tanto no mundo dos negócios quanto no dos servidores do governo. Tornou-se executivo chefe da Pan Am e dirigiu a Federal Aviation Authority sob os presidentes Kennedy e Johnson. Seu interesse era pela política americana, não a externa, e a filha pouco podia lembrar de discussões sobre o Oriente Médio ocorridas em casa. Apesar disso, ela reivindicava uma teimosa ligação com a herança árabe. "Os anos 50 eram muito conformistas, e acho que me revoltei contra isso", lembrou ela. "Quando todo o mundo queria ser igual, me afeiçeei às coisas que me faziam diferente." Por algum tempo, ela tentou mesmo persuadir seus atônitos colegas de escola da Washington Cathedral School a chamarem-na Lisa Homem-de-Halab, já que essa era a tradução literal de seu sobrenome árabe.

Em Princeton, ela completou o bacharelado em arquitetura e planejamento urbano e, nos quatro anos que se seguiram à graduação, viajou pelo mundo como projetista urbana em Teerã e em Sidney. Na Jordânia, ela fora trabalhar como *designer* na companhia aérea. Foi numa recepção comemorando a entrega do

primeiro Jumbo da empresa que Najeeb Halaby apresentou a filha ao rei Hussein. O rei convidou-a para almoçar e ficou cinco horas com ela, mostrando-lhe o palácio e apresentando-lhe os filhos. Nas seis semanas seguintes, eles jantaram juntos quase todas as noites. Depois, passearam pelas colinas de Amã na moto do rei, acompanhados a discreta distância pelos guarda-costas.

Lisa, trabalhando na companhia aérea e vivendo no Hotel Intercontinental, manteve o romance em segredo. Rebecca Salti, uma americana casada com um jordaniano, ficara muito sua amiga. Ela lembra de uma vez em que a acompanhou numa corrida perto do hotel. "Fazia muito calor e acabamos sentando no chão e conversando sobre isto e aquilo. Olhando para trás, acho que ela parecia um pouco distraída." Nesse mesmo dia, o palácio real anunciou oficialmente o noivado do rei Hussein com uma mulher que desse dia em diante seria conhecida como Noor al-Hussein, a Luz de Hussein. O anúncio oficial dizia que Noor adotara a religião islâmica.

"Quando ele se declarou, pensei longamente se aceitava ou não", lembra Noor. "Não por estar insegura dos meus sentimentos em relação a ele. Meus sentimentos eram tão fortes que pensava talvez mais nele que em mim. Eu sabia que não era uma esposa típica, tradicional. Não queria ser uma fonte de problemas para ele."

E agora era. Não era difícil identificar o que dera errado. No início, o povo jordaniano fora caloroso, "Não esperava um afeto efusivo", disse Noor, lembrando dos primeiros dias de seu casamento. Outras pessoas da Jordânia também recordam desses dias: "Ela tentou fazer um discurso em árabe, mas no meio ficou um pouco confusa e parecia estar à beira do choro", lembra Metri Twall, uma jovem empresária de Amã. "Todo o público estava com ela. As pessoas diziam: 'Não vos preocupeis, nós vos amamos, estais indo muito bem'." O nascimento de quatro filhos em seis anos também agradara a população obcecada pela família.

Foram os anos do *boom* do petróleo, quando jordanianos brilhantes podiam fazer fortuna trabalhando no Golfo. De volta a casa, eles construíram mansões cheias de buganvílias, onde espessos tapetes felpudos abafavam os passos de empregados filipinos, e o único som era o da água das fontes decorativas.

Nessa era de gastos aparatosos, Noor primeiro mostrou-se bem menos ostentatória que a elite de seus novos súditos. Seu casamento, em junho de 1978, foi discreto para os padrões reais, realizado nos jardins do palácio da mãe do rei. As fotos do noivado e do casamento mostram uma noiva de aspecto nada suntuoso, sem maquiagem e de cabelo liso. Mas logo aquele estilo descuidado de

colegial desapareceu. A mídia precisava de uma nova Grace Kelly, e fotógrafos internacionais como Norman Parkinson viajaram para a Jordânia levando junto famosos artistas de maquiagem. Anthony Clavet, especialista em criar visuais especiais em celebridades como David Bowie e Sophia Loren, deu a Noor um aspecto de suave feitiço de rainha, acentuado por belas jóias e vestidos franceses. O rei e sua linda esposa passaram a fazer parte do circuito de viagens dos ricos e da realeza. Podiam ser encontrados no seu endereço londrino, em frente ao palácio Kensington, ou no retiro, numa colina perto de Viena, ou entre os megarricos de Palm Beach, na Flórida.

Mas os tempos tinham ficado mais difíceis na Jordânia desde então. O *boom* do petróleo estancara e os jovens e brilhantes jordanianos que antes tinham podido fazer fortuna no Golfo estavam agora em casa, subempregados. A penúria engendrou frustração, e a frustração alimentou o fundamentalismo. O apoio dos Estados Unidos a Israel, mesmo durante a violência da intifada, inflamou os sempre presentes sentimentos antiamericanos.

Em Amã, depois dos tumultos, todos pareciam prontos para atacar a rainha como se não passasse de um cabide de roupas extravagantes. "Ela se tornou a nossa Imelda Marcos", zombou um jovem empresário. Até mesmo funcionários do governo concordavam com ele. "As pessoas lembram da jovem que chegou aqui usando calça de brim. Esperam alguém com os pés no chão, não coberta de jóias e badalando pela Europa", disse um importante político.

A cidade, disse, estava cheia de murmúrios sobre o último escândalo. Quando o rei foi ao Kuwait pedir ajuda para a devastada economia da Jordânia, a rainha aproveitou para fazer compras. "Ela comprou uma jóia que custa três quartos de milhão de dólares", contou o político. "Um jornal do Kuwait conseguiu uma cópia do cheque e reproduziu-a sob o título: 'Enquanto o rei mendiga, a rainha gasta'." Pedi-lhe para me mostrar a cópia do artigo. "Bem", disse ele, "na verdade eu não vi esse jornal. Quem viu foi um amigo." Nos dias seguintes, cacei esse artigo por toda Amã. O amigo tinha ouvido de um vizinho que tinha ouvido do lojista que jurava que o filho conseguiria me mostrar o jornal. Mas não conseguiu. Passei as agências de notícias árabes a pente fino e chequei com as assessorias de imprensa das embaixadas estrangeiras. Nada. Finalmente, peguei uma lista de telefone do Kuwait e liguei para cada jornal do emirado, um por um. Em cada jornal, a resposta era a mesma: não existia esse artigo. Mas, na cabeça de cada jordaniano, a história era tão real como se tivessem o recorte nas mãos.

O rei se reunira a nós no jardim e entrara na conversa com sua voz suave e

profunda: "É natural que alguém próximo a mim se tornasse o alvo". Os laços ancestrais entre os beduínos e seu líder, especialmente um líder descendente do profeta, criaram fortes tabus contra as críticas diretas. Por outro lado, as mulheres eram alvos fáceis. Sempre que as coisas começavam a dar errado no Oriente Médio, eram as mulheres que sofriam primeiro. Uma revolução fundamentalista não podia consertar instantaneamente a economia nacional, mas podia ordenar que as mulheres usassem o véu. Se os jordanianos não estavam felizes, não podiam punir o rei. Mas podiam fazer miséria da vida de sua esposa.

O rei Hussein sempre foi um governante acessível que entendia a imprensa ocidental e raramente se esquivava de dar seu ponto de vista sobre os assuntos do Oriente Médio. Mas, no final dos anos 80, as coisas tinham começado a mudar. Quando comecei meu trabalho como correspondente no Oriente Médio em 1987, ele ficara mais difícil de contatar, defendido por uma impenetrável linha de conselheiros palacianos. Estes eram todos homens, todos de meia idade, todos de um mesmo tipo: inteligentes e elitistas, mas deferentes ao ponto de rastejarem-se diante do rei. O primeiro-ministro despedido, Zaid Rifai, fora um corajoso diplomata, astuto na análise dos humores movediços dos perigosos vizinhos da Jordânia — Síria, Iraque, Israel e a Arábia Saudita. Mas a sua política interna fora um desastre. Sua veia autoritária levou-o a desconfiar do povo simples da Jordânia e a ignorar a opinião pública. Estabeleceu um controle total da imprensa e da televisão, e um murmúrio de dissidência, especialmente dos cidadãos de origem palestina, muitas vezes terminava na prisão. Para mim era irônico que, em 1987 e 1988, quando Israel estava envolvido numa virtual guerra civil com os palestinos, eu pudesse ir a qualquer acampamento de refugiados na Cisjordânia ou Gaza e falar com quem quisesse. Mas, do outro lado do rio Jordão, uma visita a um campo palestino requeria uma permissão especial e uma escolta intimidatória da polícia secreta cuja presença sufocava qualquer possibilidade de uma conversa franca. Os distúrbios tinham sido uma reação à repressão de Rifai, e o rei já amenizara as leis sobre a liberdade de opinião.

Hussein olhou para a esposa como que se desculpando do que ela tivera que aguentar por sua culpa. "É triste e difícil para Noor, que tanto fez aqui e no mundo exterior pela Jordânia."

Noor admitia algumas críticas, e estava tentando distinguir entre hábitos que ela estava preparada para mudar e outros que não queria sacrificar. Ela já tinha mais ou menos decidido mudar o estilo, mas não o conteúdo. Depois dos tumultos, passou a usar roupas quase todas feitas na Jordânia, dos vestidos aos *jeans*. As grandes jóias desapareceram em alguma caixa-forte e foram

substituídas por peças mais discretas e domésticas, como braceletes escolhidos pelos filhos. Logo depois de nosso encontro, a rainha me convidou para ver os preparativos do festival anual de artes em Jerash. Ela vestia uma saia caqui que lhe cobria os joelhos. A minha mal chegava aos joelhos. No jornal, no dia seguinte, diverte-me ao ver-me numa foto logo atrás da rainha: A foto fora retocada para me colocar uma modesta calça. As sensibilidades eram evidentemente tão grandes que qualquer um que estivesse perto da rainha tinha de ser coberto.

Mas a rainha não ia se submeter às exigências de que usasse lenços de cabeça islâmicos. "Nunca fiz o jogo de um grupo ou de outro, e não tenho a intenção de começar agora", disse. "Acho que é possível — e vou fazê-lo — equilibrar o respeito pelo que é tradicional nesta sociedade com o que é prático no papel que desempenho."

Esse papel — seus projetos — iria continuar, apesar de ela dizer, melancólica, que "alguns deles vão demorar anos a ser entendidos." Quando se casou com o rei, ela lhe perguntara o que deveria fazer. "Ele disse: 'O que você decidir, estou certo que estará bem'", lembrou. Nessa época, ela ficara animada pela confiança dele. Mas a primeira visita aos ministérios fora menos encorajadora. Um ministro aconselhou-a veementemente a reduzir seu desempenho público a participações ocasionais em inaugurações.

"Todos teriam entendido isso", disse Ranya Khadri, uma advogada jordaniana. "Se você apenas fica em casa e tem filhos, todo o mundo acha ótimo. No momento em que você tenta fazer algo diferente como mulher nesta sociedade, se expõe às fofocas e às críticas." Mas Noor não podia imaginar uma vida sem algo que se parecesse com um trabalho. "Sempre trabalhei", disse. No início, ela se envolvera com projetos ligados à sua antiga carreira; planejamento urbano, códigos de obras e problemas ambientais. Quando os filhos nasceram, ela se envolveu intensamente com a saúde e educação das mães e dos filhos, depois no treinamento e emprego das mulheres, e logo em seguida nos esportes e na cultura. Em 1985, ela dirigia uma grande fundação instalada num palácio reformado que pertencera ao rei Abdullah. A tendência de seus projetos era focalizar as mulheres, especialmente as das áreas rurais. Muitas tribos de beduínos tinham abandonado sua vida nômade e se estabelecido em acampamentos improvisados que não tinham transporte, água, assistência médica. Lisa Halaby, a planejadora urbana, viu esses lugares e imaginou-os diferentes. Noor, a rainha da Jordânia, estimulou os políticos a porem em prática seus projetos. Os homens que dirigiam a Jordânia não estavam habituados a receber ordens de mulheres.

E os homens cujas mulheres ela ajudava nem sempre gostavam dos efeitos dessa ajuda. Um projeto de fabricação de tapetes numa colina ventosa chamada Jebel Bani Hamida fez um enorme sucesso, porque as mulheres podiam realizar o trabalho em casa, em simples e tradicionais teares feitos de paus e pedras. A rainha ajudara no *design* e na organização, e comprava os tapetes para dar de presente às visitas oficiais da Jordânia. Ela também visitou as mulheres, acorrendo-se ao lado delas no chão e ouvindo seus problemas. O dinheiro dos tapetes foi entregue diretamente às mulheres, dando-lhes um meio de independência pela primeira vez em suas vidas. Uma delas usou o dinheiro de seu primeiro tapete para pagar a viagem de ônibus à cidade para entrar com um pedido de divórcio. Noor tinha outros interesses que não agradavam aos extremistas religiosos. Houvera ameaças de destruir o festival de artes de Jerah, uma de suas principais iniciativas. O festival crescera ano a ano, trazendo artistas tradicionais, como os poetas árabes, mas atraindo também artistas europeus, como as companhias de balé, cujas atuações os fundamentalistas consideravam libidinosas. Eles também se opunham à criação de uma escola interna de artes, que a rainha apoiara. O projeto era de uma escola mista — um anátema para a linha dura islâmica. As "origens cristãs" que tanto preocupavam os beduínos de Maan eram consequência do trabalho que Noor fazia com grupos religiosos como os Menonitas, Anglicanos ou Católicos Romanos, que mantinham na Jordânia programas de apoio aos refugiados.

Todas as vezes que falou sobre se tornar muçulmana, Noor sempre deu ênfase à compatibilidade do Islã com os valores da tradição judaico-cristã em que fora educada, e à necessidade de "promover uma imagem exata" do humanismo e do caráter universal do islamismo. Ela criticou os "extremismos" por transmitirem uma imagem distorcida de sua fé.

O súbito regresso de Washington no meio dos distúrbios tinha-a deixado diante de dias vazios, sem ter o que fazer. Precisava decidir o que fazer com eles: esconder-se das críticas ou sair e enfrentá-las. Saiu. "Teria sido mais fácil retrair-me ou até retratar-me levemente", disse, olhando para um tênue raio de sol pousando suavemente numa cama de rosas. "Teria mais tempo para as crianças" — as dela tinham então nove, oito, seis e três anos. "Poderia fazer mais ginástica ou ler um livro. Mas sinto que tenho responsabilidades para com os jovens que acreditam nos mesmos ideais que eu, mas não têm o poder de levá-los adiante. Se eu retroceder, vou abandoná-los — especialmente as mulheres." Sua primeira aparição pública tinha corrido bem. "Fiquei tão aliviada ao descobrir que as tolices que se haviam espalhado não tiveram qualquer impacto, graças a Deus, Eu temi que os rumores pudessem afetar a forma como o povo se relaciona

comigo. Foi um clima que veio e parece ter passado... apesar de você nunca dever esquecer que o povo podia mesmo sentir aquilo."

Mais tarde, quando a conheci melhor, me confidenciou que chegara a pensar em outra resposta a seus críticos: ter outro filho. "Pensei: 'Eis uma coisa que posso fazer que vai agradar a todo o mundo'." Mas, no final, acabou desistindo. "Adoraria ter outro filho, mas também quero ser um bom modelo de planejamento familiar", explicou. Eu ri e disse que os 11 filhos do rei militavam contra isso. Ela assinalou que os índices de fertilidade — a Jordânia tem um dos mais altos do mundo — são calculados em relação à prole de cada mulher, não do homem. "Para os padrões jordanianos, quatro filhos ainda são considerados uma pequena família. Se tivesse cinco, seria uma pequena grande família."

Naquela tarde, no jardim, ela deu a entender que os tumultos não tinham sido para ela a calamidade que eu pensara. Eu perguntara ao rei se os tumultos eram uma explosão isolada de emoção ou se podiam voltar a ocorrer. "Acho que foram isolados", respondeu. A rainha abanou a cabeça. "Não acho que possamos ter certeza disso, Sidi", disse. Sidi, que quer dizer líder, era a forma que os amigos mais íntimos usavam para chamá-lo. Pensei se ela era a única suficientemente corajosa para contradizê-lo. Ela prosseguiu dizendo que muito dependia de o povo acreditar que as mudanças prometidas eram genuínas. Falou com entusiasmo sobre a decisão do rei de convocar eleições e de dar mais liberdade à imprensa local. Dias antes, um jornalista palestino que tivera o passaporte confiscado e a carreira encerrada pelo governo de Zaid Rifai fora convidado ao palácio para uma reunião de conciliação. "Fiquei tão contente", disse Noor. "Estas são coisas que eu vinha defendendo e que Sua Majestade sempre quis para a Jordânia. Mas algumas pessoas que o cercam tentaram muito evitar que acontecessem."

Nas entrelinhas, o que acontecera era claro. Os valores ocidentais da rainha tinham entrado em conflito com o autoritarismo de Zaid Rifai. Os tumultos tinham provado que a rainha tinha razão e Rifai não. Rifai fora embora; a rainha não ia para lugar nenhum.

Meses mais tarde, a iniciativa democrática do rei deu frutos numa eleição que deixou a linha-dura islâmica com maioria no Parlamento. Pouco antes da eleição, uma delegação de jordanianos de espírito liberal fora ao palácio para conversar sobre a perseguição a Toujan Faisal, uma candidata cuja campanha por maiores direitos das mulheres tornara-se alvo das ameaças extremistas. Na noite

anterior ao voto, Hussein foi à televisão fazer uma advertência contra o extremismo religioso. A divisão do país por fronteiras religiosas, afirmou, nunca seria tolerada enquanto ele estivesse vivo. Os extremistas pareceram entender a mensagem e suspenderam a violência contra Toujan ou seus apoiadores.

Até agosto de 1990, a Jordânia prosseguiu seu rumo. Os parlamentares fundamentalistas fizeram propostas — como proibir cabeleireiros masculinos para as mulheres — criticadas asperamente pelo resto da comunidade. A liberdade de expressão estava expondo de forma saudável a agenda fundamentalista e a maioria das pessoas não parecia querer comprá-la. A credibilidade do bloco islâmico ficou muito abalada, mesmo entre os jordanianos mais religiosos, quando propôs que os pais fossem proibidos de assistir aos dias esportivos das escolas de suas filhas. "Eles estão dizendo que a minha mente é tão suja que não posso nem ver a minha filha jogar basquete?!", indignou-se um pai muito religioso que antes tinha simpatias pelo bloco islâmico.

Então, Saddam Hussein invadiu o Kuwait, os Estados Unidos enviaram tropas para a Arábia Saudita, e a Jordânia mergulhou numa maré de apoio ao Iraque. Fui assistir a um sermão em uma das maiores mesquitas de Amã e ouvi o pregador fustigar a multidão com uma agitação antiamericana, advertindo o governo dos Estados Unidos que "vossos porcos só voltarão dentro de caixões, graças a Deus".

Foi o momento de a rainha tomar a cena. Subitamente, ela podia servir seu país adotivo de uma forma a que só ela tinha acesso. Quando Washington humilhou o rei, enviando o Secretário de Estado, James Baker, e outros diplomatas a todos os países da região menos à Jordânia, ela pegou um avião e foi para sua velha cidade natal, fazendo *lobby* com os senadores e deputados, pedindo-lhes que entendessem a postura do rei a favor de uma solução negociada. Foi interessante comparar a cobertura da imprensa que ela teve nessas viagens com os artigos publicados durante a primeira visita após o casamento. "Adorarei ter um filho dele", arrulhava o título do artigo da revista *People*, cheio de suas idéias sobre esportes e compras. Desta vez ela falou no Brookings Institution e apareceu no "Nightline", onde ninguém lhe perguntou sobre penteados e a criação dos filhos, mas teve de responder a perguntas duras sobre a política externa da Jordânia. O que ela fez bem, com equilíbrio e clareza.

De volta a Amã, ela encorajou o rei a fazer reuniões com os repórteres que passavam pela Jordânia a caminho ou voltando de Bagdá. A Jordânia ficara sendo a única passagem para o Iraque que as sanções da ONU deixaram aberta. Ela organizou pequenos jantares num salão de seu escritório, para 10 ou 12

jornalistas de cada vez, para falar com o rei e ouvir sua versão dos acontecimentos.

Vi-a muitas vezes nas minhas viagens entre a Arábia Saudita e Bagdá. Às vezes, ela me convidava para uma ceia no palácio. Era uma forma de avaliar os estragos, feita da forma mais sutil. E funcionava. Era impossível ficar com os dois durante algumas horas e não sair com uma compreensão melhor do delicado equilíbrio do rei entre o Iraque e a desaprovação dos Estados Unidos.

Havia um prazer culpado nessas visitas. O quarto do meu hotel na Jordânia estava repleto de pacotes de comida desidratada, galões de gasolina e uma grade de garrafas de água: o equipamento que precisava para as viagens ao *front* na Arábia Saudita ou às ruínas do Iraque. Penduradas no guarda-roupa estavam minhas calças caqui salpicadas de manchas de feijão da minha última estadia com os marines americanos, quando sentamos no chão para comer nossa ração em pratos improvisados ou pedaços de cartão.

O palácio de Nadwa era o oposto de minhas viagens em tempos de guerra. Quando Noor se retirava para "ver o jantar", voltava normalmente com uma bateria de empregados trazendo duas sopas à escolha, três entradas e quatro pratos principais — que sempre incluíam as coisas leves e saudáveis que ela gostava, como sopa de algas marinhas, peixe grelhado ou lentilhas temperadas com iogurte. O rei raras vezes comia o que classificava, brincando, como a comida saudável de Noor. Todas as noites ele comia a mesma refeição: um espetinho de cordeiro com arroz. Logo que a etiqueta permitia, afastava o prato e acendia um cigarro. Noor, preocupada com a saúde dele, franzia a sobrancelha quando ele acendia mais que um. "Quando as pessoas perguntam: 'Se importa se eu fumar?', eu sempre digo: 'Me importo por você'", dizia. "Detesto pensar no que as pessoas estão fazendo com seu organismo." Seu filho mais velho, Hamzah, de 10 anos, a apoiava, repreendendo o pai num árabe em *sotto voce*.

Os jantares, mesmo os menos formais na mesa redonda de cana no quarto da família, eram sempre à luz de velas em taças de vidro com folhagens. A conversa era ao mesmo tempo o sonho e o pesadelo para um jornalista. Finalmente, aqui estava uma fonte que sabia realmente o que estava acontecendo e se dispunha a falar. Por outro lado, a maioria do que era dito era *off the record*. Ouvir conversas como essas é perigoso, porque provoca um sentimento de se ter a verdade, quando no fundo podemos apenas estar diante de uma conversa em que cada frase tem uma determinada intenção.

O rei conhecera todos os presidentes dos Estados Unidos desde Truman e fora amigo da maioria deles. Ele podia ser espirituoso, às vezes até cruel, em

relação aos líderes árabes. Mas não dominava a conversa. Diferente de muitos maridos, ele parecia genuinamente interessado no que Noor tinha para dizer. Até Hamzah participava. Apesar de o rapaz dominar perfeitamente o inglês, preferia falar em árabe, o que forçava o pai a atuar como tradutor.

Um dia fui com a rainha aos acampamentos de fronteira, onde uma vaga de refugiados do Egito, do Sri Lanka, do Sudão e de Bangladesh chegava todos os dias do Iraque, deixando para trás seus empregos e os frutos de anos de trabalho duro. Era uma cena patética: filas e filas de barracas cheias de gente desamparada. Noor andava pela barraca do hospital, conversando com quem falasse árabe ou inglês, tirando um lenço do bolso para consolar uma mulher do Sri Lanka aos prantos, pondo a mão na testa de uma criança para ver se tinha febre. Com os administradores, ela discutia os planos para os acampamentos, imaginando melhorias na organização dos serviços, tais como os pontos de distribuição de água e comida. De volta a seu escritório no palácio, telefonava para Richard Branson, o presidente da Virginia Airlines, para pedir aviões extras para levar as pessoas para casa; pedia a outras pessoas ricas ajuda para pagar uma montanha de cobertores. Subitamente, sua agenda de telefones, repleta de nomes de estrelas, tornara-se um patrimônio nacional.

Noor chegava em casa tarde e caía, desgrenhada e exausta, nos sofás dos aposentos da família no palácio. Em toda a Jordânia, 12 anos de seu trabalho estavam sendo destruídos. O país pudera viver bem como um ponto de passagem para o comércio com o Iraque, mas o boicote da ONU deixara os portos vazios e os caminhoneiros desempregados. "Está havendo um aumento do índice de desistências das meninas nas escolas, porque a renda das famílias está caindo e a escola das meninas é a primeira coisa em que economizam", suspirava a rainha. Os primeiros indícios de desnutrição apareciam nos centros de saúde infantis. "As pessoas estão cortando a proteína de sua dieta e isso está começando a afetar o desenvolvimento infantil." O telefone do palácio tocava frequentemente com chamadas de amigos que trabalhavam em instituições de auxílio e pediam ajuda para agilizar a burocracia.

Às vezes, víamos as notícias da guerra na CNN sorvendo de canecas nossa sopa de algas marinhas. Se Hamzah ainda estava acordado, sentava-se a nosso lado no sofá, debruçado sobre seu Gameboy, lutando contra inimigos imaginários enquanto a CNN mostrava imagens dos preparativos para uma guerra real bem do outro lado da fronteira. Às vezes o rei pedia emprestado o Gameboy, para relaxar. Havia pilhas de vídeos ao lado da TV — *westerns* de Clint Eastwood para o rei; dramas românticos para a rainha. E havia fitas que eles mesmos tinham gravado durante a crise, incluindo a entrevista de Ross

Perot no programa de Larry King, na qual o então ainda pouco conhecido empresário do Texas atacava violentamente a política de Bush para o Golfo.

Hussein passou para mim a fita de Perot e riu muito do relato que o texano fez das misteriosas atividades da diplomacia árabe. Muito do que Perot dizia não era exatamente elogioso. Com sua fala arrastada e informal, Perot dizia a Larry King que os árabes, deixados sozinhos, iriam para dentro de uma barraca, mexeriam na areia e voltariam com alguma proposta que os americanos nunca entenderiam. Era uma cena estranha: o rei, um mestre em diplomacia que enfrentava o maior desafio de sua carreira, rindo às gargalhadas enquanto Perot transformava seus dilemas de vida e morte em uma série de sarcasmos.

Uns dias depois, Hussein recebeu a notícia do primeiro bombardeio a Bagdá num telefonema de madrugada. Noor, ao lado na cama, sentiu o corpo dele se enrijecer enquanto recebia as más notícias. Levantou-se, vestiu o uniforme e foi visitar as tropas.

Desde essa manhã, o rei tinha relaxado. Era como se ele tivesse tentado tudo para evitar a guerra, feito o melhor possível, e agora quisesse deixá-la ao seu destino. Visitei o palácio duas noites depois de ele ter feito na TV jordaniana um discurso que enraiveceu a Casa Branca de Bush. Hussein acusara os Estados Unidos e seus aliados de tentar "destruir o Iraque" e elogiou a bravura do povo iraquiano diante da investida. Essa noite, o rei soube, através da CNN, que os Estados Unidos estavam pensando em cortar um pacote de ajuda à Jordânia de US\$ 50 milhões. Encolheu os ombros e desligou a TV. "O cerco está se apertando", disse. "Mas não estou disposto a sujeitar cada palavra que disser à censura ou à crítica de qualquer fonte." Na verdade, ele sabia que não precisava disso: os americanos tinham necessidade do rei para manter a estabilidade na Jordânia e, apesar das palavras duras do Capitólio, mantiveram um fluxo clandestino de ajuda.

Em baixo, na sala de estar formal, eu sempre prestava atenção a uma mesa cheia de retratos, emoldurados em prata, de líderes mundiais. Desde o começo da crise do Golfo, as fotos tinham sofrido mudanças constantes. Saddam Hussein saíra da primeira fileira desde a invasão do Kuwait. O presidente do Egito, Hosni Mubarak, desaparecera junto, enquanto George Bush fora parar atrás de um candelabro. Nessa noite, George Bush reaparecera ao lado de Saddam Hussein, como que mandando a mensagem que a Jordânia, apesar de tudo, era parte neutra no conflito. Na frente, estava um retrato que nunca vira antes: o Papa João Paulo II, que acabara de pedir o fim imediato da guerra.

No andar de cima, Noor, vestindo *jeans*, falava ao telefone com amigos dos

Estados Unidos, oferecendo-se para passar por fax cópias do discurso do rei, para que pudesse ser lido no devido contexto. Nas ruas da Jordânia, seus esforços estavam ganhando louvor nos salões e nas mesquitas. Mesmo os fundamentalistas achavam que ela estava fazendo um bom trabalho defendendo a posição da Jordânia diante de um mundo exterior hostil. Foi a primeira vez que ouvi a multidão de uma mesquita elogiar uma mulher por assumir um papel ativo.

Era impossível saber se Noor teria conseguido sobreviver às críticas e fofocas se não ocorresse a crise do Golfo. Mas a guerra tinha-lhe conquistado uma popularidade inimaginável um ano antes. Um jovem motorista de um táxi que tomei tinha uma foto dela no painel. Noor estava usando uniforme militar, como se literalmente estivesse lutando contra a América. Sabia ele, perguntei, que ela era americana? "Ela é árabe", respondeu irritado. "Ela é uma de nós."

Mas, um ano depois, a fábrica de boatos estava funcionando de novo com murmúrios de divórcio. Desta vez, a maioria dos jordanianos esperava que não fosse verdade. O rei, diziam os boatos, se apaixonara por uma jornalista palestina-jordaniana de 25 anos e prometera se casar com ela. A jovem trabalhara para a CNN durante a guerra e fora recentemente contratada como secretária de imprensa do rei, como parte de um esforço para rejuvenescer a assessoria da corte. "Se você puser jovens no palácio e alguns deles forem mulheres, e uma delas for linda, estará sempre destinado a ter esse tipo de rumores", disse um jornalista de Amã.

Um desdenhoso empresário árabe tinha um ponto de vista diferente: "Todos os casamentos do rei foram casamentos de Estado", disse. "Quando ele precisou estar perto de Nasser, casou com uma egípcia. Quando precisou da Inglaterra, casou-se com uma rosa inglesa. Quando precisou consertar os estragos com os palestinos, escolheu uma mulher da Cisjordânia. Os anos 80 foram a década da América, logo, o casamento dos anos 80 foi com uma americana." Nos anos 90, disse o empresário, o rei poderia estar sentindo a necessidade de uma aliança diferente.

Mas a maioria dos jordanianos parecia desprezar a história. Eles raciocinavam que mesmo que Hussein estivesse enlouquecido por uma moça, um divórcio na sua idade pareceria muito frívolo. O que se aceita, e mesmo espera, de um homem de 20 anos é inverossímil para um homem de 57, mesmo que seja rei. Alguns reduziram o palavreado sobre divórcio a rivalidades

profissionais de pessoas que desejavam o emprego de secretário de imprensa. Um escândalo teria sido tradicionalmente uma forma de se desfazer de uma mulher inconveniente.

Noor tinha agora 41 anos, estava casada com o rei há 15, e era muito mais compreendida e respeitada na Jordânia devido ao papel que desempenhara durante a guerra. Seus filhos tinham sido vistos na TV em feriados religiosos, lendo o Alcorão num árabe clássico sem erros. Alguns jordanianos tinham mesmo começado a murmurar sobre a sucessão, dizendo que se o rei vivesse tempo suficiente para criar esses rapazes, não haveria razão para que algum deles não passasse a ser lembrado como rei. Quinze anos vivendo ao lado do grande sobrevivente do Oriente Médio ensinaram a Noor uma ou duas coisas sobre como sustentar sua posição.

Mas, apesar disso, os boatos se demonstraram inesperadamente duráveis, e quando os relatos de imprensa sobre um divórcio iminente chegaram aos jornais dos Estados Unidos e da Inglaterra, as embaixadas jordanianas tomaram a iniciativa inédita de publicar desmentidos. Em Washington, um amigo que viu Noor numa pequena recepção em sua honra achou-a nervosa e insegura, sem o habitual charme e serenidade.

Umas semanas depois, surgiu outra explicação para o nervosismo. O rei fora internado num hospital dos Estados Unidos para operar um câncer. A doença atacara suas vias urinárias e, apesar da cirurgia ter sido considerada um êxito, seu estado exigia acompanhamento regular.

Na Jordânia, os humores ficaram sombrios e incertos. Quando o rei voltou da cirurgia, a multidão que se aglomerou na estrada para o palácio foi a maior da história do país. Os gritos de "*Aish Hussein!*" "[Viva Hussein!]" tinham uma intensidade desesperada. Era difícil imaginar outro país do Oriente Médio onde a onda de apoio a um líder fosse tão espontânea ou sincera.

Não haveria mais fofocas. Ninguém mais, nem mesmo os extremistas, arriscariam um sussurro de crítica ao rei, mesmo indiretamente, através de ataques à rainha. Enquanto o marido vivesse, a rainha Noor parecia estar segura no trono.

Se houvera realmente uma briga conjugal, ela não mostrava qualquer indício quando o casal veio aos Estados Unidos em 1994. Depois de um *check-up* na clínica Mayo, onde o rei recebeu um certificado de boa saúde, o casal foi visto em Washington, comprando motos Harley-Davidson e BMW. Juntos, compraram três motos novas para embarcar para a Jordânia e ainda gastaram dois mil dólares em roupas especiais de motoqueiro. A compra iria ajudá-los a

retomar os passeios de moto em volta das colinas de Amã.

A recuperação do rei de uma doença que lhe ameaçava a vida também pareceu reforçar seu lado que gostava de riscos. Talvez tenha sentido que o tempo era pouco. Em 1993, logo depois de Israel e a Organização para a Libertação da Palestina assinarem seu súbito e controverso acordo de paz em Washington, Hussein permitiu que as eleições previstas se realizassem normalmente. Diplomatas estrangeiros e a maioria de seus ministros tinham-no advertido contra as eleições, temendo que uma campanha política se tornasse um *front* de agitação para os extremistas islâmicos e palestinos linhas-duras que não queriam a paz com Israel. A Jordânia, diziam, seria desestabilizada.

Em vez disso, as eleições decorreram sem sobressaltos. Atrás da resolução do rei, eu estava certa de ver a calma influência da rainha, e sua visão de mundo que gradualmente se tornava idêntica à dele. Pouco depois das eleições, no inverno de 1994, uma revista satírica que ironizava a imponência dos líderes árabes foi publicada em Amã. Alguns vizinhos dos jordanianos não acharam graça e pediram que a revista fosse fechada. O rei aguentou a pressão e disse que o *show* devia continuar, incluindo a paródia a seu próprio estilo retórico muitas vezes enfadonho.

A Jordânia foi um dos primeiros países que visitei quando me mudei para o Oriente Médio em 1987. Em seis anos, vi-a transformar-se de um tenso estado policial no mais promissor berço da liberdade política da região. Os fundamentalistas ainda estão lá, mas as feministas também estão. Nenhum direito de um grupo foi atropelado em benefício de outro. A luta continuou, mas continuou abertamente. E as armas são palavras, não bombas ou tiros e prisões em massa.

Para mim, ficou claro que muitos dos créditos dessa transformação pertenciam a uma mulher.

8. A AQUISIÇÃO DE SABEDORIA

"Lê em nome de teu Senhor que criou; criou o homem de
um coágulo.

Lê que teu Senhor é Generosíssimo, que ensinou através
do cálamô,
ensinou ao homem o que este não sabia."

Alcorão

Surata do Coágulo

Na Arábia Saudita, a estrada ao norte de Riad é uma impecável faixa de seis pistas de asfalto que atravessa dunas esculpidas pelo vento. A cada poucos quilômetros, na névoa tremulante do calor, é possível entrever as ruínas de torres de observação de tijolo amarelo cravejadas de buracos de bala. A erosão as faz parecerem castelos de areia de crianças.

Meu amigo saudita tirou uma mão do volante, mergulhou-a na geladeira de seu luxuoso carro de tração nas quatro rodas e me ofereceu uma lata gelada de refrigerante. Jogou outra para o americano sentado no banco de trás, um colega a quem ele dera a tarefa de fazer o papel de meu marido naquele dia.

O meu amigo saudita, um profissional urbano e educado no Ocidente, queria que conhecesse seu tio, um ancião que vivia entre as dunas, perto da cidade natal de Mohamed Abdul Wahab, o pregador que ensinara uma forma de Islã tão severa que bania até o assobio. O tio era um verdadeiro *wahabi*, seco e austero. Não era certo que ele quisesse falar comigo — "ele nunca falou antes com uma mulher de fora da família", disse meu amigo, mas ele achava que valia a pena fazer uma tentativa, para que eu pudesse entender as forças que se levantavam contra a mudança da condição feminina na Arábia Saudita. O "marido" no banco de trás era essencial. "A minha família já se habituou a que eu faça muitas coisas estranhas, mas aparecer sozinho no meu carro com uma mulher estrangeira seria levar a compreensão deles um pouco longe demais."

O tio, Mohamed al-Ghazi, vivia numa casa térrea ao lado de um arvoredô de antigas palmeiras. Altas dunas de areia laranja emolduravam sua pequena fazenda. Quando saí do ar-condicionado do jipe, um bafo de ar quente me

atingiu como uma rajada vinda de um crematório. Senti os olhos ressecados, como ervilhas secas. T. E. Lawrence descreveu o calor destas areias árabes: "O sol veio como uma espada em riste e nos atingiu sem palavras." E, quando disse isso, ele não estava vestindo uma *abaya* preta e usando meias. Olhei de lado, invejosa, para o meu amigo e seu tio, vestindo cada um frescas roupas brancas e calçando sandálias. Um pensamento irreverente me ocorreu: se Deus realmente gostasse das mulheres, Ele teria revelado o Alcorão para um esquimó comerciante de peles, e não para um árabe gerente de caravanas de camelos.

Chamando a mulher, Mohamed al-Ghazi indicou-me que a seguisse para os aposentos femininos. O meu amigo puxou o braço do tio e explicou-lhe que queria que eu me sentasse com eles, na sala de visitas dos homens, para conversar sobre a história local. Fiquei um pouco afastada, com a *abaya* ondulando ao vento quente, enquanto se travava um rápido diálogo em árabe. Finalmente, o tio encolheu os ombros e, sem me olhar, conduziu-me para dentro.

O *majlis* dos homens, ou sala de visitas, estendia-se por todo o comprimento da casa. Mohamed al-Ghazi era um homem importante nesta pequena aldeia. Ele conduzia as orações na mesquita local cinco vezes por dia. Como líder de orações, ele era o guia espiritual da aldeia, e por realizar esse serviço recebia uma remuneração do governo. Antes que a riqueza do petróleo permitisse ao governo esses gastos, Mohamed sobrevivera com a venda de tâmaras, levantando-se todas as manhãs antes do alvorecer para regar suas tamareiras, tão poucas e preciosas que até dera nome a cada uma delas. Só aos 15 anos conseguira tempo para aprender a ler o Alcorão, tão exigente era o trabalho de conseguir sobreviver no deserto. Agora, o petróleo trouxera eletricidade para fazer funcionar a bomba de água, e rendimentos suficientes para contratar um empregado estrangeiro. Todas as sextas-feiras, depois das orações comunitárias, o imã matava uma ovelha e cobria o chão de seu *majlis* com travessas de cordeiro e arroz. Os homens da aldeia almoçavam com ele e discutiam as questões do dia.

Perguntei como é que ele, que nunca falara antes com mulheres de fora da família, podia servir de conselheiro espiritual para as mulheres da aldeia. Meu amigo lançou-me um olhar estranho. "Elas lhe apresentam seus problemas através dos maridos, claro", disse.

"Mas e se o problema for o marido?"

Essa possibilidade nunca atravessara o espírito dos homens.

Na sexta-feira anterior à nossa visita, o *majlis* de Mohamed ficara cheio de boatos sobre as mulheres que, se manifestando pelo direito de dirigir

automóveis, tinham despedido seus motoristas e conduzido seus carros no centro de Riad. O ancião estava apavorado pela perspectiva de ver mulheres dirigindo. Bateu a mão ossuda no coração e olhou para o alto: "Espero nunca ver isso em toda a minha vida", disse.

Mas uma vez, muitos anos antes, ele atuara como um radical em sua pequena comunidade rural, pedindo ao governo que abrisse uma escola para rapazes na aldeia. Alguns de seus vizinhos ficaram escandalizados pela idéia de uma educação secular. Os imãs das cidades vizinhas fizeram sermões contra a educação, fazendo um trocadilho com a palavra imundície, ou *mingissa*, e escola, ou *madrassa*. Para eles, o único assunto que merecia estudo era o Alcorão, e seus filhos já o estavam aprendendo nas mesquitas locais. Para que servia estudar história, geografia e línguas estrangeiras, argumentavam, se esses estudos só traziam conhecimentos de terras e povos sem Deus?

Mas Mohamed al-Ghazi sabia que os auxiliares do profeta falavam línguas estrangeiras e tinham usado esse conhecimento para expandir o Islã. E qual era o perigo, dizia, de ensinar a geografia e a história das terras islâmicas? Nas cidades, os *ulemas*, chefes religiosos, já tinham travado essas batalhas, assegurando-se de que os currículos não tivessem assuntos como música, considerada muito sensual pelos *wahabis*, e arte, que poderia levar à criação de ídolos. A campanha de Mohamed al-Ghazi finalmente conquistou a escola para a aldeia. Dois filhos do imã que estudaram lá foram para a Universidade; o terceiro entrou no Exército.

Já as filhas eram outra questão. Para o áspero velho imã, permitir que as filhas saíssem de casa — para caminhar nas ruas, mesmo com véu, ou sentarem-se entre estranhos, ainda que se tratasse só de mulheres — era pecaminoso. Suas filhas só aprenderam o que ele achava que deviam aprender, ou seja, recitar o Alcorão no confinamento dos aposentos femininos de sua casa.

Na Arábia Saudita de hoje, pais como Mohamed al-Ghaz ainda podem fazer isso com as filhas. Mandar as filhas para a escola, apesar de ser hoje uma prática bastante espalhada, nunca foi obrigatório se os pais não aprovarem. Muitos homens acreditam no ditado que diz que educar as mulheres é como deixar que o camelo ponha o focinho dentro da tenda: o animal vai acabar querendo entrar e tomar conta do lugar.

A Arábia Saudita só teve sua primeira escola feminina em 1956. A abertura dessas escolas foi idealizada por Iffat, a mulher do rei Faissal e única esposa de um governante que foi chamada de rainha. Iffat, que fora educada na Turquia, queria ampliar o ensino para incluir nele mais ciência e assuntos ocidentais, mas

tinha que atuar cautelosamente mesmo ao abrir uma escola como essa para os próprios filhos. A escola feminina era um assunto muitíssimo mais delicado. Quando Dar al Hanan, a Casa da Amizade, abriu em Jedá em 1956, começou como uma espécie de orfanato. Como o Alcorão ordena insistentemente aos muçulmanos que cuidem das meninas órfãs, uma instituição como essa estava além de qualquer censura. Já estava funcionando há um ano quando Iffat se sentiu capaz de se arriscar a explicar as verdadeiras intenções da instituição.

Num artigo, num jornal local, intitulado "A mãe pode ser ela mesma uma escola se for bem preparada", ela descreveu os objetivos da Dar al Hanan: produzir melhores mães e donas-de-casa seguindo as orientações do Islã.

Iffat, através de Faissal, sustentou sua defesa da educação feminina numa famosa série de versículos do Alcorão que ficaram conhecidos como os versículos Umm Salamah. Umm Salamah, a linda viúva cujo casamento com o profeta tanto preocupava Aisha, teria perguntado a Maomé um dia por que as revelações de Deus sempre eram dirigidas aos homens.

Segundo o *hadith*, Umm Salamah estava em seu quarto ao lado da mesquita, penteando os cabelos, quando ouviu a voz do profeta vinda do *minbar*, ou púlpito. "Terminei rapidamente de arranjar o cabelo e corri para uma sala onde pudesse ouvir melhor. Encostei o ouvido à parede, e eis o que disse o profeta:

"Vejam! Homens que se entregarem a Deus, e mulheres que se entregarem, e homens que acreditarem e mulheres que acreditarem, e homens que obedecerem e mulheres que obedecerem, e homens que falarem a verdade e mulheres que falarem a verdade, e homens que persistirem e mulheres que persistirem, e homens que forem humildes e mulheres que forem humildes, e homens que derem esmolas e mulheres que derem esmolas, e homens que jejuarem e mulheres que jejuarem, e homens que se mantiverem modestos e mulheres que se mantiverem modestas, e homens que lembrarem mais a Deus e mulheres que lembrarem — Deus preparou para eles perdão e uma vasta recompensa".

O que os versículos deixavam claro era que as obrigações da fé eram comuns a homens e mulheres. Para cumprir essas obrigações, dizia Iffat, as mulheres precisavam obter educação e informação. Em 1960, o *ulema* aceitou relutantemente esse princípio e concordou cautelosamente com a expansão das escolas femininas por todo o país. A condição era que as escolas permanecessem sob o controle do *ulema* e que nenhum pai que se opusesse a mandar as filhas para a escola fosse obrigado a fazê-lo.

Mas, para alguns sauditas, isso ainda não era suficiente. Na cidade de Burayda, não longe de Minsaf, os homens fizeram um quebra-quebra em protesto contra a abertura da primeira escola feminina em 1963. Mais ou menos na mesma época em que os Estados Unidos chamaram a Guarda Nacional para forçar a dessegregação racial nas escolas do sul americano, o rei Faissal teve de chamar a Guarda Nacional para manter aberta à força a escola de Burayda. Durante um ano, a única aluna da escola foi a filha da diretora.

Muitos pais continuaram a exercer sua opção de manterem as filhas ignorantes. Em 1980, apenas 55% das meninas sauditas tinham educação primária, e só 23% estavam matriculadas no ensino secundário. Apenas 38% das mulheres eram alfabetizadas, contra 62% dos homens.

Mas, apesar de tudo, algumas meninas ainda conseguiam obter a melhor educação paga. Na Dar al Fikr, uma escola feminina privada em Jedá, o campus construído por alemães é tão grandioso quanto se possa imaginar. Dentro da privacidade garantida por um muro branco e torres, elegantes portas de vidro abrem-se para o ar-condicionado de um *foyer* de pedra polida. O desenho é em forma de estrela, com as salas de aula irradiando de uma grande área de recreio interna. Tetos altos e grandes vidraças dão um ar aberto e arejado aos estúdios de arte, ao ginásio, aos laboratórios de ciências e ao centro de computação repleto de micros Commodore e Macintosh.

Nenhuma sala tem mais que 20 alunas. Há uma creche, que era usada quando visitei a escola pelos filhos das professoras, mas disponível para as alunas num país onde o casamento e a gravidez das jovens são aceitos e encorajados. Além de um currículo acadêmico que inclui o ensino de línguas, as moças podiam escolher cursos de culinária ou costura, caratê ou balé, editoração eletrônica ou mecânica de motores. Estranhei o curso mecânica de motores, já que as mulheres sauditas não podem dirigir. "Se o motorista disser que tem algo de errado com o carro, quero que ela saiba se ele está dizendo a verdade", explicou a diretora, Basilah al-Homoud.

As alunas tinham o aspecto bem-cuidado das moças muito ricas. Eram altas, com cabelos brilhantes puxados para trás em tranças. A diretora, uma mulher esbelta, de 38 anos, vestida de seda, tinha a pele lisa de uma adolescente e o corpo em forma de uma viciada em aeróbica. "O ginásio é o quarto mais importante da minha casa", disse. Vinte anos antes, sua irmã mais velha quisera estudar odontologia, o que então era impossível para uma mulher da Arábia Saudita. O pai de Basilah se mudara com toda a família para a Síria para que a filha pudesse estudar na Universidade de Damasco. Ela voltou para casa como a

primeira dentista saudita e abriu uma clínica para tratar tanto homens quanto mulheres. Mas logo descobriu que alguns homens sauditas, habituados à estrita segregação, não podiam suportar que uma mulher estranha lhes tocasse, mesmo com a broca de um dentista. Cansada de propostas e mal-entendidos, ela separou sua clínica em seções para homens e para mulheres e contratou dentistas masculinos para tratar os homens.

Basilah também preferia a segregação profissional. Dar al Fikr tinha uma escola masculina adjacente, com um corpo letivo de homens. Quando Basilah tinha de reunir-se com os professores, ou com o diretor, usava um circuito interno de televisão. "Posso precisar do apoio de um colega, mas não preciso estar sentada com ele numa sala", disse. "Se os homens pudessem vir aqui e ficar conosco, iam acabar dominando e nos dizendo como dirigir as coisas. Prefiro dirigir o meu próprio *show*."

Basilah também tinha um circuito de TV na universidade, onde estudava para o seu mestrado em administração. As mulheres receberam permissão para entrar na universidade pela primeira vez na Arábia Saudita em 1962, e todas as faculdades de mulheres permaneceram estritamente segregadas. As salas de conferências estavam equipadas com circuitos internos de televisão e telefones, para que as estudantes pudessem ouvir os professores homens e fazer-lhes perguntas pelo telefone, sem terem de se contaminar pelos olhares deles. Quando as primeiras 12 mulheres se graduaram na universidade, em 1973, descobriram, desoladas, que seus nomes não tinham sido impressos nos programas da festa de colação de grau. A velha tradição de que mencionar as mulheres as desonra as privava do reconhecimento que achavam merecer. As estudantes e suas famílias protestaram e conseguiram que fosse impresso um programa separado e se realizasse uma cerimônia de graduação separada para as parentas das estudantes. Os gritos de vitória subiram aos céus.

Mas enquanto a abertura de universidades femininas ampliava o acesso das mulheres ao ensino superior, também tornava a experiência educacional mais superficial. Antes de 1962, muitas famílias sauditas progressistas haviam mandado suas filhas para estudar no exterior. Elas voltaram ao reino não só com uma graduação, mas também com a experiência do mundo exterior, fosse no Ocidente ou nos países árabes mais progressistas como o Egito, Líbano ou a Síria, onde respiraram o ar da dessegregação e conseguiram mesmo aspirar um pouco de cultura secular. Agora, toda uma geração de mulheres sauditas tinha completado sua educação inteiramente dentro do país. Enquanto milhares de homens sauditas se beneficiavam do ensino superior no exterior às custas do governo, as mulheres não conseguiram bolsas de estudo como essas desde 1980.

A posição do governo é que as oportunidades de educação das mulheres melhoraram muito dentro do reino, ao ponto de todas as necessidades serem supridas dentro das fronteiras. A definição de necessidades educacionais, de acordo com um documento de política educacional do Ministério de Alta Educação, é "fazê-las se desenvolver na boa forma islâmica, de forma a que possam cumprir seu papel na vida como bem-sucedidas donas-de-casa, esposas ideais e boas mães, e se prepararem para as outras atividades que combinam com a sua natureza, tais como o ensino, a enfermagem e a medicina".

O resultado é um corpo docente de professoras sauditas mais velhas que são mais liberais que as jovens estudantes. Quando algumas dessas professoras participaram da manifestação a favor de que as mulheres pudessem dirigir, foram suas alunas que se viraram primeiro contra elas. Uma aluna irrompeu no escritório de uma professora e começou a puxar-lhe o cabelo e a insultá-la por ter participado da manifestação. Jovens se opondo às mulheres motoristas fizeram um violento protesto na mesquita do campus. Entre os apelos das fanáticas que participaram da manifestação estava o de que a universidade feminina fosse permanentemente fechada.

A falta de oportunidades para ensino no exterior significa que as mulheres sauditas estão presas nos limites de um sistema educacional que ainda está defasado em relação ao dos homens. Assuntos como geologia e engenharia do petróleo — passaportes para empregos influentes na economia saudita baseada no petróleo — continuam fechados para as mulheres. Três das sete universidades da Arábia Saudita — a Universidade Islâmica Imã Mohamed bin Saud, em Riad, a Universidade dos Minérios e do Petróleo e a Universidade Islâmica de Medina — não aceitam mulheres. Poucas faculdades femininas têm suas próprias bibliotecas; e as bibliotecas compartilhadas com escolas masculinas ou são completamente inacessíveis às mulheres ou abertas para elas apenas um dia por semana. As alunas quase nunca podem procurar os livros, sendo obrigadas a dizer os títulos das obras que querem, que são trazidas por funcionárias. Mas mulheres e homens passam por exames do mesmo nível. Os professores reconhecem tranquilamente que os resultados das alunas superam rotineiramente os dos alunos. "Isso não nos surpreende", disse uma professora. "Olhem para as vidas delas. Os rapazes têm carro, podem passar as tardes passeando nas ruas com os amigos, sentados nos cafés, comprando álcool no mercado negro e bebendo a noite inteira. E as moças fazem o quê? Ficam entre quatro paredes com seus livros. Para elas, a educação é tudo."

Quando as mulheres sauditas iam estudar no exterior, nos anos 50 e 60, um dos lugares que escolhiam frequentemente era a Universidade Americana de

Beirute. Em 1866, um missionário de Vermont, chamado Daniel Bliss, assentou a pedra fundamental da faculdade masculina que viria mais tarde a ser a UAB, declarando que a escola era para "todas as condições e classes de homens sem olhar a cor, nacionalidade, raça ou religião. Um homem branco, preto ou amarelo, cristão, judeu, maometano ou pagão, pode entrar e gozar de todas as vantagens desta instituição... e continuar acreditando em um deus, em muitos deuses, ou em nenhum deus".

A UAB abriu uma Escola Feminina de Enfermagem em 1905 e aceitou sua primeira estudante no campus em 1921. Ela chegou completamente coberta e acompanhada do marido. Mas em meados dos anos 60, a engenharia, o último bastião masculino, caiu para a co-educação.

Por algum tempo, o transplante do liberalismo americano pareceu funcionar. Leila Sharaf, uma libanesa drusa, testemunhou o nascimento de dezenas de movimentos políticos e filosóficos no campus nos anos 50, e a promoção do nacionalismo árabe. "Havia tantos clubes", disse. "O Clube Cultural Árabe, o Clube Perda da Palestina, os Baathistas." As mulheres discutiam com os homens nos cafés em torno do campus, debatendo apaixonadamente noite adentro. Leila Sharaf conheceu o futuro marido, um muçulmano jordaniano, num dos clubes e voltou com ele para a Jordânia, onde finalmente se tornou Ministra da Informação do governo jordaniano e assessora da rainha Noor.

Em meados dos anos 60, o retorno do fundamentalismo islâmico começou a emergir como uma ideologia que competia com o nacionalismo árabe. O liberalismo universitário e o nome Americana começaram a fazer da UAB um alvo dos extremistas.

O coração do programa liberal da UAB sempre foi o curso de estudos culturais, que vai da Épica de Gilgamesh, passando por Homero ou Virgílio, até Locke, Descartes e Hobbes. Em 1966, os imãs de algumas mesquitas de Beirute se aproveitaram de um texto do curso que citava o teólogo cristão medieval Tomás de Aquino dizendo que a rápida expansão da fé islâmica não significava a verdade inerente dessa religião. A polícia invadiu o campus para prender o herético autor. "Disselhes que o Sr. Aquino não podia atendê-los no momento", lembra Tarif Khalidi, um historiador medieval que ajudou a desenvolver os estudos culturais do programa. Ele se viu arrastado para ser interrogado no lugar do acusado. Um de seus alunos, Hanan Ashraevi deu o alarme e trouxe o presidente da universidade e o Ministro do Interior do Líbano para libertá-lo.

Nos anos 80, os ataques deixaram de ser um assunto engraçado. Um dia, em

1984, uma multidão de ativistas do Hezbollah irrompeu no campus e hasteou uma bandeira verde islâmica no topo de um dos edifícios. O *sheik* Fadlallah, o líder espiritual do Hezbollah, fez um discurso sobre Fátima, a mulher do profeta, e sua importância como modelo para as mulheres muçulmanas. "Não que ele dissesse algo especialmente controverso, mas você pode falar sobre o tempo e todos sabem o que ele quer dizer", disse Wolfgang Köhler, um professor alemão que por acaso estava no campus naquele dia. Para ele, a mensagem foi que o poder do Hezbollah se estendia ao interior dos portões da mais importante instituição americana do Líbano.

Aquela mensagem foi brutalmente transmitida em janeiro de 1984, quando o presidente da universidade, Malcolm Kerr, foi assassinado perto do seu escritório por pistoleiros que usaram armas com silenciadores. O corpo docente e os funcionários da UAB também foram vítimas de sequestros. Em 1985, no aniversário do assassinato de Kerr, o programa de estudos culturais voltou a ficar sob fogo. Desta vez a questão foi o ensino dos textos sagrados — um dos evangelhos protestantes, uma epístola de São Paulo, partes do Alcorão — que era ministrado por um membro cristão do corpo docente. "Com o crescimento do número de fundamentalistas na faculdade de artes, mais e mais estudantes achavam reprovável que o Alcorão fosse ensinado por um cristão", lembra Tarif Khalidi. "Por isso, decidimos desistir dos textos sagrados, o que muito lamentei. Como se pode entender, digamos, Santo Agostinho, se você não tiver lido nada do Velho e do Novo Testamento?" Na maior parte das vezes, a universidade resistia às pressões sectárias. Homens e mulheres continuaram a conviver livremente no campus arborizado à beira do mar, e a maioria das mulheres ainda usava *jeans* em vez de véus. E isso era um espinho no lado dos extremistas. Em 1991, uma poderosa bomba dilacerou o coração do campus, deixando uma pilha de escombros abaixo do portão que tinha inscrito o lema da universidade: "Que eles possam ter vida, e tê-la mais abundantemente."

Tarif Khalidi não tem dúvidas sobre o que os fundamentalistas pensam dele e de seus colegas, tanto cristãos quanto muçulmanos. "Tenho motivos para acreditar que eles nos odeiam. Eu me conheço e conscientemente atuo para semear dúvidas em seus espíritos." Uma área em que ele gosta de semear dúvidas é a que se refere ao papel da mulher. A mãe dele foi uma das primeiras mulheres árabes a aparecer em público sem véu. "Ela sempre lia o Alcorão e sacudia a cabeça", lembra. "A linha sobre os homens se responsabilizam pelas mulheres' costumava deixá-la realmente zangada."

Ir do campus liberal e tolerante da UAB para os portões da Universidade Islâmica de Gaza é como viajar para trás no tempo. De fato, é o campus de Gaza que oferece a mais apurada visão do futuro, à medida que os grupos islâmicos ganham cada vez mais influência.

O campus da Universidade de Gaza está dividido ao meio: uma seção para os homens e outra para as mulheres. Quando visitei o campus feminino, na primavera de 1993, usei um lenço de cabelo e um vestido largo, de mangas compridas e que me cobria até os tornozelos, já que eu sabia que a instituição obrigava ao uso do *hijab*. Mas a minha chegada ao pátio das mulheres ainda assim provocou nervosismo. "Temos de achar uma *jalabiya* para você", explicou Asya Abdul Hadi, uma recém-formada, apontando para seu próprio casaco abotoado do pescoço até os pés. "Mesmo no campus das mulheres, temos professores homens."

Afinal, alguém achou um velho traje de sarja azul em forma de saco que pertencia a uma estudante pelo menos 12 centímetros mais alta que eu. Agarrando a ponta do vestido para poder andar, segui Asya aos tropeções pelo campus rodeado de altos muros, passando por um emaranhado de cabanas de tetos baixos de telhas de amianto.

A Universidade Islâmica de Gaza representa, para os partidários da guerra santa dos anos 90, o mesmo que Berkeley para o movimento antiguerra dos anos 60. A maioria do campus apoia o Hamas, o grupo islâmico que clama por uma guerra até a morte contra Israel. A militância da universidade era tão ameaçadora para os israelenses que o Exército declarou o campus uma zona militar fechada de 1987 até 1991 e arrastou para a prisão a maioria do seu corpo docente e uma grande parte dos estudantes.

Caminhamos pela sala comum dos estudantes, onde algumas jovens tomavam coca-cola e conversavam. Asya me apresentou a algumas de suas amigas que trabalhavam na administração da universidade. Perguntei se podia também conhecer professoras. "Na verdade, não temos muitas professoras", explicou Majida Anan, uma administradora de 30 anos. "A prioridade aqui é para os professores homens, porque são os homens que precisam fazer carreira. A mulher irá se casar e o marido tomará conta dela. E, além disso, se a universidade contratar uma mulher, ela só poderá ensinar aqui, no campus das mulheres, enquanto um homem pode lecionar aqui e do outro lado da rua, no campus dos homens. Quando conseguirmos nosso estado islâmico não haverá mais qualquer mistura."

Zahra, a filha de Khomeini, ensinava filosofia a salas mistas na

Universidade de Teerã. Perguntei o que Majida achava disso. "No Islã, não existem opiniões", respondeu ela bruscamente. "O Islã diz que homens e mulheres podem se misturar se for absolutamente necessário. Se não houver necessidade, então não devem fazê-lo."

Eu esperara encontrar algo diferente na Universidade de Gaza — talvez a emergência de um feminismo islâmico. Os palestinos sempre tinham estado entre os mais progressistas em questões femininas e pensei que a fusão desse espírito com a militância islâmica poderia produzir algo interessante.

Mas em Gaza, os militantes tinham-se aferrado a um tipo de radicalismo que ameaçava fazer pior que atrasar o relógio das mulheres palestinas. O que Majida estava propondo nunca fizera parte da cultura palestina. Sua idéias eram importadas: tinham a inscrição "*Made in Arábia Saudita*". O Hamas dedica dois dos 36 artigos de sua carta de princípios às mulheres muçulmanas. As mulheres, diz, "fabricam o homem e desempenham um importante papel em guiar e educar a [nova] geração. Os inimigos entenderam esse papel e por isso compreenderam que, se puderem conduzir e educar [as mulheres] de forma a distanciá-las do Islã, ganharão a guerra. É por isso que fazem esforços consistentes, com a publicidade e os filmes, os *curriculi* [sic] de educação e cultura, usando como intermediários seus artífices que são parte das várias organizações sionistas que têm todo tipo de nomes e formas como: o Free Masons, Rotary Club, gangues de espões e semelhantes... Por isso, devemos prestar atenção às escolas e *curriculi* que educam as moças muçulmanas, de forma a fazê-las boas mães, conscientes de seus deveres na guerra da libertação. Elas têm de ser plenamente capazes de dominar as formas de cuidar de seus lares. O sentido para a economia e para evitar o desperdício são pré-requisitos para quem quer seguir nossa causa...".

Quando visitei Gaza pela primeira vez, em 1987, as moças, sem véu e usando *jeans*, estavam nas ruas junto com todos os jovens jogando pedras nos soldados israelenses. As mães estavam logo atrás delas, com toalhas secas e cebolas cortadas para neutralizar os efeitos do gás lacrimogêneo. As mulheres tinham ganho estatura por seu papel nesses protestos. Agora, graças ao Hamas, as mulheres tinham sido mandadas de volta para casa, para fabricar bebês masculinos e evitar o desperdício doméstico.

"A luta mudou", disse Asya, uma alta e apaixonada mulher de grandes olhos pretos e sobrancelhas espessas. "Jogar pedras agora é para as crianças. Os ativistas que têm armas reais não ficam nas suas casas; estão sempre mudando de lugar, dormindo aqui ou ali. Uma mulher não pode fazer isso."

A luta mudara, e Gaza também. Dirigindo meu carro desde a forte barreira

militar que divide a Faixa de Gaza de Israel, eu não vira uma única mulher sem véu. "Não há coação", disse Majida. Olhei com espanto para o meu próprio feio vestido-saco de sarja. "Claro, podemos impô-lo aqui, dentro da universidade. Mas fora não podemos impor nada. A relação é com Deus, e cada mulher pode decidir sozinha."

Tomei minha coca e não disse nada. Eu estivera na sala de emergências de um hospital de Gaza quando entrou uma jovem enfermeira palestina, tremendo, com o uniforme coberto de manchas. "Foram os rapazes no mercado", disse. "Disseram-me para cobrir a cabeça. Disselhes que sou cristã, mas responderam que não importava. Disseram: 'A Virgem Maria cobria a cabeça, por que você não faz o mesmo?' Me jogaram frutas podres e me disseram que da próxima vez seria ácido."

A maioria das aulas já tinha terminado naquele dia. Se eu quisesse assistir a uma aula de religião, disse Asya, teria de voltar na manhã seguinte. "Por que você não fica comigo esta noite?", convidou.

Hesitei. "Vou dar muito trabalho", disse.

"Qual o problema?", riu. "Você tem medo de ficar nos campos? Nós somos hospitaleiros."

Eu *estava* um pouco nervosa. Naquela semana, um advogado israelense, trabalhando em projetos de desenvolvimento em Gaza, fora esfaqueado até a morte com um machado quando se encontrava com clientes palestinos. Meus colegas jornalistas de Jerusalém tinham-me advertido até contra ficar num hotel de Gaza. "As pessoas ficam sabendo que você está lá — ficar mais que uma noite já é definitivamente perigoso", dissera um jornalista.

Disse a Aysa que gostaria de ficar com ela.

Ela caminhou na minha frente até à sala de entrada, onde eu entregaria meu longo vestido. "A propósito", disse ela sobre o ombro, "qual ó a sua religião?"

"Sou judia."

Asya virou-se para mim. Sua boca se estreitara numa linha fina. Seus olhos dardejavam por meu rosto, depois se desviaram para olhar o horizonte. Tentei ler sua expressão. Zangada? Ofendida? Não saberia dizer.

Só menti sobre minha religião uma vez, logo depois de chegar ao Oriente Médio. Fiquei tão envergonhada e me senti tão covarde que decidi nunca mais fazer isso. Desde então, minha política foi dizer a verdade a quem perguntasse. Normalmente, as pessoas a quem dizia ficavam mais intrigadas que hostis. Quase sempre perguntavam: o que eu achava do sionismo? Alguém da minha

família dava dinheiro para Israel? Mas Asya não disse nada.

Segurei seu braço. "Se você preferir que eu fique no hotel, eu compreendo", disse.

"Não", respondeu, saindo do estupor. "Você precisa dormir na minha casa." Caminhando rapidamente na minha frente, acenou para um táxi, e fomos aos solavancos para o campo de refugiados de Dier el Balah. Quando o táxi saiu da Cidade de Gaza, pelos laranjais perfumados pelas flores da primavera, Asya mudou o assunto de religião para livros. Ela se formara em literatura inglesa. Falou dos livros que mais gostara nos estudos: *Tess of the D'Urbervilles*, de Thomas Hardy, *Pride and Prejudice*, de Jane Austen. Sorri. Era difícil pensar em dois livros mais sintonizados com uma visão de mundo islâmica que a novela de Hardy sobre uma mulher arruinada pela desonra sexual ou as irmãs Bennet e sua procura por esposos adequados.

A casa de Asya não tinha nada que ver com os casebres apertados dos campos. Ficava bem na orla de Dier el Balah, onde as ruas claustrofóbicas e lamacentas se abriam para os campos e o doce aroma do mar. A casa era sólida, generosamente construída, e separada da rua por um alto muro de tijolos cobertos de inscrições. Asya vivia com a mãe viúva, uma mulher gorda, curvada e analfabeta que parecia mais do que uma geração distante da sua filha alta e intelectual. Duas irmãs mais novas, um irmão e sua mulher viviam na mesma casa. O irmão mais novo de Asya estava na cadeia, acusado de ser ativista do Hamas. Os outros estavam espalhados pelo mapa da diáspora Palestina. Um era combatente da Organização para a Libertação da Palestina, no Iraque, outro era professor na Arábia Saudita, outro ainda operário na Grécia. A casa fora construída com o dinheiro enviado da diáspora.

O irmão que vivia com ela trabalhava normalmente em Israel, mas por algumas semanas, devido à série de assassinatos praticados por palestinos, Israel impedira a entrada de palestinos de Gaza e da Cisjordânia. Isso deixou Asya, que trabalhava como assistente de um jornalista palestino, como a principal fonte de sustento da família. Quando ela entrou, a mãe e a irmã menor rodearam-na trazendo chá, uma muda de roupa, uma escova de cabelo, preocupando-se em servi-la com uma atenção respeitosa que antes eu vira só em relação aos homens.

Asya tirou o *hijab*, as meias e afofou o cabelo que lhe dava pelos ombros. Quando a irmã lhe trouxe uma blusa de tricô, ela rejeitou-a pedindo em árabe uma mais bonita. A irmã voltou com uma camisa de algodão preto com flores marrons pintadas à mão em volta da bainha. "Você vê", disse, "agora estou bem diferente". Claro que estava. Ela tinha as maçãs do rosto que se perdiam atrás do

lenço e uma figura esbelta, atlética. Entendi então que a desapontara. Ela esperara um cumprimento na linha daqueles velhos filmes preto e branco em que a secretária solta o cabelo e tira os óculos: "Oh, Miss Asya, você é linda!". Mas eu já estava muito habituada a esse tipo de transformações para me surpreender.

O jantar, trazido pela cunhada, era uma coleção de pratos básicos do Egito: *foul*, *tamiyya* e *molokiyya* — feijão amassado, grão-de-bico frito e uma verdura semelhante ao quiabo. O Egito governara Gaza entre 1949 e 1967, e a influência egípcia ainda era forte. Sentadas em almofadas, servimo-nos dos vários vegetais no pão chato que Asya fizera antes de sair para o trabalho naquela manhã.

Asya dormia normalmente na sala de estar das mulheres, que dividia com as irmãs mais novas, mas essa noite ela decidiu que teríamos um quarto só para nós. Estendeu dois colchões finos num amplo salão vazio, à exceção de um guarda-roupa encostado numa parede. Instintivamente, eu teria espalhado os colchões, para dar a cada uma um certo espaço privado. Mas Asya colocou os dois colchões lado a lado, em um canto, quase se tocando.

Asya pegou um rádio e girou o dial. Sorri ao reconhecer meu próprio hábito de escutar o rádio como última coisa na noite e a primeira na manhã, para ouvir as notícias. Através da estática; Asya encontrou o serviço da BBC em árabe, A Voz do Cairo dos Árabes, a Rádio Monte Carlo. Ela franziu as sobrancelhas, prestando atenção quando reconheceu a voz do porta-voz dos ativistas do Hamas deportados para o Líbano pelos israelenses. Em tom agitado, ele denunciava a retomada das conversações de paz entre Israel e os palestinos. Um acordo de paz, disse, abriria a *bab al fitna*, a porta para a guerra civil. Asya acenou a cabeça. "Ele tem razão. O Hamas nunca aceitará um acordo desses." Mas quando Arafat assinou mesmo o acordo de paz nesse outono, não estourou a guerra civil entre o Hamas e a OLP. Apesar de se opor ao pacto, o Hamas disse que não faria correr sangue palestino. Em vez disso, os islâmicos aumentaram seus ataques contra os israelenses e esperaram que o acordo soçobrasse.

Quando o noticiário terminou, Asya levantou-se para apagar a luz. Deixou apenas uma pequena luz acesa num canto. Na penumbra, conversamos sussurrando, como mocinhas numa festa.

Asya se tornara religiosa devido ao exemplo de seu irmão mais novo — o ativista do Hamas preso. Ela começara a usar o *hijab* 10 anos antes, com 19 anos. "Todo mundo ficou tão surpreso", lembrou. "Todos perguntavam; 'Por que a Asya está usando isso?' Isso foi muito antes de os movimentos islâmicos se tornarem muito fortes aqui, como são hoje. Antes de eu pôr o *hijab*, costumava ter medo de tudo: medo de fantasmas, medo de ficar sozinha num quarto.

Quando passei a vesti-lo, todos os medos sumiram. Agora eu sei que esta vida é apenas um jogo, uma casa para testar as pessoas. Uma vez que você entende isso, nada mais nesta vida pode te fazer medo."

Asya acabara de conseguir uma bolsa do British Council para estudar jornalismo em Londres. "Você conhece alguma jornalista que use *hijab* lá?", perguntou. Disselhe que não lembrava de nenhuma nos principais meios de comunicação, exceto no Irã, onde havia mulheres na televisão, como repórteres de esportes e fotojornalistas.

"Talvez eu seja a primeira em Londres", disse.

Asya tinha 29 anos e ainda era solteira, o que era pouco comum em Gaza. Ela já tivera alguns pretendentes, que não passaram dos estágios iniciais. "Primeiro, a mãe e a irmã vêm fazer uma visita, para me verem sem o *hijab*. Se gostam, dizem que gostariam de trazer o filho para me conhecer. Mas eu digo: 'Não tem pressa'. Primeiro preciso saber se ele é religioso, em que trabalha. Se ele faz as orações e se tem um bom emprego, mando alguém fazer perguntas aos vizinhos sobre ele; os amigos me trazem relatórios detalhados. Na maioria dos casos, isso é suficiente: digo para a mãe: 'Não precisa se incomodar em trazê-lo, não estou interessada'".

Como ela trabalhava, também tinha oportunidade de conhecer homens sem o filtro dos discursos dos casamenteiros. Mas descartava tudo o que se parecesse com um romance ao estilo ocidental. "A primeira vez que um homem disser que gosta de mim será também a última vez", disse. "Eu direi: 'Não diga isso a mim. Eis o nome do meu irmão. Vá vê-lo e diga a ele o que você tem a dizer'." Depois de Asya ter ido a uma entrevista para o emprego de assessora do jornalista palestino, o irmão dela fez sua própria entrevista com o futuro empregador, para ter certeza de que ele e seu escritório eram adequados para a irmã. Eram. O patrão, também um muçulmano devoto, trabalhava fora de casa, mas tropeçava o tempo todo na mulher e nos filhos, que atuavam como se fossem acompanhantes dele.

Asya deitou de costas, com as mãos atrás da cabeça, continuando o monólogo. "Na verdade, não estou muito interessada em homens. Só em ter filhos."

Era esse então o fim lógico dos ideais de segregação? Uma profunda rejeição ao sexo oposto? Deitada naquele quarto, ouvindo Asya, pensei em todas as inteligentes jovens islâmicas que conhecia: Hamideh, minha tradutora no Irã; Nahid, a estudante de medicina e uma das quatro ou cinco mulheres mais bonitas que jamais conheci; Hadra, a soldado dos Emirados; uma ativista política do

Kuwait, uma jornalista jordaniana, uma professora curda — todas eram solteiras, muito depois da idade normal em que as mulheres de suas sociedades se casavam. E todas elas, agora que eu pensava nisso, tinham falado da dificuldade em encontrar homens com quem pudessem falar, que as compreendessem, em quem pudessem confiar.

"Sim, sim", dizia Asya, como se tivesse seguido os meus pensamentos. "Seria muito interessante ter uma boa relação com o homem com quem você casar, mas não é tão fácil com homens orientais." Não era, achava ela, o lado islâmico de sua herança que criava as dificuldades. "Eu gostaria de casar com um pregador islâmico — um pregador islâmico *ocidental*."

"Boa sorte!", disse, e nós duas rimos.

Asya virou-se de lado, para a parede. Pensei que ela queria dormir. Também me virei e já estava quase cochilando quando ela falou de novo, o rosto ainda virado para a parede. "Todos os que vêm aqui pesquisar sobre o Islã são judeus. Por que será?"

"Não sei", disse. Realmente não sabia. O meu interesse pelo Islã tinha tudo a ver com o fato de ser mulher e nada a ver com ser judia. Mas eu entendia o que ela queria dizer. Muitos dos jornalistas ocidentais no Oriente Médio eram judeus. "Talvez seja porque os judeus crescem com mais interesse pelas questões do Oriente Médio", disse. "Ou pode ser porque judeus e muçulmanos estão lutando uns contra os outros aqui, e os judeus acham que talvez entender o Islã os ajude a encontrar caminhos para resolver o conflito?" Asya manteve o silêncio. "Talvez", meditei, "alguns deles estejam convencidos de que o Islã é perigoso, e venham aqui para provar isso."

"Foi o que eu pensei", ela disse. "Boa noite!"

Na manhã seguinte, na Universidade, fomos a uma aula da faculdade de religião, onde as estudantes deveriam ouvir uma palestra sobre os regimes islâmicos. "Você vai achar a palestra muito viva", disse Asya. "Muitas perguntas e discussões."

Mas, quando chegamos, a sala de conferências estava vazia. Uma estudante de véu disse a Asya que as mulheres tinham decidido protestar contra o anúncio da retomada das negociações de paz com Israel, e tinham ido a uma manifestação na frente da casa do Dr. Haider Abdul Shafi, o líder dos negociadores de paz palestinos. A única aula que estava ocorrendo era de Matemática.

Asya e eu enfrentamos o campus dos homens à procura do porta-voz da

Universidade. Os corredores estavam cheios de estudantes barbados, todos conscientemente desviando os olhos quando passávamos por eles em nossas *jalabiyas*. Ahmad Saati, o porta-voz, era um homem pequeno e gordo que, como quase todo o corpo docente, passara um tempo numa prisão israelense, por suspeitas de ser ativista do Hamas. Ele se desculpou por não apertar minha mão. "Temos um ditado: 'É melhor dar uma estocada na sua própria mão que tocar a mão de uma mulher'."

"Mas a intenção não conta?", perguntou Asya. "Pensei que era certo apertar as mãos se você tiver uma boa intenção." Ahmad, também formado pelo Instituto Islâmico de Altos Estudos do Egito, corrigiu-a educadamente. "A *sua* intenção pode ser boa. Mas e a minha? Como você pode saber qual a intenção da outra pessoa?"

Quando lhe perguntei sobre co-educação, Ahmad quase explodiu de excitação. "O Islã evita a co-educação! Conhecemos os resultados desastrosos da co-educação. Temos nomes, temos números." Segundo ele, *zina*, ou sexo fora do casamento, ocorrera em Birzeit, uma universidade palestina da Cisjordânia que praticava a co-educação. "Isso é desastroso, especialmente para as moças."

Podia ser desastroso, concordei, já que os pais e irmãos ainda matavam as moças se suspeitavam que elas já tivessem feito amor. "Não somos a favor desses assassinatos extrajudiciais", ele disse. "O Islã não é a favor deles. O Islã exige provas. Não só uma testemunha: quatro testemunhas. Não apenas uma confissão. Uma confissão confiável."

Então por que professores islâmicos de grande instrução, como os do corpo docente da universidade, não falavam mais veementemente contra esses assassinatos, em vez de se fazerem de cegos? Por que não falavam contra a extirpação do clitóris, que avançara quando Gaza esteve sob governo egípcio?

"É um assunto delicado. Algumas pessoas dizem que acalma as mulheres. Mas claro que o Islã é contra isso. Todas as partes do corpo têm uma função. É como as amígdalas: só devem ser retiradas se forem uma ameaça à saúde; se não estiverem incomodando, deixe-as ficar. Talvez as mulheres pregadoras estejam falando contra isso. Mas claro que não temos essas operações aqui. No Egito sim, mas não aqui."

"Entre as mulheres mais velhas...", começou Asya, mas Ahmad interrompeu-a. "Aqui não. Entre os palestinos, nunca." Asya calou-se. Na noite anterior, ela contara-me que o clitóris da mãe fora retirado.

"Esta é uma sociedade oriental", continuou Saati. "Há muitas coisas que têm a ver com as mulheres nas sociedades orientais que não são corretas de

acordo com o Islã. Mas demora para mudá-las. Primeiro temos de ter um Estado islâmico. Todos os desastres do mundo acontecem por não se adotar o Islã. Quando o Islã for adotado, tudo ficará bem."

Quando Ahmad se desculpou por um momento para falar com um colega, Asya disseme que precisava ir ao banheiro do campus das mulheres. "Posso ir aqui, mas não vou me sentir bem."

Quando Ahmad voltou e me encontrou sozinha, recuou para a entrada. "Onde está Asya? Eu não posso ficar aqui sozinho com você." Na verdade, não estávamos sozinhos. A porta da sala estava aberta para um corredor onde formigavam estudantes.

"Mesmo com a porta aberta?", perguntei.

"Sim, sim, me desculpe. Você precisa trazer Asya", ele disse, correndo para o corredor como se eu tivesse peste. Quando Asya voltou, continuamos nossa discussão, passando para o papel das mulheres na política. Ahmad estava explicando que, apesar de as mulheres não poderem dirigir uma comunidade muçulmana, têm o dever de comentar e protestar junto do líder se sentirem que ele está se desviando do caminho certo.

"É exatamente a mesma coisa com o papel das mulheres durante as orações familiares", explicou. "Uma mulher não pode conduzir o marido — ou qualquer homem — nas orações, mas se ele cometer um erro — digamos que ele se esqueça de alguma coisa — ela deve avisá-lo batendo palmas."

"Não bastava que ela dissesse as palavras corretas?"

"Não, porque sua voz é sedutora. Ela não pode levantá-la."

Asya interrompeu. "Mas se for a família dela, ela pode levantar a voz para dizer '*Subhan Allah*'".

"Não, não", respondeu ele. "Ela nunca pode levantar a voz. Só pode bater palmas. As mulheres devem ser muito cuidadosas com suas vozes. Se alguém vem à minha casa e pergunta por mim, minha mulher pode dizer: 'Espere um minuto', ou 'Não está', muito breve e formalmente. Ela não pode falar em tom delicado. Isto é do Alcorão. As coisas que começarem com umas poucas palavras vão continuar com outras coisas."

Deixei Gaza nessa noite e no dia seguinte dirigi meu carro pelas colinas pedregosas e os olivais da Cisjordânia para conhecer algumas professoras de

outra universidade palestina, a Birzeit.

Essas mulheres eram menos de uma geração anterior a Asya — mulheres no final dos 30 e início dos 40 que poderiam ser suas irmãs mais velhas. Mas alguma coisa acontecera nos anos que separavam sua educação das delas, e o golfo que se ampliava entre as gerações parecia quase intransponível. Não obstante, as professoras de Birzeit, apesar de terem consciência do problema, pareciam negar frontalmente que estivessem em extinção.

"O problema é que essas pessoas não entendem sua própria cultura", disse Islah Gad, refrescando-se com um suco de laranja depois de um dia de aulas. Estávamos sentadas sobre a marquise de sua casa, uma construção de pedra em estilo otomano com um pórtico e telhados abobadados. Os olhos de Islah passearam pelo jardim, onde árvores frutíferas cuidadosamente plantadas cresciam no solo vermelho. Ela estava olhando uma pequena tartaruga caminhando indecisa nos sulcos da terra arada. Vira o animal na estrada, quando voltava da universidade, e o salvara de ser esmagado pelas rodas de um carro.

Islah crescera no Egito e conhecera o marido, um importante ativista palestino, na universidade local. Ela voltara com ele para El Bireh, a aldeia da Cisjordânia onde seu pai era prefeito, até que os israelenses o deportassem por ser ativista da OLP. "Os israelenses fizeram muito para destruir a cultura palestina, mas não tanto quanto estão fazendo os movimentos islâmicos", disse, enumerando os problemas com seus dedos compridos e elegantes. Primeiro, o Hamas levantou a questão das roupas tradicionais palestinas — as lindas cafetãs, túnicas largas, pretas ou marrons que as palestinas sempre usaram, com bordados de ponto de crochê na frente e nas bainhas, acompanhadas de um delicado lenço branco em torno do cabelo. "É um vestido islâmico — mas não para eles. Segundo o Hamas, as cores dos bordados são *haram*. Onde o Alcorão diz isso? Milhares de mulheres palestinas ganham a vida fazendo esses vestidos. Mas eles não pensam nisso. Eles acusam os esquerdistas de terem importado as idéias. Mas todas as idéias deles são importadas. Na feira de livros de Birzeit contei, este ano, uma centena sobre as mulheres no Islã — todos do Egito e da Arábia Saudita".

Em Birzeit, a universidade palestina mais liberal e secular, movimentos islâmicos como o Hamas e a Jihad conseguiram menos apoio que em qualquer outra escola, mas ainda se sentia sua influência. "Eles são como cogumelos", disse Lily Feidy, uma das colegas de Islah. "Crescem em certas condições, e então, quando elas mudam, desaparecem. Atualmente, seu ressurgimento é um sinal de pessimismo. Como as pessoas estão desesperadas, recorrem ao

sobrenatural."

Lily Feidy, que ensinava Linguística em Birzeit, nunca entrara no campus da Universidade Islâmica de Gaza. "Não posso ir lá porque não quero pôr véu. Além disso, não estou interessada em discutir com eles. O que era verdade 1.400 anos atrás não é verdadeiro agora. Me desculpem, mas não vivemos mais no deserto; nem em tendas."

Islah Gad, por seu lado, gostava da oportunidade de discutir. "É fácil quebrar a lógica deles", disse. "Num debate que tivemos sobre co-educação, os rapazes do Hamas diziam que a co-educação é *haram* — que temos que fechar as escolas mistas. Eu disse: 'Esperem: em todas nossas aldeias, as escolas são mistas. Os aldeões não têm dinheiro para construir duas escolas. Então, na vossa opinião, o que vai acontecer? Todas as meninas vão ter de ficar fora da escola. É isso que vocês querem?' Eles disseram, claro: 'Não, não — não pensamos na questão da despesa com novas escolas'. Então eu dissilhes: 'Vão, conheçam a vossa própria realidade. Esqueçam essas idéias pré-fabricadas da Arábia Saudita'."

Tanto Islah quanto Lily pareciam não estar dispostas a aceitar que o crescimento da maré islâmica poderia ameaçar suas próprias visões liberais. Para mim, a análise delas parecia a racionalização de um desejo. Ouvi-a muitas vezes de mulheres educadas da idade delas — mulheres como a jordaniana Leila Sharaf, que crescera nos tempos vertiginosos do movimento nacionalista árabe, quando as figuras carismáticas eram todas esquerdistas seculares que defendiam a emancipação da mulher. Para elas, a visão que o Hamas tinha sobre as mulheres era risível. E como não sentiam o apelo dessas opiniões, ficavam surdas ao apelo que tinha para suas alunas.

Os movimentos islâmicos estavam crescendo em quase todas as universidades do Oriente Médio. E as faculdades onde eles mais estavam representados eram os bastiões dos mais dotados — as escolas de medicina, os departamentos de engenharia. Os estudantes que davam ouvidos ao apelo islâmico vinham dos setores mais variados, não eram apenas os casos desesperados: as Sahars e Asyas, com bolsas para Harvard e Londres. Elas eram a elite da próxima década: as pessoas que iriam moldar o futuro de sua nação.

Uma década ou duas mais cedo, essas mesmas intelectuais dotadas teriam sido nacionalistas árabes, mas essas idéias nada conseguiram a não ser derrotas militares e economias se desmoronando. Para quem vinha de fora, era difícil imaginar que esta nova "grande idéia" tivesse melhores resultados. Mas o regresso às raízes e a rejeição da influência externa são sempre uma noção

atraente; eu mesma a sentira quando adolescente na Austrália, vivendo à sombra da influência dos Estados Unidos e vendo meu país marchando em fileiras cerradas para o atoleiro do Vietnã. Para jovens e inteligentes muçulmanos que viam seu futuro limitado pelos fracassos de tantas ideologias importadas, a sedução do Islã era sua própria obra. Sahar já o dissera desde o início: "Por que não tentar algo que seja nosso?"

O que mais me preocupava é que o Islã que se impunha em tantas universidades não era o deles mesmos; não era a tradição tolerante do Egito nem as práticas progressistas dos palestinos, mas antes a interpretação distorcida que os ricos sauditas promoviam. Detestava pensar numa geração desperdiçando seu talento a serviço deste credo repressivo.

Quando o meu amigo saudita me levou às dunas do Norte de Riad para conhecer seu tio, eu achava que o ancião era uma relíquia de uma era passada, cujos valores sofreriam uma erosão tão certa quanto a das fortalezas destruídas que tínhamos visto na estrada.

O meu amigo parecia ter viajado essa grande distância no espaço de metade da sua vida. Nascido sob uma palmeira na fazenda do tio, ele fora trazido para casa do pai no lombo de um camelo. Vinte e cinco anos depois, ele atravessou o Atlântico num Concorde. Educado nas melhores universidades dos Estados Unidos, dividindo sua vida profissional entre Londres, Washington e Riad, ele tinha um intelecto iconoclasta que se deliciava em expor hipocrisia e falsa ortodoxia.

Para mim, parecia claro que ele era o futuro: seu tio, com a história triste das filhas isoladas, sem escola, era o passado. Demorei algum tempo para entender que não era assim tão claro.

O meu amigo se sentia melhor criticando as manobras estranhas da Opep ou lamentando o domínio da voz Levantina na literatura árabe, que discutindo sua vida pessoal. Uma vez, quando o atormentei, ele descreveu de uma forma ligeiramente autodepreciativa como voltara de sua vida liberada no Ocidente para casar com uma noiva saudita que ele "conseguira ver" apenas uma vez antes do casamento. Nunca a levou com ele em suas viagens de negócios e nunca quis apresentá-la a mim quando estive na Arábia Saudita. Ele tinha filhas, que adorava, apesar de nunca falar delas a menos que eu perguntasse.

Como, perguntei-lhe uma noite depois do jantar em Londres, ele estava

pensando educar suas filhas? Ele olhou para o prato e brincou com o garfo. "Vou criá-las como mulheres sauditas. Não vou cometer o erro que alguns cometem, de as trazer para aqui e para ali, até que no final elas não sabem quem são", disse.

"Mas se uma delas for uma médica ou matemática dotada?", perguntei. "E se uma delas precisar estudar no exterior?" Pensei que ele diria: "Bom, nesse caso, é claro que ela estudará em Harvard, ou Princeton, ou Cambridge". Mas ele não disse nada disso. Em vez disso, suspirou. Foi um longo e profundo suspiro que me fez lembrar o do tio quando lhe perguntara sobre mulheres ao volante.

"Isso", disse, "seria um problema. E teria de resolvê-lo quando acontecesse." Foi só então que eu entendi que a distância entre tio e sobrinho não era realmente tão grande quanto pensara.

Como quase todos os ocidentais, eu sempre imaginei que o futuro era inevitavelmente um lugar brilhante, onde uma espécie de geologia moral terá erosionado as arestas dos erros cruéis do passado e do presente. Mas em Gaza e na Arábia Saudita tive uma visão diferente.

De lá, o futuro parece um lugar cada dia mais escuro.

9. NEGÓCIO ARRISCADO

"Jamais desmerecerei a obra de qualquer de vós, seja homem ou mulher, porque procedeis uns dos outros."

Alcorão

Surata da Família de Imran

No escritório do Arab News em Jedá, a jornalista Faiza Ambah tinha um desenho pregado no seu quadro de avisos sobre a mesa. "Observe a tartaruga", dizia a legenda, sob um desenho engraçado da criatura. "Ela só avança quando põe a cabeça de fora". Curvada sobre o teclado, de vez em quando Faiza esticava o corpo e puxava pensativamente o lenço preto amarrado em volta do rosto.

Faiza estava pondo a cabeça de fora. Para os padrões sauditas, seus artigos eram desafiadores. Depois da invasão do Kuwait, ela estava pondo à prova a nova disposição da mulher saudita e a delicada questão da censura na imprensa. Mas o que ela fazia de mais desafiante era mesmo ir trabalhar. Apesar de usar a capa e o véu, ela corria risco ao vir todos os dias à sede do jornal, onde os homens trabalhavam em cubículos ao lado dela. "Quando o editor me contratou, acho que tinha a idéia de que eu trabalhasse em casa: faria meus relatos por telefone e enviaria meus arquivos eletronicamente", explicou Faiza. "Mas um repórter não pode trabalhar assim. Precisa ver o que está acontecendo no mundo."

No final do dia, quando terminava de escrever seus artigos, ela ajustava o lenço e a *abaya* e ia para o estacionamento. Lá, como a lei saudita a proibia de dirigir, o motorista iemenita a esperava para levá-la em casa. A primeira vez que vi Faiza, ela me censurou por um artigo que eu escrevera sobre as dificuldades que a mulher saudita enfrentava. Ela tinha orgulho de suas conquistas e as de suas amigas que trabalhavam como médicas ou dirigiam suas próprias empresas. Achava que eu não tinha prestado atenção suficiente às mulheres sauditas que *estavam* trabalhando e sobressaindo na sociedade.

O que mulheres como Faiza e suas amigas estavam fazendo era simplesmente reconquistar o terreno perdido em séculos desde a morte do profeta. Cada saudita sabia que Khadija, a primeira mulher de Maomé, dirigira uma empresa de comércio internacional. Que Sawda, sua segunda mulher, fora

famosa por seu artesanato de couro, que vendia para ajudar a sustentar o lar. Fátima, a filha do profeta, trabalhara com fiação até as mãos sangrarem, alternando os dias de trabalho e de estudo. Quando trabalhava, dava folga a sua escrava para que ela pudesse estudar, insistindo que todo mundo tinha o direito de aprender.

Faiza era a mais visível de um punhado de trabalhadoras sauditas, porque seu nome aparecia frequentemente no jornal. Havia outras jornalistas sauditas, mas Faiza era a única que eu conhecia que se arriscava a trabalhar na sede do jornal. O risco era que a *mutawain* — a polícia religiosa do Comitê para a Promoção da Virtude e a Prevenção do Vício — irrompesse um dia no jornal e a descobrisse violando as regras da segregação. A *mutawain* é a arma do sistema judicial saudita; voluntários fanáticos que patrulham as ruas e os *shoppings* olhando as pessoas. Seus alvos são mulheres de rosto descoberto, ou homens que não fecham as lojas na hora da oração. Alguns *mutawain* carregam longos bastões para açoitar os infratores. O governo não encoraja os excessos dos *mutawain*, mas também não os contém. A família real saudita vivia aterrorizada de que um levante fundamentalista pudesse tirá-la do poder, da mesma forma que os iranianos depuseram o xá. Por isso, forneceu à *mutawain* frotas de carros para suas patrulhas e adotou uma política de não se intrometer nessas atividades. O resultado é que os *mutawain* não temem ninguém, destratando até uma princesa al-Saud quando a surpreenderam caminhando com uma ama que não tinha o véu do rosto.

Talvez a coisa mais humilhante dos *mutawain* seja, além dos insultos às mulheres nas ruas, que eles não se dignam interpelá-las diretamente por seus supostos "crimes". Se uma mulher se veste de forma considerada transgressora, os *mutawain* levam a questão ao marido, pai ou irmão dela — o "homem responsável" que supostamente responde por ela — como se fosse o diretor de uma escola lidando com uma criança recalcitrante. As mulheres de todas as idades são infantilizadas pelo sistema saudita. Uma mulher, não importa de que idade, tem de apresentar uma permissão assinada pelo marido, filho ou neto antes de ter autorização para viajar, mesmo no interior de seu próprio país.

Uma vez, Faiza esqueceu sua permissão no Cairo. O marido estava viajando fora do país e era impossível encontrá-lo. Ela precisou viajar, mas, sem a autorização, foi detida em Jedá. "Fiquei me descabelando", contou. O pai não podia ajudá-la porque, logo que uma mulher se casa, a palavra do marido é a única que conta para as autoridades. No final, teve de esperar que uma prima viajasse para o Cairo para pegar o documento. Leis como essa podem ser ainda mais humilhantes para as mulheres mais velhas. Uma avó viúva, por exemplo,

pode ter de depender da autorização de um neto se for seu parente masculino mais próximo.

Devido ao risco de sofrerem humilhações como essa, poucas mulheres sauditas trabalham fora de casa. Em 1986, as mulheres eram apenas quatro por cento da força de trabalho. O percentual minúsculo reflete também a falta de empregos para mulheres. No governo saudita, mesmo os cargos que têm diretamente a ver com assuntos femininos são destinados a homens. Na Conferência sobre o Ano Internacional da Mulher, da ONU, em 1975, na Cidade do México, e na Conferência sobre a Década da Mulher, em Nairóbí, em 1985, a "delegação de mulheres" da Arábia Saudita foi inteiramente composta por homens.

Mas mesmo em áreas onde a mulher poderia trabalhar, alguns maridos hesitavam em dar permissão. O marido de Faiza, um libanês, tinha orgulho dos dotes dela. E alguns maridos sauditas tinham a mesma atitude. Mas muitas vezes havia uma tensão entre o orgulho dos feitos da mulher e a apreensão sobre onde o trabalho poderia levá-la. Um empresário gabou-se da graduação de sua mulher na faculdade de medicina, e logo me confessou que esperava que ela se especializasse em cirurgia, "assim os pacientes dela vão estar inconscientes quando ela tocar neles."

A questão das mulheres que trabalham aparece frequentemente nos jornais sauditas, especialmente nas páginas religiosas. "Que contradições enfrenta uma mulher que trabalha fora? Isso é permitido pelo Islã e, se for, em que circunstâncias?", perguntou uma "Mulher Trabalhadora, de Jedá", numa carta ao editor de religião da *Gazeta Saudita*. "Há direitos legais e morais que são consequência do casamento", respondeu o editor. "Devido a suas diferentes estruturas psicológicas e funções biológicas, cada sexo está destinado a cumprir um papel na família... É ao marido que cabe sustentar a família. Se ele não consegue ganhar o suficiente para mantê-la, ou se sua renda é muito baixa para garantir um nível de vida aceitável, e desde que a mulher queira, os dois podem trabalhar. No entanto:

"1. O marido tem direito de pôr fim ao trabalho da mulher sempre que ele achar necessário;

2. Ele tem o direito de se opor a qualquer trabalho que ache que vai expô-la a algum mal, sedução ou humilhação;

3. A mulher tem o direito de interromper o trabalho sempre que ela quiser."

Uma vez, voando para a Arábia Saudita, sentei-me ao lado de um saudita que se debatera durante um ano com o problema de determinar que tipo de

emprego seria mais adequado a sua mulher. Ele trabalhava com comércio, e começou a ficar impaciente quando nosso avião se aproximou de Jedá. Quando o avião deu a volta para pousar, ele enxugou a testa com um grande lenço branco. Estava preocupado com as roupas íntimas que trazia na sua bagagem. "Mais de 200 *soutiens*", segredou. "Comprei-os em Londres, no Marks and Spencer. Todos feitos em Israel." A Arábia Saudita impunha um boicote de todos os bens vindos da terra que chamava de "a entidade sionista". Assim, na noite anterior, no hotel em Londres, ele escrevera preços na moeda saudita sobre as etiquetas, para tornar ilegível o país de origem. "Mas, no final, já estava muito cansado", explicou. "Se esqueci de um, e um funcionário da alfândega vir, estarei em apuros." Enxugou a testa de novo. "Que hei de fazer? Sou um comerciante, e esses são os *soutiens* que as mulheres sauditas gostam."

As revistas na alfândega saudita eram famosas. Um americano que fora trabalhar lá vira a bíblia que pertencia a sua família há cinco gerações ser rasgada na sua frente, porque desafiava a proibição de artigos religiosos não-muçulmanos. Os sauditas levaram a proibição de outros símbolos religiosos a extremos tais que o avião em que viajamos acabara de ser repintado, como todos os aparelhos da frota saudita, devido a uma queixa dos fundamentalistas de que o espaço entre o *s* e o *a* no logotipo anterior da Saudia lembrava a forma de uma cruz cristã.

Pensei que tinha retirado da minha bagagem qualquer coisa que pudesse ser interpretada como artigo religioso. Mas no balcão da alfândega em Jedá, o jovem e implacável inspetor franziu a testa ao puxar duas peças de contrabando da minha bolsa: uma árida obra de referência intitulada *Dicionário Político do Mundo Árabe*, e um livro sobre os primeiros exploradores da Arábia chamado *Peregrinos Apaixonados*. Ele desaprovou o primeiro porque a palavra "político" no título o tornava potencialmente sedicioso; o segundo porque a palavra "apaixonados" era potencialmente pornográfica e "peregrinos" podia se referir a religião.

O comerciante, Mohamed, tivera mais sorte. Vi-o no *hall* de entrada, sorrindo abertamente. A mercadoria ilícita passara na inspeção. Para comemorar, convidou-me para jantar com ele e conhecer sua esposa, Adela, no dia seguinte.

Mohamed dividia um pequeno edifício de apartamentos com sua extensa família: pai e mãe no andar térreo; irmãos, suas esposas e filhos ocupavam os andares de cima. Mesmo nas modernas cidades da Arábia Saudita, as famílias ainda seguiam os padrões tribais do deserto. Os homens sauditas, quando se casavam, traziam as mulheres para a casa dos pais. As famílias ricas resolviam

isso construindo novas casas que ficavam dispostas em torno de um jardim. As famílias mais pobres construíam casas térreas que cresciam um andar cada vez que um filho se casava. O resultado era que as cidades sauditas pareciam juncadas de casas em construção. Feixes de barras de reforço de aço emergiam das lajes como se as casas tivessem um corte de cabelo *punk*.

A mim, que tenho família espalhada por três continentes, parecia-me invejável poder juntar todo mundo num só edifício. Mas Mohamed começara a achar sufocante. Enquanto subia os andares para seu apartamento, as portas se abriam em cada andar e irmãos, sobrinhas e sobrinhos espreitavam para ver quem Mohamed estava trazendo para casa. Para ter alguma privacidade, ele começara a construir uma casa só para ele, Adela e os três filhos. Mas não sabia se conseguiria se mudar. "É difícil convencer meu pai que a minha mudança é uma boa idéia", suspirou. Mohamed tinha 35 anos, mas a palavra do pai ainda era lei.

Como a maioria dos sauditas, Mohamed trabalhava das 7 horas da manhã até a uma, e depois voltava a trabalhar algumas horas de tarde. Escolas e escritórios fechavam nas horas quentes do dia, e as famílias se reuniam para almoçar juntas. Mohamed e Adela comiam a uma mesa, ao estilo ocidental, em vez de estenderem um pano sobre o chão, à moda tradicional árabe. Serviam uma variedade de especialidades árabes — tigelas de arroz fumegante, cordeiro cozido em molho de açafrão, espetinhos de frango grelhado — e um prato de frios franceses ao estilo ocidental. Depois do almoço, a família se espalhou em frente à televisão, passando rapidamente pelas estações sauditas, fortemente religiosas, para captar as vibrantes transmissões do Egito, com grande variedade de filmes e *shows*.

Adela tinha apenas 16 anos e ainda estava na escola quando se casou com Mohamed. Formou-se em sociologia enquanto dava à luz os filhos. "A maioria das mulheres do curso faziam o mesmo", disse. Muitas escolas sauditas oferecem creches para os filhos dos estudantes. Os exames podem ser adiados devido à chegada de um bebê. Depois da universidade, quando seus dois filhos e uma filha começaram a ir à escola, Adela começou a sentir-se infeliz. "Era sempre aquele terrível aborrecimento todas as manhãs quando os meninos saíam", lembrava. Em outros tempos, ela simplesmente teria mais filhos. Nas áreas rurais, muitas mulheres sauditas ainda se reproduzem até o extremo de sua capacidade. Um médico britânico, durante uma passagem de 18 meses num hospital de Jedá, pensou que o intérprete se enganara durante um *check-up* de uma beduína de 28 anos. "Perguntei-lhe quando fora sua última menstruação, e ela respondeu: 'Que é menstruação?'. Nunca tinha tido. Casara-se aos 11 anos,

antes de menstruar pela primeira vez, e estivera grávida ou amamentando desde então."

Mas, para a maioria dos sauditas urbanos como Adela e Mohamed, os imperativos tribais para uma grande família já não se aplicavam mais. Assim, mais e mais mulheres com formação competiam pelos poucos empregos que o Islã sancionava em medicina, ensino e bancos femininos. Os bancos, dirigidos por gerentes e funcionárias mulheres, tinham sido abertos em 1980 porque, apesar de o Alcorão dar à mulher o controle sobre seus próprios bens, as regras de segregação sauditas negavam-lhes esse controle, ao proibir que entrassem nos bancos frequentados pelos homens. Apesar de as filhas apenas herdarem metade do que os filhos herdavam, isso significava, muitas vezes, uma fortuna na Arábia Saudita da era do petróleo. Os novos bancos são meticulosamente segregados: têm desde mulheres auditoras para supervisionar as contas das agências só para mulheres, até guardas nas portas para garantir que nenhum homem entre por engano. Normalmente o guarda de uma agência feminina é casado com uma funcionária que trabalha lá, de forma que se houver documentos para serem entregues, ele pode dá-los à esposa sem correr o menor risco de contato com solteiras do sexo oposto.

A medicina, a única carreira onde não existe segregação, é permanentemente atacada pelos fundamentalistas, que se opõem a que mulheres médicas tratem pacientes homens. Até agora, a campanha deles não teve sucesso porque o governo pôde mostrar que não há médicos homens suficientes para responder à demanda.

Tinham surgido vagas para um emprego no Ministério da Saúde para as quais Adela era qualificada, mas Mohamed fora contra porque o trabalho envolvia algum contato com homens. "Ela ia ter que manter o lenço na cabeça o tempo todo, nunca rir, nunca sorrir — se ela sorrir para um homem ele vai pensar: 'Ah, ela me ama'", explicou Mohamed. Sentado no sofá, pulando de canal em canal da TV, ele se deteve um minuto num canal saudita onde uma apresentadora, com o cabelo cuidadosamente oculto sob o véu, lia as notícias. "Isto é novo", disse. A televisão já tivera apresentadoras, mas raramente uma saudita. E se Adela quisesse ser apresentadora, perguntei. "Ela nunca iria querer ser vista assim em público, e eu também não permitiria", disse Mohamed firmemente. Logo Adela iria começar a trabalhar no único emprego que estava disponível e que tanto ela quanto Mohamed achavam adequado: ensino de religião numa escola feminina. As qualificações dela eram muito superiores ao que o emprego exigia, "mas é agradável e é melhor que passar o dia dormindo", explicou. Sem emprego, Adela não tinha como preencher seu tempo livre com

outra coisa que não fosse TV, vídeo e tomar chá com as amigas. Não havia teatros nem cinemas na Arábia Saudita, e ela não podia ir sozinha às compras sem se arriscar a despertar as atenções e ser incomodada.

No fim da tarde, Mohamed sugeriu um passeio pela costa de Jedá. Antes de sair, Adela apertou um lenço em volta do cabelo, tapou o rosto com um pedaço de pano, como um bandido num filme de banguê-banguê, deixando à vista apenas os olhos, e depois colocou uma *abaya* sobre tudo, cobrindo seu vestido florido. Nós duas sentamos no banco de trás do carro com as crianças, e Mohamed e o tio foram no banco da frente. Em toda a margem do Mar Vermelho, grupos de homens vestidos de branco sentavam-se um pouco à parte das mulheres, com os mantos negros se agitando na brisa quente, enquanto preparavam seus piqueniques. Estacionamos o carro e passeamos pela margem, no pavimento que ainda irradiava o calor do dia. Quando o sol mergulhou no mar, a cidade atrás de nós explodiu numa cacofonia de chamados à oração do anoitecer. Mohamed pegou na mala do carro as esteiras de oração. Ele e o tio se ajoelharam, levantaram as mãos para Deus e se inclinaram na direção da cidade de Meca. Adela não se juntou a eles, explicando que as mulheres sauditas normalmente não rezam em público. Enquanto esperava, ela abriu um pouco o véu para enxugar com um lenço o suor do rosto. Apesar de tudo, Adela parecia estar gostando deste modesto passeio. Era uma das poucas coisas que podia fazer junto com Mohamed. Poucos meses antes, eles ainda teriam podido levar as crianças a um parque de diversões, ou patinar num rinkê onde um denso plástico branco substituíra o gelo. Mas as pressões religiosas tinham feito com que os dois lugares agora só tivessem horários separados para visitas de homens e mulheres, que tornavam os passeios familiares impossíveis.

Alguns empresários sauditas estavam fartos dos efeitos da segregação em suas empresas. Hussein Abudawood, cujas fábricas produzem o alvejante Clorox na Arábia Saudita, quis fazer uma pesquisa de mercado, ao estilo ocidental, para saber como as donas-de-casa sauditas lavam as roupas. "Claro que não podia mandar pesquisadores masculinos para falar com mulheres. Mas também não podia mandar mulheres sauditas porque poderiam encontrar o homem da casa. E onde vou encontrar suficientes mulheres que falem árabe e não sejam sauditas?" Afinal, ele reuniu algumas entrevistadoras egípcias e libanesas, que tiveram um trabalho terrível para se explicar numa terra em que estrangeiros simplesmente não batem às portas. "A maioria dos lugares tem um guarda no portão com instruções de não deixar entrar ninguém que não tenha marcado hora antes",

disse. Hussein achou que todo o sistema estava crivado de contradições. "Se uma mulher saudita quer comprar calcinha e *soutien*, tem de ir a uma loja cheia de vendedores da Índia. Mas se for uma empresária que precisa preencher um documento num Ministério, não vai poder entrar lá — terá de mandar um homem." Hussein fizera parte de um grupo de empresários que recebeu a tarefa de comentar o esboço de um plano econômico do Ministério do Desenvolvimento. Ele levantara uma questão sobre uma passagem do documento que dizia que o governo promoverá o trabalho das mulheres de acordo com as regras islâmicas. "Levantei e disse: 'Eis uma única linha que fala sobre as mulheres, num plano de desenvolvimento de 36 páginas, e vocês ainda escreveram 'de acordo com as regras islâmicas'. E no resto das 36 páginas? Quer dizer que o resto *não está* de acordo com as regras islâmicas? Ou vocês apenas querem contentar os extremistas?'"

Era quase impossível satisfazer os extremistas. Mesmo locais de trabalho segregados corriam risco. A Companhia de Cabos Saudita, a maior indústria do reino, sugerira a construção de uma fábrica onde todos os postos de trabalho, da linha de produção à gerência, seriam preenchidos por mulheres. Num país com uma aguda falta de mão-de-obra, pensei que um plano como esse seria bem recebido. Mas quando fui entrevistar o funcionário encarregado, ele me pediu que não escrevesse nada. "Já despertamos demasiada atenção", disse. A preocupação dele era que todo o projeto fosse posto a pique se os fundamentalistas comessem uma campanha contra ele por aliciar as mulheres para fora dos lares. Mas me apresentou sua mulher, Basilah, que dirigia a magnífica escola feminina Dar al Fikr.

Depois de me mostrar a escola, Basilah me convidou para um chá em sua casa. O sobrado de pedra, com sua piscina iluminada, tapetes persas e mobília elegante, tornou claro que seu emprego não era motivado por "necessidade financeira", como dizia o editor religioso da *Gazeta Saudita*. "Quando me casei, eu não trabalhava", lembrou Basilah. "Passava a maior parte do dia na cama, e quando Fawaz voltava para casa cansado do dia de trabalho, estava tão entediada que insistia para que ele me levasse ao *shopping*. Depois de algum tempo, decidimos os dois que a situação era maluca, que eu devia fazer alguma coisa na vida que me permitisse dar alguma contribuição."

Basilah convidara para o chá uma amiga que ajudava a mãe a dirigir uma importante empresa de construção. Quando o pai morrera, ela e a mãe tinham esperado que seus parentes homens tocassem o negócio e sustentassem a ela e aos filhos. Mas eles eram preguiçosos e incompetentes, e parecia que tudo o que o pai tinha trabalhado para construir seria logo destruído. "Até que a minha mãe

tomou conta do negócio", explicou a mulher. "Ela foi ao Ministério da Construção com os papéis que precisava para ter a aprovação oficial. Nunca uma mulher tinha estado lá antes. Os funcionários pediram que saísse. Ela recusou-se. Sentou-se aqui, sentou-se ali, até que eles foram forçados a chegar a um acordo com ela. Logo se provou que ela era uma ótima gerente, que salvou o negócio."

Enquanto as empregadas entravam e saíam com xícaras de chá e uma deslumbrante sucessão de bolos e doces franceses, conversamos sobre o que meu marido achava de todas as viagens que eu tinha de fazer na minha profissão. Disse a Basilah que nenhum de nós gostava de ficar longe do outro tantas vezes, mas que ele, como também é jornalista, compreendia as exigências da profissão. Depois, um pouco orgulhosa, contei-lhe como ele tivera de fazer mudanças em sua própria carreira para se acomodar à minha. "Quando o meu jornal me ofereceu o lugar de correspondente no Oriente Médio", disse, "ele saiu de seu próprio emprego para que eu pudesse aceitar." Esperara que Basilah se surpreendesse; Tony e eu estávamos habituados a que as pessoas no Oriente Médio achassem que fora o emprego dele que nos levara lá. Mas o olhar de Basilah estava além da surpresa. Ela me olhou totalmente consternada, como se eu tivesse admitido que o meu marido cometera assassinato em massa. Ela concentrou-se na xícara de chá, limpou a garganta e mudou de assunto.

Era difícil obter informações sobre mulheres que trabalhassem em empregos fora da relativamente segura esfera da educação feminina, bancos femininos e medicina. Pedi ajuda ao Ministério da Informação sem obter resposta. Por isso, tentei outros contatos. "Nem pense em tocar nesse assunto, a menos que você esteja pensando em escrever alguma coisa 100% positiva", advertiu um empresário libanês em Jedá. Quando disse que isso era pouco provável, recusou-se a me apresentar outras pessoas. Ouvira falar em mulheres em Jedá e Riad que dirigiam negócios tão diversos quanto estúdios de fotografia, confecções e escolas de informática. Pensei que a Câmara do Comércio poderia me dar uma orientação. "Sem problema", disse um funcionário solícito. "Vou marcar algumas entrevistas para você."

No dia seguinte, pediu-me que estivesse no escritório da administração do aeroporto de Jedá às duas horas da tarde. Pensei que encontrara uma mulher executiva para falar comigo lá. Mas, quando cheguei, descobri que ele marcara para mim uma sonolenta "apresentação oficial" que não tinha nada a ver com mulheres. Fiquei lá três horas, assistindo a vídeos, atravessando salas de computadores e vendo passar um dilúvio de estatísticas — 625% de aumento no tráfego de passageiros entre 1975 e 1988, 870% de aumento no tráfego de cargas, um terminal do tamanho de 80 campos de futebol só para os peregrinos

que viessem fazer o *Hajj*, com um telhado revestido de fibra de teflon para proteger do calor. Não houve forma delicada de abreviar a apresentação. Os países em desenvolvimento sempre se queixam que os jornalistas não escrevem sobre seus empreendimentos; que apenas focamos suas coloridas tradições tribais e não ligamos para seus progressos tecnológicos. Ainda assim, fiquei irritada com a Câmara de Comércio por desperdiçar o meu tempo e o dos funcionários do aeroporto.

Enquanto decorria a apresentação, havia uma parte do moderno aeroporto que tinha importância para o meu trabalho sobre o estatuto da mulher na Arábia Saudita. Mas não entrava no programa. Não a vi até sair do país, duas semanas depois. Enquanto esperava na sala de embarque, precisei ir ao banheiro das mulheres. Atravessei uma porta de cromo e vidro e empurrei a porta de madeira marcada com um desenho estilizado de cabeça com véu.

Lá dentro, tive ânsia de vômito. O chão estava coberto de excrementos. Os vasos transbordavam de imundícies. O lugar parecia não ser limpo há semanas. Ninguém tinha notado, porque ninguém que realmente tinha importância alguma vez estivera lá.

A Arábia Saudita é o extremo. Por que insistir nos extremos, quando seria muito mais fácil escrever sobre um país muçulmano como a Turquia, dirigido por uma mulher, onde um em cada seis juízes é mulher, e uma em cada 30 empresas privadas é gerida por mulheres?

Acho importante olhar com detalhes a sombria realidade da Arábia Saudita porque este é o tipo de mundo estéril, segregado, que o Hamas em Israel, a maioria das facções de *mujahedin* no Afeganistão, muito radicais no Egito e a Frente Islâmica de Salvação na Argélia querem que seus países e todo o mundo islâmico adotem. Nenhum destes grupos diz: "Vamos copiar a Turquia e separar a Igreja do Estado". Em vez disso, o que eles querem é o estilo saudita, repressão teocrática sobre as mulheres, envolta em insípidos clichês sobre o lugar das mulheres ser o paraíso do lar.

Na ampla maioria dos países muçulmanos, as barreiras que impediam as mulheres de trabalhar foram de tal forma derrubadas nos últimos 50 anos, que parece impossível levantá-las de novo, mesmo que governos fundamentalistas linhas-duras alguma vez voltem ao poder. Mas sob a superfície há muitas vezes ambivalências em relação ao trabalho das mulheres que torna vulnerável sua posição.

No Egito, as mulheres participam da força de trabalho em todos os lados: nos campos, como sempre estiveram, semeando e plantando; e sentadas nas calçadas das cidades, vendendo sua produção. Mas também ocupam posições que seriam impensáveis na primeira metade do século, quando só os mais pobres e miseráveis sujeitavam as mulheres à "indignidade" de trabalhar fora de casa. As mulheres egípcias são médicas, diretoras de cinema, políticas, economistas, professoras universitárias, engenheiras. Na sua maioria são servidoras públicas, dentes da inchada burocracia do país. Atualmente, é quase impensável que uma mulher egípcia não vá trabalhar, pelo menos até se casar. Muitas vezes ela conhece o futuro marido entre seus colegas de trabalho.

Foi o presidente Nasser que abriu o caminho para a entrada das mulheres no governo, prometendo emprego a qualquer egípcio que tivesse formação universitária. Hoje, muitas mulheres de classe média com formação vão trabalhar como *muwazzaf*, num emprego público, batendo à máquina, arquivando ou manipulando de qualquer outra forma documentos seis dias por semana, das oito horas da manhã às duas da tarde. O tamanho da burocracia significa que a maioria dos trabalhadores estão subempregados e passam, homens e mulheres, o dia de trabalho fazendo fofoca e tomando intermináveis xícaras de chá açucarado. Apesar do salário ser miserável — menos de US\$ 40 por mês -, o dinheiro dá às mulheres pelo menos um pequeno grau de autonomia nos gastos, e o prestígio que vem de contribuir para o orçamento familiar.

A maioria das jovens mulheres solteiras que conheci gozava da liberdade de ter um salário e o desafio de compensar um emprego desnecessário. Mas muitas de minhas amigas casadas viam as coisas de outra forma. Muitas vezes, o próprio trabalho era uma pausa, intercalada com grande dificuldade entre horas de trabalho doméstico pesado.

Uma tarde que passei com uma mulher recentemente casada decorreu assim: depois de passar uma hora e meia num ônibus tão cheio que três ou quatro passageiros ficavam pendurados à porta com apenas um pé no degrau, ela abriu o caminho com os cotovelos para sair numa parada que ficava distante quase um quilômetro de casa, e ainda ficou cerca de 20 minutos na fila de uma loja de alimentos do governo, para conseguir comida mais barata. Carregou a bolsa de compras para casa, para uma cozinha sem água quente e sem geladeira, e logo fez chá para o marido, que chegou em casa e se jogou no sofá para conversar com o pai e o sobrinho. Em seguida, ela subiu as escadas para ir ao pombal que ficava no telhado do edifício de apartamentos, alimentou os pássaros com os restos do pão da véspera, escolheu os dois mais gordos e imediatamente torceu seus pescoços.

Depenou e extripou as aves, e cozinhou-as, cozinhou também milho e talharim para o recheio, serviu a refeição aos homens, que pareceram um pouco mal-humorados por terem de esperar tanto para jantar; fez e serviu mais chá, limpou pratos e travessas dos restos de comida, varreu a onipresente poeira do Cairo do chão e dos móveis, esfregou à mão as roupas de toda a família e deixou-as num balde para pendurá-las no telhado antes de sair para o trabalho de manhã; pôs lentilhas de molho para a refeição do dia seguinte, e finalmente descansou com algum suor na testa, cerca das nove horas da noite, apenas para se levantar 10 minutos depois e fazer nova rodada de chá para alguns vizinhos que chegaram. Havia apenas duas coisas pouco comuns na situação dessa mulher: não havia outras mulheres em casa — uma cunhada ou uma sogra — para ajudá-la no serviço doméstico, e ainda não tinha filhos para ampliar suas tarefas.

Apesar de as mulheres atualmente compartilharem os encargos econômicos de suas famílias, muito poucos homens egípcios aceitam partilhar o trabalho doméstico. Para as mulheres habituadas à rotina de ir para casa depois do trabalho para poderem ter o jantar pronto para toda a família, a mensagem dos fundamentalistas que dizem que o lugar das mulheres é em casa tem muitas vezes audiência.

Os maridos também ouvem essa mensagem. Como quase sempre foram criados por mulheres que não trabalhavam fora, estão habituados a ter sempre as camisas passadas, a casa limpa, a comida preparada e sempre pronta. Agora, uma jovem pode conhecer o noivo no trabalho. Antes do casamento, ele tem a chance de admirar sua beleza, trocar brincadeiras e fofocas com ela. Mas uma vez que ela passe a ser sua mulher, ele se ressentido do fato de outros homens no trabalho terem o prazer da companhia dela. Se ela ainda não usar véu, podem começar a pressioná-la para usar o *hijab*.

Quando a vida doméstica com uma mulher que trabalha se revela menos fácil que aquela que ele tinha na juventude, nem pensa em dar uma ajuda nas tarefas domésticas, porque nunca viu outros homens fazerem esse tipo de trabalho. Em vez disso, acusa o governo pela economia em ruínas que torna o salário da mulher uma necessidade. E quando ouve um imã ou *sheik* pregando sobre o lugar das mulheres, e prometendo tempos melhores sob o regime islâmico, ele olha a pilha de roupa suja, o chão empoeirado e o jantar simples que a mulher exausta preparou, e se pergunta se não valeria a pena apoiar essa causa.

Para ver o que acontecerá se ele der o próximo passo e se juntar aos revolucionários, é preciso olhar para o Irã.

Mesmo quando uma revolução é vitoriosa, nem sempre cumpre tudo o que seus extremistas imaginaram. Uma coisa é se aferrar tenazmente a tradições que existem há séculos, como faz a Arábia Saudita. Outra coisa bem diferente é impor de novo essas tradições depois que já houve mudanças na cultura.

Desde 1920, a família Pahlevi, do Irã, vinha tentando ocidentalizar sua nação, por vezes à força, abandonando os milhares de anos em que vigorava a tradicional separação entre homens e mulheres. Quando os revolucionários iranianos derrubaram o xá em 1979, havia cabeleireiros do sexo masculino para mulheres, costureiros homens criando roupas femininas, professores que ensinavam em classes femininas.

Os extremistas quiseram pôr fim a tudo isso, dizendo aos ginecologistas que procurassem outra área da medicina, tentando instalar cortinas para dividir as salas de conferência das universidades em seções masculinas e femininas, e proibindo os cabeleireiros de tocar nas cabeças das mulheres.

Com a exceção dos cabeleireiros, muito pouco funcionou. Os extremistas não tinham compreendido que, no que se referia à segregação sexual, Khomeini não concordava inteiramente com eles. Khomeini, que sempre seguia as coisas à letra, lera o que está escrito no Alcorão e nos *hadith* e não os extrapolou. Quando leu que as mulheres do profeta deviam ficar em casa, ele considerou que isso se referia às mulheres do profeta, e apenas a elas. Outras mulheres muçulmanas tinham tarefas fora de casa, e ele encorajou-as a fazê-las. Desde o início, Khomeini chamou as mulheres a saírem às ruas para se manifestarem e elogiou seu papel como revolucionárias, lutando nas ruas ao lado dos homens.

Para ele, as regras eram claras: homens e mulheres sem parentesco não podem ficar juntos sozinhos; não podem se tocar, exceto por razões médicas; e as mulheres precisam usar o *hijab*. Evidentemente, como os cabeleireiros tocavam nas suas clientes e as viam sem o *hijab*, não poderia haver mais nenhum homem trabalhando em salões de cabeleireiro para mulheres. O mesmo valia para professores de ginástica, e jornalistas que fossem cobrir atividades femininas em que o *hijab* não fosse usado.

Mas isso não queria dizer que essas atividades fossem proibidas. O que aconteceu, em vez disso, foi que floresceram subitamente inúmeras oportunidades de emprego para mulheres. A regra que proibia homens e mulheres de estarem sozinhos criou uma demanda para instrutores de condução. Na mídia, a necessidade de que mulheres cobrissem certos esportes femininos e

outros eventos segregados abriu postos de trabalho para produtoras, diretoras, jornalistas e sonoplastas.

Já que o *hadith* deixava claro que o profeta aprovara que as mulheres cuidassem das feridas de guerra dos homens, não podia haver segregação na medicina. Mas como a nova atmosfera islâmica fazia que muitas mulheres preferissem ser examinadas por médicas, houve um aumento da demanda por vagas femininas nas escolas de medicina. As enfermeiras-parteiras tiveram seu *status* elevado. Apesar de as escolas terem sido rapidamente segregadas para proteger as jovens impressionáveis, a idéia de pôr cortinas nas salas de aula das universidades foi abandonada na maioria dos lugares. Como as universidades tinham de ser completamente islâmicas, e a admissão exigia uma apresentação do futuro estudante pela mesquita local, não havia necessidade de separar fisicamente esses jovens devotos, que automaticamente se separavam. Nas aulas, os homens sentavam num lado da sala e as mulheres no outro. Só o lugar da tribuna do professor criava problemas. Em algumas salas, situava-se no lado dos homens, seguindo a premissa obsoleta de que os professores eram todos homens. Isso fez com que cada vez mais professoras tivessem de ficar de pé do lado das mulheres, sem terem lugar para apoiar suas anotações.

Na universidade de Awaz, uma cidade do sul do país, conheci uma jovem estudante que se beneficiara das mudanças pós-revolucionárias. Ela estudava medicina, vivendo num dormitório longe de sua extremamente religiosa família rural. Seus parentes, dizia, nunca teriam deixado que ela fosse para a universidade na época do xá, ou que vivesse fora de casa, ou que trabalhasse num hospital. Mas agora, eles viam as universidades e os hospitais como parte do sistema islâmico, e, por isso, lugares seguros para sua filha. Longe de casa, ela tinha a liberdade de conhecer homens, muito embora em circunstâncias controladas, e encontrara recentemente aquele com quem queria casar. Os pais, para seu espanto, tinham aceitado a escolha, e ela foi a primeira mulher da família a casar-se por amor.

No governo teocrático iraniano, as mulheres chegaram aos cargos de vice-ministros, e em cada eleição Rafsanjani pediu aos eleitores que colocassem mais mulheres no Parlamento. No ramo dos negócios, conheci uma mulher que geria uma fábrica de válvulas e outra que dirigia uma empresa de caminhões. Nasi Ravandoost, a gerente da fábrica, disse que não tinha problemas para desenvolver suas atividades dentro do Irã. "Os meus problemas aparecem todos no exterior", explicou. Viajar para comprar peças era muitas vezes complicado devido aos embargos e obstáculos para obter visto. A mulher que dirigia a empresa de transportes disse que o sucesso era uma questão de bom senso e tato,

como em qualquer outro negócio. "Evidentemente, não vou assim vestida ao Ministério dos Transportes", explicou, apontando o vestido florido de seda que pusera para uma festa noturna no norte de Teerã.

Atualmente, as mulheres consolidaram de tal forma seu lugar na sociedade pós-revolucionária que algumas começaram a criticá-la abertamente. Alguns dos mais ásperos cartuns políticos da revista humorística *Golagha* são desenhados por mulheres. Mas, mais revelador ainda, na edição de outono do *Jornal Iraniano dos Assuntos Internacionais*, a principal publicação de relações exteriores do Irã, uma professora assistente de antropologia chamada Fatemeh Givechian escreveu um artigo criticando os resquícios de atraso na política de segregação sexual.

"Não há dúvidas", escreveu, que a política levava a "um maior conhecimento do nosso próprio gênero, mas não necessariamente a um aumento do conhecimento do gênero oposto. A segregação sexual não é natural... Vai emergir uma sociedade dual de homens e mulheres estranhos uns aos outros e inconscientes das ansiedades uns dos outros."

10. POLÍTICA, COM E SEM ELEIÇÃO

"Dize, Ó Deus, Soberano do poder!
Tu concedes a soberania a quem Te apraz
e a retiras de quem desejas."

Alcorão

Surata da Família de Imran

Um ano depois da Guerra do Golfo, nas montanhas e vales do Curdistão iraquiano, as filas de mulheres pareciam se estender até o infinito. Os raios de sol da primavera cintilavam nos vestidos pretos e dourados. Elas vestiam suas melhores roupas, porque o dia era de comemoração. Pela primeira vez em suas vidas, as mulheres do Curdistão iam eleger seus representantes.

Um ano antes, durante o levante curdo que se seguiu ao fim da guerra, eu vira uma pilha enlameada de vestidos rasgados e abandonados na porta de uma cabana pré-fabricada no terreno de uma penitenciária iraquiana. No interior, um colchão manchado.

As mulheres curdas tinham sido levadas para esse lugar, despidas e estupradas. Para algumas, o estupro fazia parte do regime de tortura em que viviam como prisioneiras políticas. Outras foram estupradas como forma de tortura de seus pais, irmãos ou maridos, também aprisionados.

A idéia era quebrar o ânimo dos homens, destruindo sua honra através da violação de suas esposas. Este procedimento era tão rotineiro que os burocratas da prisão tinham feito uma ficha para um de seus funcionários, um Sr. Aziz Saleh Ahmad. Nítida e metodicamente, no canto inferior esquerdo, fora inscrita sua profissão, *Combatente do Exército Popular*, e sua "atividade", *Violação da Honra das Mulheres*. Aziz Saleh Ahmad fora, em outras palavras, contratado para ser estuprador na prisão. Saddam Hussein chamara sua campanha contra os curdos de Anfal, retirado de um capítulo do Alcorão que fala dos despojos da Guerra Santa. Era difícil imaginar uma apropriação mais perversa da religião.

Para a maior parte das vidas das mulheres curdas, este fora o significado da política: uma atividade perigosa e possivelmente mortal, que conduzia a lugares com colchões manchados, ou celas escavadas na terra, sem ar e cobertas de

excrementos. Para mim, parecia um milagre que esse significado tivesse mudado em apenas um ano, para algo tão diferente quanto filas de mulheres sorridentes se preparando para votar. Ainda mais surpreendente era ver nomes de mulheres nas cédulas de votação.

Para as mulheres, na maioria das sociedades muçulmanas, o caminho para o poder político está cheio de obstáculos. Em países como o Kuwait, em que as mulheres ainda têm de conquistar o direito de voto, nem se pensa que elas possam ocupar postos de governo. E mesmo onde o sistema é supostamente aberto às mulheres, reivindicar um posto significa muitas vezes se sujeitar a desaforos e ameaças de violência física. Na eleição da Jordânia, de 1993, uma candidata teve de lutar até pelo direito de falar num comício, porque os muçulmanos extremistas se opunham a que o som da voz feminina fosse ouvido numa reunião mista.

Em 1994, três países muçulmanos eram dirigidos por mulheres. Mas muitas vezes seu lugar na cúpula tem pouco efeito nas vidas das mulheres que estão em baixo. Ao mesmo tempo que Tansu Ciller se dedicava a reestruturar a economia da Turquia, jovens turcas encontradas confraternizando com homens em áreas rurais eram forçadas a se submeter a "testes de virgindade" nas delegacias de polícia locais. Ao mesmo tempo em que Begum Khaleda Zia, de Bangladesh, se tornava a primeira Chefe de Estado mulher a falar na Assembléia Geral da ONU em 1993, extremistas faziam ameaças de morte para tentar silenciar uma escritora que criticava certos aspectos do Islã. No seu primeiro governo, Benazir Bhutto, do Paquistão, deixou em vigor a legislação sobre estupro que punia a vítima como "fornicadora" e deixava livre o estuprador. No regresso ao poder, em 1993, ela parecia querer fazer um pouco melhor, prometendo criar delegacias de polícia para mulheres e nomear mulheres para o cargo de juíza.

Parte das dificuldades das líderes dos países muçulmanos é que sua própria posição é frequentemente muito frágil e há sempre uma ameaça de retrocesso. Na Turquia, os sinais de ressentimento em relação ao sexo de Ciller emergiram numa conferência, em agosto de 1993, com a presença do Primeiro-Ministro Mesyut Yilmaz, quando os delegados começaram a gritar: "*Mesyut koltuga, Tansu mutfaga* [Mesyut de volta ao poder e Tansu de volta à cozinha]".

As mulheres muçulmanas que fazem política tendem a ser um grupo especial. No dia das eleições do Curdistão, em maio de 1992, uma candidata, Hero Ahmed, não usou um vestido cintilante. Vestiu as mesmas calças largas cor

de terra, a mesma blusa e cinto que usava desde 1979, quando foi para as montanhas participar da guerrilha curda Pesh Merga, que significa Nós Que Enfrentamos a Morte. Durante os 12 anos que passou nas montanhas, a psicóloga Hero aprendeu a usar fuzis de assalto e armas antiaéreas. Mas, mais importante que isso, ela fez um filme. Sua cena mais famosa mostra nuvens de gás subindo da cidade de Yak Sammer em 1988 — trata-se de um dos poucos filmes conhecidos que registraram um ataque com gás venenoso perpetrado pelos iraquianos.

No dia das eleições, as mulheres acorreram às urnas para votar nela. Algumas, analfabetas, nunca tinham empunhado uma caneta antes. No final da apuração, sete mulheres, incluindo Hero, haviam sido eleitas entre os 105 deputados do Parlamento.

O que aconteceu depois seguiu um padrão que se repetiu em quase todos os Estados islâmicos onde as mulheres ganharam voz na vida política. Elas quase sempre tentam reformar as leis que estabelecem a desigualdade entre os sexos no casamento, divórcio, custódia dos filhos e propriedade. No Curdistão, as parlamentares começaram uma campanha para reformar as leis, baseadas na *sharia*, que as privavam de direitos iguais aos dos homens. Elas pediam: tornar a poligamia ilegal, exceto no caso de doença mental da mulher, e a mudança das leis de herança, de forma a que as filhas recebam uma parcela igual dos bens dos pais, em vez da metade do valor reservado aos filhos.

Hero pensava que o Parlamento aprovaria a lei contra a poligamia. No Alcorão, a poligamia é apresentada como uma opção para os homens, não uma exigência. Na sociedade árabe do século VII, não havia restrição ao número de esposas que um homem podia ter. O Alcorão, ao estipular o máximo de quatro, criou limites. Uma leitura atenta do texto sugere que a monogamia é preferível. "E se temeres não poder fazer justiça [a tantas] então casa com uma [apenas]", diz o Alcorão, que mais adiante determina: "Nunca conseguirás ser justo entre as mulheres, mesmo que esse seja teu ardente desejo."

A questão da poligamia é análoga à da escravidão, que foi gradualmente banida nos países islâmicos. A Arábia Saudita foi dos últimos países a aprovar legislação contra ela, em 1962, quando o governo comprou a liberdade de todos os escravos do reinado por três vezes o valor de sua cotação. Tal como a poligamia, o texto do Alcorão permite, mas desencoraja a escravidão. A *sunnah* de Maomé incluía a libertação de muitos de seus escravos capturados na guerra. Como a libertação de escravos é exaltada como um ato de bom muçulmano, a maioria dos muçulmanos aceita hoje que as condições do século VII mudaram o

suficiente para que se possa hoje legislar contra a escravatura, uma prática que o profeta provavelmente teria banido, se o seu tempo o permitisse. A poligamia já está em declínio em todo o mundo islâmico, e muitos eruditos muçulmanos não vêem qualquer obstáculo religioso para banir legalmente essa prática. No Parlamento Curdo, as dificuldades viriam com os pedidos de mudanças em questões que não aparecem no Alcorão como opcionais, como a partilha da herança, de forma a dar aos filhos o dobro da parte das filhas.

O Alcorão estabelece a fórmula para a herança como uma instrução que todos os crentes devem seguir. Na Arábia do século VII, a fórmula do Alcorão era um gigantesco passo à frente para as mulheres, que até então eram normalmente consideradas bens a serem herdados e não herdeiras ou proprietárias de pleno direito. A maioria das mulheres européias teve de esperar mais 12 séculos para conquistar os direitos que o Alcorão garantiu às mulheres muçulmanas. Na Inglaterra, só em 1870 os Married Women's Property Acts finalmente aboliram a regra que punha todos os bens da mulher que se casava sob controle do marido.

Hoje, as autoridades muçulmanas defendem a divisão desigual da herança mostrando que o Alcorão exige dos homens que sustentem suas mulheres e filhos, considerando que as mulheres podem manter seus bens inteiramente para seu próprio uso. Na prática, claro, raramente as coisas funcionam dessa forma. Hera dirigia a organização Salvem as Crianças, cujas pesquisas provaram reiteradamente que o dinheiro que vem das mãos das mulheres beneficia muito mais as famílias que aquele que vem dos homens.

Fui visitar Hero em janeiro de 1993, quando o Parlamento se preparava para debater as propostas sobre as mulheres. O escritório dela era uma pequena sala numa enorme casa que antes pertencera a um dos principais oficiais de Saddam Hussein. Hero tirara toda a mobília da sala e tentara recriar o estilo das tradicionais habitações curdas das montanhas. Kilins curdos e almofadas cobriam o chão. Plantas trepadeiras cresciam pelas paredes até o telhado. Perto do teto, um esquilo pulava para dentro e para fora de uma bolsa de tricô que pendia de uma viga.

Para Hero, a luta por mudar a legislação era apenas um começo. "Não acredito que alguns hábitos e formas de pensar possam mudar apenas através da criação de um conjunto de regras", disse "É preciso tempo, publicidade, educação; primeiro, para as pessoas as entenderem, e depois para que comecem gradualmente a aceitá-las."

A essa altura, membros de um comitê formado de mulheres parlamentares

estavam viajando pelo Curdistão, tentando obter apoio para as reformas. Visitaram mulheres em cidades e aldeias remotas, levando uma petição a favor das reformas. Em agosto de 1992, a petição já fora subscrita por 3.000 pessoas. Um ano depois, 30 mil já tinham assinado.

Em princípio, apenas é necessário o apoio de 10 parlamentares para que uma proposta de mudança de lei seja colocada em votação pelos legisladores. Em setembro de 1993, 35 deputados tinham assinado as propostas. Mas, apesar disso, as reformas se enfraqueciam. Deputados tímidos diziam que era necessário esperar por aquilo que eles achavam ser o momento "certo" para apresentá-las.

Não ficava claro quando seria esse momento "certo". E, no verão de 1994, parecia que ele nunca iria chegar. A essa altura, o Parlamento curdo entrara em colapso, devido às lutas virulentas entre os dois principais partidos curdos. Parecia pouco provável que qualquer mudança significativa viesse dali.

Mesmo que viesse, a reforma legislativa baseada na lei da *sharia* raras vezes obteve um sucesso duradouro. Em 1956, a Tunísia substituiu sua lei do Alcorão por um código unificado para os muçulmanos, cristãos e judeus, que banuiu a poligamia e o direito de os homens repudiarem as esposas, e estabeleceu que as mulheres tinham direito a salários iguais e a direitos iguais no divórcio. Mas a lei estava tão à frente das tradições que nunca conseguiu criar transformações profundas. Caminhar nas ruas de Túnis hoje é se sentir transportado a um planeta onde as mulheres quase não existem. Além de algumas poucas turistas, não se vêem mulheres nos lugares públicos. No Irã, as leis do xá que baniram a poligamia e o casamento de crianças foram derrubadas pela revolução. No Egito, país onde nasceu o moderno movimento feminista árabe, as reformas legais tiveram uma história contraditória. Em 1919, mulheres de véu desfilaram nas ruas do Cairo para protestar contra a dominação colonial britânica. Em 1956, com o fim do domínio britânico, o presidente egípcio Gamal Abdel Nasser garantiu às mulheres o direito de voto. Mas até 1979, as leis do estatuto pessoal proibiam que as mulheres saíssem de casa sem a permissão dos maridos ou uma ordem da Justiça.

Em seu romance *Palace Walk*, o prêmio Nobel Naguib Mahtouz conta a comovente história de Amina, que sai uma única vez de casa em 25 anos de casamento para visitar uma mesquita próxima. Quando o marido descobre que ela o desafiou e saiu à rua, expulsa-a de casa: "Sua ordem abateu-se sobre a cabeça dela como um golpe fatal. Ficou estarecida e não soltou uma palavra. Não podia mover-se... ela alimentara muitos medos: que ele despejasse sua ira

sobre ela e a ensurdecesse com gritos e pragas. Nem descartara a violência física, mas a idéia de ser expulsa de casa nunca a incomodara. Ela vivera com ele 25 anos e não podia imaginar que algo os pudesse separar ou arrancá-la dessa casa da qual ela se tornara uma parte inseparável."

Talvez pior do que a ameaça de expulsão, porém, era a lei do Bait el Taa, ou Casa da Obediência. Esta lei dava poderes ao marido para forçar a esposa fugitiva a voltar para casa e fazer sexo com ele, não importa qual seja seu ódio ou aversão. Se fosse necessário, poderia chamar a polícia para arrastar a esposa de volta para casa. Outras leis permitiam que homens se divorciassem sem que as esposas sequer ficassem sabendo. Os maridos polígamos não precisavam legalmente informar as esposas quando casavam de novo. Algumas só descobriram depois da morte do marido, quando uma nova "família" apareceu para exigir uma parte da herança.

As mulheres egípcias foram gradualmente abrindo o caminho na política. Em 1962, Hakmet Abu Seid se tornou a primeira mulher no governo, como ministra de assuntos sociais. Mas só em 1978 sua sucessora, Aisha Rateb, apoiada pela esposa do presidente, Jehan Sadat, começou uma campanha para reformar as leis do estatuto pessoal. Eram reformas moderadas, que determinavam que os maridos informassem as esposas do divórcio, ou de sua intenção de casar outra vez. Se casasse com outra, a primeira mulher tinha o direito de se divorciar num prazo de 12 meses. As reformas também deram às mulheres divorciadas a custódia dos filhos pelo menos até os 10 anos, no caso dos meninos, e 12 anos se fossem meninas, extensível, por ordem judicial, até 15 anos ou até o casamento. Teria de haver uma pensão justa; o direito de a mulher com filhos manter a casa da família; e o direito de apelar a um tribunal contra a compulsão permitida pelo Bait el Taa.

Mas, apesar de sua moderação, as reformas imediatamente provocaram gritos de "Leis do Islã. não leis de Jehan". *Sheiks* radicais estigmatizaram Jehan Sadat e Aisha Rateb como atéias e inimigas da família. Explodiram tumultos em Al Azhar, a antiga universidade islâmica. "Uma, duas, três, quatro!", gritavam os estudantes. "Queremos uma, duas, três, quatro esposas!" De fato, as leis não tinham desafiado o direito à poligamia ou ao divórcio unilateral. E nem sequer tinham mencionado a extirpação do clitóris.

Em 1979, durante o recesso parlamentar, Anwar Sadat promulgou as leis por decreto presidencial. Ele também determinou novas cotas destinadas a aumentar o número de mulheres no governo. Mas os opositores continuaram a batalha na Justiça. Em 1985 conseguiram derrubar as "Leis de Jehan." A luta se

ampliou então, e os fundamentalistas procuraram derrubar o governo egípcio para substituí-lo pelo que consideravam um sistema islâmico puro. Um sistema que contradizia todas as formas de governo que existem atualmente, incluindo a democracia ocidental.

Em sua forma ideal, o Estado islâmico não é uma nação em nenhum sentido moderno da palavra. Não tem fronteiras. Seria uma união política e religiosa de todos os muçulmanos, seguindo o modelo da comunidade estabelecida por Maomé em Medina. Não haveria partidos políticos, apenas uma única *ummah* islâmica, ou comunidade. À cabeça estaria um *califa*, literalmente, sucessor, que seguiria os passos do profeta Maomé e das principais autoridades muçulmanas, políticas e religiosas.

O califa tem de ser um homem, porque parte de seus deveres é conduzir as orações da comunidade, e uma mulher não pode dirigir os homens na oração, já que o som de sua voz pode provocar pensamentos carnaais em vez de espirituais. O califa deve ser escolhido pelos membros importantes da comunidade e o ideal seria que fosse alguém que aceitasse o cargo relutantemente, em vez de se candidatar à escolha.

Sob o califa, o Legislativo e o Judiciário do governo são: o *majlis-as-shura*, que se parece às vezes a um parlamento, apesar de seu papel ser mais consultivo que legislativo; um conselho de especialistas que auxilia o califa; e os *qadis*, ou juízes que, de acordo com a maioria das fontes, também têm de ser homens, já que as mulheres são consideradas muito emocionais para presidir a um julgamento.

As leis do Estado islâmico teriam sua origem, em primeiro lugar, no Alcorão. Mas como apenas cerca de 600 de seus 6.000 versículos se referem a leis, e apenas 80 destas se ocupam diretamente de crimes, castigos, contratos e leis familiares, seria preciso consultar outras fontes. Os *hadiths* preenchem muitos vácuos. Uma terceira fonte de legislação, em assuntos não abordados nem pelo Alcorão nem pelos *hadiths*, são as práticas decididas por acordo unânime da comunidade islâmica, porque se acredita que Maomé disse que "minha comunidade não vai concordar com um erro".

Apesar de os muçulmanos poderem votar em seus representantes em um Estado islâmico ideal, o sistema não pode ser uma democracia, no sentido de tolerar ideologias diferentes, porque nenhuma ideologia terrena — mesmo se for apoiada pela vontade da maioria — pode alguma vez se sobrepor às leis divinas do Alcorão. O governo argelino anulou as eleições que poderiam levar ao poder um governo islâmico, em 1992, argumentando que os islâmicos, uma vez

democraticamente eleitos, desmantelariam as instituições democráticas argelinas. Membros do principal partido islâmico, a Frente Islâmica de Salvação, chegaram a dizer, brincando, que seu *slogan* era: "Um homem, um voto. Uma vez só".

A participação das mulheres num Estado islâmico ideal é motivo de debate. Apesar de não poderem ser califa ou *qadi*, a história da comunidade de Medina mostra mulheres participando de decisões importantes e de discussões políticas. Muitas vezes mulheres discutiram com Maomé, e com os califas que o sucederam, e por vezes suas opiniões se mostraram decisivas.

Mas na Universidade Islâmica de Gaza, as estudantes recebem uma visão decididamente nebulosa de seu provável papel num futuro Estado islâmico. "A política precisa de uma certa capacidade mental", explicou Ahmad Saati, o porta-voz da universidade. "Muito poucas mulheres têm este tipo de raciocínio." Achei sua resposta estranha, tendo em vista que a mais importante figura política palestina naquele momento era Hanan Ashrawi, a porta-voz dos palestinos nas conversações de paz em Washington. Hanan é uma cristã casada com um muçulmano.

"Pergunte ao marido de Ashrawi. Pergunte aos filhos dela", respondeu Ahmad Saati. "Se ela for uma boa esposa, uma boa mãe, uma boa irmã — se ela cumprir perfeitamente todas estas funções e tiver, além disso, capacidade de ir mais além, ótimo, ela será bem-vinda na política. Mas se o marido ou os filhos sofrerem com sua ausência ou com sua preocupação com a política, isso não será Islã." É amplamente sabido que o marido muçulmano de Hanan cuidou das duas filhas na sua ausência, não se importava de cozinhar e se orgulhava do trabalho de sua mulher. Ahmad Saati não compreendeu nem aprovou isso. "Como", perguntou desdenhoso, "poderei construir lares para os outros quando meu próprio lar está caindo?"

No Irã, que tentou moldar muitas de suas instituições políticas à imagem das da comunidade islâmica original, a participação política das mulheres foi encorajada desde as manifestações que iniciaram a revolução. Há mulheres no Parlamento, e algumas mulheres ascenderam a postos de vice-ministras.

Depois da revolução, o Irã chegou a apontar na direção da democracia, ao fazer um referendo que fazia a pergunta: República islâmica, sim ou não? Um "sim" esmagador abriu o caminho para que todos os partidos políticos fossem banidos e que fosse barrado o acesso a cargos públicos a quem quer que não

apoiasse os objetivos da revolução islâmica. No Irã, todos os cidadãos de mais de 16 anos têm direito de voto. Como votar é considerado um dever religioso, o comparecimento às urnas é alto. Mas a escolha dos candidatos é estritamente limitada aos que são aceitáveis pela teocracia.

Marziyeh Dabbagh, uma das quatro mulheres eleitas para o primeiro parlamento pós-revolucionário do Irã, é uma ativista política destinada a fazer sucesso no sistema iraniano. Curvada devido aos espancamentos sofridos, ela parece muito mais velha que seus 53 anos. Seus pulsos ostentam pulseiras de cicatrizes de queimaduras de cigarro sofridas nas prisões da polícia secreta do xá. Antes da revolução, Marziyeh usava a livraria do pai como fachada para fazer contrabando de armas e fabricação de bombas. Quando a polícia a capturou e tentou extrair informação com torturas, puseram eletrodos na sua vagina, causando uma infecção tão grave que, contou, "o chefe da Savak não entrava na minha cela por causa do cheiro". Num esforço final para lhe extrair uma confissão, a polícia torturou sua filha de 12 anos. Mas mesmo isso fracassou. "Quando ouvi minha filha gritando", disse, "recitei o Alcorão."

Marziyeh teria provavelmente morrido na prisão da Savak se uma parenta não tivesse aceitado tomar seu lugar enquanto ela escapava disfarçada com o xador da outra. Quando recuperou a saúde, Marziyeh voltou ao contrabando de armas e treinamento de comandos em bases no Líbano. Durante o exílio de Khomeini em Paris, ela se tornou a chefe de sua segurança pessoal. Contou-me que nunca perdoara a imprensa por lê-la feito perder o histórico vôo de Khomeini de volta ao Irã em 1979. Um dia antes, um repórter francês tentou um furo jornalístico, escalando uma parede traseira para entrar na casa do *ayatollah*. "Atraquei-me com ele e torci o tornozelo", lembrou. Quando voltou para casa, havia uma forte demanda por sua formação profissional. Durante seis meses, ela comandou um corpo da guarda revolucionária na sua cidade-natal de Hamdan. Os homens, disse, não viam problemas em aceitar as ordens de uma mulher: "Eu sabia atirar, e eles não sabiam."

Depois das eleições para o parlamento, ela fez parte da primeira delegação que se reuniu com Mikhail Gorbachev quando o Irã restabeleceu relações com a União Soviética. Quando Gorbachev lhe estendeu a mão num cumprimento, ela passou por um momento de alarme. As mulheres muçulmanas não podem tocar em homens com quem não tenham relação familiar, mas ela não queria insultar o líder soviético num momento diplomático tão sensível. Resolveu o problema estendendo a mão envolta no xador.

No parlamento, Marziyeh votava em geral com a linha-dura em assuntos de

política externa e reforma econômica. Mas sempre apoiou iniciativas favoráveis às mulheres, como facilitar o acesso às pensões, aumentar os benefícios para as mães solteiras e acabar com a discriminação na distribuição para bolsas de estudo no estrangeiro.

Parecia irônico que mulheres como Marziyeh pudessem ser eleitas no Irã de linha-dura, enquanto mulheres em países islâmicos muito mais moderados não tinham acesso a esses cargos. Na Jordânia, a mulher teve direito de voto em 1973. Infelizmente, como o parlamento fora suspenso em 1967, não tiveram chance de exercê-lo até que o rei Hussein finalmente convocasse eleições em 1989. Toujan Faisal, uma apresentadora de TV, de 41 anos, pensou que tinha uma boa chance de conquistar um lugar. Um ano antes, Toujan fora moderadora de um programa de entrevistas chamado "Questões Femininas", que abordava todas as semanas um tópico particular de especial interesse para as mulheres. Rapidamente se transformara no programa de televisão mais controverso da história da Jordânia. Um programa que denunciou o alto índice de espancamentos de mulheres, atraiu centenas de cartas de homens irados, que insistiam que bater nas esposas era um direito dado por Deus.

Para as feministas muçulmanas, há poucas questões mais sensíveis. "As mulheres de Deus são obedientes", diz o Alcorão. "Admoestai aquelas de quem temerdes revolta, e expulsai-as para camas separadas, e açoitai-as." As feministas muçulmanas argumentam que "açoitar" é apenas uma das possíveis traduções para a palavra usada no Alcorão, *dharaba*. Dizem que a palavra também pode ser traduzida como "batei com uma pluma". No contexto do Alcorão, que em outras partes diz que as mulheres devem ser gentilmente tratadas, seria ilógico aceitar que a palavra está sendo usada no seu sentido mais severo. A passagem, dizem, deve ser lida como uma série de passos: primeiro, a repreensão; se falhar, deixem de fazer sexo; como último recurso, batam nelas levemente. Nenhum muçulmano desejoso de copiar Maomé alguma vez chegaria ao terceiro passo. Apesar de o profeta ser conhecido por ter privado as mulheres de sexo, como castigo, não há provas de que alguma vez tenha levantado a mão contra elas. Um *hadith* registra que Maomé disse a seus seguidores: "Algumas de vossas esposas vieram a mim para se queixarem de que os maridos bateram nelas. Juro por Alá que esses não são os melhores entre vós." Toujan esmiuçou o *hadith* para sustentar sua campanha contra o fim da violência doméstica. Mas uma leitura literal do Alcorão sanciona claramente os espancamentos, e os homens que a atacaram logo a acusaram de heresia.

Quando o canal de TV cancelou o programa depois de quase um ano de ameaças, Toujan decidiu se candidatar nas eleições. Parte de sua plataforma era uma reforma da lei da família que desse mais direitos às mulheres. Os fundamentalistas reagiram à candidatura acusando Toujan de apostasia no tribunal religioso. Apesar de o Alcorão prescrever a morte para os apóstatas, a Jordânia não sanciona esse tipo de execuções. Ainda assim, se fosse condenada, Toujan enfrentaria a dissolução de seu casamento e a perda da custódia dos filhos. Insatisfeitos com isso, seus acusadores também pediram que não fossem castigados os muçulmanos que decidissem assassiná-la. Quando compareceu ao tribunal, Toujan teve de ser protegida pela polícia de hordas de fanáticos ululantes.

"Comecei a receber chamadas no meio da noite, homens e mulheres me ameaçando", contou Toujan. "Eles diziam que eu ia morrer." Toujan foi obrigada a fazer campanha rodeada de guarda-costas voluntários. O marido dela, um ginecologista, teve de fechar a clínica devido à intensa hostilidade. Na eleição, Toujan terminou em terceiro lugar entre seis candidatos. Sua vaga foi uma das duas onde foram encontradas provas de irregularidades, possivelmente de fraude. Nenhuma mulher conseguiu uma vaga no parlamento. Os islâmicos acabaram sendo a facção dominante, com 20 lugares conquistados pela Irmandade Islâmica e outros 12 para os muçulmanos linhas-duras.

O bloco islâmico começou imediatamente a fazer campanha por escolas segregadas, pela proibição do consumo de álcool e o fim de pagamentos de juros. Introduziram no parlamento debates sobre coisas tão triviais como proibir que os homens pudessem ser cabeleireiros de mulheres. Quando alguns foram nomeados ministros, os Ministérios que eles controlavam passaram a ser lugares difíceis para mulheres trabalhadoras. Algumas foram pressionadas a cobrirem os cabelos; outras, principalmente as casadas, foram pressionadas a se demitirem para abrir lugar para os homens desempregados.

Logo Toujan tinha uma fila regular de mulheres batendo à porta de seu pequeno apartamento. "A maioria veio dizer quanto lamentava de não ter levado mais a sério a eleição", lembrou Toujan. Os moderados jordanianos, os mais ricos e de maior formação, tinham tido uma atitude cínica em relação às eleições e não acreditaram que o rei da Jordânia tivesse realmente intenção de dar verdadeiro poder ao parlamento. Nos dias das eleições foram para a praia em Aqaba ou fazer compras em Damasco, sem se dar ao trabalho de votar. "Todos eles dizem que vão votar na próxima vez", dizia Toujan. "Espero que nessa altura já não seja tarde demais."

Quando os jordanianos voltaram às urnas, em novembro de 1993, mais de 60% do eleitorado votou, comparado com os 41% de comparecimento de 1989. Os votos a mais foram suficientes para derrubar quase metade dos fundamentalistas e eleger Toujan como a primeira deputada mulher.

Os resultados também foram consequência de um pequeno empurrão do rei Hussein, que decidiu fazer sutis mudanças nas regras de votação, para reduzir a vantagem dos fundamentalistas nas áreas urbanas, onde eram mais fortes. Num discurso proferido logo depois de suspender a proibição de se realizarem grandes comícios, Hussein advertiu os que "sobem nos púlpitos... a temerem Deus em suas palavras". A habilidade do rei consistiu em conter a influência dos fundamentalistas sem excluí-los do processo político, lançando-os na clandestinidade, como aconteceu na Argélia.

Mas mesmo sem as mudanças eleitorais, o apoio de Toujan tinha aumentado. Muitos jordanianos admiraram sua coragem durante uma campanha em que os extremistas mais uma vez declararam ser um dever religioso derramar seu sangue. Um candidato que competia com ela em Amã apresentou uma plataforma prometendo retirar das mulheres seus direitos constitucionais.

"Fiz a campanha apenas sendo eu mesma, e funcionou"; disse Toujan, exultante com a vitória. Outras candidatas não tiveram tão bons resultados. Nadia Bouchnaq, de 50 anos e um recorde de três décadas de serviço social, foi apedrejada depois de sair de debates em que os fundamentalistas exigiram que um homem respondesse às perguntas dirigidas a ela, afirmando que a voz de uma mulher é muito sedutora para ser ouvida num auditório misto. Nadia recebeu a derrota filosoficamente. "Virá um tempo em que as pessoas se habituarão a ter mulheres no parlamento", disse.

Esse era também o caminho de Toujan, e ela não queria percorrê-lo de mansinho. Seu primeiro objetivo como legisladora foi um projeto modesto, mas significativo, de reforma de uma das muitas leis que depreciavam as mulheres. Ela procurou mudar um velho regulamento que obrigava as mulheres a só viajarem para fora do país se tivessem a autorização dos maridos. Também quis mudar os passaportes das mulheres, que as registram como 'mulher de', 'viúva de', ou 'divorciada de' um marido ou ex-marido, em vez de terem a honra de seus próprios nomes.

Ainda é muito cedo para saber o que Toujan conseguirá no parlamento. Mas os extremistas sabem que ela já obteve uma conquista muito significativa apenas por ter chegado lá, no lugar de um dos que tentou destruí-la por todos os meios.

Em alguns países islâmicos, a própria idéia de mulheres que fazem política continua sendo um sonho distante. No Kuwait, foram as mulheres, durante os sete meses de ocupação do Iraque, que enfrentaram as balas iraquianas, fazendo passeatas pela volta do emir. As mulheres mantiveram vivo o pequeno movimento de resistência, contrabandeando armas e comida, escondendo estrangeiros e combatentes. Mas quando o emir voltou, mostrou sua gratidão recusando-se a conceder-lhes o direito de voto nas eleições parlamentares de 1992.

Antes da invasão, uma estudante de medicina chamada Areej al-Khateeb fazia seu trabalho político do telefone de seu Mercedes dourado. Os iraquianos roubaram o carro, com seus plásticos que diziam "Eu amo a democracia." Apesar de os pais socialistas de Areej não ligarem para as tradições kuwaitianas em relação às mulheres, Areej seguiu uma via cuidadosa, temperando suas opiniões feministas com um sentido aguçado de até onde ela podia chegar, mantendo uma ampla audiência entre suas colegas estudantes. Para respeitar as tradições kuwaitianas de separação dos sexos, ela organizou salas separadas para as mulheres nos encontros políticos, com um sistema de alto-falantes para que pudessem ouvir os debates.

No outro lado da fronteira, na Arábia Saudita, a própria noção de debate é um anátema. A Arábia Saudita não tem qualquer cultura política. "Não precisamos de democracia, temos nossa própria 'democracia do deserto'", explicou Nabila al-Bassam, uma saudita que dirigia sua própria loja de presentes e roupas em Dahrán. Ela se referia a uma antiga tradição do deserto conhecida como *majlis*, reuniões semanais organizadas pelos membros da família governante, onde qualquer dos súditos podia apresentar pedidos ou queixas. Na verdade, os *majlis* eram cenas feudais, com súditos respeitosos esperando humildemente por uma oportunidade de sussurrar por alguns segundos no ouvido de seu príncipe.

Nabila falou-me de um amigo que tinha pedido recentemente à esposa do rei Fahd permissão para importar legalmente os equipamentos de seu salão de cabeleireiro. Tecnicamente, salões de cabeleireiro eram proibidos na Arábia Saudita, onde o sistema religioso não via com bons olhos qualquer coisa que tirasse as mulheres de casa, Mas a realidade era a existência de prósperos salões, de propriedade de importantes sauditas, e com esteticistas filipinas ou sírias que faziam enorme sucesso. "Meu amigo está cansado de ter de fazer seu negócio em segredo", disse Nabila. Mas, até o momento, ela não recebera resposta à petição.

"As petições funcionam", disse Nabila. "Mas, nesta sociedade, você precisa fazer as coisas na base da amizade, como numa família. Você pode pedir as coisas, mas não pode simplesmente achar que as coisas são direitos seus." Uma pessoa que visse rejeitado seu pedido, não tinha outra escolha que não fosse aceitar a decisão dos al-Saud. Sem imprensa livre e qualquer meio de mobilizar a opinião pública, os al-Saud governavam como queriam.

Uma coisa que as mulheres sauditas se dispunham a criticar era a lei que as proibia de dirigir um automóvel. Durante a Guerra do Golfo, a visão de mulheres americanas dirigindo caminhões e blindados nas estradas sauditas fez renascer um antigo e escaldante debate. As americanas não tinham sido as únicas mulheres ao volante que a guerra trouxera. Muitas kuwaitianas, fugindo da invasão iraquiana, tinham chegado à Arábia Saudita sem véu e ao volante do Mercedes da família.

Em outubro de 1990, artigos de mulheres sauditas que queriam o direito de dirigir tinham começado a aparecer na muito censurada imprensa. Mulheres citadas nesses artigos disseram que tinham descoberto, alarmadas, que não teriam sido capazes de levar seus filhos em segurança, tal como haviam feito as mulheres kuwaitianas. Algumas fizeram um levantamento econômico, calculando que 20% dos rendimentos de uma família saudita eram gastos com motoristas, que tinham de ser alimentados e alojados, além de receberem um salário. A Arábia Saudita tinha 300 mil motoristas privados — um número desconcertante, mas ainda distante de poder fornecer um motorista a cada mulher saudita que precisasse de mobilidade. Mulheres sem seus próprios motoristas só podiam se deslocar de acordo com os caprichos de maridos ou filhos. Alguns defensores da permissão para que as mulheres tomassem o volante jogaram a cartada islâmica, mostrando como era indesejável que uma mulher fosse forçada a ter um homem estranho como parte de seu lar, e andar sozinha com ele.

Numa tarde de terça-feira do início de novembro, 47 mulheres se reuniram no estacionamento do supermercado Al Tamimi, no centro de Riad. Lá, dispensaram os motoristas. Cerca de um quarto delas tomou então o lugar do motorista, e as outras entraram como passageiras. Dirigiram os carros em fila pelas ruas de trânsito intenso. Algumas quadras adiante, os *mutaiwan* do Comitê para a Promoção da Virtude e a Prevenção do Vício pararam os carros num cruzamento, ordenando que as mulheres saíssem dos assentos do motorista. Logo chegou a polícia, e as mulheres pediram-lhes para garantirem que elas não fossem levadas para a sede dos *mutaiwan*. Houve uma rixa entre os *mutawain*, que gritavam que as mulheres tinham cometido um crime religioso, e a polícia

de trânsito, que dizia que o problema era de sua conta. No final, a polícia levou os carros das mulheres para a delegacia de polícia, com um *mutaiwan* no banco do passageiro e as mulheres atrás.

As mulheres que tinham participado da manifestação faziam, todas, parte do que os sauditas chamam de "boas famílias" — ricos e influentes clãs com ligações íntimas com a dinastia al-Saud. Todas as mulheres que pegaram efetivamente no volante eram profissionais experientes que tinham carteiras de motorista internacionais obtidas no estrangeiro. Muitas delas eram do corpo docente do ramo feminino da Universidade de Riad, como Fatin al-Zamil, professora de medicina. Outras eram mulheres de sucesso, como Aisha al-Mana, que tinha doutorado em sociologia na Universidade do Colorado e dirigia um consórcio de negócios de empresárias mulheres que abrangia de moda a centros de treinamento em computadores. Apesar de algumas dessas mulheres não cobrirem habitualmente os rostos, para a manifestação todas usavam véus que apenas deixavam os olhos à vista.

Antes da manifestação, as mulheres tinham mandado uma petição ao governador de Riad, príncipe Salman bin Abdul Aziz, que era tido como um membro progressista da família real. O texto pedia ao rei Fahd que abrisse seu "coração paternal" ao que elas chamavam de "pedido humanitário" de deixá-las dirigir. Argumentavam que as mulheres na era do profeta dirigiam camelos, o principal meio de transporte de seus tempos. A prova, escreveram na petição, estava no Islã, "tal é a grandeza do professor da Humanidade e o mestre dos homens em deixar lições que são claras como a luz do sol para dissipar a escuridão da ignorância".

Enquanto as mulheres estavam retidas na delegacia de polícia, o príncipe Salman convocou um grupo de importantes religiosos e especialistas em legislação para discutir o que elas tinham feito. Os especialistas em leis concluíram que não ocorrera qualquer violação civil, já que todas as mulheres tinham carteira de motorista internacional reconhecida pela lei saudita. Os representantes religiosos acharam que não havia problemas morais em questão, já que as mulheres usavam o véu e o Alcorão nada diz que pudesse ser interpretado como proibição de atos como o de dirigir. As mulheres foram liberadas.

Em Jedá e Dahrán, outras mulheres se reuniram para planejar manifestações paralelas, encorajadas pelo que interpretavam como um apoio tácito da família real. Mas então começou o contra-ataque.

A notícia da manifestação espalhou-se rapidamente, apesar da total ausência

de cobertura da mídia saudita. Quando as mulheres que tinham participado chegaram no dia seguinte a seu trabalho na universidade, esperavam ser cumprimentadas como heroínas pelas estudantes. Em vez disso, algumas encontraram a porta de sua sala coberta de inscrições, criticando-as por serem antiislâmicas. Outras tiveram as aulas boicotadas por um grande número de estudantes conservadoras. Logo choveram as denúncias vindas das mesquitas. As ruas foram inundadas de panfletos. Sob o título "Nomes das Promotoras do Vício e da Lascívia", aparecia uma lista das mulheres que tinham participado da manifestação, com os números de telefone e a designação de "secularista americana" ou "comunista" depois de cada nome. "Estas são as raízes da calamidade", guinchavam os panfletos. "Exterminem-nas! Exterminem-nas! Exterminem-nas! Purifiquem a Terra do Monoteísmo!" Como era de se esperar, os telefones das mulheres começaram a tocar com chamadas insultuosas. Se os maridos atendiam, diziam-lhes para se divorciarem de suas esposas prostituídas, ou repreendiam-nos por não conseguirem controlá-las.

A família real imediatamente cedeu às pressões extremistas. As conclusões do comitê do príncipe Salman logo foram esquecidas. Em vez delas, o governo suspendeu as mulheres de seus empregos e confiscou seus passaportes. A polícia de segurança também prendeu um influente homem saudita, acusado de ter informado uma equipe de filmagem britânica sobre o protesto. Ele foi submetido a um duro interrogatório, que incluiu espancamento, e jogado na prisão por várias semanas.

A família real poderia ter ficado ao lado das mulheres com argumentos islâmicos. O que os extremistas fizeram foi inteiramente contrário ao Alcorão, que censura quem puser em causa a reputação de uma mulher, e o condena a 80 chicotadas.

Mas uma semana depois da manifestação, o príncipe Naif bin Abdul Aziz, Ministro do Interior, juntou-se aos difamadores. Numa reunião em Meca, denunciou a manifestação como um "ato estúpido" e disse que algumas das mulheres envolvidas tinham nascido fora da Arábia Saudita e "não haviam sido criadas em lares islâmicos". Leu então uma nova *fatwa*, ou regra com força de lei, do *sheik da* Arábia Saudita, Abdul Aziz bin Baz, estabelecendo que as mulheres ao volante contradiziam "as tradições islâmicas seguidas pelos cidadãos sauditas". Se antes dirigir não era ilegal, passara a sê-lo. As palavras de Naif ganharam cobertura de primeira página, a primeira vez que uma menção à manifestação das mulheres ao volante apareceu na imprensa saudita.

Apesar de eu ter mantido contato com algumas das mulheres antes da

manifestação, nenhuma delas voltou a responder a meus telefonemas depois disso. Todas haviam sido advertidas que qualquer contato com a imprensa estrangeira significaria a prisão. Todas tinham a certeza de terem seus telefones grampeados e as casas vigiadas. Recebi uma carta triste, assinada simplesmente "Uma orgulhosa mulher saudita", detalhando a "caça às bruxas" que estava acontecendo. "Fanáticos", dizia a carta, "estão forçando as estudantes a assinarem petições denunciando as mulheres." Estavam "usando este incidente para mostrar sua força e incentivar sentimentos antiliberais, antigovernamentais e antiamericanos". Outra mulher me enviou uma mensagem simples: "Participei da manifestação porque quero que minhas netas possam dizer que eu estava lá".

Também falei com um parente de uma mulher que participou. "Eu encorajei-a", disse, aborrecido, "pensei que era o momento certo. Mas agora essa causa teve um retrocesso de 10 anos — e foi enterrada sob 20 toneladas de concreto. É tão fácil para alguém como eu — o filho de um diplomata nascido no exterior e educado nos Estados Unidos — ficar totalmente alheio em relação a este país e ao que ele se dispõe a aceitar."

11. OS JOGOS MUÇULMANOS FEMININOS

"Ó crentes, não vos priveis do bem que Deus tem
permitido
e não transgridais porque Ele não estima os
transgressores."

Alcorão

Surata da Mesa Servida

Quando a atleta que carregava a tocha entrou na arena, durante a cerimônia de abertura dos primeiros Jogos Islâmicos Femininos, 10 mil espectadores explodiram numa ovação ensurdecadora. Com passadas largas e ritmadas, a atleta correu em volta da pista, as chamas da tocha lambendo o ar sobre sua cabeça coberta.

Na arquibancada, entre a multidão, o pai dela quase estourava de orgulho. A atleta, Padideh Bolourizadeh, de 18 anos, fora uma estrela das pistas do Irã desde os sete anos. Mas era a primeira vez que o pai a via correr.

Ele pôde assistir à cerimônia porque Padideh vestia o primeiro *hijab* de pista do mundo. O capuz branco da roupa ocultava as madeixas do cabelo, e uma túnica preta, que descia até os tornozelos, deslizava sob uma blusa comprida e adejava em torno de suas calças de ginástica.

No centro da arena, os times femininos de 10 países muçulmanos se alinhavam atrás de suas bandeiras nacionais. Aqui e ali, nos contingentes da Síria e do Turcomenistão, podia-se notar uma mão ajeitando subrepticamente o pouco familiar lenço de cabeça.

No dia seguinte, quando as competições começaram a sério, as atletas vestiram os mais familiares *shorts* de *lycra* e camisetas. No estádio de basquete, quando a capitã do time iraniano atravessou a quadra para fazer uma ruidosa cesta no time do Azerbaijão, as mulheres extasiadas que enchiam as arquibancadas soltaram um bramido que teria abafado uma multidão no estádio Metrodome, num jogo do Twin's World Series. Na porta do estádio, policiais armados montavam guarda para garantir que nenhum homem entrasse. Lá dentro, pendurado ao muro do estádio, um retrato de Khomeini fitava as atletas

suadas. Na arte, senão na vida, seu semblante áspero parecia esboçar um sorriso.

Eu ouvira falar dos Jogos Islâmicos Femininos no início de fevereiro de 1993, quando Mary Glen Haig, representante britânica do Comitê Olímpico Internacional, ligou para a minha casa em Londres para pedir conselho sobre que roupa uma mulher ocidental deveria levar para uma viagem ao Irã. O Comitê Olímpico Internacional, explicou, fora convidado para observar os Jogos e ela — uma ex-campeã olímpica de esgrima — fora escolhida como observadora.

Uns dias mais tarde, depois de ter conseguido um convite, procurei-a entre os competidores e espectadores no estádio de atletismo, para saber o que ela achara das competições. Alguém me apontou a mesa oficial, onde uma mulher de capuz preto se sentava ao lado de uma figura esbelta, de cabelo louro encaracolado, uma jaqueta de brim sobre uma camiseta estampada, calças *jeans* e tênis. Eu explicara-lhe ao telefone que não era preciso usar *hijab* nas reuniões só de mulheres, mas me surpreendi com suas roupas tão à vontade. Apresentei-me e perguntei-lhe sobre as roupas. A loura sorriu e estendeu-me a mão. "Sou Faezeh Hashemi", disse, "vice-presidente do Comitê Olímpico *iraniano*. Esta", indicou, apontando para a mulher do capuz preto, "é nossa convidada britânica do Comitê Internacional."

Faezeh Hashemi, 38 anos, era filha do presidente Hashemi Rafsanjani e o cérebro atrás dos primeiros Jogos Olímpicos femininos. Os esportes femininos haviam praticamente desaparecido depois da revolução islâmica, quando os *mullahs* acabaram abruptamente com os treinamentos mistos e as competições que ocorriam sob o regime do xá. A ideia das moças, vestindo reveladoras roupas esportivas, treinando junto com os rapazes jogara muitos religiosos iranianos contra os esportes, especialmente femininos.

"Não existe divertimento no Islã", dissera Khomeini a seu rebanho num sermão pelo rádio em 1979. Durante a sua vida, Teerã refletia esta opinião. A combinação de uma guerra ruínosa com o Iraque e os olhos de águia dos fanáticos islâmicos tornara a cidade um lugar cinzento, de edifícios protegidos por trincheiras de sacos de areia e cidadãos circunspectos. Os pontos noturnos dos tempos anteriores à revolução tinham desaparecido. Até as lojas do Hiltons e do Kentucky Fried Chicken foram completamente mudadas. Híbridos horríveis haviam nascido, como o antigo Hotel Intercontinental, no ex-Los Angeles Boulevard, transformado no Hotel Flor do Martírio, na Rua do Hijab, com banheiros mofados e uma placa dizendo "Abaixo os EUA" na recepção.

Mas nem mesmo Khomeini ignorara completamente a necessidade de exercícios físicos. Sua própria rotina diária incluía uma caminhada — dando várias voltas no pátio de sua casa.

O clã de Rafsanjani, de ricos proprietários de terras, adotara uma perspectiva muito mais liberal em relação ao exercício, e apoiava mesmo algumas diversões sem seguir o estilo *mullah*. Na privacidade de seu lar, as duas filhas de Rafsanjani e os três filhos nadavam, andavam de bicicleta, jogavam pingue-pongue e vôlei. Antes que os deveres da presidência lhe tomassem todo o tempo, o próprio Rafsanjani muitas vezes acompanhava os filhos na piscina ou no pingue-pongue.

Depois da revolução de 1979, a maioria das quadras de esporte do Irã passaram simplesmente a ser reservadas aos homens. O governo criou um "Diretório dos Esportes Femininos" em 1980, mas que permaneceu apenas como um nome até 1985, quando uma curiosa aliança de mulheres iranianas começou uma paciente campanha para trazer de volta o esporte feminino. Várias das ativistas eram antigas atletas iranianas — algumas delas com nível olímpico — que haviam sido forçadas a largar as roupas esportivas e a usar o *hijab*. Atletas que não tinham se exilado adotaram finalmente a filosofia "se não podes batê-los, junta-te a eles", e pediram ajuda aos grupos de mulheres do *establishment* religioso. Foi Faezeh Hashemi, que podia falar a linguagem dos *mullahs* radicais, que se mostrou sua melhor aliada. Faezeh tinha muitos dotes, incluindo o apoio do pai. Como estudante de mestrado na faculdade de administração da Universidade de Teerã, ela sabia muito bem manipular organizações.

Como a maioria das mulheres religiosas que conseguiram alguma coisa, ela construiu os fundamentos de sua causa nos *hadith* do profeta. Maomé recomendava que os muçulmanos tivessem "corpos fortes". Também dizia: "Se fordes crentes, vós deveis vos distinguir em todos os aspectos." Faezeh argumentou que os esportes deveriam ser uma parte da procura da excelência, e que estas recomendações se aplicavam igualmente aos homens e às mulheres. As mulheres, como peças fundamentais da família islâmica, precisavam dos benefícios físicos e mentais dados pelos esportes. Muito bem, responderam os conservadores; que elas sigam um programa de exercícios na privacidade de seus lares. Faezeh respondeu que não se devia retirar às mulheres e às moças os benefícios sociais do trabalho de equipe e da competição.

Diz-se que o profeta gostava de três esportes em particular: natação, arco e flecha e equitação. Como o *hadith* "Ensinaí as crianças a nadar e a atirar com arco" usava a palavra árabe *awalaad*, que pode tanto ser traduzida por "filhos"

como por "crianças", e não a mais específica *awalad wa binaat* — filhos e filhas —, alguns pais mais severos argumentaram que só os filhos poderiam participar dessas atividades. Mas o equivalente moderno do arco e flecha, o tiro de pistola ou de fuzil, era uma prática útil num país revolucionário que estivera há pouco tempo em guerra, e era um dos poucos esportes que podia ser praticado de xador. Por isso, linhas de tiro foram das primeiras instalações que abriram suas portas às mulheres, primeiro como membros das milícias de defesa civil e mais tarde apenas como mulheres que queriam praticar um *hobby* que as tirasse de casa.

Faezeh argumentou que o governo islâmico do Irã poderia se diferenciar do antigo regime do xá demonstrando que estava interessado em "esportes para todas as mulheres", mais do que o time de elite que o xá encorajara a se apresentar no meio da "corrupção" das competições mistas internacionais. Seus argumentos levaram à abertura de instalações esportivas para certos "horários femininos" semanais, e mais ênfase para os esportes nos colégios femininos. Finalmente, o arborizado "Parque dos Corredores" de Teerã proibiu a entrada de homens três vezes por semana, entre as 8h da manhã e 4h da tarde, para as mulheres poderem correr sem o *hijab*.

Faezeh começou então a atacar a muito mais difícil questão da competição internacional. Muitos países islâmicos mantinham as mulheres fora das arenas internacionais: às vezes por considerações de modéstia, às vezes por falta de dinheiro, ou mesmo pelos dois motivos. Devido aos apertados orçamentos para os esportes, países como o Paquistão, que tinha muitas mulheres de nível olímpico, não enviou nenhuma para as Olimpíadas de Barcelona. "Os homens, essencialmente, são melhores que nós, e o governo escolhe os que têm mais chance", disse Firhana Ayaz, uma jornalista do esportes do *Pakistan Observer*. Mas ela também viu uma crescente influência islâmica por trás dessas decisões. No Paquistão, a maioria das atletas usavam roupas modestas: camisetas compridas sobre calças, mas já não eram vistas como adequadas em alguns círculos. "Os *mullahs* criaram caso ultimamente com o *hockey* em campo, porque você tem de correr e curvar-se. E, durante as Olimpíadas, nenhuma competição de mulheres passou na televisão, devido à pressão dos *mullahs*."

Quando Hassiba Boulmerka, a corredora argelina, ganhou uma medalha de ouro nas Olimpíadas de Barcelona, fez um comovente discurso sobre a vitória, dizendo que estava feliz de mostrar que uma mulher muçulmana podia chegar a esse ponto. Mas nem todo o mundo islâmico aplaudiu o seu triunfo. Na Argélia, o principal partido muçulmano, a Frente Islâmica de Salvação, denunciou-a nas mesquitas por correr "seminua", de *short* e camiseta, e forçou-a a deixar o país para evitar ser incomodada durante os treinamentos.

Enquanto alguns iranianos também chamavam Hassiba de "falsa muçulmana", Faezeh Hashemi via como eram perigosas essas denúncias de islâmicos que não davam qualquer alternativa positiva. Os muçulmanos, disse, deviam ficar felizes se qualquer atleta muçulmana sobressaía. Todos os países muçulmanos tinham tradições diferentes, disse, e cabia ao Irã mostrar a superioridade do verdadeiro sistema islâmico. Ela argumentou que os "opressores", referindo-se aos países ocidentais, usavam a ausência das mulheres muçulmanas dos esportes como um exemplo da posição inferior reservada às mulheres nos países islâmicos. "Se os países islâmicos não criarem seus próprios princípios para as competições femininas", disse num discurso famoso, "então as formas ditadas pelos países ocidentais opressores impor-se-ão a nós." O Irã mandava equipes masculinas para competições internacionais. Por que não, dizia, deixar que participem também as mulheres em algum dos cinco esportes que podem ser praticados de *hijab*?

Em setembro de 1990, ela conseguiu que seu ponto de vista prevalecesse, e quando a equipe iraniana entrou na abertura dos Jogos Asiáticos em Pequim, seis mulheres de xador — a equipe de tiro — abriram o desfile. Uma delas, uma estudante de 18 anos, chamada Elham Hashemi, conseguiu bater o recorde iraniano masculino. Para os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, Faezeh espera poder enviar um time de cavaleiras vestindo o *hijab*. Duvido que consiga. É realmente possível participar de provas de saltos usando uma touca sob o capacete de cavaleiro, e uma túnica que cubra as pernas até as botas de montar; mas, e se uma cavaleira cair do cavalo e for fotografada de pernas para o alto e, que o céu não permita, o lenço de cabeça deslocado? Os conservadores sempre se opunham a que as arqueiras pudessem competir diante dos homens, porque o movimento de esticar a corda do arco para trás é demasiado revelador, mesmo de xador.

Para a maioria das atletas iranianas — corredoras, nadadoras, saltadoras — não havia a menor possibilidade de competirem de *hijab*. Foi para elas que Faezeh criara a idéia de organizar olimpíadas alternativas, os Jogos Islâmicos Femininos, onde as atletas de países muçulmanos se reuniram de *hijab* para a cerimônia de abertura, à qual poderiam assistir tanto homens quanto mulheres. Depois disso, as atletas despiriam suas cobertas e competiriam diante da assistência exclusiva de mulheres.

O paradoxo de seu esquema era que os países muçulmanos mais rigorosos, que se beneficiariam dos jogos exclusivamente femininos, não tinham atletas para enviar. Na Arábia Saudita e na maioria dos Estados do Golfo, não havia qualquer tipo de organização esportiva feminina. Não existiam competições

femininas, mesmo que fossem rigorosamente segregadas. Mulheres ricas que queriam manter a forma física tinham ginásios nas próprias casas e contratavam treinadores pessoais. As outras levavam uma vida completamente sedentária.

Os países que acolheram com entusiasmo o convite do Irã foram as antigas repúblicas muçulmanas soviéticas, onde havia atletas bem treinadas pela poderosa organização esportiva soviética. Nenhuma delas alguma vez usara véu; poucas tinham aberto o Alcorão. Mas, com o colapso do sistema soviético, repúblicas muçulmanas como o Azerbaijão não podiam se dar a luxos como o esporte. "Nosso orçamento apenas dá para enviar um atleta a uma competição — desde que seja na Europa", suspirou Alyev Mouslim, o chefe do time azerbaijano. Para ele, uma viagem com todas as despesas pagas para 120 atletas — mesmo que elas tivessem que usar véu e fazer uma viagem de 36 horas de ônibus desde Baku — era uma oferta boa demais para ser recusada.

Como sempre no Irã, a política também teve seu papel. O Irã se dispunha a pagar pela vinda de grandes equipes das ex-repúblicas soviéticas porque estava ansioso para ampliar sua influência naquela região. Mas resistia a pagar a conta a países como o Sudão, que sempre estiveram na sua órbita. Por isso, os sudaneses, sem dinheiro, não mandaram mulheres aos jogos. Também não compareceram países como o Egito, que tinha relações azedas com o governo iraniano. Outros mandaram pequenas equipes, apenas como gesto de boa vontade. "Estamos aqui para dizer 'sim' ao sistema iraniano", disse uma jogadora de pingue-pongue da equipe de cinco mulheres das ilhas Maldivas. "Mas do ponto de vista esportivo, nossa participação não tem muito sentido", acrescentou, tiritando, enquanto uma neve fina caía fora do centro de pingue-pongue de Teerã. "Nós somos de uma região equatorial. É impossível conseguir esquentar neste lugar."

No final, as ex-repúblicas soviéticas tinham as maiores equipes, em todos os sentidos. Juntas, as quatro repúblicas enviaram 332 atletas, na sua maioria louras altas e ossudas, que se destacavam sobre as 51 mulheres de pequenas equipes enviadas pela Malaísia, Síria, Paquistão, Maldivas e Bangladesh.

Algumas das atletas eram campeãs mundiais; uma ou duas eram atletas olímpicas. Mas para todas, exceto para a equipe de 122 atiradoras iranianas, essa era a primeira chance de competição internacional. Sob os xadores, seus rostos brilhavam enquanto marchavam no estádio Azadi, de 12 mil lugares.

Durante os jogos, os homens foram banidos de todas as arquibancadas, exceto nas provas de tiro. No complexo de natação, as colegiais encheram as bancadas, observando com curiosidade as juízas iranianas vestindo atraentes

minissaias vermelhas e camisetas verdes.

Na pista do estádio, Padideh, a atleta que carregara a tocha, substituíra o *hijab* por *short de lycra* preto e aproveitara a ocasião para acrescentar nove centímetros em seu recorde pessoal de salto em altura. Seu salto, de 1,67m, não foi suficientemente bom para derrotar a campeã do Quirguistão, mas bateu o recorde iraniano, estabelecido antes da revolução. Nessa noite, de volta ao hotel das atletas, Padideh estava eufórica. Ela conseguira passar pelas eliminatórias dos 400 metros e chegar à final, e estava começando a acreditar que podia ganhar uma medalha no dia seguinte.

Apesar de a mãe de Padideh ter sido esportista nos tempos do xá, Padideh só conhecera os esportes segregados. "Isto é bom para nós", disse, fazendo um gesto que abrangia o salão cheio de atletas. "Nossa forma de pensar, nossa cultura é assim", explicou. "Seria muito difícil para nós, agora, competirmos na frente dos homens."

Tradutoras oficiais estavam espalhadas no salão, facilitando as conversas. Elas vestiam as habituais roupas iranianas — capuzes pretos e túnicas compridas — mas com uma jaqueta colorida, que destoava completamente, por cima. Azul e verde significavam que a tradutora falava inglês; rosa e amarelo, russo; laranja e azul claro, árabe. O salão estava cheio de um alegre zumbido feminino, de conversas que iam do farsi ao ordu e ao inglês. Faziam-me lembrar do dia esportivo da minha faculdade feminina.

Mas num canto, um grupo de homens conversava discretamente em russo, sem a ajuda das jovens tradutoras. Alyev Louslim, o administrador da equipe do Azerbaijão, suspirou enquanto se encostava à parede, esperando pelo elevador que dizia "Especial para homens". Ele estava achando difícil dirigir atletas que desapareciam de manhã cedo em ônibus exclusivamente femininos em direção a estádios em que ele não podia entrar. "Na verdade", disse, "não é tão ruim; eu não preciso fazer os treinamentos." O técnico de vôlei do Quirguistão tivera que esperar fora durante os jogos de seu time até que uma das jogadoras pusesse um lenço e saísse para lhe dizer o que estava acontecendo, para que ele pudesse decidir a tática. Alyev encolheu os ombros. "Se podemos jogar xadrez sem ver o tabuleiro, por que não fazer isto?"

Perguntei se ele estava aborrecido por não poder ir aos jogos. "De forma nenhuma", disse. "Estou muito ocupado resolvendo os problemas que minha equipe encontra para se habituar a estes regulamentos." Algumas das mulheres tinham irritado os iranianos porque seus grandes lenços floridos viviam caindo. "Parece que a maior transgressão aqui é deixar que vejam seu cabelo. Mas se

Deus não gosta disso, por que nos deu olhos?" Outras não gostavam do regulamento que proibia as mulheres de passearem sozinhas pela cidade nos intervalos dos eventos. Os iranianos tinham tomado uma atitude hiperprotetora em relação a suas convidadas, insistindo que só viajassem em ônibus oficiais, e apenas com um tradutor oficial. Como eu passeara pelas ruas de Teerã a qualquer hora sem ser incomodada, achei o regulamento bobo, e capaz de dar uma impressão errada. Teerã era uma das cidades mais seguras do mundo para mulheres sozinhas.

Murshida Mustakim também achou o regulamento muito estúpido. Ela atordoou um membro da guarda revolucionária que tentara impedir a sua saída do hotel. "Disselhe que era uma superintendente da força de policia da Malaísia, aposentada, e que tinha passado a minha carreira dando ordens a rapazes como ele", contou. "Depois disselhe para sair da frente." Murshida, uma mulher altíssima com os ombros de um estivador, viera como treinadora da equipe de tiro da Malaísia, inteiramente composta de policiais.

Para ela, viagens a países como o Irã ou a Arábia Saudita, que visitara como peregrina a Meca, eram como visitas ao passado. Durante a sua vida, a Malaísia se afastara da adesão doutrinária ao Islã. "Quando eu era jovem, era muito difícil que as meninas se descobrissem para praticar esportes", explicou. Os sarongues apertados que se usava na Malaísia nunca seriam aprovados como *hijab* em Teerã, mas os conservadores malaios acreditavam que, como eles iam até os pés, garantiam o grau essencial de modéstia muçulmana. Murshida fora corredora de barreiras. "Costumava retirar o sarongue imediatamente antes do tiro de partida, correr de *short* e depois colocar de volta o sarongue, após cruzar a linha de chegada." Nesses tempos, a maioria dos muçulmanos malaios tinha uma relação tranquila com a sua fé e aceitava o direito de as mulheres se vestirem como quisessem e participarem da sociedade ao lado dos homens. Mas mesmo seu distante país não fora totalmente imune ao renascimento islâmico, e muitas jovens tinham começado a usar véus longos que cobriam a cabeça e a parte superior do corpo. Em um Estado, Kelantan, os eleitores tinham recentemente decidido criar um miniestado fundamentalista, que ate tinha "patrulhas morais" para surpreender encontros de homens e mulheres não-casados.

Sentei ao lado de Murshida no ônibus, durante um dos passeios oficiais: uma visita ao túmulo do *ayatollah* Khomeini. A maioria das excursões seguira um tema semelhante: uma visita ao Museu da Reconversão e Admoestação, isto é, o antigo palácio do xá; uma exposição intitulada "A Dignidade e o Prestígio da Mulher no Sistema Islâmico". Antes que os ônibus partissem para a longa viagem ao santuário de cúpulas douradas no extremo sul da cidade, funcionárias

iranianas de xador passaram oferecendo caixas de lenços de papel. Primeiro tive o estranho pensamento de que elas nos preparavam para a comoção que, sem dúvida, teríamos ao ver o túmulo de Khomeini. Mas depois me dei conta de que a preocupação delas era o batom que algumas das atletas não-iranianas estavam usando. Murshida pegou educadamente um dos lenços e passou nos lábios vermelhos. "Bem", disse, "a coisa boa se eu ficasse aqui é que pouparia uma fortuna em maquiagem."

Não necessariamente. No último dia de provas, atletas sem maquiagem e funcionárias saíram dos ônibus e passaram pelos guardas na porta do estádio. Lá dentro, tiraram o *hijab* e correram para os vestiários para pôr pó-de-arroz e aplicar a maquiagem. Todas queriam aparecer o melhor possível no vídeo dos jogos, que uma cineasta estava fazendo para depois passar nas reuniões de mulheres em todo o Irã.

Padideh, a corredora iraniana, sentada sozinha, esperava nervosamente pela final dos 400 metros. Na noite anterior, eu me compadecera de uma corredora paquistanesa, exasperada por ter perdido sua chance na final de sua melhor prova. Para ela, fora um desastre, mas já no dia seguinte olhava para a frente, pensando na chance que teria nos Jogos Asiáticos, ou nos Pan-Pacíficos, ou numa meia dúzia de competições internacionais em que ela participaria nos próximos anos.

Para Padideh, todas as esperanças estavam depositadas nessa breve corrida. Passariam quatro anos até ela ter outra chance de participar de uma competição internacional. Quando se curvou na linha de largada, seu corpo esguio parecia frágil ao lado das atletas do Turcomenistão, Quirguistão e Azerbaijão. Ao soar o tiro de pistola, ela se projetou para a frente, suas passadas largas mantendo-a alinhada com suas competidoras mais corpulentas.

Mas foi uma breve ilusão de paridade. No primeiro terço do percurso, ela já ficara para trás, e a tensão do esforço inicial aparecia no seu rosto. Para Padideh, os treinamentos tinham de ser feitos entre as aulas da universidade, nas poucas horas reservadas para as mulheres no estádio próximo. Nunca trabalhara com pesos ou fora treinada por um profissional. Ela atravessou a linha de chegada mais de três segundos atrás da vencedora e a quase dois segundos da terceira colocada. Caindo no chão, ela segurou o peito e sorveu ar entre soluços de dor e desapontamento.

Era impossível dizer se Padideh poderia ter sido campeã em época e lugares diferentes, num sistema que se preocupasse menos com a modéstia e mais com o treinamento metódico. Mas seu tempo nos 400 metros, apesar de longe do

necessário para vencer a competição, reduzira em oito segundos seu melhor tempo pessoal.

No jantar de despedida, depois da cerimônia de encerramento dos Jogos, Padideh já se recompusera e falou orgulhosamente da medalha de bronze que ajudara a ganhar na prova de revezamento. "Claro que gostaria de ter ganho uma medalha só para mim", disse, "e agora nunca mais vou ganhar uma." Lembrei-a de que tanto o Paquistão quanto o Azerbaijão tinham falado de realizar os Jogos Islâmicos Femininos nos próximos quatro anos. Talvez ela pudesse ganhar sua medalha então. Ela abanou a cabeça e sorriu tristemente. "Não", disse, olhando para longe. "Outra pessoa, talvez. Para mim, será tarde demais."

12. UM TAMBORILEIRO DIFERENTE

"Ó crentes, voltai sinceramente arrependidos a Deus; é possível que vosso Senhor absolva vossas faltas e vos introduza em jardins abaixo dos quais correm os rios."

Alcorão

Surata das Proibições

Soheir el-Babli, a decana dos palcos do Cairo, parecia estar no auge da carreira. Com uma das maiores bilheterias numa cidade que sempre amou os atores, seu papel principal em "Attiya, a Terrorista" já estava em cartaz há um ano no Teatro de Arte Misr, de 700 lugares.

Mas, subitamente, quando a peça estava começando sua segunda temporada em julho de 1993, ela desistiu. Anunciou que renunciava aos palcos de sua livre vontade, e adotava o véu islâmico.

A saída de cena de Soheir foi parte de uma onda de renúncias de artistas que havia começado no final dos anos 80, com as dançarinas da dança do ventre no Cairo. Logo dezenas de cantoras e atrizes estavam tirando as lantejoulas, limpando a maquiagem, vestindo o *hijab* e arengando o público sobre as perversidades do mundo artístico. Na primavera de 1992, o impensável acontecera: os musicais de dança que animaram as celebrações noturnas do Ramadã foram proibidos como não-islâmicos, deixando desempregados centenas de artistas.

Mas quando Soheir renunciou, o mundo artístico reagiu. O produtor e diretor da peça já tinha refeito o *script* para a segunda temporada, de forma a incluir referências à recente onda de atentados terroristas dos extremistas islâmicos. Para substituir Soheir, ele escolheu sua própria filha de 28 anos, uma estudante da Universidade Americana do Cairo, cuja única experiência teatral fora com produções estudantis.

Na reestreia da peça, a nata do mundo artístico egípcio compareceu para dar uma demonstração de apoio. Foi o início de uma reação: pela primeira vez, os artistas se uniam na crítica contra as renúncias por motivos religiosos e as pressões fundamentalistas sobre os espetáculos. Uma piada começou a circular

no Cairo: quem são as segundas mais bem pagas mulheres no Egito? As bailarinas de dança do ventre, claro, porque os turistas sauditas jogam notas de 100 dólares entre seus pés quando dançam. Quem são as mais bem pagas? As bailarinas que se aposentaram a pedido de Alá, claro, porque os *sheiks* sauditas jogam notas de 1,000 dólares nas suas contas bancárias quando deixam de dançar.

Todas as adesões ao véu seguiam o mesmo padrão. Uma artista famosa comparecia ao programa de televisão popular do sheik Mohamed Sharawi, o equivalente egípcio a um teleevangelista. No programa, ela denunciava sua carreira como antiislâmica, tomava um véu oferecido pelo velho sheik e colocava-o sob sua bênção.

Muitos egípcios diziam desdenhosamente que os sauditas deveriam ter criado um fundo especial para que Sharawi comprasse artistas. "Se a causa não é o dinheiro, por que fazem isso na televisão? Por que não o fazem privadamente, com Alá como testemunha?", perguntou Nawal Saadawi, a mais conhecida feminista do Egito.

As mulheres que tinham recém-aderido ao véu realmente mostravam ter muito dinheiro. Uma das primeiras, Shams al-Barudi, gastara uma fortuna comprando os *copyrights* dos filmes em que aparecera escassamente vestida, incluindo uma cena particularmente ousada numa banheira, em que aparecia quase nua. Ela queria, explicou, que os filmes nunca mais fossem exibidos, mas recusou-se a revelar a fonte do dinheiro que usara para comprar os direitos. Mas as bisbilhotices na indústria cinematográfica do Cairo diziam que fora entregue por um importante membro do clero.

Nawal Saadawi mostrou desdenhosamente que, de qualquer modo, muitas das mulheres já tinham passado seu apogeu como atrizes ou dançarinas. "Elas sabem que logo vão ter de se aposentar. Assim, por que não sair de cena com um arroubo de publicidade? Você ouviu a piada que corre nas ruas? Diz-se que essas bailarinas, na sua juventude, gostavam de fazer fortuna com o pecado. Agora, na idade avançada, querem compartilhar com os pobres os prazeres do Paraíso."

Mas a própria condição de Nawal dava outra explicação para a investida pró-véu. Como psiquiatra e funcionária do governo na área de saúde desde os anos 60, ela vira os efeitos físicos e emocionais da mutilação genital nas mulheres egípcias. Seu primeiro livro, *As Mulheres e o Sexo*, publicado em 1970, fora uma condenação do distorcido ensino islâmico, que ela achava ser responsável pela ruína da vida de muitas mulheres. Apesar de ter perdido o emprego e passado três meses na prisão, ela continuou a escrever sobre assuntos

tabus em mais de 30 livros. Descreveu o trauma de infância de sua própria excisão do clitóris e como a deixara incapaz de sentir orgasmo, escreveu sobre a procura por cirurgias para reconstituir o hímen antes do casamento nas clínicas do Cairo, e expôs a epidemia de incesto nas famílias egípcias.

Em jornais e sessões públicas, ela atacou os *sheiks* poderosos. Em um de seus programas de televisão, o *sheik* Sharawi denunciou violentamente os que preferiam o som da música clássica ocidental às leituras do Alcorão. Alguns dias depois, jovens extremistas do Alto Egito foram presos por irromperem num concerto e quebrarem os instrumentos musicais. Nawal escreveu um artigo perguntando por que o governo prendia os jovens e não Sharawi, que dera a idéia.

No verão de 1992, a Jihad Islâmica pôs Nawal Saadawi na sua lista de morte, junto com a escritora Farag Foda. Quando Farag foi morta na porta de seu escritório, o governo egípcio, que muitas vezes perseguira Nawal, ofereceu-lhe uma guarda militar 24 horas por dia. Lembrando que o assassinato de Sadat fora obra de uma célula extremista do próprio Exército egípcio, Nawal achou muito pouco reconfortante a presença na sua porta de recrutas do Exército. "Tenho mais medo deles que de qualquer outra pessoa", confidenciou. Em 1993, ela decidiu partir para o exílio, aceitando um posto de professora visitante na Universidade Duke dos Estados Unidos.

Se os escritores já eram alvos, previu Nawal, era uma questão de tempo até que artistas menos políticos também comessem a sofrer ataques. As bailarinas que renunciaram à profissão falavam muitas vezes da ansiedade e do medo que fora substituído pela calma desde que renunciaram ao palco. Uma dançarina famosa, Halah al-Safi, contou um sonho que tivera: caminhando numa mesquita, ela se sentia apavorada por não estar vestida apropriadamente. De repente, no sonho, um homem tirara seu manto e a cobrira. Nawal notou que não era preciso ser psiquiatra para interpretar o medo, no sonho de Halah, como uma resposta do subconsciente às pressões dos extremistas religiosos.

Em 1993, a previsão de Nawal provou-se correta. Quando Farida Seif el Nasr decidiu voltar aos espetáculos, depois de ter anunciado o fim da carreira, um assaltante desconhecido tentou assassiná-la com uma rajada de balas.

No meu escritório, Sahar exultava diante de cada nova história de uma artista que adotava o véu. Uma manhã, ela leu-me a notícia de um jornal local sobre uma famosa bailarina que tinha querido fazer o *Hajj*. As autoridades

religiosas tinham-se recusado a dar-lhe os papéis necessários até que ela desistisse da dança. Sahar aprovou a decisão. "Por que ela deveria ir, gastando dinheiro ganho com o pecado? Por que ela poderia caminhar pela planície de Arafat como se fosse uma boa muçulmana?", disse.

Mas eu tinha pena de ver a linda dança tradicional do Egito denegrida e ameaçada. Vira pela primeira vez uma bailarina egípcia ainda sob os efeitos do cansaço do vôo, logo depois de ter chegado ao Cairo, quando um amigo nos convidou para jantar no clube noturno do Nile Hilton. Os egípcios gostam de dormir tarde, e eu lutei durante o jantar para evitar que meu rosto caísse sobre o prato de pombo estufado. Mas logo que a bailarina começou, esqueci todo o cansaço.

Souhair Zaki rodopiou no palco seguindo uma trilha de som. As subidas e descidas do tom da flauta ondulavam seu corpo. Pela primeira vez, a música árabe atonal fazia sentido para mim. Eu podia *vê-la*, ondulando pelo espaço em elaborados arabescos. E podia ver mais uma coisa: a beleza do corpo da mulher que não era nem jovem nem magra. Souhair Zaki era a mais famosa dançarina do Cairo, mas há muito que passara dos 30. Seus quadris eram cheios. Seu abdômen era saliente como uma pêra madura. Eu nunca vira antes a tradicional dança oriental, mas reconheci cada movimento. O que ela fazia com seu corpo era o que o corpo da mulher *fazia* — os movimentos naturais do sexo e do parto. A dança atraía o olhar para os quadris e o abdômen; o verdadeiro centro da feminilidade.

Quando menina, eu aprendera os movimentos nada naturais do balé ocidental, que tinham o objetivo de fazer o corpo parecer tão insubstancial quanto o ar. Com o esforço para alongar e tremular as extremidades, o balé nega a feminilidade, obrigando as bailarinas adultas a manter as formas de uma adolescente. Quando eu tinha 14 anos, o estúdio onde aprendia dança era um lugar de infelicidade, cheio de estudantes que sabiam que nunca seriam bailarinas. Seus corpos as tinham traído, ficando muito altos, muito cheios, muito femininos. Eu decidira que, antes de sair do Egito, tentaria aprender esta dança mais antiga em que cada movimento celebrava o corpo feminino como ele realmente era.

A pressão religiosa já tinha forçado as bailarinas do Cairo a vestir roupas que não expunham o abdômen. Tudo que fosse demasiado revelador exigia uma visita de um esquadrão especial conhecido como "polícia de costumes". Os jornais ocasionalmente documentavam *blitzen* em clubes cujas bailarinas dançavam de forma demasiado erótica ou com roupas muito reveladoras. Uma

dançarina em particular, Sahar Hamdi, sempre era arrastada para a cadeia. Folheando os jornais, Sahar sempre me lia as notícias sobre sua xará, abanando a cabeça em sinal de desaprovação. Sahar Hamdi era a queridinha dos ricos turistas sauditas. Em algumas noites, ela dançava num palco coberto de dinheiro e tinha seus pés banhados de champanhe dos sauditas. Mas em 1993, ela também supostamente tinha visto a luz e falava em se aposentar para o bem da religião.

Os fundamentalistas, impacientes com o ritmo das renúncias dos artistas, queriam que o governo proibisse imediatamente a dança do ventre, e para sempre. Mas a dança era um grande atrativo para os árabes ricos do Golfo Pérsico que acorriam ao Cairo cada verão. Para acomodar os dois lados, o governo saiu-se com uma de suas famosas meias medidas: parou de dar autorizações para novas bailarinas que não fossem artistas do folclore tradicional, mas não proibiu completamente a dança. Quando decidi escrever uma matéria sobre essa controvérsia, Sahar olhou para o chão e não disse nada. "Você quer que eu procure outra pessoa para traduzir?", perguntei. Ela acenou que sim. Não queria visitar os clubes noturnos do Cairo ou falar com as bailarinas. Ela me contara uma vez que Souhair Zaki dançara no casamento dos pais. Agora, Sahar achava que a forma como Souhair exibia seu corpo era pecaminosa.

Mas nem mesmo Sahar concordava inteiramente com os pedidos ao governo para proibir isso e aquilo. Ela achava que a religião era um assunto pessoal e que não devia se transformar numa coação política. A revolução islâmica que ela queria viria com a persuasão gradual das pessoas, não através da força. Essa atitude prevalecera no Egito e parecia ter servido bem o país. Era fácil comprar álcool no Cairo, mas nenhum de meus amigos egípcios bebia. Se os sauditas tinham de ser arrebanhados para as orações pela polícia religiosa, os egípcios acorriam voluntariamente às mesquitas. Muitos tinham a cicatriz escura, característica dos devotos, na testa, adquirida de tanto tocar a cabeça no chão, em sua vida de orações.

Se a dança do ventre fosse proibida, criaria um precedente incômodo e abriria o caminho para outras restrições islâmicas. Para ver quão sérias eram as novas regras, fui visitar Mahmoud Ramadan, um funcionário do Departamento de Inspeção Artística. Mahmoud fora o inspetor-chefe dos dançarinos, que dava as autorizações aos artistas se as roupas e as coreografias não fossem muito picantes. "Tinha um ótimo trabalho nesses tempos", suspirou. Ele assistira a atuações de todos os principais artistas do Egito. Para ele, as verdadeiras estrelas tinham brilhado nos anos 50, quando cada filme egípcio incluía uma sequência de dança do ventre. As bailarinas tinham sido idolatradas e recebiam até 3.000

libras por noite no palco, ou em festas de casamento.

Agora, Mahmoud assistia ao envelhecimento dessas mulheres, sem que houvesse novatas para substituí-las. "A geração seguinte já não é tão boa, e depois dela, bem..." Sua voz se apagou enquanto mostrava a mesa vazia na sua frente.

As restrições também ameaçavam as artesãs que costuravam as elaboradas roupas das bailarinas. A mais famosa costureira do Egito vivia num cubículo no meio do vasto bazar Khan el Khalili. Lá dentro, havia uma brilhante profusão de contas de vidro e tecidos acetinados saindo de caixas empilhadas até o teto. Os clientes podiam folhear um livro de fotografias mostrando possíveis modelos — saias bordadas com pedras preciosas brilhando em tons de laranja ou ouro, ou azul-anil e água. Uma velha costureira recebia os pedidos e tirava as medidas dos clientes. "Não há mais clientes egípcios", lamentava. Naquele dia, os clientes haviam sido uma finlandesa e uma alemã. Enquanto ela remexia em contas e experimentava cintos, outra mulher entrou. Ela conversou com a costureira em árabe carregado, cheio de "chs" guturais. "Desculpe", disse eu em inglês. "Você é israelense?"

"Sim", respondeu. "Vim hoje de ônibus de Jerusalém." Antes do tratado de paz entre o Egito e Israel, ela tinha de mandar amigos europeus comprar as roupas para ela. "Nunca se ajustavam devidamente", explicou. "A paz foi muito boa para minhas atuações." O que não era tão bom era a atenção que em Israel ela estava recebendo dos fundamentalistas judeus. Como seus colegas muçulmanos, eles queriam que a dança do ventre fosse proibida. Estavam ameaçando retirar o certificado *khasrut*, a prova de que a comida era preparada de acordo com a lei judia — dos hotéis onde ela atuava. Filha de judeus ortodoxos, ela tinha pouca paciência com os rabinos. "Esta dança é parte de nossa herança", disse. "A mãe de Moisés provavelmente sabia dançá-la. Não podemos deixar que estes velhos nos digam que temos de abrir mão dela."

De volta a casa, desembulhei minha compra: uma roupa barata e prática, com saia, cinto e *soutien*. Enquanto eu olhava as roupas, Sahar vagueava pelo escritório e sala. Esperei por sua careta de desaprovação. Em vez disso, ela esfregou o tecido transparente da saia em seus dedos.

"Quanto custou?", perguntou. Eu disse.

"Você pode me desenhar um mapa de como chegar à loja?"

"Para quê?", perguntei, temendo que ela estivesse planejando mandar seus amigos fundamentalistas fazerem um piquete na porta da loja, ou pior.

"Quero comprar uma roupa como essa", disse, "Sou uma maravilhosa dançarina. Dançarei para o meu marido quando nos casarmos."

Minha tentativa de me tomar uma maravilhosa dançarina não ia tão bem. As moças egípcias adquirem a capacidade de dançar tão naturalmente como a de andar, olhando suas mães, irmãs e tias. Na casa da minha amiga Sayed, a menina de três anos já conseguia fazer rodopiar os quadris e dar saltos em tesoura. As irmãs de Sayed esforçavam-se o mais que podiam para me ajudar, mas era difícil para elas ensinarem algo que de fato nunca tinham aprendido.

"Você precisa de uma *maalimah*", disseram. As *awalim* eram mulheres conhecedoras das artes egípcias, que dançavam, cantavam e tocavam instrumentos e passavam as tradições para suas aprendizes. Encontrar uma *maalimah* teria sido muito fácil algumas décadas antes. Durante séculos, clãs de artistas das aldeias do Nilo ensinavam a mais pura arte da antiga dança, de geração para geração. Quando estas famílias se estabeleceram no Cairo, se agruparam num bairro de artistas. Seus descendentes ainda estão lá, na Rua Mohamed Ali, em pequenas lojas, cheirando a cola e raspas de madeira dos entalhadores de alaúde e ao couro de peixe dos tambores secando. Das portas abertas, o lamento das flautas ou a batida dos tambores indicavam que os artesãos estavam testando suas obras.

Mas as bailarinas tinham ido embora. "Elas se cansaram da polícia que sempre as incomodava", explicou um artesão mais velho. "A polícia tratava-as como prostitutas, sempre invadindo seus apartamentos para ver se havia homens." Hoje em dia, lamentou, ninguém mais encorajava a filha a abraçar a carreira de dançarina. "É muita pressão. Mas vai passar. Elas vão voltar um dia." O ancião parecia ter idade suficiente para ter visto tudo o que acontecera antes. Quando Gustave Flaubert visitou o Cairo, em 1850, descobriu que todas as famosas dançarinas tinham sido expulsas da cidade porque o governador achava que elas encorajavam a prostituição. Por isso, viajou Nilo acima para encontrá-las. Seu registros no diário lembram dançarinas tão eróticas que os músicos que as acompanhavam tinham de tapar os olhos com uma ponta de seus turbantes para que não ficassem tão excitados que não conseguissem tocar.

Com uma mão que parecia muito paralisada para seu negócio, o ancião escreveu um endereço em árabe num pedaço de papel de jornal. "Vá a este lugar", disse, estendendo-o. "Diga-lhe que foi o encordoador de alaúdes que lhe deu o endereço."

O táxi demorou quase uma hora pelo denso emaranhado de prédios do Cairo. Pouco antes de a cidade acabar abruptamente no deserto, o motorista

parou para perguntar o caminho. Como sempre no Egito, os dois homens a quem ele perguntou apontaram para caminhos diferentes. Finalmente, encontramos o lugar: uma casa simples e bonita rodeada de loendros. Uma tênue música se ouvia sobre os muros baixos de tijolo. A porta se abriu, e eu entrei. Lá dentro, meia dúzia de mulheres e garotas dançavam, balançando bastões sobre as cabeças enquanto os quadris reboavam vigorosamente. As mulheres fizeram sinal para que me juntasse a elas. Tentei o melhor possível seguir seus movimentos, mas a velocidade e agilidade delas estavam muito além de minha capacidade. Uma hora depois, desisti, exausta. Encostada num canto, fiquei vendo as outras. Uma mulher, claramente a mais graciosa e dotada, dirigia a dança. Mas se ela estava ensinando, era apenas através do exemplo. Nada dizia para corrigir a postura ou o movimento das outras.

Finalmente, uma das mulheres parou, suando, e foi buscar água. Segui-a, perguntando quem era a professora. A mulher bebeu sua água lentamente. Estávamos, ela explicou, na casa de uma das melhores dançarinas do Cairo. Mas, por motivos pessoais, ela não aparecia mais em público. Se queria aprender, eu as encontraria ali nas tardes de terças e quintas-feiras.

Eu encontrara a minha *maalimah*. Daí em diante, passei a ir lá sempre que podia. Aprendi a isolar cada grupo de músculos para que o bastão se equilibrasse sobre a minha cabeça. Aprendi a ouvir a música e a segui-la com o meu corpo. Olhando as outras mulheres, aprendia a mover-me sem os exageros grosseiros e os trejeitos que os ocidentais instintivamente associam à dança oriental. Na sua forma pura, o *menos* é o melhor e os mais poderosos movimentos são frequentemente os mais imperceptíveis e mais controladas contrações.

Comecei a desejar que surgisse uma forma de contrariar a campanha dos fundamentalistas contra esta artística dança. Até que decidi que, como um pequeno ato de solidariedade com as dançarinas que se recusavam a ir para trás dos véus, forçadas pelos fundamentalistas, eu própria faria uma atuação não-autorizada, em algum lugar do Cairo. Confiei meus planos ao meu amigo Ian, o embaixador australiano. Ele afundou a cabeça nas mãos em sinal de desespero. "Já estou vendo a cena: vou ser tirado da cama às duas da manhã para atender a uma chamada de uma 'australiana angustiada', e vai ser você — detida por praticar dança do ventre."

O problema mais imediato era encontrar um local suficientemente modesto para estar à altura de meu talento. Voltei à Rua Mohamed Ali para me aconselhar. Ficara amiga de um jovem artesão de tambores que tocava na banda de uma dançarina famosa chamada Lucy. Ele imediatamente descartou os

extravagantes hotéis e clubes na estrada das Pirâmides. "Eles vão de primeira a quinta categoria", refletiu Khalid. "O que você precisa é um de décima categoria."

Sugeri o clube Nova Arizona, que cobrava 90 centavos de entrada. Com Tony a reboque, fui inspecionar o lugar. Além dos homens, havia também mulheres no público, o padrão das dançarinas não era muito alto e o gerente parecia liberal o suficiente para se arriscar com uma dançarina que não tinha licença, desde que meu ato parecesse um impulso do momento. Se a polícia de costumes aparecesse, eu fingiria que fora levada a dançar pelo irresistível poder da música.

Algumas noites depois, enquanto esperava que chegasse o momento de entrar em cena, eu duvidava que conseguisse sustentar a defesa de uma dança do ventre não premeditada. Sob o meu casaco, eu vestia um traje preto e dourado com contas suficientes para comprar um pequeno atol do Pacífico.

Eu deveria me apresentar no meio do show, depois da terceira dançarina, Ashgan. Tal como a maioria das dançarinas, ela era uma mulher de meia-idade com uma figura que ia além dos ideais de beleza de Rubens. Sua dança era indiferente, mas o público parecia não se importar. A julgar pelos turbantes, a maioria já tortos a essa hora da noite, o grosso dos clientes era de Saydis, gente do interior do Egito, que estavam na cidade para se divertir. Espalhados entre eles, eu podia ver uma ou duas mesas de árabes do Golfo, com seus característicos *kaffiyehs* de xadrez vermelho. O lugar parecia muito caído para ser frequentado pelos ricos homens do Golfo: ou tinham bebido tanto que não conseguiam distinguir a diferença, ou a queda do preço do petróleo era mais séria do que eu pensava.

Finalmente Ashgan fez uma medida de agradecimento e veio me conduzir ao palco. Olhei para o mar de turbantes abaixo e senti uma onda de pânico. Mas com a insistente batida do tambor, a música decolou e eu fui com ela, perdendo-me nos seus círculos e retrocessos. A dança oriental se baseia no improviso, e exige um entendimento intuitivo entre os músicos e a dançarina. Quando a batida ganhou rapidez e intensidade, tive de acompanhar seu ritmo com o desenvolvimento de um frenético e isolado bamboleio dos quadris, que fez trepidar as milhares de contas douradas do meu cinto. Mais tarde, o andamento foi diminuindo até quase parar: apenas alguns músculos se contraíam ao compasso das longas notas do rebabe.

Parecia que ficara no palco por mil e uma noites. Finalmente, ouvi a alteração da música que significa um sinal para a bailarina terminar a dança com

um *salaam* gracioso. Fiz uma vênia e me virei para sair do palco. Um saudita saltou, empunhando uma nota de 10 libras egípcias, pedindo um bis. Para meu espanto, o resto do público bateu nas mesas pedindo mais. Ashgan, no seu mais gracioso arabesco da noite, pegou as 10 libras com uma mão e com a outra agarrou meu pulso, me impulsinando de volta para o foco das luzes. Fizemos juntas o bis. No meio, ela se inclinou e olhou para dentro de meu traje, depois se virou para o público: "*Mafish!*", gritou em árabe. "Não tem nada!" Deixamos juntas o palco sob estrondosos aplausos.

Mais tarde, o gerente, Samy Sallarn, fez uma avaliação mais pragmática de minha *performance*. "Sua dança", disse "é muito boa tecnicamente. Mas você não tem o *feeling* suficiente. Tanto quanto os passos, você precisa aprender a emoção." Ele me deu seu cartão e insistiu, de forma muito ambígua, que devia ligar para ele. Mas não liguei. Já tinha feito meu pequeno protesto em defesa do direito de as mulheres dançarem.

Saí de meu clube esfumaçado para a noite fria. Apesar de serem três horas da manhã, as ruas e os cafés ainda estavam cheios de gente rindo e se divertindo. Parecia pouco provável que um fundamentalismo severo, oposto às diversões, pudesse alguma vez realmente se impor por muito tempo. Os egípcios se pareciam muito como os italianos: eles ouviam o Papa educadamente, mas ainda punham uma estrela pornô no Parlamento.

A maioria dos egípcios eram demasiado piedosos para aceitar os assassinatos de turistas, de escritores, ou de pessoas que estavam no lugar errado quando os extremistas cometiam seus atentados nas ruas de Assuit ou do Cairo. Apesar de suas vidas difíceis e das frustrações com um governo apático e corrupto, era difícil imaginar os egípcios virando as costas para a tolerância e o bom humor que fizera suas populosas cidades e aldeias lamacentas tão agradáveis e sociáveis.

O velho encordoador de alaúdes na Rua Mohamed Ali tinha razão. Poderia demorar um pouco, mas as dançarinas voltariam.

13. CONCLUSÃO: CUIDADO COM O DOGMA

"Dize: Ó incrédulos, não adoro o que adorais, nem vós adorais o que adoro.
E jamais adorarei o que adorais, nem vós adorareis o que adoro.
Vós tendes a vossa religião e eu tenho a minha."
Alcorão
Surata dos Incrédulos

Aprendi a viver de acordo com os ritmos das preces das outras pessoas. No Cairo, acordava ao nascer do sol com as vozes dos muezzins e determinava meu intervalo de almoço pelos chamados à oração do meio-dia. Onde eu vivo hoje, numa ruela da velha Londres, as casas foram construídas há 200 anos por refugiados franceses, e não existem muezzins. Os refugiados, todos católicos, também construíram uma pequena igreja perto de seus sobrados e assim, nestes dias, são os sinos do Angelus que me acordam de manhã e me fazem procurar a cozinha no final do dia, em busca de comida.

Um dia, no verão de 1992, eu recebi um convidado para o almoço. Primeiro chegou um detetive, para revistar os meus armários e espreitar no sótão. Um filamento de poeira pendia de seu cabelo quando deu o sinal, pelo *walkie-talkie*, de que o caminho estava livre. Rápidos, os carros rugiram na ruela. "Agora, deixe a porta aberta", disse o detetive. O convidado não podia se arriscar com uma demora na entrada. Ele entrou, repentinamente, no meio de uma formação de guarda-costas. Tinha um chapéu marrom enterrado na cabeça, e um par de óculos escuros escondia a característica curva de suas pálpebras e o incrível circunflexo de suas sobrancelhas. Depois de quatro anos de esconderijos, a pele de Salman Rushdie tinha o aspecto translúcido, lembrando um peixe, de um homem que nunca vê o sol. Sua postura parecia a de um adolescente tímido que não quer se fazer notar.

Eu vivia no Cairo quando estourou a tempestade em torno dos Versículos Satânicos. Logo depois de Khomeini ter condenado Salman Rushdie à morte, levei meu exemplar do livro a Naguib Mahfouz, o egípcio vencedor do Nobel

cujos romances haviam sido censurados por motivos religiosos. Esperava que ele talvez escrevesse uma defesa de Rushdie: um pleito pela tolerância, pela liberdade das ideias. Mahfouz pegou o livro e empurrou-o para a ponta de sua mesa, onde ele não teria de olhá-lo. Disse que estava cansado: esgotado por suas próprias batalhas com o fundamentalismo. Ele não queria assumir esse compromisso.

Talvez fosse sensato. No dia em que Salman Rushdie veio almoçar na minha casa, falamos sobre um artigo que eu estava escrevendo sobre o efeito desalentador que a *fatwa* tinha em todos os escritores que, de alguma forma, estavam envolvidos com o Islã. Eu mesma sentira esse efeito, sentada num terraço ensolarado no sul do Líbano, conversando com um líder religioso do Hezbollah. Nessa altura, eu já estava habituada ao olhar desviado dos muçulmanos devotos e me parecia normal conversar com alguém cujos olhos estavam focados num ladrilho do chão um centímetro antes do meu sapato. Ele estava considerando a possibilidade de me deixar conhecer sua esposa, mas achava incômodo que meu livro mencionasse as mulheres e filhas do profeta Maomé. "Você vai ter de ter muito cuidado", disse. De repente, ele levantou a cabeça e disparou um único, penetrante olhar. "Assegure-se de não cometer erros."

Nem Rushdie nem eu sabíamos, no momento em que conversávamos sobre essas coisas, que a escritora egípcia Farag Foda jazia morta, naquele mesmo dia, por ferimentos de balas disparadas pela Jihad Islâmica em resposta a suas eloquentes e muitas vezes mordazes críticas ao extremismo religioso.

Na revista progressista xiita *Diálogo*, Ali Allawi escreve sobre as dificuldades que os europeus com potencial para se converterem ao Islã têm em ver a fé separada dos "preconceitos e da bagagem social das terras islâmicas". Quando os ocidentais "conseguirem dissociar o Islã deste ruído de fundo", escreveu, "poderão rapidamente apreciar sua veracidade".

Mas, nos dias de hoje, o ruído de fundo está muito alto. E as notícias diárias pareciam aumentar os decibéis. O World Trade Center explode aparentemente sob as ordens de um pregador islâmico militante. Um relatório sobre os direitos humanos das Nações Unidas considera que as punições baseadas no Alcorão aplicadas no Sudão estão em conflito com os acordos internacionais sobre os direitos humanos que o país subscreveu. Em resposta, o governo do Sudão ameaça o autor do relatório, um romeno, de morte. No Egito, um religioso

militante chamado Ali Yehya ordena a seus seguidores que depredem as pirâmides e outros monumentos dos tempos dos faraós porque as civilizações que existiam antes do Islã eram desprezíveis e idólatras. Na Argélia, duas mulheres foram mortas a tiros numa parada de ônibus por não estarem usando véu. Na Arábia Saudita, um editor vai para a cadeia porque seu jornal de língua inglesa publica uma tira de quadrinhos, "BC", que o governo saudita julga herética. Na tira considerada ofensiva, um homem da Idade da Pedra, no topo de uma colina, pede: "Deus, se você está aí, me mande um sinal". No segundo quadrinho, o homem fica encharcado por um súbito dilúvio. "Bem", diz, "sabemos duas coisas: Ele está lá em cima, e Ele tem senso de humor." Os sauditas prenderam o editor, um hindu, por publicar uma tira que questionava a existência de Deus.

Como a *fatwa* de Rushdie, esses incidentes nos chegam tão das profundezas do Oriente, que nós, ocidentais, não temos uma forma coerente de pensar sobre eles. Encolhemos os ombros. Estrangeiros estranhos. Quem os entende? Quem precisa deles?

E, no entanto, enquanto me estabelecia em Londres, sacudindo gradualmente as últimas camadas da poeira do Cairo que ainda estavam nas páginas dos meus livros, descobri que o ruído de fundo do Islã ainda prosseguia, à distância, como o martelar de um vizinho. Finalmente, aceitei o fato de que não era possível, nem correto, ignorá-lo.

Nesse verão, não muito depois da visita de Salman Rushdie, recebi um telefonema de uma amiga, muito perturbada, cuja vizinha fora esfaqueada até a morte. A morta era filha de um imã do Sudão. Ela fora apunhalada pelo marido, também sudanês.

Já era inverno quando o caso chegou a julgamento. Durante cinco dias, enfrentei a fria garoa de Londres para ir a um pequeno tribunal no Old Bailey. Para a grande máquina da Justiça britânica, tratava-se apenas de um caso de rotina. Os lugares destinados à imprensa estavam vazios. Um simples crime "doméstico", na vida de um casal de meia-idade e da classe média de subúrbio, era muito vulgar para despertar interesse.

Não havia dúvida sobre os fatos. Antes da hora do jantar, na cozinha de sua elegante casa vitoriana, Omar apunhalou a mulher, Afaf. Com a faca ensanguentada ainda na mão, ele foi até o telefone e ligou para o seu maior amigo para lhe dizer o que tinha feito, e depois chamou a polícia.

Na pequena galeria destinada ao público, sentei-me entre os irmãos do homem e as vizinhas da mulher. Os irmãos, que tinham chegado do Sudão para o

juízo, tremiam em suas roupas de verão. As vizinhas, bem vestidas, e jovens mães que conheciam a vítima das reuniões de pais de alunos, e das visitas semanais às lojas de jardinagem, pareciam pouco à vontade com os modos duros da polícia de Old Bailey. Na galeria, elas rabiscavam em blocos de anotações apoiados sobre os joelhos, como se seus registros meticulosos as ajudassem a dar algum sentido ao que acontecera em sua tranquila e arborizada rua. Apenas uma vez, nos cinco dias, quando o advogado de acusação empunhou a arma — uma faca de cozinha Sabatier, de boa qualidade — e perguntou ao patologista sobre as feridas que provocara ao mergulhar cinco vezes no peito e abdômen da vítima, uma das mulheres pousou a caneta e soluçou descontroladamente.

O que estava em causa no juízo era se o crime fora assassinato premeditado ou, como argumentava a defesa, homicídio involuntário que ocorreu durante um período de insanidade temporária, como resultado de uma "reação depressiva" provocada pela notícia de que a mulher tivera um amante e que, na manhã do crime, ela tinha obtido uma ordem do tribunal coibindo o marido de levar os filhos para fora da Inglaterra, para viverem com a família no Sudão.

Ao ouvir os fatos, eu podia interpretá-los de duas maneiras. A forma ocidental, como o júri os estava interpretando, conduzia a uma descrição de algo que todos entendíamos: um crime passional num impulso momentâneo e insano. A outra forma, que eu aprendera a conhecer vivendo entre as mulheres do Islã, descrevia algo muito diferente: uma lavagem da honra familiar, um assassinato premeditado que acarretaria, sob a lei britânica, uma pena de prisão perpétua.

Do recinto reservado ao júri, os homens e mulheres que dele faziam parte não podiam ver Omar, quando esperava, todas as manhãs, ao lado da guarda policial, para ser escoltado para a sala do tribunal. Mas da galeria do público, mais elevada, eu e seus irmãos podíamos vê-lo. Cada manhã ele olhava para eles e levantava o punho fechado numa desafiadora saudação de vitória. Sua entrada no recinto era quase jovial.

Afaf, 38 anos quando morreu, casara com ele num arranjo de família. Mal tinha 15 anos; ele já tinha 30. O fato de Omar ser seu parente, além de marido, era talvez mais importante que qualquer outro fato do juízo. A tradição considerava o adultério de Afaf mais infamante ainda devido a essa relação de sangue.

Afaf vivera o melhor possível diante das poucas opções que tivera. Não pudera escolher quando lhe cortaram o clitóris, a casaram com um homem que mal conhecia, e a mandaram para um lugar milhares de quilômetros distante de

sua casa, para uma cidade onde se falava uma língua que ela não entendia.

Afaf viveu em Londres com Omar enquanto ele fazia o doutorado. Em 1985, não conseguindo um posto acadêmico na Inglaterra, ele começou a trabalhar na Arábia Saudita. Durante 10 meses por ano, Afaf criou seus filhos sozinha. Trabalhando em escritórios, ela conseguiu terminar o curso secundário e um curso de computação, e começar um curso universitário de ciências sociais. Mulher forte, de amplo sorriso e modos abertos, ela conseguiu quebrar as reservas britânicas e fazer amigos. Para Omar, não era fácil voltar da atmosfera austeramente religiosa da Arábia Saudita uma vez por ano. Ele hostilizava alguns dos melhores amigos de Afaf, especialmente um casal que não era casado e que vivia do outro lado da rua. Ele achava que vizinhos como esses criavam uma "atmosfera de ateísmo" para seus filhos.

A longa separação e as mudanças que Afaf experimentou, de uma dócil jovem esposa para uma mulher independente e realizada, começaram a desgastar os frágeis laços do casamento. Em 1987, Afaf e Omar passaram a dormir em quartos separados. Mas Afaf tinha medo de pedir o divórcio, temendo que Omar desse sumiço nos filhos, levando-os de volta para o Sudão, onde a lei islâmica não daria a Afaf o direito de custódia.

Até que um de seus colegas de trabalho, Andrew, um homem alto, louro e divorciado, se apaixonou por ela. No início, ela manteve distância, mas lentamente o apoio que lhe dava no escritório se estendeu à casa, onde os anos de ausência de Omar tinham deixado por fazer pequenos consertos e quartos arruinados. Foi Andrew que explicou a Afaf que a lei britânica protegeria seus direitos sobre os filhos. Em janeiro de 1991, ela escreveu ao marido pedindo divórcio.

Omar concordou. Mas, na sua viagem seguinte, ele soube que Andrew estivera em sua casa e passara lá uma noite em que trabalhara até tarde pintando a marquise. Omar ficou furioso diante da possibilidade de algum vizinho ter notado. Sua principal preocupação era manter o segredo sobre as visitas porque, disse no tribunal, temia pela honra de sua família se o relacionamento de Afaf com outro homem se tornasse público. De acordo com o testemunho de Andrew no julgamento, Omar disselhe que não se opunha a que se encontrasse com Afaf, desde que isso acontecesse longe de casa e dos olhares dos vizinhos.

Afaf poderia ter vivido para se divorciar de Omar e casar com o homem de sua escolha, se não fosse um longo e estressante dia de brigas sobre o direito de Omar sair sozinho com os dois filhos mais novos, pois Afaf temia que ele os raptasse. Omar, frustrado e furioso, foi visitar seu único amigo sudanês, a quem

confiou suas suspeitas sobre a infidelidade da esposa.

Esse amigo, chamado a testemunhar no tribunal, descreveu como rompeu a chorar à medida que Omar falava. Essas lágrimas — que vinham do coração de um amigo sudanês que sabia a profundidade da desonra de Omar — podem ter sido a causa da morte de Afaf. O intelecto de Omar, formado pelo Ocidente, poderia ter conseguido vencer a guerra contra a sua bagagem social se, como era a intenção dele, o relacionamento de sua mulher fosse mantido secreto. Mas uma vez que o amigo sabia, a desonra era um fato consumado que só podia ser lavado pelo velho e sangrento modo. O fato de que a primeira chamada de Omar depois do crime fosse para o amigo — não para o médico, não para chamar uma ambulância, não para a polícia — me parecia a mais forte prova apresentada no tribunal sobre o motivo. Mas a acusação nunca fez essa ligação.

No final da semana, o júri chegou a um veredicto de homicídio culposo, com base na "responsabilidade diminuída". Ter posto fim à vida da mulher, valeu a Omar uma sentença de prisão de seis anos. Tirando o tempo que ele já passara preso desde o assassinato, e uma redução de pena mais que provável por bom comportamento, ele seria provavelmente libertado em julho de 1996.

Dos fatos apresentados na pequena sala do tribunal, havia poucas chances de sair outro veredicto. O que faltava não eram provas, mas compreensão dos preconceitos e da bagagem social das terras islâmicas que Omar carregava com ele desde o Sudão, seu país natal, e da Arábia Saudita, o país onde trabalhava dez meses por ano.

Nada da própria cultura ou experiência permitia que os membros do júri, ingleses bem comuns, pudessem entender que o caso apresentado no tribunal era um crime de honra, um dos milhares que a cada ano ceifam vidas de mulheres muçulmanas.

Esse não era um caso isolado; eu apenas tomara conhecimento dele por acaso. Num estudo britânico sobre a violência na família, divulgado logo depois da morte de Afaf, os pesquisadores descobriram que as mulheres casadas com homens com alguma relação com o islamismo tinham oito vezes mais chances de serem mortas que qualquer outra mulher na Grã-Bretanha. Mas os advogados, juízes e membros do júri continuavam a considerar esses crimes por um padrão completamente inadequado para medir o que realmente tinha acontecido.

Diante das estatísticas da violência para com as mulheres, ou do furor da *fatwa* de Rushdie, os muçulmanos progressistas como Ali Allawi, Rana Kabbani e outros põem a culpa numa ampla gama de vilões: a história colonial, a dureza da experiência do imigrante, a tradição beduína, a cultura pré-islâmica. Mas

quando o Alcorão sanciona o espancamento das mulheres e a execução dos apóstatas, não pode ser completamente isento de culpa pelo fato de haver uma epidemia de matanças de mulheres e sentenças de morte contra escritores.

No final, o que Rana Kabbani e Ali Allawi nos propõem é um exercício tão artificial quanto o que era proposto pelos marxistas que usavam o argumento de que o socialismo na sua forma pura não deveria ser denegrido nem rejeitado, devido às deficiências do "socialismo real". Em algum ponto, todas as religiões, principalmente uma que abrange um modo de vida completo e um sistema de governo, têm de ser responsabilizadas pelo tipo de vida que oferecem às pessoas nos territórios em que predominam.

Torna-se insuficiente olhar o Islã no papel, ou o Islã na história, e alongar-se sobre as indiscutíveis melhorias que trouxe às vidas das mulheres do século VII. Hoje, a tarefa muito mais urgente e relevante é examinar como a fé mostrou ser um terreno tão fértil para quase todos os costumes contrários às mulheres que encontrou na sua grande marcha para fora da Arábia. Quando encontrou os véus e o confinamento na Pérsia, absorveu-os; quando encontrou as mutilações genitais no Egito, absorveu-as; quando encontrou sociedades em que as mulheres nunca tiveram voz nas questões públicas, sua própria tradição de participação das mulheres murchou.

Ainda assim, existem exceções. Quando os exércitos do Islã entraram na Índia, os muçulmanos ficaram estarecidos pela prática do *sati*, em que as viúvas, quando os maridos morriam, se queimavam vivas na pira funerária. Em 1650, o viajante Jean-Baptiste Tavernier escreveu sobre as viúvas hindus, proibidas por sua fé de se casarem de novo, e reduzidas pela morte dos maridos à penúria e ao desprezo, preferindo pôr fim a suas vidas através do *sati*. "Mas deve ser notado", escreveu, "que uma mulher não pode se queimar sem antes receber autorização do governador do lugar onde vive, e os governadores musulmanos [muçulmanos] refreiam este costume pavoroso de autodestruição, e não dão facilmente autorização." O Islã pode ficar com o crédito de salvar a vida dessas mulheres. Mas por que uma fé tão poderosa e elástica não resistiu mais vezes a "costumes pavorosos"?

Quando comecei a trabalhar neste livro, procurei em todo o lado exemplos de mulheres que tentassem recuperar as mensagens positivas do Islã, levando à frente no século XX o zelo reformista com que Maomé refez as vidas de muitas mulheres (que não fossem suas próprias esposas e as prisioneiras do exército muçulmano), na primeira comunidade muçulmana em Medina. Foi uma procura frustrante. Na maioria dos lugares, a direção do debate parecia ser exatamente a

oposta. Na Palestina, no Egito, na Argélia e no Afeganistão, as mulheres viam uma cortina descer sobre décadas de libertação feminina, quando os líderes islâmicos de seus países aderiram às interpretações mais excludentes e injustas. Para as mulheres que lutavam contra a maré, os resultados eram um trio desencorajador de marginalização, hostilização e exílio.

No Marrocos, o estudo de Fátima Mernissi sobre o Alcorão fez uma formidável defesa do Islã enquanto religião de igualdade e dignidade humana, cuja mensagem foi estupidamente enterrada através dos tempos pela ação de misóginos em posições de poder. Mas seu trabalho é muito mais lido nas universidades ocidentais que nas mesquitas marroquinas. Não interessa quão completa e precisa seja sua pesquisa nos *hadith*: o *establishment* islâmico, dominado pelos homens, não parece querer dar ouvidos ao trabalho de uma mulher muçulmana que não usa véu ou exibe de outra forma sua devoção.

Talvez seja por isso que encontrei as maiores esperanças de mudanças positivas camufladas entre os negros xadores das devotas mulheres iranianas. Nem os mais estreitos fundamentalistas podem criticar as credenciais islâmicas de mulheres como Zahra Mostafavi, a filha de Khomeini, ou Faezeh Hashemi, a filha de Rafsanjani. Sua patente adesão às regras religiosas dá-lhes uma ampla base para defender os direitos das mulheres. Até agora, elas usaram essa posição de forma parcimoniosa para dar às mulheres uma maior atuação política, mais igualdade de oportunidades de emprego e o direito de praticar esportes. É certo que essas mulheres nunca derrubarão os muros da tradição. Elas nunca se posicionarão contra o uso obrigatório do véu ou contra a poligamia — o que pode ser feito dentro das razões islâmicas. Mas dentro desses muros de tradição, elas podem criar um refúgio muito mais seguro para as mulheres que vivem sob o risco permanente da injúria e exploração em nome do Islã.

Para a mulher ocidental, isso pode não parecer muito. É fácil ver essas mulheres severas, em suas mortalhas pesadas, como símbolo do que está errado no Islã, em vez de identificá-las de forma positiva. Mas, para as mulheres muçulmanas que vivem nos países mais rigorosos do mundo islâmico, a mulher iraniana indo para o trabalho em sua motocicleta, mesmo com o esvoaçante xador firmemente preso pelos dentes, aparece como alguém a quem invejar.

"Elas são nossas supermulheres", disse Iman Fadlallah, a tímida esposa de 24 anos de um *sheik* do Hezbollah no sul do Líbano, o mesmo que me advertira sobre este livro. O pai de Iman, o mais importante religioso do Hezbollah em Beirute, acabara repentinamente com sua escolaridade aos 14 anos, escolhendo um marido que ela só conheceu no dia do casamento. Agora, ela passava a maior

parte do tempo em casa cuidando dos filhos. No Irã, onde vivera com o pai enquanto ele continuava os estudos religiosos, ela divisara um mundo muito mais amplo, até para as mulheres mais devotas. Ela falava melancolicamente das oportunidades de estudo e trabalho das mulheres iranianas. "Temos de lutar para ser tão fortes quanto elas", disse.

Todos têm sua própria forma de lembrar das viagens. Alguns fazem diários. Outros tiram fotos. Eu vou ao meu quarto e abro o guarda-roupa. Existem recordações penduradas lá, sinais de seis anos e 20 países. Lá está o lenço artesanal vermelho e preto, ainda com um cheiro tênue do fumo da lenha onde cozinhou a mulher curda que o tirou de sua própria cabeça para envolver meus cabelos. Está o longo vestido palestino que a mãe de Raed, Rahme, fez para que eu me sentisse confortável sentada no chão junto com eles. Ainda tenho a minha "roupa de rei" listrada, italiana, com um remendo discreto escondendo o rasgão feito no dia em que acompanhei Hussein pelo deserto da Jordânia. Joguei fora meus sapatos de casamento — os que tinham vestígios de sangue de camelo. E sempre penso em dar as meias de acrílico preto que tive de comprar às pressas quando o inspetor do traje islâmico em um banco de Teerã notou que uns centímetros de meias demasiado transparentes apareciam entre o topo de meus sapatos e a bainha do xador.

Pendendo de um cabide está o próprio xador, a grande peça preta de seda e tecido sintético que eu costumava desprezar. Mas aquele trapo bem gasto, sujo nas bainhas e rasgado no ombro, tornou-se um velho amigo. Como as roupas para causar boa impressão dos anos 80, ele foi a camuflagem que me ajudou num mundo onde eu não era muito bem-vinda.

Quando olho para o xador, não sinto mais o pequeno estremecimento de medo ou o assomo de ódio que costumava sentir quando via as formas mais extremas de traje islâmico. Hoje em dia, os meus sentimentos são muito mais complexos. Minhas recordações associam os xadores às mulheres de quem estive mais próxima, em vez do abismo que antes sentia existir entre nós.

Quando vivi entre as mulheres do Islã, me tornei parte de um mundo que ainda é, no final do século XX, intensamente privado. Em público, a maioria das mulheres se movem como sombras, constrangidas fisicamente por seu *hijab* ou mentalmente pelos códigos de conduta que as inibem. Só atrás dos muros altos e das portas fechadas é que as mulheres são mais livres.

Minha entrada nesse mundo despertou emoções que estiveram por muito

tempo adormecidas. Desde os tempos em que comecei a trabalhar como repórter foca da editoria de esportes do *The Sidney Morning Herald*, a minha carreira me empurrara para um mundo masculino. Quando me tornei correspondente no exterior, a maioria de meus colegas eram homens. Só quando fui para o Cairo e comecei a procurar as mulheres muçulmanas é que compreendi que nunca tivera uma amiga íntima desde que saíra da escola.

Eu esquecera como gostava de estar com mulheres. Mas sempre havia uma acidez latente, até no final dos encontros mais agradáveis. Acocorada no chão da cozinha de uma amiga curda, ajudando-a a fazer pão, descobri como era agradável estar completamente rodeada de mulheres, como era bom ter uma tarefa que era só nossa. Enquanto os hábeis dedos das mulheres arremessavam bolas de massa de pão sob meu rolo de madeira, e o fogo crepitava sob o tabuleiro de metal enegrecido do forno, eu senti a alegria de partilhar um trabalho bem feito.

Mas, num momento durante o trabalho, quando meus ombros doíam e o suor escorria pelas costas, comecei a indignar-me com o garotinho que vivia pegando pedaços da pilha de pão quente com seus dedinhos gordos. Sua irmã, não muito mais velha, já fazia parte de nossa linha de montagem de pão. Por que ele tinha de aprender tão novo que o papel dela era trabalhar para o prazer dele?

Os vestidos semelhantes a hábitos de freira, jogados para o fundo do meu guarda-roupa, me traziam todos esses sentimentos misturados. Cada vez que minha mão roça o tecido macio do xador, penso em Nahid Aghtaie, a estudante de medicina iraniana que desistiu de uma vida fácil em Londres para voltar para casa e trabalhar em empregos mal pagos a fim de contribuir com os objetivos de sua revolução. Lembro-me dela, em Qum, caminhando sobre o chão de mármore da mesquita em direção a mim, para me dizer que tinha rezado para que eu "tivesse filhos lindos". E então eu penso no seu rosto lindo — o pequeno triângulo visível entre as sobrancelhas e os lábios —, radiante na manhã do assassinato do tradutor japonês de Rushdie em julho de 1991. "Isto", disse triunfantemente, "me mostra o poder do Islã." Disselhe que, para mim, isso não mostrava poder algum, assim como a morte de um garoto palestino pelas balas de um soldado israelense não mostrava o poder do judaísmo. Por que não, perguntei-lhe, invocar o "poder do Islã" falando no trabalho humanitário que o Irã estava fazendo com a onda de refugiados iraquianos que então acorria a suas fronteiras? "Porque ninguém nota quando fazemos essas coisas", disse ela. "Mas cada noticiário no mundo vai falar desta execução."

Finalmente, fiquei cansada desse tipo de conversas. Amizades com

mulheres como Nahid eram uma faca de dois gumes: como era possível admirá-la por sua coragem e convicções, quando essas convicções levavam a tão detestáveis raciocínios?

Logo depois da minha viagem ao Irã, cansada de meses de cobertura da guerra com o Iraque e suas consequências, passei umas breves férias em casa, na Austrália. O meu avião pousou em Sidney um pouco antes de um vôo que vinha de Jacarta. Enquanto esperava pela minha bagagem, as portas para o *hall* de entrada se abriram com um assobio para uma multidão de indonésios-australianos esperando por seus parentes. Quase todas as mulheres usavam véu. Um pensamento repentino atravessou meu cérebro: "Oh! por favor. Aqui também? Não!"

Eu não fora criada para ser fanática. Os meus pais consideravam a intolerância religiosa um pecado. Minha mãe conhecera o suficiente dessa prática na sua infância, entre os imigrantes católicos do interior da Irlanda. O casamento de sua mãe com um não-católico fora um ato de coragem. A história dela era tipicamente australiana: em duas gerações, ela sacudira a poeira dos preconceitos do antigo país e adotara a própria "religião" da Austrália: um apaixonadamente tolerante secularismo. Isso aconteceu com quase todo o mundo. Uma das estatísticas mais reveladoras que conheci sobre meu país dizia respeito aos 12 membros do Conselho de Administração da principal sinagoga de Sidney. Em 1890, estes 12 homens eram dos mais fiéis judeus da cidade. Menos de 100 anos depois, nenhum dos 12 tinha um único descendente identificável como judeu. Casamentos mistos e o canto de sereia do secularismo tinham-nos conquistado todos.

Poderia isso ter também acontecido com a nova onda de imigrantes muçulmanos? Poderiam também seus filhos aprender a duvidar das receitas do Alcorão sobre seu modo de vida? Veriam eles que a Austrália, onde os primeiros-ministros eleitos são habitualmente ateus, é uma sociedade muito mais justa e generosa que os regimes religiosos de países como a Arábia Saudita ou o Sudão? Ou iriam eles, à medida que crescessem em número, tentar impor seus valores à minha cultura? Durante o alarido em torno de Rushdie, os muçulmanos australianos fizeram manifestações, como era seu direito. Mas fotos de seus filhos empunhando cartazes que diziam "Morte a Rushdie!" provocaram um estremecimento na sociedade.

Uma amiga iraniana que vive em Londres, uma mulher simpática de meia-idade que pratica medicina familiar, diz que a única guerra em que ela combateria de bom grado seria a que fosse travada para impedir que o

fundamentalismo islâmico lhe dissesse como ela deveria conduzir sua vida. Ela é zoroastriana, parte da antiga fé persa em que o escuro e a luz, o bom e o mau estão ligados para sempre numa luta pela supremacia.

Deveríamos também nós lutar para impedir que os extremistas islâmicos ditassem aos outros sua conduta? Como ocidentais, professamos a crença de que os direitos humanos são uma moeda internacional imutável, independente das culturas e das circunstâncias políticas. Na Conferência de Genebra sobre a Declaração Internacional dos Direitos Humanos, em 1993, o Irã esteve entre o punhado de países que defenderam outro ponto de vista. Envolvendo seus argumentos em vestes da moda, como o relativismo cultural, delegados do Irã e de Cuba, da China e da Indonésia argumentaram que o Ocidente impusera sua ideologia de direitos humanos a nações cujas diferentes histórias políticas e religiosas lhes dava o direito de escolher a sua própria ideologia sobre esse assunto. Para mim, o argumento deles se reduzia a este medonho e insustentável princípio: os direitos humanos devem ficar a critério do déspota local.

O conceito de universalidade dos direitos humanos prevaleceu na conferência, e a carta não foi emendada. Mas ela fez até agora muito pouco pelas mulheres vítimas de mutilações genitais, pelas confinadas à força, pelas mulheres privadas de direitos em geral.

Nossa luta é justa? Como um teste mental, eu sempre tento inverter o sexo. Se cerca de 90 milhões de garotos tivessem seus pênis amputados, o mundo teria ou não atuado já para evitar que isso acontecesse? Podem apostar.

Às vezes, substituir sexo por raça também é um exercício interessante. Pensemos num país aliado do Ocidente, e parceiro comercial, que tivesse a população metade branca, metade negra. Os brancos tinham completo controle dos negros. Podiam espancá-los se desobedecessem. Privavam-nos do direito de sair de casa sem permissão; não podiam caminhar sem serem incomodados se não usassem a roupa oficial da segregação; não conseguiam empregos decentes no governo, nem podiam trabalhar em qualquer emprego sem a permissão do branco que os controlava. Haveria ou não uma onda de protestos em nossos países? Teríamos imposto sanções comerciais e sujeitado esse país à condenação internacional? Podem apostar. Mas países como a Arábia Saudita, que priva metade de sua população desses direitos básicos, não foram sujeitados a nenhuma dessas sanções.

Creio que é possível argumentar que as pressões externas são contraproducentes quando se trata de tradições que são vistas como religiosas, mesmo se de fato não o são. Tentativas anteriores de banir as mutilações

genitais, por ordem de governos coloniais, acabaram em melancólicos fracassos. Mas mesmo que abramos mão de interferir nos assuntos internos dos outros países, não há desculpa para nada fazermos dentro do nosso próprio país.

Numa era de sensibilidade cultural, precisamos dizer que certa bagagem cultural é contrabando nos nossos países, e não será permitida. Já temos uma legislação sobre poligamia; não reconhecemos divórcios que se consumam apenas com as palavras "eu estou me divorciando de você". Banimos estas coisas, mesmo sendo elas aprovadas pelo Alcorão. Deveria ser mais fácil ainda tomar posição contra práticas que nem recebem a sanção do Alcorão. Os crimes de "honra" precisam ser identificados e punidos como assassinatos premeditados que são. As jovens precisam ser protegidas contra os casamentos acertados pelas famílias durante "férias" improvisadas no exterior e envolvendo moças muito novas para concordar de forma consciente. E, mais urgente que tudo, a excisão do clitóris precisa ser proibida.

Em 1994, os Estados Unidos ainda não tinham leis para proibir os imigrantes de países como a Somália e o Sudão de mutilarem os genitais de suas filhas, e a operação ocorria entre as comunidades de imigrantes pelo país afora. A primeira lei sobre o assunto foi levada ao Congresso pela deputada democrata do Colorado, Patrícia Schroeder. Apesar de estar dedicada à educação dos imigrantes e a impedir que se realizem mutilações dentro dos Estados Unidos, ela não propõe meios para impedir que as meninas sejam levadas para fora do país para fazerem a operação.

Há outra coisa que também pode ser feita: ampliar o direito de asilo, sob o argumento de "medo fundamentado de perseguição", às mulheres de outros países cujos pais, maridos e irmãos afirmam ser um direito religioso inibir a liberdade da mulher. Em janeiro de 1993, o governo do Canadá, depois de quase dois anos de consultas, concedeu asilo a uma estudante saudita que o pedira com o argumento de perseguição de sexo. Foi, disseram, "uma exceção". Por que deveria ser? "Nada", como ela pediu para ser chamada, passou pelos mesmos tormentos que qualquer mulher é submetida pelas autoridades de seus países pelo "crime" de saírem de suas casas de cabelo descoberto. Se Nada tivesse ficado na Arábia Saudita, e continuasse a desobedecer, ela podia ter ido parar na cadeia e até mesmo ser torturada sem que sequer existissem acusações formais.

Não existe, infelizmente, a possibilidade de que a concessão de asilo automático às mulheres que sofrem perseguição devido a seu sexo provoque uma onda de refugiadas. Apenas uma minoria tem os meios de sair de seu país, ou até de sua casa, onde os homens controlam as chaves das portas e dos carros e

precisam assinar um documento de autorização para a mais curta viagem. Mas um passo como esse enviaria um sinal aos regimes cujas restrições nada têm a ver com a religião que eles afirmam professar. E também sinalizaria que nós também temos algumas coisas sagradas: entre elas a liberdade, igualdade, a busca da felicidade e o direito à dúvida.

Já passou muito tempo desde que fiquei sob o olhar de Rafsanjani na entrevista coletiva no Irã e lhe disse que estava vestindo o xador "num espírito de respeito mútuo". Nesse momento, sob os focos das luzes da TV, eu tinha uma imagem mental de mim mesma, como eu gostava de estar no verão, sem roupa, na praia perto da casa de meus pais. O "respeito mútuo" a que me referia exigia que ele, e os que eram como ele, reconhecesse meu direito a tomar sol nessas areias australianas lendo, se eu quisesse, os *Versículos Satânicos*.

No ano passado, quando fui a Sidney, fiquei na praia ao lado de uma família muçulmana que não parecia nada incomodada com os corpos expostos em volta deles. Enquanto o homem brincava na água com os filhos menores, a mulher sentava na areia, com o longo e largo vestido composto à sua volta. Fiquei triste ao pensar que a filhinha, brincando tão alegremente na água com o pai e o irmão, teria em breve que renunciar a esse prazer. Mas essa era a luta dela, não a minha. Pelo menos na Austrália, ela teria direito de escolher. Escolheria entre os valores de sua família e o que ela via fora de casa.

De vez em quando, a mãe da menina mexia no lenço de cabeça que balançava com a brisa do mar. Aquela mulher fizera a sua escolha: era diferente da minha. Mas sentada ali, compartilhando o calor da areia e o ar suave, aceitávamo-nos uma à outra. Quando ela levantou o rosto para o sol, estava sorrindo.

GLOSSÁRIO

Abaya — Um manto preto, com aberturas para os braços, que cai do topo da cabeça até os tornozelos. Usado geralmente nos países do Golfo Pérsico.

Abu — Pai.

Alá — O âmago da fé islâmica é o seu monoteísmo. *Al Lah* é simplesmente Deus em árabe.

Andarun — Nas casas persas tradicionais, o quarto interior, ou privado, onde vivem as mulheres, impedidas de ter contato com o mundo exterior.

Anfal — Literalmente, os despojos de guerra. Nome de um capítulo do Alcorão e o nome de código dado por Saddam Hussein a sua campanha de terror contra os curdos.

Aqd — Contrato de casamento.

Ayatollah — Literalmente, reflexo de Deus. No Islã xiita, os mais sábios professores de religião e intérpretes da lei recebem este título.

Burka — A máscara facial, feita de couro ou de tecido grosso, usada pelas mulheres dos países do Golfo. Cobre todo o rosto, exceto os olhos.

Califa — Literalmente, o que vem depois. Os sucessores de Maomé como líderes da antiga nação muçulmana.

Curdo — Um povo não-árabe, majoritariamente muçulmano, que habita na região das montanhas entre o Iraque, a Síria, a Turquia e a antiga União Soviética.

Dhow — Um barco comum no Golfo Pérsico.

Esma — Cláusula de um contrato de casamento dando à mulher o direito ao divórcio.

Farsi — A língua oficial do Irã.

Fatwa — Opinião ou decisão formal e legal de um líder religioso sobre uma questão de lei religiosa.

Festa do sacrifício — A comemoração de três dias que põe fim ao Ramadã. Todos os peregrinos e os muçulmanos que têm posses para isso matam um carneiro e distribuem a carne para os pobres. As crianças ganham roupas novas.

Fitna — Caos, guerra civil. Em alguns países árabes, *fitna* é também uma

gíria usada para designar uma mulher linda.

Hadith — Um ditado do profeta Maomé, ou que se diz dele, ou de seus ensinamentos, feito por fontes contemporâneas.

Hajj — A peregrinação a Meca que todos os muçulmanos são obrigados a fazer pelo menos uma vez em suas vidas se puderem pagar a viagem. Também o mês do calendário islâmico em que a peregrinação acontece.

Halal — Religiosamente legal, apropriado, permitido.

Hanafi — Uma das principais escolas do pensamento religioso sunita.

Hanbali — A mais estrita das quatro principais escolas do pensamento islâmico.

Haram — Religiosamente proibido. É necessário abster-se do que é *haram*. Aquele que realiza um ato *haram* será punido por um tribunal islâmico, ou no Além, ou nos dois.

Harem — Os quartos privados de uma casa, ou os quartos das mulheres. Também as mulheres de uma família.

Hezbollah — Literalmente, o Partido de Deus. Grupo político-religioso associado com Khomeini. Influente entre os xiitas libaneses.

Hijab — Literalmente, uma cortina. Geralmente, qualquer vestido feminino que segue os princípios islâmicos.

Hijrah — A luta de Maomé e seus seguidores de Meca a Medina em 16 de julho, no ano 622 do calendário cristão. A data em que começa o calendário muçulmano.

Husseinya — Um centro xiita de estudo e oração.

Imã — Líder das orações comunitárias. Também, entre os xiitas, os primeiros 12 líderes de sua comunidade que receberam esse título. Muitos iranianos restauraram o título para Khomeini.

Jalabiya — Um casaco abotoado do pescoço aos tornozelos usado pelas mulheres, ou uma túnica larga usada pelos homens.

Jihad — Esforço sagrado, ou luta, ou guerra para defender o Islã. A palavra mais próxima, em português, é cruzada.

Kaffiyeh — Um lenço para a cabeça, de pano xadrez, preto e branco ou vermelho e branco, amplamente usado pelos homens em partes do mundo árabe, mas particularmente associado aos palestinos, para quem se tornou algo como um símbolo nacionalista.

Kunya — A prática de acrescentar um nome ao homem ou à mulher depois do nascimento de seu primeiro filho. Se uma mulher é conhecida como Umm Walid (Mãe de Walid), isso significa que seu filho mais velho se chama Walid.

Lavosh — Fatias finas de pão macio.

Maalimah — No Egito, uma boa dançarina e cantora de música popular que ensina seus conhecimentos a outras.

Madrassa — Escola.

Magneh — Uma cobertura de cabeça semelhante a um capuz, usada pelas mulheres, principalmente no Irã.

Majlis — Reunião ou conselho. *Majlis-as-shura* é um conselho consultivo, o conceito mais próximo de parlamento nos ensinamentos islâmicos.

Makruh — Algo que é religiosamente desencorajado, que não é apreciado. Se uma pessoa faz um ato *makruh*, não será punida, como seria se tivesse feito um ato *haram*; mas se se abster de dele, a pessoa será recompensada.

Maliki — Uma das principais escolas do pensamento islâmico.

Minarete — O topo da torre de uma mesquita, de onde os *muezzin* tradicionalmente chamam os fiéis à oração. Nos tempos modernos, muitas vezes os gritos são substituídos por alto-falantes.

Minbar — O púlpito numa mesquita.

Mesquita — Em árabe, *masjid*. Lugar de adoração muçulmana. Pode ser um simples quarto ou um magnífico edifício de mármore.

Muçulmano — Literalmente, o que se submete à vontade e às leis de Deus.

Muezzin — Aquele que canta ou grita os chamados à oração.

Mujtahid — Sumidade religiosa que é uma autoridade em lei islâmica e pode aconselhar os outros.

Mullah — Um clérigo ou líder religioso.

Mutawain — A polícia religiosa da Arábia Saudita.

Muwazzaf — Um burocrata do governo.

Niqab — Um véu usado pelas mulheres que cobre completamente o rosto.

Roosarie — O nome iraniano para lenço de cabeça.

Salwar Kameez — Uma túnica até os pés, usada sobre a calça.

Sharia — Lei islâmica. Literalmente, o caminho para o poço.

Shayla — Um termo árabe que significa lenço de cabeça.

Shehada — O primeiro pilar da religião islâmica. Literalmente, profissão de fé: "Proclamo que não há outro Deus senão Deus, e Maomé é o mensageiro de Deus".

Sihgeh — Casamento temporário reconhecido pelos xiitas.

Sunnah — As tradições do profeta Maomé. As coisas que ele fez, ou que foram aprovadas por ele, ou que foram feitas em sua presença sem que ele as desaprovasse.

Sunnat — Recomendado, desejável, do acordo com as tradições de Maomé. Uma pessoa não será punida por negligenciar atos *sunnat*, mas será recompensada se os fizer.

Sunni — Muçulmano ortodoxo. Literalmente, o que segue as tradições de Maomé.

Talaq — Divórcio por repúdio. O marido apenas repete as palavras: "Estou me divorciando de você" três vezes.

Thobe — A longa túnica, normalmente feita de algodão branco, usada pelos homens da península arábica.

Ulema — Corpo de sábios religiosos que interpretam a lei islâmica para a comunidade.

Umm — Mãe.

Ummah — A comunidade islâmica em todo o mundo,

Wahabi — Movimento puritano, ultraconservador, fundado em 1740 no que é atualmente a Arábia Saudita por um pregador chamado Muhammad ibn Abdul Wahab. Sob a doutrina de Wahab, as mulheres não têm muitos dos direitos considerados adequados a elas pelas mais ortodoxas leituras do Alcorão e dos hadith. Apoiados pela riqueza saudita, a influência dos ensinamentos Wahabi está crescendo no mundo islâmico,

Wajib — Ato religioso obrigatório, Uma pessoa será punida no Além por negligenciar um ato *wajib* como as orações diárias ou a distribuição de esmolas aos pobres.

Xador — Uma peça de tecido que cai do topo da cabeça até os tornozelos e é pregado bem apertado em volta do queixo. Usado no Irã e pelas mulheres xiitas do Sul do Líbano.

Xiita — Aderente à facção islâmica que surgiu no século VII devido a uma cisão em torno da disputa sobre quem deveria ser o califa, ou sucessor, de Maomé. Os Shiat, ou partidários, de Ali ibn Abu Taleb, primo e cunhado de

Maomé, diziam que Ali era o legítimo sucessor e que a liderança deveria ficar com os descendentes de Maomé. Estima-se que existem cerca de noventa milhões de xiitas no mundo, ou 9% de todos os muçulmanos. Eles são a esmagadora maioria no Irã e uma maioria pequena no Iraque, Dubai e Bahrein. Em outros países, como no Líbano e na Arábia Saudita, eles sempre foram minoria.

Zakkat — Caridade compulsória para com os pobres. Um dos cinco pilares da fé islâmica: todos os muçulmanos devem dar um percentual de sua riqueza anualmente, normalmente calculada sobre o patrimônio líquido de uma pessoa, não da renda anual.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

Abbott, Nabia. *Aishah the Beloved of Mohammed*. Londres: Al Saqi Books, 1985.

Ahmed, Leila. *Women and Gender in Islam: Historical Roots of a Modern Debate*. New Haven: Yale University Press, 1992.

Akhtar, Shabbir. *Be Careful with Muhammad! The Salman Rushdie Affair*. Londres: Bellew Publishing, 1989.

Alireza, Marianne. *At the Drop of a Veil: The True Story of a California Girl's Years in an Arabian Harem*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1971.

Aloskooee, M. H. A. Alehghaghi. *Letter from the Shiites*. San Rafael: Islamic Foundation, 1983.

Amini, Ibrahim. *Principles of Marriage and Family Ethics*. Teerã: Islamic Propagation Organization, 1988.

Amos, Deborah. *Lines in the Sand: Desert Storm and the Remaking of the Arab World*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1992.

Armstrong, Karen. *Muhammad: A Western Attempt to Understand Islam*. Londres: Victor Gollancz Ltd., 1991.

Badran, Margot, and Miriam Cooke, eds. *Opening the Gates: A Century of Arab Feminist Writing*. Londres: Virago, 1990.

Bani-Sadr, Abol Hassan. *My Turn to Speak: Iran, the Revolution & Secret Deals with the U.S.* Washington, D. C.: Brassey's, 1991.

Bashier, Zakaria. *Sunshine at Medina: Studies in the Life of the Prophet Muhammad*. Leicester: The Islamic Foundation, 1990.

Campbell, Dugald. *On the Trail of the Veiled Tuareg*. Londres: Seeley, Service & Co., 1928.

Connolly, Clara. "Washing Our Linen: One Year of Women Against Fundamentalism." *Feminist review* 37 (Primavera 1991).

Esposito, John L. *Islam: The Straight Path*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

Farmaian, Sattareh Farmn. *Daughter of Persia: A Woman's Journey from her Father's Harem Through the Islamic Revolution*. Nova Iorque: Crown, 1992.

Fernea, Elizabeth Warnock, and Basima Qattan Bezirgan, eds. *Middle Eastern Muslim Women Speak*. Austin: University of Texas Press, 1990.

French, Marilyn. *The War Against Women*. Londres: Hamish Hamillon, 1992.

Givechian, Fatemeh. "Cultural Changes in Male-Female Relations." *The Iranian Journal of International Affairs*. e, n 3 (Fall 1991).

Holton, Patricia. *Mother Without a Mask: A Westerner's story of Her Arab Family*. Londres: Kyle Cathie Ltd., 1991.

Kabbani, Rana. *Letter to Christendom*. Londres: Virago, 1989.

Lacey, Robert. *The Kingdom*. Londres: Fontana, 1982.

Lewis, Bernard. *The Political Language of Islam*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

Mabro, Judy, ed. *Veiled Half-Truths: Western Traveller's Perceptions of Middle Eastern Women*. Londres: I.B. Tauris & Co., 1991.

Macleod, Arlee Elowe. *Accommodating Protest: Working Women, the New Veiling, and Change in Cairo*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1991.

Mahfouz, Naguib. *Palace Walk*. Londres: Doubleday, 1991.

Mahmoody, Betty. *Not Without My Daughter*. Londres: Corgi, 1987.

Mernissi, Fatima. *Beyond the Veil: Male-Female Dynamics in Muslim Society*. Londres: Al Saqi Books, 1985.

Women and Islam: An Historical and Theological Enquiry. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

Minai, Naila. *Women in Islam: Tradition and Transition in the Middle East*. Londres: John Murray, 1981.

Minnesota Lawyers International Human Rights Committee. "Shame in the House of Saud: Contempt for Human Rights in the Kingdom of Saudi Arabia." Minneapolis, 1992.

Mohammad, Abdel Ghany A. *Wives of Mohammad the Prophet and Wisdom of Polygamy*. Cairo: Madbuli Bookshop, 1984.

Muhaesh, Odeh A. *Fatima the Gracious*. Qum: Anssarian Publications, 1990.

Mutahhari, Murtada. *The Rights of Women in Islam*. Teerã: Wold Organization for Islamic Services, 1981.

Naipaul, V. S. *Among the Believers: An Islamic Journey*. Londres: Penguin, 1981.

Pickthall, Mohammed Marmaduke. *The Meaning of the Glorious Koran*. Nova Iorque: New American Library Mentor Books, 1953.

Rahnavard, Zahra. *The Message of Hijab*. Londres: Al Hoda Publishers, 1990.

Rizvi, Sayyid Muhammad. *Marriage & Morals in Islam*. Vancouver: Vancouver Islamic Educational Foundation, 1990.

Sadat, Jihan. *A Woman of Egypt*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1987,

Sahebjani, Freidoune. *The Stoning of soraya M*. Nova Iorque: Arcade, 1994.

Sale, George, trans. *The Koran*. Londres: Frederick Warne.

Shaarawi, Huda. *Harem Years: The Memoirs of an Egyptian Feminist (1879-1924)*. Nova Iorque: The Feminist Press, 1987.

al-Shaykh, Hanan. *The Story of Zahra*. Londres: Quartel, 1986.

Steegmuller, Francis, trans. and ed. *Flaubert in Egypt: A Sensibility on Tour*. Londres: Michael Haag Ltd., 1983.

Tucker, Judith E., ed. *Arab Women: Old Boundaries, New Frontiers*. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

Women's Society of the Islamic Republic of Iran. Artigos e palestras apresentados durante o Primeiro Congresso Internacional sobre Mulheres e a Revolução Islâmica Mundial. Fevereiro 1989.

Table of Contents

[Sinopse](#)

[Rosto](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[1. O véu sagrado](#)

[2. Aquela que nenhum homem terá deflorado antes](#)

[3. Lá vêm as noivas](#)

[4. As mulheres do profeta](#)

[5. Conversões](#)

[6. A "jihad" também é para as mulheres](#)

[7. Uma rainha](#)

[8. A aquisição de sabedoria](#)

[9. Negócio arriscado](#)

[10. Política, com e sem eleição](#)

[11. Os jogos muçulmanos femininos](#)

[12. Um tamborileiro diferente](#)

[13. Conclusão: Cuidado com o dogma](#)

[Glossário](#)

[Bibliografia selecionada](#)